



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA - PROLING**

LUANA ANASTÁCIA SANTOS DE LIMA

**EPÊNTENSE VOCÁLICA MEDIAL: ANÁLISE DOS EFEITOS DA SEGUNDA
LÍNGUA (L2) NA PRODUÇÃO DE LÍNGUA MATERNA (L1) SOB A ÓTICA DA
SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA**

João Pessoa – PB

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PROLING**

LUANA ANASTÁCIA SANTOS DE LIMA

**EPÊNTESE VOCÁLICA MEDIAL: ANÁLISE DOS EFEITOS DA SEGUNDA
LÍNGUA (L2) NA PRODUÇÃO DE LÍNGUA MATERNA (L1) SOB A ÓTICA DA
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração *Teoria e Análise Linguística* e linha de pesquisa *Diversidade e Mudança Linguística*, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732e Lima, Luana Anastácia Santos de.

Epêntese Vocálica Medial: análise dos efeitos da
segunda língua (L2) na produção de língua materna (L1)
sob a ótica da Sociolinguística Variacionista / Luana
Anastácia Santos de Lima. - João Pessoa, 2018.
206 f. : il.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Epêntese vocálica medial. 2. Variação bidirecional.
3. Aquisição de L2. 4. Sociolinguística. I. Título

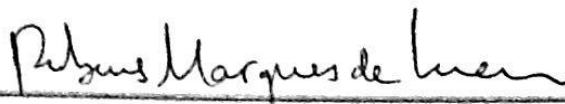
UFPB/BC

**EPÊNTESE VOCÁLICA MEDIAL: ANÁLISE DOS EFEITOS DA SEGUNDA
LÍNGUA (L2) NA PRODUÇÃO DE LÍNGUA MATERNA (L1) SOB A ÓTICA DA
SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

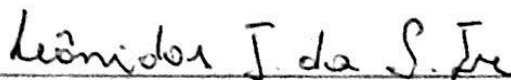
Luana Anastácia Santos de Lima

Tese aprovada em 19 de fevereiro de 2018.

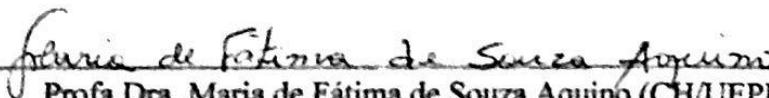
Banca examinadora



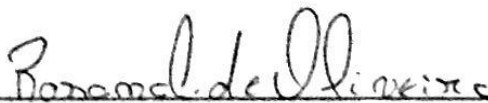
Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (DLEM/PROLING)
Orientador



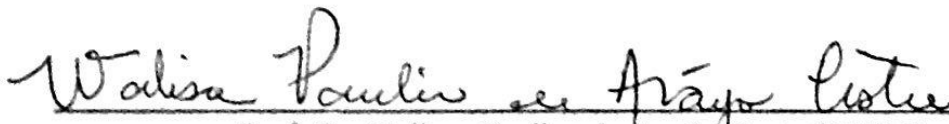
Prof. Dr. Leônidas José da Silva Junior (CH/UEPB)
Membro avaliador externo à instituição



Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (CH/UEPB)
Membro avaliador externo à instituição



Profa. Dra. Rosana Costa de Oliveira (DLCV/PROLING)
Membro avaliador interno



Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa (DLEM)
Membro avaliador interno

Dedico a Deus, que, em sua infinita bondade e misericórdia, deu-me sabedoria e serenidade para concluir este trabalho, mesmo em meio aos percalços da caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ser minha luz, nos momentos de total escuridão, minha força, quando não tinha mais forças para me erguer e caminhar rumo ao final deste trabalho, por ter sido minha total inspiração nos momentos em que tudo parecia sem sentido e perdido. Agradeço ao Pai do céu, pela sua infinita bondade e misericórdia, em me ter tomado pela mão e me conduzido até aqui, transformando o desânimo em motivação, os obstáculos em impulso para seguir adiante, as lágrimas em combustível para percorrer o caminho que Ele traçou, fazendo-me crer que tudo posso Nele, que é meu refúgio, fortaleza e socorro bem presente em todas as horas, até mesmo quando o medo e a angústia tomaram conta do meu coração e, nos momentos de tribulação, quiseram me fazer parar no meio caminho. Eu te agradeço, Senhor, por cuidares de mim, mesmo sem eu merecer!

Ao meu querido orientador, Professor Rubens Lucena, que com muita paciência, ética, responsabilidade e profissionalismo, conduziu as orientações desta tese, acreditando no trabalho que poderia ser desenvolvido. Tenho muito orgulho de mencionar aqui, o quanto suas orientações foram indispensáveis para a minha formação profissional e crescimento pessoal, desde a graduação (nas aulas de Fonética na UEPB e no PIBIC), no mestrado e, não diferente, no doutorado, numa parceria que tem sido construída ao longo de doze anos. Ao senhor, tenho profunda gratidão por todas as palavras que me orientavam não só na condução desse trabalho, mas me davam um norte para seguir a vida, quando me encontrava em momentos difíceis e de profunda letargia. No senhor, pude verdadeiramente encontrar o significado da palavra “Mestre”. O mestre que estende a mão e não deixa seu aluno se perder nos percalços da vida. O mestre que acredita que aquele ser humano tão fragilizado naquele momento da vida é capaz de se superar e “dar conta” do seu trabalho. O mestre que com firmeza e serenidade, ao mesmo tempo, aconselha, orienta, entende e apoia, mesmo tendo motivos para não fazê-los. Professor, as minhas palavras nunca serão suficientes para externar toda a minha gratidão. Por isso, a única coisa que posso e consigo dizer é, muito obrigada e desculpas por tudo, de coração!

Aos meus pais, Gonçalo (*in memoriam*) e Gidalva, e meus irmãos, Flávio e Verônica, pelo incentivo incondicional nos estudos e na jornada acadêmica, em meio a todas as dificuldades enfrentadas. Sem o apoio e o carinho de vocês, eu não conseguiria ter concluído esta fase tão importante da minha vida acadêmica. Esse trabalho é fruto da doação e empenho por vocês

dispensados. Obrigada por serem meu alicerce e meus grandes exemplos de amor, força e superação. Levo, em meu coração e por toda a minha vida, aonde quer que eu vá, todos os ensinamentos e conselhos dados.

Ao meu querido e amado esposo Jean, pelo companheirismo de todas as horas, pela paciência de compreender minhas ausências e pela capacidade de me ouvir e entender meus anseios, em momentos de angústia e abatimento. Obrigada por tornar esse momento mais leve e fazer-me acreditar que o amor tudo supera, na união, na força e na fé. Obrigada, também, por apoiar minhas decisões e me incentivar na caminhada acadêmica, sempre me fazendo acreditar que eu posso ir mais longe e, principalmente, pelo seu amor.

A minha tão amada filha Luíza Helena, que chegou no período final de correções e ajustes desta tese, pelo amor incondicional e por ter se tornado a principal motivação e fôlego, todos os dias, para a conclusão deste trabalho tão importante para mim. Obrigada, minha pequena coautora, por me ajudar tanto entre sorrisos, choros e mamadas, mesmo sem ter a mínima noção da força que você representa em minha vida, desde a sua chegada.

Aos meus queridos tios, Ducarmo, França, Salete e Luiz, que me apoiaram em todos os sentidos, durante todo o meu percurso acadêmico, me dando suporte para que eu pudesse concluir com êxito mais essa etapa da minha vida. Vocês sempre farão parte da minha trajetória!

A minha querida amiga, “mãe postiça” e orientadora na graduação (e de lá, para a vida inteira), Professora Fátima Aquino e sua família – Seu Boaz, João Neto e Pedro, por sempre me acolher, aconselhar, ajudar e orientar, em todos os sentidos da minha vida. Sem a senhora, jamais poderia ter experimentado o gosto pela Sociolinguística, ainda na graduação, e ter chegado até aqui. Obrigada, Professora, por, durante esses doze anos, sempre me oferecer oportunidades para crescer e aprender com a senhora como ser uma profissional mais dedicada. Seu exemplo de profissional e de mulher é uma grande referência para mim, assim como, suas contribuições, nesta banca e na vida, representam um grande presente que a vida me deu e o qual levarei comigo eternamente. Seu incentivo foi vital para a concretização desta etapa acadêmica!

Ao querido amigo e Mestre Leônidas, pelas incansáveis manhãs e tardes de orientação, para que eu conseguisse abstrair um pouco do universo da Fonética Acústica e do *Praat*, que eram

novos para mim, esclarecendo as infinitas dúvidas que surgiam constantemente. E, além disso, pelas palavras de incentivo que me faziam acreditar que este momento seria possível, mesmo quando eu não conseguia acreditar que fosse. Gostaria de registrar, portanto, meus sinceros agradecimentos, pelo apoio acadêmico, moral e pessoal, por compartilhar comigo seu vasto conhecimento e me ajudar a engatinhar nesse caminho cheio de descobertas. Obrigada também, por todas as contribuições nesta banca para o melhoramento deste trabalho!

A queridíssima Anilda, que, de forma gentil e solícita, não mediu esforços para me ajudar na análise acústica e a desvendar o misterioso mundo do *Praat*. Eu jamais esquecerei do seu gesto de bondade e solidariedade para comigo, neste momento tão delicado e importante da minha vida. Sua contribuição e parceria foram essenciais nesta análise, diante deste universo desconhecido!

A todos os participantes da pesquisa que, gentilmente, cederam parte do seu tempo para que eu pudesse proceder à coleta dos dados e a montagem do *corpus*.

A todos os meus professores, desde o Ensino Básico até à Graduação e Pós-Graduação, minha eterna gratidão pelos ensinamentos, motivação, aprendizagem e partilha.

A todos os professores componentes da banca, por aceitarem o convite para participar do exame de qualificação e defesa, acrescentando valiosas contribuições, com o intuito de enriquecer a discussão deste trabalho. Em especial, ao Professor Walison, que foi meu professor de Língua Inglesa na UEPB, na época da graduação, e que, com suas ricas contribuições nas aulas e também na banca, pode somar, generosamente, para meu crescimento pessoal e profissional. Suas orientações da graduação foram como sementes germinadas e geraram frutos de muito incentivo para chegar até aqui. Muito obrigada, Professor, por colaborar, tão gentilmente, para que eu concluísse mais esta etapa da minha vida!

A todos os colegas que o doutorado me deu, junto com o Grupo de Pesquisa – GP Contato Linguístico, pela parceria, troca de conhecimento, boas risadas e afetuosa amizade, apesar da minha ausência, em diversos momentos.

A minha querida psicóloga Maria Luíza, por todo o profissionalismo das terapias que tanto me auxiliaram no caminhar da tese para a vida. Obrigada por escutar, cuidadosamente, minhas angústias e medos, me aconselhando e mostrando sempre as possíveis alternativas para seguir adiante.

À UFPB, especialmente ao PROLING, que me acolheu no Mestrado e me deu a oportunidade de cursar o Doutorado, me proporcionando um espaço para ampliar os meus conhecimentos.

A todos os meus professores da Graduação, Mestrado e Doutorado que agregaram valiosos saberes e conhecimento a esta pesquisa, contribuindo para o meu crescer profissional e pessoal, a partir de todos os ensinamentos transmitidos. Tenho muito respeito e admiração por cada um, pela ética, conhecimento e dedicação. Agradeço, em especial, a Professora Marianne, pela oportunidade cedida.

A todos os funcionários do PROLING, em especial, Valberto, pela generosidade e disponibilidade de ceder seu tempo para me ouvir, aconselhar e ajudar, em momentos de desespero. Seu suporte foi essencial para a conclusão desta etapa e eu lhe serei eternamente grata por isto!

Finalmente, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente para a construção desse trabalho, participando de um momento muito importante e inesquecível da minha vida, de modo que jamais os esquecerei. Enfim, a todos, meu singelo e sincero muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS, TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

RESUMO

ABSTRACT

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	21
Objetivo geral.....	25
Objetivos específicos.....	25
 CAPÍTULO II– OBJETO DE ESTUDO.....	 28
2.1 A teoria da sílaba e a epêntese vocálica medial.....	28
2.2 Fonética acústica e as características acústicas do fenômeno da epêntese.....	36
 CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	 50
3.1 Sociolinguística variacionista.....	50
3.2 Aquisição de L2.....	54
3.2.1 Efeitos da aquisição de L2 na produção de L1.....	59
3.3 Consciência fonológica.....	65
3.3.1 Níveis da consciência fonológica no processo de aquisição de L2.....	72
 CAPÍTULO IV – METODOLOGIA.....	 75
4.1 Constituição da amostra.....	76
4.2 Delimitação do <i>corpus</i>	78
4.3 Procedimentos de coleta, codificação e instrumento de análise do <i>corpus</i>	81
4.4 Caracterização das variáveis.....	87
4.4.1 Variável dependente.....	88
4.4.2 Variáveis independentes.....	90
4.4.2.1 Variáveis independentes linguísticas.....	90
4.4.2.1.1 Contexto fonológico precedente.....	90
4.4.2.1.2 Contexto fonológico seguinte.....	91
4.4.2.1.3 Posição silábica.....	93
4.4.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas.....	94

4.4.2.2.1 Sexo.....	94
4.4.2.2.2 Proficiência na língua.....	95
4.4.2.2.3 Tipo de instrumento.....	96
4.4.2.2.4 Idioma.....	97

CAPÍTULO V – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....100

5.1 Frequência geral da epêntese vocálica medial em L1 e L2.....	100
5.1.1 Sexo.....	105
5.1.2 Proficiência na língua.....	107
5.1.3 Tipo de instrumento.....	111
5.1.4 Contexto fonológico seguinte.....	112
5.1.5 Contexto fonológico precedente.....	115
5.1.6 Posição silábica.....	118
5.2 Frequência geral da epêntese vocálica medial em L1.....	120
5.2.1 Sexo.....	125
5.2.2 Proficiência na língua.....	126
5.2.3 Tipo de instrumento.....	130
5.2.4 Contexto fonológico seguinte.....	132
5.2.5 Contexto fonológico precedente.....	135
5.2.6 Posição silábica.....	137
5.3 Frequência geral da epêntese vocálica em L2.....	139
5.3.1 Sexo.....	143
5.3.2 Proficiência na língua.....	145
5.3.3 Tipo de instrumento.....	147
5.3.4 Contexto fonológico seguinte.....	150
5.3.5 Contexto fonológico precedente.....	153
5.4 Frequência geral da epêntese vocálica por brasileiros monolíngues.....	154
5.4.1 Sexo.....	158
5.4.2 Contexto fonológico seguinte.....	162
5.4.3 Contexto fonológico precedente.....	164
5.4.4 Posição silábica.....	167
5.5 Frequência geral da epêntese vocálica por americanos monolíngues.....	169
5.6 Comparação das rodadas realizadas.....	171

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
--	------------

APÊNDICE 1 – Formulário de Consentimento

APÊNDICE 2 – Questionário

APÊNDICE 3 – *Corpus* de Língua Portuguesa / *Corpus* de Língua Inglesa

APÊNDICE 4 – Lista de textos em Inglês / Lista de textos em Português

LISTA DE QUADRO, TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

QUADRO

Quadro 1 – Estrutura Silábica nos moldes de Selkirk (1982)	29
Quadro 2– Categorização das instâncias do processo de transferência.....	64
Quadro 3 – Estágios das pesquisas sociolinguísticas.....	76
Quadro 4 – Distribuição dos grupos de informantes.....	77
Quadro 5 – Distribuição da codificação.....	84
Quadro 6 – Variável dependente analisada.....	89
Quadro 7 – Contextos fonológicos precedentes analisados.....	90
Quadro 8 – Contextos fonológicos seguintes analisados.....	92
Quadro 9 – Contextos prosódicos analisados.....	93
Quadro 10–Descrição da variável sexo.....	95
Quadro 11 – Descrição da variável proficiência na língua.....	96
Quadro 12 – Contextos dos tipos de instrumento de coleta.....	97
Quadro 13 – Descrição da variável idioma.....	98
Quadro 14 – Grupos selecionados na primeira rodada da análise perceptual e acústica.....	104
Quadro 15 – Grupos selecionados na segunda rodada da análise perceptual e acústica.....	124
Quadro 16 – Grupos selecionados na terceira rodada da análise perceptual e acústica.....	142
Quadro 17 – Grupos selecionados na quarta rodada da análise perceptual e acústica.....	157
Quadro 18 – Grupos selecionados em todas as rodadas da análise perceptual.....	174
Quadro 19 – Grupos selecionados em todas as rodadas na análise acústica.....	174

TABELAS

Tabela 1 – Sexo (L1 + L2) – análise acústica.....	105
Tabela 2 – Proficiência na língua (L1 + L2) – análise perceptual.....	108
Tabela 3 – Proficiência na língua (L1 + L2) – análise acústica.....	108
Tabela 4 – Tipo de instrumento (L1 + L2) – análise perceptual.....	111
Tabela 5 – Contexto fonológico seguinte (L1 + L2) – análise perceptual.....	113
Tabela 6 – Contexto fonológico seguinte (L1 + L2) – análise acústica.....	113
Tabela 7 – Contexto fonológico precedente (L1 + L2) – análise perceptual.....	116

Tabela 8 – Posição silábica (L1 + L2) – análise perceptual.....	118
Tabela 9 – Posição silábica (L1 + L2) – análise acústica.....	118
Tabela 10 – Sexo nos dados de L1 – análise acústica.....	125
Tabela 11 – Proficiência na língua (L2) nos dados de L1 – análise perceptual.....	127
Tabela 12 - Proficiência na língua (L2) nos dados de L1 – análise acústica.....	127
Tabela 13 – Tipo de instrumento (L1)	131
Tabela 14 – Contexto fonológico seguinte (L1) – análise perceptual.....	133
Tabela 15 – Contexto fonológico seguinte (L1) – análise acústica.....	134
Tabela 16 – Contexto fonológico precedente (L1) – análise perceptual.....	136
Tabela 17 - Posição silábica nos dados de L1 – análise perceptual.....	138
Tabela 18 - Posição silábica nos dados de L1 – análise acústica.....	138
Tabela19 – Sexo nos dados de L2 – análise acústica.....	143
Tabela 20 – Proficiência na língua (L2) nos dados de L2 – análise perceptual.....	145
Tabela 21 – Proficiência na língua (L2) nos dados de L2 – análise acústica.....	145
Tabela 22 – Tipo de instrumento nos dados de L2.....	148
Tabela 23 – Contexto fonológico seguinte nos dados de L2 – análise perceptual.....	150
Tabela 24 – Contexto fonológico seguinte nos dados de L2 – análise acústica.....	150
Tabela 25 – Contexto fonológico precedente nos dados de L2 – análise acústica.....	153
Tabela 26 – Sexo nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual.....	159
Tabela 27 – Sexo nos dados de falantes monolíngues – análise acústica.....	161
Tabela 28 – Contexto fonológico seguinte nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual.....	162
Tabela 29 – Contexto fonológico seguinte nos dados de falantes monolíngues – análise acústica.....	163
Tabela 30 – Contexto fonológico precedente nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual.....	165
Tabela 31 – Contexto fonológico precedente nos dados de falantes monolíngues – análise acústica.....	165
Tabela 32 – Posição silábica nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual.....	168
Tabela 33 – Posição silábica nos dados de falantes monolíngues – análise acústica.....	168

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência geral do fenômeno da epêntese por falantes brasileiros bilíngues – análise perceptual.....	101
Gráfico 2 – Frequência geral do fenômeno da epêntese por falantes brasileiros bilíngues – análise acústica.....	102
Gráfico 3 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L1 – análise perceptual.....	121
Gráfico 4 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L1 – análise acústica.....	122
Gráfico 5 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L2 – análise perceptual.....	140
Gráfico 6 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L2 – análise acústica.....	140
Gráfico 7 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes brasileiros monolíngues – análise perceptual.....	155
Gráfico 8 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes brasileiros monolíngues – análise acústica.....	155
Gráfico 9 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes americanos monolíngues – análise perceptual.....	170
Gráfico 10 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes americanos monolíngues – análise acústica.....	170
Gráfico 11 – Comparação da ocorrência da epêntese vocálica em todas as rodadas – análise perceptual.....	172
Gráfico 12 – Comparação da ocorrência da epêntese vocálica em todas as rodadas – análise acústica.....	172
Gráfico 13 – Comparação da ocorrência da variável <i>sexo</i> por rodada na análise acústica.....	176
Gráfico 14 – Comparação da ocorrência da variável <i>proficiência na língua</i> por rodada na análise perceptual.....	177
Gráfico 15 – Comparação da ocorrência da variável <i>proficiência na língua</i> por rodada na análise acústica.....	178
Gráfico 16 – Comparação da ocorrência da variável <i>tipo de instrumento</i> por rodada na análise perceptual.....	179

Gráfico 17 – Comparação da variável <i>contexto fonológico seguinte</i> por rodada na análise perceptual.....	180
Gráfico 18 – Comparação da variável <i>contexto fonológico seguinte</i> por rodada na análise acústica.....	181
Gráfico 19 – Comparação da variável <i>contexto fonológico precedente</i> por rodada na análise perceptual.....	182
Gráfico 20 – Comparação da variável <i>contexto fonológico precedente</i> por rodada na análise acústica.....	183
Gráfico 21 – Comparação da variável <i>posição silábica</i> por rodada na análise perceptual.....	184
Gráfico 22 – Comparação da variável <i>posição silábica</i> por rodada na análise acústica.....	185

FIGURAS

Figura 1 – Proposta autosegmental de Clements (1985)	31
Figura 2 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação da vogal alta epentética /i/ no <i>cluster</i> /dVʒ/ da palavra adjunto.....	42
Figura 3 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação da vogal epentética /i/ com destaque para a frequência do primeiro formante (F1)	44
Figura 4 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação da vogal epentética /i/ com destaque para a frequência do segundo formante (F2)	44
Figura 5 – Espectrograma ilustrando as oclusivas alveolares /d/ e /t/.....	47
Figura 6 – Processo bidirecional da transferência linguística.....	129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PROLING – Programa de Pós Graduação em Linguística

VALPB – Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba

PB – Português do Brasil

L1 – Língua materna /Língua (código) dominante

L2 – Segunda língua / Língua estrangeira

L1 + L2 – Análise concomitante dos dados de língua materna e segunda língua

RS – Rio Grande do Sul

R – Rhyme (rima)

N – Nucleus (núcleo)

O – Onset (ataque)

C – Consoante

V – Vogal

CV – Sequência de consoante e vogal

AEE – Apagamento do Elemento Extraviado

ACC – Afrouxamento da Condição de Coda

SLA – Second Language Acquisition (Aquisição de Segunda Língua)

GU – Gramática Universal

GA – Generalized Alignment (Alinhamento Generalizado)

FA – Fonética Acústica

F0 – Frequência Fundamental

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

σ – Sílabas

∅ – Vazio

// – Representação fonológica

[] – Representação fonética

> – X torna-se Y

→ – X influencia Y

↔ - X compartilha traços mutuamente com Y

RESUMO

A presente tese tem como objetivo investigar os efeitos da aquisição de L2, por falantes bilíngues, no processamento da L1, através da análise variacionista do fenômeno da epêntese vocálica medial, em produções do tipo *apto* > *ap[i]to* e *magnet* > *mag[i]net*. O caráter bidirecional desse fenômeno fonológico tem sido verificado por autores da área (FLEGE, 1995; PAVLENKO, 2000; COOK, 2002; 2003; KECSKES, 2008; LIMA, 2012; GHAWES, 2017), os quais identificaram que as categorias fonológicas da L1, mesmo já estruturadas na mente do falante bilíngue, poderiam sofrer mudanças a partir da interferência ocasionada pela aquisição de L2. Para tanto, utilizamos uma metodologia sociologicamente orientada (LABOV, 1975; LABOV, 2008 [1972]), a qual contou com a participação de 39 informantes: 18 informantes brasileiros bilíngues com diferentes níveis de proficiência e 21 informantes monolíngues – 18 brasileiros monolíngues e 3 americanas monolíngues. Estes informantes foram submetidos à leituras de frases e textos em português e inglês com ocorrências do fenômeno, as quais foram gravadas, quantificadas e codificadas pelo programa *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) e acústico pelo programa *Praat* (BOERSMA & WEENINK, 2015). A partir desse processo, realizamos cinco rodadas (L1+L2, L1, L2 – brasileiros bilíngues, L1 – brasileiros monolíngues e L1 – americanas monolíngues). Diante dos resultados obtidos, constatamos que a aplicação do fenômeno não foi tão produtiva, sobretudo, nos dados dos informantes monolíngues. Constatamos, ainda, que as variáveis selecionadas como relevantes para a ocorrência do fenômeno, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica, não foram tão discrepantes, levando-nos a crer que, em ambos os contextos de análise, a variação do fenômeno segue um padrão sistemático. Concluímos, pois, que o processo de aquisição de L2 não ocorre unicamente em um sentido unidirecional, variando em correlação com dimensões linguísticas e extralinguísticas, ratificando a ligação bidirecional entre L1 e L2.

Palavras-Chave: Epêntese vocálica medial; variação bidirecional; aquisição de L2; sociolinguística.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the effects of L2 acquisition by bilingual speakers on L1 processing, through the variational analysis of the epenthetic vowel in word medial clusters, as in *apto* > *ap[i]to* and *magnet* > *mag[i]net*. The bidirectional character of this phonological phenomenon has been verified by authors of the area (FLEGE, 1995; PAVLENKO, 2000; COOK, 2002; 2003; KECSKES, 2008; LIMA, 2012; GHAWES, 2017), who identified that the phonological categories of L1, even if they are already structured in the bilingual speaker's mind, they could change from the interference caused by the acquisition of L2. For this, we used a variationist methodology (LABOV, 1975; LABOV, 2008 [1972]), which was attended by 39 informants: 18 bilingual Brazilian informants with different levels of proficiency and 21 monolingual informants – 18 monolingual Brazilian informants and 3 monolingual American informants. These informants were asked to read sentences and texts in Portuguese and English with occurrences of the phenomenon, which were recorded, quantified and coded in order to be statistically analyzed using *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) and acoustically analyzed using *Praat* (BOERSMA & WEENINK, 2015). From this process, we performed five rounds (L1 + L2, L1, L2 - Bilingual Brazilians, L1 - Monolingual Brazilians and L1 - Monolingual Americans). Given the results obtained, we found that the application of the phenomenon was not so productive, especially in the data of monolingual informants. We also found that the variables selected as relevant to the occurrence of the phenomenon, both in the perceptual and acoustic analyses, were not so discrepant, leading us to believe that, in both contexts of analysis, the variation of the phenomenon follows a systematic pattern. We conclude, therefore, that the process of L2 acquisition does not occur solely in a unidirectional sense, varying in correlation with linguistic and extralinguistic dimensions, confirming the bidirectional link between L1 and L2.

Keywords: Epenthetic vowel in word medial clusters; bidirectional variation; L2 acquisition; Sociolinguistics.

Ter a fala como objeto de estudo constitui ao mesmo tempo um privilégio e um desafio pelo papel primordial que exerce como meio de comunicação na sociedade humana e pela complexidade envolvida na sua produção e percepção.
(Barbosa & Madureira)

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Uma das principais características da aquisição da linguagem é a dinamicidade do processo, sobretudo da aquisição¹ de L2, a qual se configura a partir da construção de um novo sistema linguístico. É consenso entre pesquisadores da área que esse processo é um tanto complexo por envolver várias habilidades e mecanismos fundamentais, tais como reflexão sobre o novo sistema linguístico que está sendo internalizado, pontos convergentes e divergentes entre L1² e L2, desenvolvimento da consciência fonológica da L2, manipulação dos sons da L2, maturação e internalização dos elementos pertencentes ao novo sistema, entre outras.

Em meio ao desenvolvimento desse processo, uma das constatações mais evidentes é a de que o contato entre a L1 e a L2 ocorre permeado pela transferência/interferência³ linguística, partindo da L1 em direção à L2 e, na maioria das vezes, mediado por diversos fenômenos fonológicos ocorridos em um dos sistemas linguísticos envolvidos, geralmente, no novo código linguístico em desenvolvimento.

Todavia, partindo do pressuposto de que a língua não é uma instituição estática, estudos realizados recentemente sobre aquisição e bilinguismo (SOUZA & OLIVEIRA, 2011; WANG, 2014; KUPSKE, 2016; PEREYRON, 2017) têm dado conta de atestar que esse processo não segue um curso unilateral, isto é, somente na direção da L1 → L2. Em um determinado estágio da aquisição, o processo passa a ser retroalimentado por parte dos dois sistemas linguístico, seguindo um curso bidirecional, em que L1 compartilha elementos com L2 de forma mútua (L1 ↔ L2) e têm muitas características importantes em comum.

Nesse sentido, conforme assevera Flege (1995, p. 241-242), quando se trata de aquisição de L2, não temos apenas um mero caso de interferência de um sistema no outro, porém, uma interferência bidirecional que atua sobre ambos os sistemas linguísticos. De

¹ De acordo com Krashen (1982), a aprendizagem e a aquisição configuram processos diferentes. A aprendizagem se dá em contextos de ensino formal, de forma explícita e consciente. Em contrapartida, a aquisição ocorre de forma espontânea, implícita e inconsciente. Nesta tese, entretanto, não faremos distinção entre ambos os termos.

² Em nosso trabalho, o emprego dos termos Língua Materna e Língua Estrangeira serão tratados como sinônimos de L1 e L2, respectivamente. Todavia, decidimos priorizar a utilização dos termos L1 e L2 ao longo de nossas discussões.

³ Cumpre-nos destacar que ambos os termos serão tratados como sinônimos. Todavia, apresentaremos uma discussão mais detalhada acerca destes, a partir do tópico 3.2 (p. 52).

acordo com o referido autor, nesse processo, as categorias da L1 e L2 interagem entre si, compartilhando um espaço fonológico comum.

Este fato leva-nos a inferir que a internalização de um novo código é capaz de trazer alterações ao código dominante, tendo em vista que todo e qualquer sistema linguístico se mostra adaptativo, mesmo encontrando-se estruturado no sistema cognitivo do aprendiz. Nessa perspectiva, tem-se observado que o processo de aquisição tem se aplicado em um *continuum*, mesmo no tocante à língua materna do indivíduo que é sua base primeira, manifestando um caráter mutável, sempre sujeito a possíveis modificações, mesmo que mínimas e sutis, porém nunca de forma acabada.

É sabido que as pesquisas sobre a influência da L1 na L2 têm uma longa tradição em estudos sobre bilinguismo e aquisição de L2 (COLLISCHONN, 2002; PEREYRON, 2008; LUCENA & ALVES, 2009 – 2010; LIMA, 2012). Contrariamente, é possível observar que a influência da L2 na L1 vem despertando, cada vez mais, o interesse de especialistas da área há alguns anos, resultando na produção de trabalhos dessa natureza, mas sendo ainda uma área de investigação recente e bem fértil (SOUZA & OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA, 2013; PEREYRON & ALVES, 2016).

De maneira geral, a primeira categoria de trabalhos tem buscado acolher a parceria teórica entre a perspectiva sociolinguística e a aquisição de L2 em suas pesquisas, de forma a se utilizar de pressupostos variacionistas para a investigação sistemática da aquisição de L2. Essa parceria ganhou maior destaque a partir dos anos de 1960 e 1970, tendo em vista o enorme avanço alcançado entre trabalhos de cunho quantitativo que buscavam tratar de variação fonológica na língua-alvo. Já a segunda categoria versa sobre a aquisição de L2 como gatilho motivador de mudanças no processamento da L1 de falantes bilíngues, amparada em outras vertentes teóricas que não a Sociolinguística, o que nos motivou a desenvolver este trabalho nesta direção/vertente, dado que, até o presente momento, são poucas as pesquisas que procuram se debruçar sobre os efeitos da L2 na L1, especialmente, à luz da ótica variacionista.

É certo que o balanceamento entre essas duas áreas, conduzido sob uma perspectiva fonético-fonológica, embasada pelos princípios e técnicas da Fonética Acústica, imprime ao bilinguismo um caráter eminentemente empírico, oportunizando um novo viés de investigação que permite compreender determinados princípios subjacentes à variação na interlíngua do falante e explicam a ocorrência de inúmeros fenômenos fonológicos em um contexto amplamente biunívoco.

Esse novo viés, que integra os fundamentos da análise em Fonética Acústica em interface com a pesquisa em Sociolinguística, apesar de recente, como pontuamos anteriormente, tem se caracterizado como uma parte indispensável em estudos de aquisição de L2, revelando-se imprescindível em pesquisas multifacetadas que apontam a enorme variabilidade e os diversos fatores envolvidos nesse processo.

Em um contexto mais específico, o interesse pelo desenvolvimento da competência bilíngue dos falantes tem sido amparado por vários conceitos, dentre os quais apontamos a erosão linguística (MELLO & RASO, 2011, p. 467) que é um objeto de estudo muito recente, datado apenas da década de 1980. Análogos a esse, temos a implementação dos conceitos de multi-competência, transferência contrária (COOK, 2003), influência / interferência entre línguas (FLEGE, 1995; PAVLENKO, 2000) e inversão da língua dominante (SOUZA & OLIVEIRA, 2011)⁴, que apesar de suas nuances, basicamente, se mostram como sinônimos, abrangendo o estudo dos efeitos da segunda língua no desenvolvimento e uso das habilidades na primeira língua de um falante bilíngue.

É oportuno enfatizar que todos esses conceitos são identificados na literatura como um fenômeno bidirecional e que podem ser melhor pesquisados, dentre outras, em áreas como a fonética e fonologia. Isso pressupõe, portanto, entender a flexibilidade do sistema dominante, a reestruturação desse sistema e a capacidade do falante em lidar com ambos os sistemas linguísticos de forma sistemática em um contínuo de integração e compartilhamento.

Julgamos pertinente, ainda, destacar que todos os trabalhos mencionados anteriormente, mesmo que não contemplem a abordagem Sociolinguística em consonância com a variação fonológica, embasarão nosso estudo, uma vez que os utilizaremos para comparar resultados e como base para a formulação das hipóteses que nortearão esta pesquisa.

De modo geral, tomando como ponto de partida todas essas premissas, nosso trabalho objetiva verificar possíveis efeitos do conhecimento da L2 por falantes bilíngues sobre a produção /processamento da L1, através da análise variacionista do fenômeno da epêntese vocálica medial⁵. Buscaremos, neste sentido, identificar possíveis mudanças nas categorias

⁴ Faz-se premente ressaltar que todos esses termos advêm da literatura da área, contudo, cada autor demonstra um declínio por um termo a outro. Todavia, os listamos aqui a título de informação da existência dos mesmos para o leitor, que denotam o mesmo sentido. Particularmente, preferimos utilizar o termo geral *influência / efeitos da L2 na (produção de) L1*.

⁵ Embora a epêntese vocálica medial seja melhor detalhada no capítulo seguinte, cumpre ressaltar que o referido fenômeno fonológico se configura pela inserção de uma vogal epentética, predominantemente o [i], entre encontros consonantais mediais, isto é, a coda de uma sílaba e o ataque da sílaba seguinte, como em *objeto* > *ob[i]jeto*, *apto* > *ap[i]to*, *conectar* > *conec[i]tar* (cf. capítulo II – objeto de estudo).

fonológicas já estruturadas do português (L1) mediante a consciência desenvolvida durante o processo de aquisição de inglês (L2), a partir do nível de proficiência que esses indivíduos alcançam ao longo do processo (Cf. Objetivo geral e objetivos específicos na p. 25).

Teoricamente, nossa análise se respalda na Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1975; LABOV *et al.*, 2006 [1968] e 2008 [1972]), também conhecida como Sociolinguística Variacionista, a qual segue o modelo laboviano e atribui o aspecto social às variações que ocorrem na língua. A Sociolinguística, com a contribuição da Fonologia, tem se mostrado uma área de grande relevância, que tem oferecido um suporte consistente para os estudos de caráter aquisicionista, com foco no bilinguismo. Além de guiar estudos que dizem respeito à avaliação do enunciado socialmente apropriado, a Sociolinguística, somada à fonologia, se mostra fundamental na consideração de aspectos socioculturais e cognitivos no aprendizado e aquisição fonológica de uma língua estrangeira.

E, dentre outras contribuições que pontuaremos ao longo de nosso trabalho, julgamos esse aspecto pedagógico, que traz à tona particularidades do processo ensino-aprendizagem de L2 e sua relação com a L1 do indivíduo, uma das principais contribuições da nossa pesquisa para a comunidade acadêmica. Intuitivamente, sinalizamos nesta direção, pelo fato de ao longo do processo de aquisição de L2, emergirem diversos fenômenos variáveis que resultam na variação da produção do falante bilíngue e, conseqüentemente, interferem na percepção do aprendiz para compreender o sistema-alvo de uma forma mais abrangente e lançar um outro olhar para a sua L1. Em função disso, consideramos seguro afirmar que o nosso trabalho trará reflexões indispensáveis tanto para professores quanto para alunos, no que tange ao processo de aquisição de L2.

Apoiando-nos nesta vertente variável característica de estudos desta natureza e do suporte que esta pode fornecer aos que se interessam por esta área, buscamos empreender uma análise fonético-fonológico da epêntese vocálica medial, de forma a verificar a variação que ocorre na produção de falantes brasileiros aprendizes de inglês como L2, em comparação com a produção de falantes monolíngues.

Partindo desses pressupostos, nosso trabalho foi orientado a partir da formulação das seguintes questões norteadoras:

1. A manifestação do fenômeno da epêntese vocálica medial será mais recorrente nos dados de falantes bilíngues ou monolíngues?

2. O comportamento da epêntese vocálica medial exercerá influência nos efeitos da L2 na produção da L1?
3. Que variáveis linguísticas / extralinguísticas se mostrarão mais representativas no processo de influência da L2 na L1?
4. Como essa influência contrária da L2 na L1 pode ser comprovada na produção dos informantes?

Diante dessas indagações, formulamos uma hipótese geral: quanto mais alto o nível de proficiência do informante, mais habilidades desenvolvidas no sentido de lidar com os elementos de ambos os sistemas linguísticos – L1 e L2, dentre essas, as habilidades de consciência fonológica referentes às manipulações dos sons e que serão transferíveis de uma língua para a outra, em um sentido bidirecional. Assim, construções que fonologicamente devem ser evitadas na L2 do indivíduo, tenderão a ser evitadas por esse falante em sua L1, mesmo que o inventário fonológico da mesma permita.

Frente às questões norteadoras e a esta hipótese geral, estabelecemos o objetivo geral e os específicos, os quais serão apresentados a seguir:

Objetivo Geral

- a) Comprovar, através da análise variacionista do fenômeno da epêntese vocálica medial, os efeitos da L2 no processamento da L1.

Objetivos Específicos

- a) Verificar a frequência geral da epêntese vocálica nos dados de falantes monolíngues e bilíngues.
- b) Averiguar os efeitos que a proficiência em L2 exerce sobre as produções de L1, em um contexto de bilinguismo, a partir do fenômeno analisado.

- c) Investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que mais se propagam no processo de influência da L2 na L1.
- d) Identificar quais os indícios de reconfiguração das categorias fonológicas já estruturadas da L1 observados nas produções de falantes bilíngues.

Com o propósito de conduzir nossa explanação de forma mais clara, dividimos a presente tese em mais quatro capítulos, além da introdução. No segundo capítulo, propomos uma revisão da literatura acerca do nosso objeto de estudo – o fenômeno da epêntese vocálica medial (CUNHA, 1972; ROACH, 2002; CRYSTAL, 2008), buscando traçar um panorama geral do fenômeno a partir das teorias gerais da sílaba (KAHN, 1976; SELKIRK, 1982; CLEMENTS, 1983). Ainda no segundo capítulo, explanaremos sobre a fonética acústica, enfatizando as características acústicas do fenômeno da epêntese vocálica medial.

No terceiro capítulo, buscaremos trazer a sustentação teórica de nosso estudo implementada em nosso trabalho. Inicialmente, iremos percorrer os campos da Sociolinguística e da Aquisição de L2, buscando discutir sobre a influência da L1 na L2 e seu efeito reverso, da aquisição da L2 na produção de L1. Em seguida, buscaremos tratar dos aspectos relacionados à consciência fonológica, sobretudo do desenvolvimento dos aspectos fonético-fonológicos da L2, além do processamento e produção destes aspectos.

No quarto capítulo, apresentamos o percurso metodológico seguido ao longo do desenvolvimento de nossa pesquisa. Neste momento, buscamos esclarecer os critérios seguidos na constituição da amostra, na delimitação do *corpus*, os procedimentos de coleta, codificação e os instrumentos de análise dos dados, em que apresentamos o programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) e o *Praat* (BOERSMA & WEENINK, 2014). Ainda neste capítulo, buscamos tecer algumas considerações sobre a caracterização das variáveis linguísticas e extralinguísticas que foram controladas, procurando mostrar os resultados de estudos anteriores e as hipóteses estabelecidas para cada variável, a partir de tais resultados.

No quinto capítulo, trazemos a análise e discussão dos resultados finais obtidos, de forma a explicitar a frequência geral do fenômeno da epêntese vocálica medial em cada rodada empreendida, nas perspectivas perceptual e acústica. Neste sentido, identificamos as variáveis selecionadas como as mais relevantes por rodada em ambas as perspectivas mencionadas, com o intuito de investigar se os resultados encontrados corroboram as

hipóteses estabelecidas a priori. Promovemos, ainda, a comparação das rodadas realizadas e dos resultados obtidos perceptual e acusticamente, a partir da apresentação de gráficos e tabelas.

Para finalizar, tecemos nossas considerações finais, retomando os resultados aos quais chegamos com o desenvolvimento da presente pesquisa e interpretando-os à luz das hipóteses formuladas, seguindo-se das referências bibliográficas.

CAPÍTULO II – OBJETO DE ESTUDO

Neste segundo capítulo, fizemos um apanhado geral sobre a teoria da sílaba, promovendo discussões sobre o desenvolvimento dos estudos da sílaba, desde os modelos lineares aos não lineares, com o intuito de compreender sua contribuição face aos fenômenos fonológicos das línguas naturais. Desse modo, buscamos destacar o tratamento teórico viabilizado pelas teorias da sílaba à compreensão variacionista do fenômeno da epêntese vocálica medial. Por fim, elucidamos breves questões sobre a colaboração teórica da Fonética Acústica nas características da epêntese medial, amparada pela teoria variacionista.

2.1 A teoria da sílaba e a epêntese vocálica medial

Considerando o avanço das teorias fonológicas, por volta dos anos 1970, a sílaba passa a ganhar certo destaque nos estudos linguísticos, adquirindo, a partir do modelo não linear, status fonológico.

No modelo não linear, destaca-se, dentre outras, a abordagem da Fonologia Autossegmental, a qual, diferentemente dos modelos lineares, não considera a sílaba apenas um traço atribuído a um dado segmento [+ silábico] ou [- silábico]. Dessa forma, agrega a sílaba como elemento central da teoria e com segmentos que possuem uma estrutura interna organizada hierarquicamente. Todavia, com o desenvolvimento dos estudos, as evidências do status fonológico da unidade “sílaba” não se limitaram apenas aos aspectos segmentais, mas contemplaram os suprasegmentais, os quais são fundamentais para a compreensão dos padrões silábicos da língua, conforme exposto posteriormente.

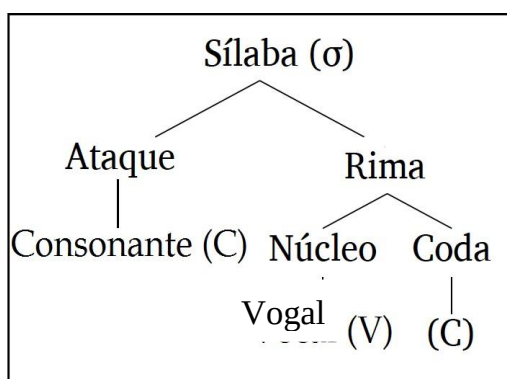
A sílaba já era objeto de análise em estudos que buscavam compartilhar os preceitos da perspectiva linear, porém, que limitavam seu escopo de investigação. Esta limitação é advinda dos modelos fonológicos lineares – estruturalista e gerativista, nos quais os segmentos eram analisados linearmente e os moldes silábicos eram representados como uma estrutura simples composta apenas por uma sequência de vogais e consoantes, que não levavam em conta aspectos mais profundos da sílaba.

Dentre as propostas de representações fonológicas da sílaba, destacamos as que serviram de sustentação para a Fonologia Autossegmental, tais como a apresentada por Kahn (1976), que propõe a formalização da sílaba caracterizada pela ausência de uma estrutura hierarquizada entre seus elementos. Para o referido autor, a sílaba era representada somente por um nó independente ligado diretamente aos seus segmentos.

Clements & Keyser (1983), por sua vez, corroboram a proposta de Kahn (*op. cit.*) expandindo seu conceito e acrescentando um nível denominado CV (CV tier) com a função de ligar a sílaba aos seus segmentos. Segundo os autores, através dessa representação silábica, haveria a possibilidade de diferenciação entre os picos e as margens da sílaba, o que não era possível no modelo de Kahn. A partir desse modelo, verificou-se, então, a interação entre os processos fonológicos e a estrutura silábica, mesmo desconsiderando a divisão da sílaba em subconstituintes.

Contudo, trabalhos posteriores se propuseram a ampliar esta concepção, defendendo a estrutura interna ramificada da sílaba, conforme proposto por Selkirk (1982), que a partir do molde silábico, apresenta o mapeamento dos segmentos. Neste mapeamento, a sílaba é instituída como um constituinte prosódico, considerada a menor categoria prosódica, subdividida em ataque e rima, que por sua vez, se subdivide em núcleo e coda, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Estrutura silábica nos moldes de Selkirk (1982)



De acordo com este modelo, foi possível estabelecer os padrões de estrutura silábica possíveis ou não de ocorrer em uma determinada língua.

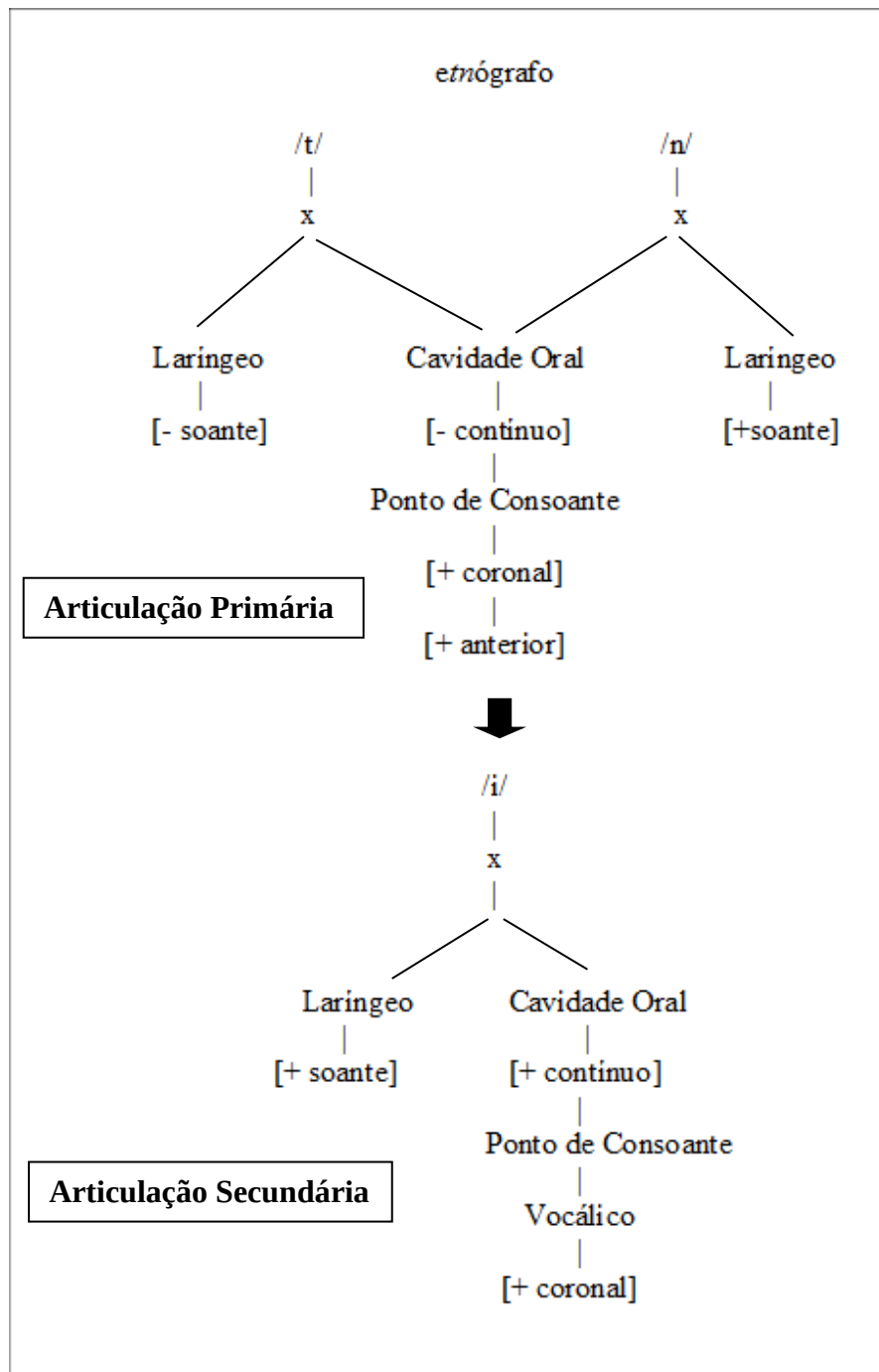
Nesta perspectiva autosssegmental, representada por Goldsmith (1976), a atribuição da natureza não linear à interação entre traços e segmentos caracteriza-se como uma proposta teórica de interpretação que viabiliza a compreensão de determinados fenômenos fonológicos, uma vez que as representações subjacentes tornam-se fonéticas por meio de processos de derivação. De acordo com Silva (2009, p. 205), as derivações atuam a favor dos princípios de boa formação da sílaba, os quais operam no sentido de evitar violações que gerem estruturas mal-formadas e criem ambientes propícios à aplicação de processos passíveis de ocorrer no inventário fonológico de uma dada língua.

Ainda nesse sentido, segundo Alves (2017, p. 67), o modelo não linear é atribuído à Fonologia Autossegmental pelo fato de mostrar que os fonemas são formados por traços organizados hierarquicamente, separados em camadas. Dessa forma, o termo não linear refere-se ao fato de que os traços são ordenados em diferentes camadas e não apresentam uma relação biunívoca, sendo possível uma unidade se ligar a outra correspondente ou revelar padrões mais complexos em que uma unidade seja alinhada com outras unidades e em outras camadas. Em outras palavras, os traços assumem um caráter autônomo e um comportamento solidário com outros traços.

Com base nos preceitos desse modelo autossegmental, foi elaborada a Geometria dos traços, proposta por Clements (1985), a qual passa a formalizar a organização não linear para os traços e ganha certa representatividade no sentido de caracterizar hierarquicamente os traços fonológicos, os quais têm a possibilidade de ser manipulados em conjunto ou de forma isolada. Esse modelo de organização atua para que os traços possam espalhar-se além ou aquém de um determinado segmento, o que dá sustentação à Fonologia Autossegmental para representar os processos que ocorrem na língua.

Para ilustrar essa proposta, temos a seguinte representação:

Figura 1 – Proposta autosegmental de Clements (1985)⁶



Na formalização da figura 1, temos a representação não-linear da proposta autosegmental de Clements (1985), em que os elementos /t/ e /n/ compartilham os traços de ponto [+ coronal] e que, redundantemente, carregam o traço [+ anterior]. Nessa estrutura, pode-se observar que os traços se manifestam tanto de maneira independente, quanto de

⁶ É necessário deixar claro que a figura 1 foi construído pela autora do presente trabalho, com base nas leituras de Matzenauer (2014) e Matzenauer & Miranda (2014; 2017).

maneira solidária, na representação de processos fonológicos, resultando em operações de espraçamento e assimilação, por exemplo. No tocante à essa estrutura, os traços podem apresentar-se vinculados a mais de um segmento, ficar aquém do segmento ou mesmo flutuantes, de forma a adquirir elementos “intrusivos” que compartilham o mesmo traço e implicam na organização/formalização da estrutura complexa secundária, estabelecida de uma articulação primária.

Nesse sentido, Matzenauer & Miranda (2017, p. 54) ponderam a importância da teoria dos traços, uma vez que esta oferece suporte para a análise dos fenômenos que envolvem segmentos que integram os inventários dos sistemas linguísticos. Dessa forma, é possível afirmar que, a partir da proposta da teoria dos traços, pode-se dar maior sustentação ao componente fonológico da língua, enquanto ambiente propício para ocorrência de demasiados fenômenos linguísticos, explicando, sobretudo, a motivação da frequência de determinados fenômenos variacionistas, durante o processo de aquisição fonológica da L1 do indivíduo, ou mesmo de uma L2.

Diante dos avanços nas discussões sobre fenômenos fonológicos, surge, nesse panorama, a Fonologia Prosódica, também de cunho não-linear, que busca fortalecer os modelos teóricos, os quais têm como objeto de estudo os fenômenos fonético-fonológicos. A Fonologia Prosódica, segundo Tenani (2017, p. 113), busca dar conta da hierarquia dos elementos fonológicos, tais como acento frasal, pé métrico, palavra fonológica, entre outros. Assim, de acordo com a referida autora, dentre uma série de atribuições, a Fonologia Prosódica “busca evidências de processos segmentais, especialmente, os processos que se aplicam nas junturas de morfemas e de palavras”.

Diante dessa evolução nas teorias fonológicas e, conseqüentemente, na concepção do sistema silábico, faz-se viável descrever sílaba como uma importante unidade de análise da *Fonologia Autossegmental*, entre outras, que agrega segmentos consonantais e vocálicos. Assim, “o núcleo da sílaba é, tipicamente, ocupado por uma vogal e em determinadas línguas por uma consoante silábica” (SILVA, 2011, p. 201).

De forma geral, pode-se, de acordo com a visão autossegmental, manipular e descrever o comportamento dos fenômenos fonológicos, a partir dos segmentos e das possibilidades de representação e formalização desses fenômenos. Neste contexto, tais segmentos podem ser divididos em unidades menores e influenciados por manifestações fonológicas, como supressão, adição ou espraçamento bidirecional, por exemplo.

Porém, apesar de todo o avanço, precisa-se considerar que a atribuição dos segmentos às posições silábicas segue princípios universais de silabação, que podem variar entre as

línguas, bem como ser desobedecido por algum sistema de uma dada língua. Nesse processo, Alves (2017, p. 131) acredita que a sonoridade parece ser um componente essencial, na tentativa de dar conta dos padrões intra e intersilábicos e justificar a violação de princípios que afetam a boa-formação da estrutura e que resultam na ocorrência de fenômenos como a epêntese vocálica medial, por exemplo.

O fenômeno linguístico supracitado e que será analisado neste trabalho trata da inserção de uma vogal epentética em posição medial em encontros consonantais, como em *objeto* > *ob[i]jeto*, *apto* > *ap[i]to*, *conectar* > *conec[i]tar*.

De acordo com Roach (2002, p. 25), a epêntese é caracterizada como um fenômeno redundante, haja vista que nesse processo o falante tende a inserir um elemento fonológico desnecessário e que não acrescenta informação alguma aos outros sons. O referido autor ainda admite que tal fenômeno, geralmente, ocorre quando há a adaptação de vocábulos de uma língua para a outra, cujas regras fonotáticas não permitem uma determinada sequência de sons, ou mesmo quando um falante está lidando com uma outra língua fonotaticamente diferente da sua língua nativa.

Já Crystal (2008, p. 171) apresenta uma definição mais direta, afirmando que a epêntese se refere a um tipo de inserção de um som extra na palavra.

Dentre os fatores que levam à ocorrência da epêntese vocálica, temos, no PB, a busca pelo padrão CV da nossa língua, como uma forma de manter seu molde silábico e desfazer as codas complexas, a fim de respeitar a boa-formação de sua estrutura.

Segundo Lopes (1995, p. 148), esse fenômeno pode ser explicado pelo fato de haver uma predominância de sílabas livres ou abertas em nossa língua, o que determina, de certa forma, a rejeição por grupos consonantais puros. Assim, a solução mais viável e confortável encontrada pelo falante, é intercalar uma vogal entre as duas consoantes, viabilizando a formação de uma sílaba livre. Além disso, o referido autor também afirma que essa tendência de evitar as sílabas travadas é encontrada no português, explicando a reconfiguração de vocábulos estrangeiros que recebemos por empréstimo e que trava a sílaba em posição de coda, sem nenhum problema.

O fenômeno da epêntese pode se aplicar em diferentes posições na sílaba, dependendo do local que o falante sinta necessidade de inserir o elemento vocálico, recebendo, assim, diferentes denominações, as quais Coutinho (1976, p. 146-147) discrimina como sendo:

- *prótese* ou *próstese*, quando a inserção vocálica ocorre no início do vocábulo (*state* > /i/state);

- *anaptixe* ou *suarabácti*, quando o elemento vocálico é adicionado entre os elementos consonantais, a fim de desfazer o grupo de consoantes (objeto > ob/i/jeto);
- *paragoge* ou *epítese*, quando a inserção vocálica ocorre no fim do vocábulo (sob > sob/i/).

Tais ocorrências elencadas anteriormente, sejam em posições iniciais, mediais ou finais, têm sido atestadas em determinadas palavras ao longo do processo de evolução da língua, mostrando que a epêntese não é um fenômeno recente, mas que já fora evidenciado em épocas antigas nos sons produzidos na fala dos indivíduos e até em suas produções escritas.

De acordo com Coutinho (*op. cit.*), esses tipos de construção remontam a estrutura do latim, perpassando, sobretudo, o português arcaico, até chegar ao português atual, como percebe-se em *gruppa* > *garupa*; *bratta* > *barata*; *fevrairo* > *fevereiro*, nos quais a epêntese desfaz o grupo de consoantes através da intercalação de uma vogal.

Camara Jr. (2007, p. 56) corrobora esta perspectiva e afirma que, de acordo com a literatura, os primeiros indícios de epêntese no português vieram mesmo a partir da escrita, através da influência do latim clássico sob forma de empréstimo, por volta do século XV.

Bisol (1999, p. 735) também advoga esta perspectiva, afirmando que a epêntese é um processo vivo que se estende do latim vulgar a nossos dias, tendo alguns exemplos nítidos da consagração desta vogal na escrita, tais como *stella* > *estrela* e *slaves* > *eslavo*. Neste contexto, percebia-se em alguns vocábulos uma grafia com encontros consonantais compostos de elementos de traços complexos, isto é, palavras que possuíam consoantes que geralmente não eram aceitas em posições de coda. Nesses casos, a única solução fonologicamente sugerida, aceita e mais bem sucedida é a intercalação da vogal, que, de acordo com a referida autora, não pode, de forma alguma, ser fonemicamente desprezada, haja vista que em alguns casos é quase que pronunciado conscientemente, passando a ser suprimida apenas no registro formal da língua culta.

Neste processo, cria-se outra sílaba que é formada a partir da primeira consoante em conjunto com a vogal introduzida. Camara Jr. (1973, p. 28) descreve este processo mostrando que, “o elemento vocálico intermédio, entre as duas consoantes, excepcionalmente reduzido em sua emissão ou não, assinala com a primeira consoante uma sílaba de *per si*”.

Algumas gramáticas conhecidas, desde a *Gramática do Português Contemporâneo* – Cunha (1972) até as mais recentes, como a *Moderna Gramática Portuguesa* – Evanildo Bechara (2009), já registravam de forma superficial a ocorrência do referido fenômeno em

encontros consonantais, o que só vem a ratificar que essa tendência de inserir uma vogal em encontros consonantais já vem sendo observada e descrita há algum tempo.

Cunha (*op. cit.*, p. 34) já admitia que encontros consonantais mediais, quando carregados de uma pronúncia tensa, poderiam ser articulados em uma só sílaba, ou em sílabas diferentes, como em a-pto ou ap-to, di-gno ou dig-no e ri-tmo ou rit-mo. Percebe-se que há, porém, na linguagem coloquial, uma acentuada tendência de destruir estes encontros de difícil pronúncia, justamente pela intercalação de uma vogal epentética /i/, como em di-gi-no e ri-ti-mo, por exemplo.

Celso Cunha (*op. cit.*) ainda acrescenta que a existência dessa vogal epentética já era bem frequente no campo da literatura, auxiliando poetas a conservarem a regularidade e a métrica de seus versos, mantendo, dessa forma, determinadas medidas.

Bechara (2009, p. 72), portanto, atenta ao fato de que muitos desses encontros consonantais propícios à ocorrência de vogais epentéticas são passíveis de ser encontrados em vocábulos eruditos, conforme observa-se nos exemplos a seguir, absoluto – ab-so-lu-to, psicologia – psi-co-lo-gi-a. Além disso, Bechara (*op. cit.*) também adverte, em sua gramática, que tais encontros merecem “especial cuidado” porque, exatamente na pronúncia despreocupada, tendem a construir-se duas sílabas pela intercalação de uma vogal, a qual é a vogal epentética.

Esta intercalação de uma vogal epentética entre consoantes é proveniente da típica estrutura do sistema do português brasileiro, o qual possui um inventário de coda limitado, em que poucos fonemas consonantais são fonologicamente aceitos em posição final das sílabas. Nesses casos, temos o fenômeno da epêntese como uma espécie de estratégia utilizada pelo falante para suprir tal carência durante sua produção.

Segundo Collischonn (2003), essa tendência de dirimir encontros consonantais a partir de uma vogal é resultado do processo de silabação, que ocorrera a partir do componente lexical da fonologia do português brasileiro (Cf. COLLISCHONN, 2003). De acordo com a referida autora, o que ocorre é que

Durante a silabação, uma consoante não apta a ocupar uma posição silábica de ataque ou coda permaneceria não ligada a nenhum nó silábico (chamamos essa consoante de consoante perdida). A existência de uma dessas consoantes perdidas na representação fonológica desencadearia a criação de uma sílaba estrutura, desprovida ainda de núcleo vocálico, mas a qual permite a associação da consoante perdida em posição de ataque. Mais tarde, no pós-léxico, essa sílaba seria preenchida com uma vogal e a mora correspondente (COLLISCHONN, 2003, p. 286).

Bisol (1999, p. 729), da mesma forma, entende a epêntese como parte do mecanismo desse processo de silabação, compondo os níveis lexicais e pós-lexicais, e que se faz responsável, motivada pelo princípio do licenciamento prosódico, pelo preenchimento dos nós vocálicos por meio do que a mesma determina como “default” ou assimilação, de forma a configurar a sílaba para não violar os princípios universais ou convenções de determinadas línguas.

2.2 Fonética Acústica e as características acústicas do fenômeno da epêntese

Em uma visão geral, é sabido que os sons são transmitidos por vibrações no ar, que são consideradas uma fonte de energia essencial para a produção sonora. Dessa forma, consideramos que o som produzido no trato vocal é um construto que passa por todo um processo complexo e resulta na produção da fala.

Esse processo compreende desde a conceitualização até a articulação e transforma representações abstratas em níveis inferiores de abstração, até chegar aos comandos neuromotores. Em seguida, essas representações atingem os articuladores da fala, que são responsáveis por modular o fluxo de ar e produzir o que chamamos de *som* (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 35).

O som da fala é um recurso rico e complexo, o qual leva certo tempo para ser desenvolvido, já que todas as habilidades de produção e percepção da fala demoram um período para serem adquiridas e maturadas. Entretanto, uma vez internalizadas, só seremos impossibilitados de operar tais habilidades em casos de afasia, patologias ou acidentes que causem desordem da fala.

Esse recurso da fala é encarado como essencial para a comunicação entre as comunidades, bem como uma instância intrínseca da própria estrutura da sociedade, indo muito além da natureza linguística. Admite-se, portanto, que o som da fala extrapola o âmbito linguístico, pelo fato de esta não carregar somente o código da mensagem veiculada, mas estar impregnada de outros aspectos, tais como sotaque, qualidade vocal, transparecendo, sobretudo o aspecto social, revelando a pertença de um determinado falante a um dado grupo de fala social, além de denotar a atitude e a identidade individual e psicológica desse falante em relação à língua e ao grupo em questão.

Neste contexto, conforme adverte Laver (1994, p. 2), “para se alcançar um entendimento completo acerca da natureza da comunicação através da fala, recorreremos à

conceitos não só da linguística, mas também da sociologia, antropologia, filosofia, psicologia, anatomia, fisiologia, neurologia, medicina, patologia, acústica, física, cibernética, engenharia elétrica, ciências da computação e inteligência artificial”. Dessa forma, de acordo com o referido autor, o vasto estudo da fala agrega aspectos das ciências sociais, ciências humanas, ciências físicas, ciências da engenharia e ciências da informação.

Quando se trata do estudo do som da fala, recorremos, sobretudo, à Fonética para dar conta de explicar, dentre outros, os aspectos acústicos que lidam com as propriedades físicas dos sons da língua humana. A Fonética, nesse sentido, se apropria de elementos das mais variadas áreas supracitadas, para explicar cientificamente todos os aspectos da fala.

Em uma abordagem linguística, que é o foco deste estudo, apontamos tanto a fonética como a linguística, como ciências parceiras interligadas, compondo um campo macro da ciência linguística, que abarca o estudo científico da língua.

Contudo, estudiosos da área (LAVER, 1994; ROGERS, 2000) orientam que há uma forte e equivocada tendência, por parte de praticantes de outras áreas, de supor que a fonética seja uma matéria unicamente prática, no sentido empírico da palavra. Nesse contexto, há certa inclinação de conceber o termo mais como uma arte do que propriamente uma ciência, se debruçando sobre a descrição de dados, porém, sem cultivar o interesse por questões teóricas.

Este aspecto é enfatizado e contestado por foneticistas, com o intuito de refutar a inclinação para esta tendência tão incoerente com o papel exercido pela fonética em estudos sobre a fala. Isso porque, assim como em outras áreas, a fonética também necessita de contribuições empíricas e teóricas para dar conta de explicar determinados fenômenos da fala.

Em um panorama mais abrangente, portanto, podemos afirmar que a fonética descreve e explica a produção da fala e sua relação, em vários contextos, com o código formal da língua falada.

Vale salientar que, neste contexto, nos valem da Fonética, em uma abordagem linear, voltada para a natureza do segmento. Percorremos este caminho, para dar conta de explicar o objeto de investigação de nossa pesquisa – epêntese vocálica medial, que é caracterizado pela inserção de um segmento vocálico intrusivo entre segmentos consonantais que podem influenciar, ou não, a ocorrência do fenômeno.

Nesta perspectiva, dentre essas unidades lineares da fonética, focaremos nos segmentos, com o propósito de estudar como esse segmento vocálico intruso se comporta diante de segmentos oclusivos vizinhos, suas características e quais as suas motivações linguísticas e extralinguísticas, para ocorrer ou não.

De acordo com Laver (1994, p. 112), os segmentos são unidades que possuem características imutáveis. Segundo o autor, o segmento é considerado um construto “estático” da teoria fonética, sendo articulatoriamente classificado a partir da constrição do trato vocal realizado durante a produção do segmento. Por isso, pode-se afirmar que determinadas características de um dado segmento podem se mover em direção aos demais segmentos, operando sobre estes de forma co-articulatória; podendo ser preservatória – mantendo suas características originais, ou antecipatórias – mudando de acordo com seu segmento vizinho (cf: BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 48). Dessa forma, insistimos na importância da investigação das características dos segmentos vizinhos ao segmento epentético, com o intuito de verificar a motivação do fenômeno supracitado a partir da manifestação desses segmentos, nos sons produzidos na fala.

Nessa perspectiva elucidativa, nos amparamos em Rogers (2000, p. 1), segundo o qual “a fonética está relacionada aos sons que produzimos na fala”, sendo este, um campo da linguística que se subdivide em três ramos:

A Fonética Articulatória que estuda a produção dos sons e a anatomia dos órgãos do trato vocal envolvidos nesse processo;

A Fonética Acústica que estuda as vibrações dos sons da fala, bem como os instrumentos de laboratório que medem determinados aspectos dos sons;

A Fonética Perceptual que estuda como os sons são percebidos e ouvidos.

Dentre estes, a seção que mais fornecerá subsídio teórico e suporte para essa investigação é a Fonética Acústica que, dentre outros instrumentos, se utiliza de recursos laboratoriais aplicados ao estudo da fala, a partir do processamento da fala e seu registro em meio magnético. Estes recursos fornecem tratamento um tanto adequado para se analisar as características espalhadas de determinados segmentos, que ocorrem de forma sutil e, por vezes, imperceptíveis aos ouvidos humanos, bem como o efeito obtido, a partir deste processo de espalhamento.

A Fonética Acústica, como o próprio termo sugere, lida com as propriedades acústicas da fala, buscando promover uma investigação instrumental desta. Em uma tessitura mais formal, Rogers (2000, p. 131) define a fonética acústica como um sub-ramo da acústica que enfatiza os sons usados na língua humana.

Concebemos esta área de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso estudo, pelo fato de a análise acústica poder fornecer uma compreensão geral da produção e

da percepção da fala, já que o produto final da fala é o sinal acústico. Através deste ponto de vista, entendemos o sinal acústico da fala não somente como uma mensagem veiculada pelo falante, porém como uma representação física do funcionamento da linguagem, sendo primordial para a compreensão de determinados aspectos gerais da mesma. Esse sinal acústico, a nosso ver, se mostra indispensável para conhecermos e entendermos como a linguagem é usada e manipulada pelos indivíduos, no sentido linguístico e extralinguístico.

Reiteramos, nesse sentido, que esta análise dos padrões acústicos da produção da linguagem integra a área da fonética acústica a áreas como a linguística, psicolinguística, entre outras. Esta parceria, como discutiremos melhor adiante, cada vez mais tem impulsionado pesquisas de caráter sociolinguístico, que têm buscado analisar variações das estruturas da linguagem produzidas na fala e submetidas a investigação pelo sinal acústico, constituindo uma forma material de compreender a linguagem humana e os fenômenos que nela ocorrem.

Permeando esta discussão, Kent & Read (2015, p. 32) reforçam que os processos de produção e compreensão da linguagem podem ser relacionados a padrões acústicos, e o estudo dessas relações é uma razão principal para a aplicação da acústica a campos como a linguística.

Nesta perspectiva, assumimos que o objeto de estudo da fonética acústica é, sobretudo, a produção material do som da fala, gerada a partir de uma fonte sonora. Barbosa & Madureira (2015, p. 53) didaticamente ilustram esse processo, demonstrando que o padrão sonoro gerado por uma dada fonte em algum ponto do aparelho fonador entre a glote e os lábios é habitualmente modificado por efeito de ressonância no trato vocal e escapa pelos lábios. Nesse sentido, podemos dizer que o trato vocal funciona como uma espécie de filtro favorecendo algumas frequências sonoras.⁷

De acordo com os autores, ao ganhar o meio exterior, o som da fala assim obtido provoca uma perturbação no meio elástico circundando o falante (normalmente o ar) e estimula o aparelho auditivo do ouvinte. Essa perturbação, que pode ser vista sob a perspectiva de sua produção material, é, de fato, objeto da fonética acústica. Ainda de acordo com os referidos autores, a propagação de perturbação de pressão no meio elástico é o que se conhecemos como onda sonora.

⁷ De acordo com Barbosa e Madureira (2015), a teoria que dá conta de tratar a produção material do som da fala é amplamente conhecida como Teoria Fonte-Filtro de Produção da Fala, implementada formalmente pelo pesquisador Gunnar Fant em 1960.

Ladefoged & Disner (2012, p. 7) enfatizam esta interpretação mostrando que “sempre que você fala, você cria uma interferência no ar ao seu redor, uma onda sonora que é uma variação pequena, mas rápida, da pressão do ar espalhada em meio ao ar”. Assim sendo, quando esta onda sonora alcança os ouvidos do ouvinte, causa pequenos movimentos dos tímpanos, os quais são percebidos e interpretados pelo cérebro, através daquele som falado com um tom e uma altura particular.

Em uma contextura mais compreensiva, portanto, a onda sonora nada mais será que a propagação de vibrações no meio material que, no nosso caso específico, é o ar. Temos a onda sonora simples, que é considerada um som puro. Contudo, no caso da voz humana, temos uma onda sonora complexa, que é a combinação de várias ondas simples, resultado da combinação da fonte (glote) com o trato vocal (filtro). O trato vocal, então, atua como filtro, modificando o conjunto de ondas complexas.

Em síntese, entendemos que este delineamento teórico da acústica é advindo da física, especificamente, para lidar com todo o mecanismo que ocorre a partir da manipulação das propriedades dos sons que são causados por vibrações que, por sua vez, são transmitidas no ar em forma de ondas sonoras.

Para grandes representantes da acústica, sobretudo, esse mecanismo tem desempenhado um papel primordial para os estudos sobre a fala. Através destes estudos, tem sido possível, ao longo do tempo, coletar, notar e entender informações importantes sobre a acústica da fala, que o ouvido humano sozinho não seria capaz de apreender. Além disso, este recurso acústico tem garantido uma grande quantidade de dados de excelente qualidade das mais diversas línguas do mundo disponíveis hoje.

Através desses dados, mediante o auxílio da fonética acústica, tem sido possível gerar espectrogramas de banda larga que, por sua vez, agrupa os harmônicos que compõem as ondas sonora. Todo esse conjunto de informações é considerado um auxílio indispensável para a análise acústica de qualquer fragmento da fala, através do programa *Praat* (Cf. capítulo da metodologia). Através deste aparato computacional, é realizado uma espécie de semiótica, em que são obtidos os espectrogramas e feita a leitura dos mesmos, com o intuito de analisá-los.

Rogers (2000, p. 139) define, detalhadamente, o espectro como “uma tela que mostra a frequência e a intensidade (ou amplitude) dos componentes harmônicos da onda”. O espectrograma do som, por conseguinte, é uma representação visual deste espectro do som. Na Fonética Acústica, consideramos, portanto, essa representação visual como campo linguístico visual (VLC).

Este recurso é julgado como necessário, pelo fato de apresentar as dimensões básicas da análise harmônica de um determinado enunciado através dos harmônicos: a *frequência*, delineada verticalmente; a *duração*, delineada horizontalmente e *intensidade* demonstrada através de uma barra mais escura.

Os formantes são constituídos por harmônicos, os quais denominamos F1, F2, F3, F4... Fn. A F0 é a representação da frequência fundamental ou curva tonal, que é a frequência mais baixa produzida no trato e que fornece o desenho entonacional de acordo com o meio, isto é, determina o tom que escutamos. O F1 será o responsável por demonstrar a altura da vogal. O F2 demonstrará se a vogal é anterior ou posterior. O F3 e o F4 fornecem informações sobre os segmentos coarticulados, sendo o responsável por segmentos que apresentam uma relação com consoantes próximas às vogais, tais como aproximantes, nasais, glides, por exemplo.

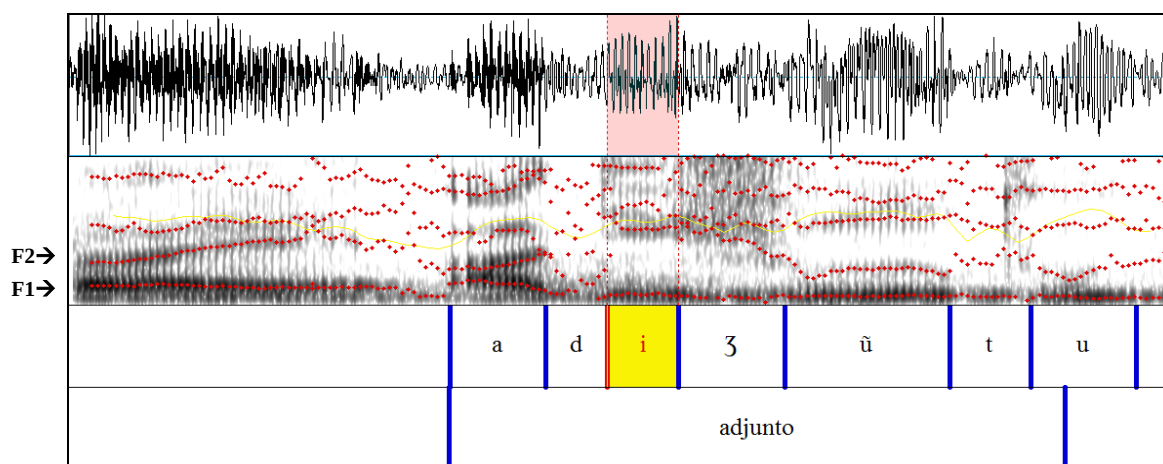
Como é possível perceber, cada formante desempenha um papel importante na construção dos harmônicos como um todo, isto é, na produção e qualidade de um determinado som. Por isso, de acordo com Rogers (*op. cit.*, p. 143), “os formantes são cruciais na diferenciação e caracterização de diferentes sons”, uma vez que estes são determinados pela vibração das cordas vocais que vibram em uma determinada frequência, dependendo de toda a articulação do aparelho fonador, desde a fonte até o filtro.

De um modo geral, considerando essa diferenciação dos sons, é incontestavelmente sabido que as consoantes são sons que envolvem uma maior obstrução ou constrição do trato vocal, enquanto as vogais são produzidas com o trato vocal mais aberto e, portanto, com a passagem do ar totalmente livre, sem que a presença de constrição produza qualquer obstrução que gere ruído ou impeça a passagem de ar no trato oral.

Porém, cada segmento, ou grupo de segmentos, consonantal e vocálico apresentará nuances que os diferenciará uns dos outros. E é a partir das nuances acústicas desses elementos, que encontraremos algumas explicações para os nossos resultados.

Para fins de análise da ocorrência de vogal epentética /i/, como veremos mais detalhadamente a seguir, analisaremos F1 e F2, especificamente, em que se espera encontrar um F1 baixo e um F2 alto, seguidos de uma barra de sonoridade, como se pode visualizar na figura 2 a seguir:

Figura 2 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação da vogal alta epentética /i/ no cluster /dVʒ/ da palavra adjunto



De acordo com o espectrograma apresentado na figura 2, percebemos que o traçado LPC determina os formantes da produção de uma vogal epentética /i/ alta e não arredondada. A produção dessa vogal, conforme podemos visualizar na figura 2, se caracteriza acusticamente por ter o valor de um F1 muito baixo em comparação ao seu F2. Essa característica específica da vogal /i/ se dá pela extensão estreita da constrição que ocorre durante a sua produção, reduzindo o volume da cavidade anterior e o maior volume da cavidade posterior (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 99 – 103).

De um modo geral, Rogers (2000, p. 153) corrobora que os foneticistas, geralmente, focam nos três primeiros formantes para a análise de informações linguísticas, porque estes são os formantes mais relevantes para efeito de variação.

Entretanto, a F0 também poderá exercer certa influência neste processo, uma vez que, em casos de análise da inserção de um segmento epentético entre encontros consonantais, é possível ocorrer o fenômeno que é conhecido como *vogal ensurdecida* (CAGLIARI, 2002).

Neste fenômeno da *vogal ensurdecida*, especificamente, não há presença de sonoridade na produção do segmento, mas o programa detecta que todos os articuladores foram acionados no trato vocal. Isso ocorre porque, mesmo os formantes tendo sido produzidos no trato vocal para a produção da vogal, o elemento de F0 é perdido, devido a um decaimento de intensidade. Nestes casos, a análise espectral ainda consegue identificar a presença do segmento epentético, o que poderia ser mais trabalhoso para identificar somente através da oitiva.

Barbosa & Madureira (2015, p. 93) endossam essa discussão afirmando que esse tipo de produção de um segmento ensurdecido pode ser reconhecido através das posições dos

articuladores supraglóticos (língua, lábios, véu palatino) que possibilitam a determinação da identidade dos sons. Assim, quando o som de uma vogal é transmitido através de ruído, isto é, sem o vozeamento característico do som, o nosso trato assume produzindo um espectro não harmônico com picos nas mesmas posições dos formantes da vogal produzida em condições normais, isto é, pela vibração das pregas vocais.

Nesse caso, pode-se afirmar que não só a análise acústica dos formantes vocálicos fica limitada pela F0 associada com esse tipo de produção vocálica específica, mas a análise perceptual dos sons vocálicos com essa característica tende a ficar limitada, de igual modo. De acordo com Kent & Read (2015, p. 208), este obstáculo surge porque, na análise de vogais vozeadas, o espectro reflete a estrutura espectral dos harmônicos da voz, que correspondem à produção da vogal, e não simplesmente os formantes. Quando esse vozeamento quase não é produzido, como no caso da vogal ensurdecida, os picos no espectro são localizados em harmônicos de F0. A solução de análise para esse caso específico, segundo os autores, é buscar uma combinação com dados perdidos, buscando analisar regiões espectrais próximas a harmônicos mais fortemente pesadas.

Diante deste contexto geral, faz-se imprescindível entender que, em meio às leituras que faremos dos espectrogramas, a observação mais notória é de que as áreas mais escuras correspondem às produções de maior intensidade no sinal acústico, como é o caso da vogal, por exemplo, considerada a parte mais fluida do espectro (cf. figura 2). Em nosso contexto específico, essa produção mais intensa observada a partir de uma faixa mais escura é o sinal de ocorrência da vogal epentética, e um dos aspectos que será de maior interesse para a nossa análise.

Faz-se oportuno salientar que, em alguns aspectos, as vogais parecem ser os sons mais simples de se analisar e descrever acusticamente, por serem associadas com uma configuração e um padrão acústico em estado estacionário. Conforme esclarecem Kent & Read (2015, p. 179), nesse sentido, isso se explica pelo fato de o som da vogal poder ser definido por apenas um pulso glotal que refletirá nos espectrogramas as ressonâncias do trato vocal associadas a uma determinada vogal, diferenciando-as de outros sons. Associado a isso, os autores enfatizam que as vogais são caracterizadas com um conjunto muito simples de descritores, por serem frequentemente representadas pelos três primeiros formantes ou, em uma representação mais simples, dos dois primeiros formantes.

Conforme apresentado anteriormente, a vogal alta /i/, dentre as demais vogais, se destaca por apresentar uma particularidade que a diferencia das demais, de certa forma, viabilizando seu reconhecimento mais facilmente – F1 mais baixo, em aproximadamente 233

Hz, e o F2 mais alto, em aproximadamente 2300 Hz, como podemos compreender nas figuras 3 e 4 que seguem abaixo:

Figura 3 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação da vogal epentética /i/ com destaque para a frequência do primeiro formante (F1)

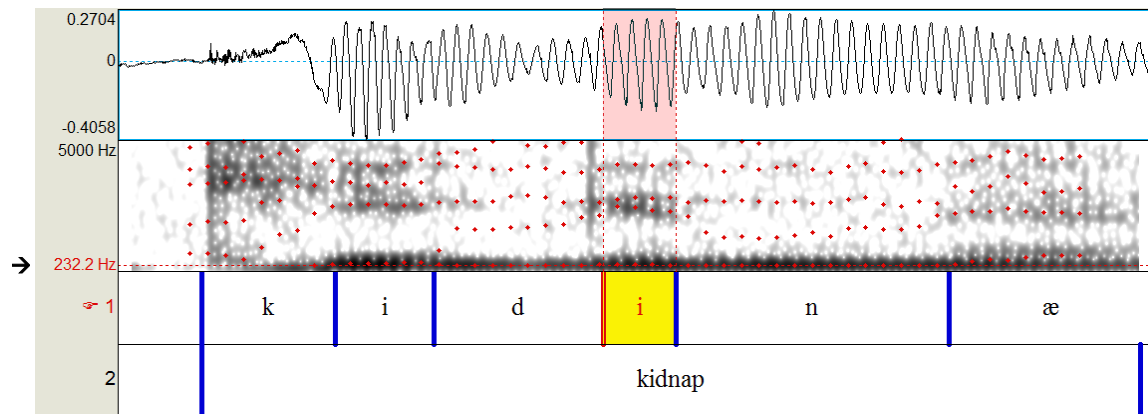
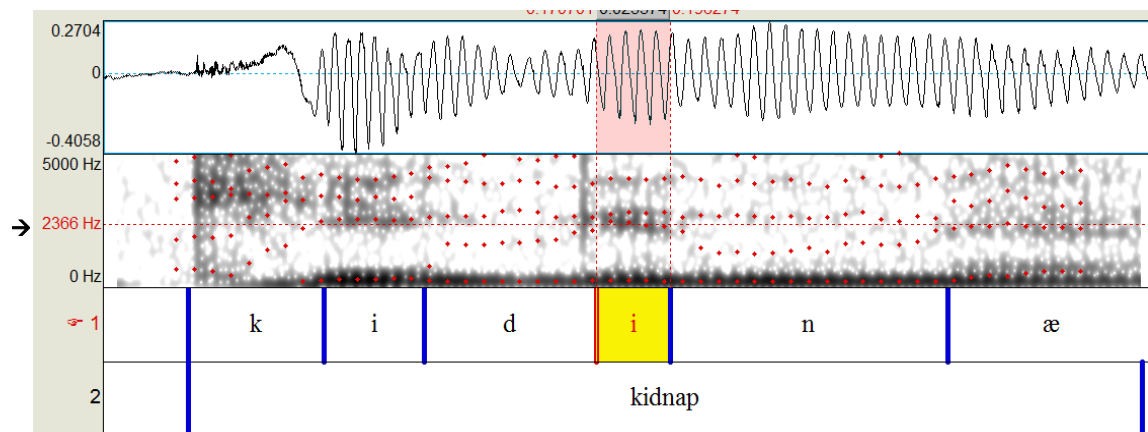


Figura 4 – Espectrograma, traçado LPC (vermelho) e segmentação da vogal epentética /i/ com destaque para a frequência do segundo formante (F2)



De acordo com os argumentos de Rogers (2000, p. 153), o qual busca fundamentar essa particularidade dos formantes, essa distribuição correlaciona, perfeitamente bem, no sentido inverso, a altura articulatória da vogal, isto é, se a língua está alta, o primeiro formante é baixo e se a língua está baixa, o primeiro formante é alto. Já no que diz respeito a F2,

Rogers (*op. cit.*) reitera que a altura do F2 está correlacionada à posterioridade da vogal⁸, isto é, quanto mais anterior é a produção da vogal, mais alto é o segundo formante.

Não se pode deixar de levar em consideração que esses valores das frequências dos formantes sofrem leve variação, dependendo do tamanho específico do trato vocal que varia de indivíduo para indivíduo. Dessa forma, consideramos que os formantes são provenientes de padrões de vibração obtidos através da criação de ondas estacionárias no trato vocal, as quais dependerão das dimensões do tubo ressoante do falante, ou seja, o trato vocal. Isso significa, portanto, que o filtro pode modificar o espectro do som que é fornecido pela fonte sonora.

Neste contexto, se entende que as vogais produzidas por um indivíduo do sexo masculino, por exemplo, apresentarão frequências de formantes mais baixas, porque, de acordo com Ladefoged & Disner (2012, p.44), homens têm trato vocal mais extenso em sua posição sagital e, portanto, uma passagem de ar maior, que vibra mais lentamente, fazendo com que os formantes tenham frequências mais baixas.

Contrariamente, as mulheres tendem a ter um trato vocal menor, onde a vibração das pregas vocais parece ser mais forte, por causa do menor espaço para a passagem de ar, e faz com que os formantes apresentem frequências mais altas. Contudo, as medidas gerais de frequência representam uma média que pode ser encontrada na maioria das amostras de análises acústicas, mas não representa um valor fixo.

Todavia, se faz pertinente considerar a ampla confiabilidade da análise acústica no que se refere aos formantes vocálicos, considerando que os valores de frequência desses formantes variam, de fato, com a qualidade da fala em questão para ser analisada, bem como o método de análise a ser utilizado pelo pesquisador.

Em uma visão geral, como vimos discutindo, as características acústicas das vogais estão propensas a possíveis variações, basicamente, nas frequências dos dois primeiros formantes, o que fará com que possamos diferenciar as vogais, através do espectrograma, que, além disso, projetará os formantes em barras mais escuras, quando se tratar da produção de vogais. Esse é um dos motivos pelos quais consideram as vogais como os sons mais simples de se analisar e descrever acusticamente.

⁸ Neste sentido, para entender as frequências que os formantes apresentam, Rogers (2000) enfaticamente assegura que é essencial considerar o ponto mais alto da língua, dividindo o trato vocal em uma cavidade posterior e uma cavidade anterior. Dessa forma, se identificarmos a cavidade posterior com as frequências mais altas do primeiro formante e a cavidade anterior com as frequências mais altas do segundo formante, será possível compreender a relação entre a forma do trato vocal e as frequências dos formantes.

Entretanto, analisarmos detalhadamente as características acústicas não só das oclusivas – labial, coronal e dorsal, mas dos sons em geral, a constatação mais imediata que faremos é que todos os sons, inclusive estes, serão afetados de alguma forma pelos ambientes adjacentes. Esta é uma tendência bem comum entre alguns elementos vizinhos, sendo alguns mais suscetíveis a este tipo de variação do que outros. Em contrapartida, determinados elementos parecem mais propensos a influenciar os elementos vizinhos, modificando-os, ao invés de serem modificados.

Neste contexto analítico, apontamos as labiais como elementos que não exercem variação alofônica, a não ser por assimilação dos contextos nasais. Já no caso das coronais, há uma maior inclinação para o processo de assimilação de contextos dentais. E as dorsais demonstram ser mais sensíveis à natureza da vogal, geralmente, seguindo-a na mesma sílaba.

Neste trabalho, em específico, privilegiamos os segmentos oclusivos /p, t, k, b, d, g/ (cf. Apêndice 3), que compreendem a classe de obstruintes e configuram o ambiente adjacente do nosso fenômeno e cuja produção envolve obstrução total dos articuladores – lábios, palato duro ou véu palatino, e a vogal epentética /i/, que é nosso objeto de estudo.

Podemos afirmar, neste sentido, que as oclusivas representam o contexto fonético de ocorrência da possível epêntese vocálica medial em nossos dados, uma vez que os segmentos oclusivos constituem o ambiente fonológico seguinte e precedente do nosso *corpus*.

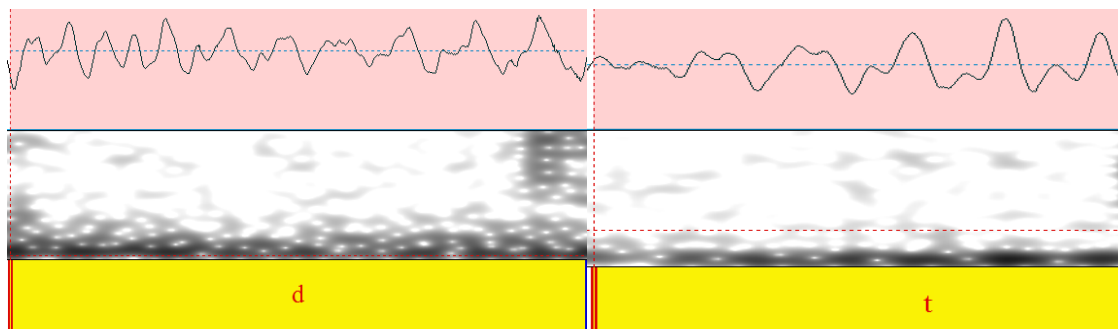
Os segmentos oclusivos, tanto vozeados quanto desvozeados, passam por uma fase de oclusão com constrição total no ponto de articulação. No caso das oclusivas não vozeadas /p, t, k/, não há passagem de ar no trato vocal para gerar impressão acústica, as cordas vocais não vibram e, assim, não há som algum. Já na produção das oclusivas vozeadas /b, d, g/ também não há passagem de ar, porém, apenas ruídos de fricção, que são considerados uma espécie de som laríngeo, sendo filtrado pelas paredes do pescoço.

De acordo com Barbosa e Madureira (2015, p. 116), durante a fase de soltura das oclusivas, o fluxo de ar passa com grande velocidade pela constrição que se abre, por conta da alta pressão atrás do ponto de oclusão.

Diferentemente das vogais, em espectrogramas, a produção das consoantes oclusivas desvozeadas será determinada por um espaço em branco que não tem padrão de nível de cinza em nenhuma faixa de frequência, já que, durante a produção desses segmentos, as cordas vocais não estão em movimento de vibração. Já as consoantes oclusivas vozeadas serão determinadas por uma faixa cinza-claro que aparece na parte mais baixa da frequência, isto é, a barra de vozeamento. Segundo os autores, essa faixa revela que há vibração das pregas vocais, revelando um indício acústico frequente de sonoridade. A seguir, vejamos os

espectrogramas da figura 5, para podermos visualizar melhor o sinal acústico das oclusivas vozeadas e desvozeadas:

Figura 5 – Espectrograma ilustrando as oclusivas alveolares /d/ e /t/



A vista disso, a diferença acústica entre os formantes destas consoantes será avaliada através dos efeitos que elas sofrerão a partir dos sons vizinhos, ou seja, da coarticulação com os elementos adjacentes. Assim, o sinal acústico de cada segmento oclusivo dos nossos dados, acima descrito, poderá se manifestar de um determinado modo, se estiver seguido por outro elemento oclusivo ou por uma vogal alta, como a vogal epentética /i/. Em análises que levam em consideração a fonética acústica, esse limite entre um som e outro é conhecido como transição.

De acordo com Ladefoged & Disner (2012, p. 48), cada uma dessas consoantes oclusivas formam um som com mudança rápida, a partir da obstrução da passagem do ar. As ressonâncias do trato vocal e os formantes são produzidos enquanto o fechamento oclusivo está sendo formado ou está abrindo. Nesse sentido, de acordo com os autores, a forma do trato vocal muda e, como resultado, as frequências dos formantes se movimentam e mudam, também.

Esse fechamento oclusivo pode ser acusticamente entendido como um silêncio acústico, embora uma energia de vozeamento fraca possa ser detectada no espectro, como no caso das oclusivas vozeadas. Esse silêncio é imediatamente seguido do intervalo de fechamento, em que a pressão do ar é acumulada na boca, sendo bruscamente liberada na soltura da constrição. Kent & Read (2015, p. 84) reiteram, nesse sentido, que a evidência desta soltura é uma explosão ou transição.

Segundo os referidos autores, a explosão apresenta-se como um segmento ruidoso, porém, muito breve. Já a transição, por representar o limite entre um som e outro, apresenta-se

como o intervalo acústico, onde o trato vocal é ajustado do fechamento completo para outra configuração.

Sabe-se, de um modo geral, que a frequência dos formantes se movimenta de forma associada à produção das consoantes oclusivas, ou seja, a explosão da oclusiva varia com o lugar da articulação.

Tratando-se de oclusivas desvozeadas, particularmente, o correlato primário é o silêncio, representado pelo espaço em branco. Porém, quando temos oclusivas vozeadas, a energia do vozeamento é representada pelos ruídos de fricção. De acordo com Kent & Read (*op. cit.*), quando o vozeamento está presente, ele é associado com uma energia de baixa frequência nos harmônicos mais baixos da fonte de vozeamento, especialmente o primeiro harmônico ou frequência fundamental, fazendo com que a frequência de F1 atinja um valor próximo a zero.

Ainda segundo os autores, consequentemente, a frequência de F1 associada com qualquer constrição severa do trato vocal é de muito baixa frequência. E quando a constrição é liberada, a frequência de F1 aumenta a um valor apropriado para o som seguinte.

No contexto específico das oclusivas labiais /p, b/, com a constrição dos lábios, há uma tendência de abaixar a frequência dos formantes, cerca de 500-1500 Hz. Na produção das oclusivas coronais /t, d/, há uma elevação na frequência de F2 e F3, acima de 4kHz, devido a constrição externa. E por fim, as oclusivas dorsais /k, g/ mostrarão frequências intermediárias, praticamente indistintas, cerca de 1,5.4,0 kHz⁹.

Em um contexto geral, faz-se oportuno destacar que os movimentos do segundo e terceiro formantes funcionam como características específicas das consoantes oclusivas, a depender da posição da constrição, porém, identificando-as como tal. Já os movimentos do primeiro formante simplesmente mostram que há um fechamento oclusivo naquela produção.

É importante enfatizar que, somados a esses princípios da Fonética Acústica, temos a contribuição dos preceitos da Sociolinguística que auxiliam no entendimento da variação dos padrões acústicos da fala, motivados por fatores sociais. De acordo com Martins & Abraçado (2015, p. 205), essa interface tem sido amplamente difundida como Sociofonética e entendida de forma diferente por sociolinguísticas e foneticistas – estudos variacionistas que incorporam métodos tomados da Fonética e/ou estudos em Fonética que incorporam variação dialetal, a depender do ponto de vista do pesquisador. Entretanto, em um contexto mais abrangente

⁹ Vale salientar que estes valores foram baseados nas leituras de Barbosa & Madureira (2015, p. 116) e Kent & Read (2015, p. 241).

aplicado a nossa pesquisa, definimos esta área, como estudos variacionistas foneticamente orientados, que se valem de técnicas utilizadas comumente na análise acústica e nos experimentos de percepção.

Barbosa & Madureira (2015, p. 28) corroboram essa perspectiva teórica, descrevendo a Sociofonética como estudos de variação fônica em extratos selecionados pela Sociolinguística, que também se caracteriza como um sub-ramo da Fonética. Diante do panorama teórico e investigativo oferecido por essa área, a experimentação assume um papel de elevada importância para a análise de dados dos *corpora* de fala, alicerçado pelo suporte de análise fonético-fonológica dos fragmentos coletados que sofrem influência do contexto social.

Embora não seja tão recente essa abordagem que associa os pressupostos da Fonética Acústica aos da Sociolinguística para implementar estudos de caráter linguístico no Brasil, o termo Sociofonética ainda parece ser pouco utilizado.

Todavia, é o balanceamento entre as práticas da Fonética Acústica e da Sociolinguística que conduzirão a metodologia da presente pesquisa, imprimindo ao nosso trabalho um caráter empírico teórico embasado pela Sociofonética.

CAPÍTULO III – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No capítulo III, discutiremos as principais abordagens teóricas utilizadas para subsidiar a análise do processo de variação da epêntese vocálica medial em língua portuguesa (L1) e língua inglesa (L2), a partir dos princípios gerais da Teoria da Sociolinguística Variacionista proposta por Labov (LABOV, 2008 [1972]), da aquisição de L2 e da consciência fonológica.

3.1 Sociolinguística variacionista

A Sociolinguística é uma área que investiga a língua em sua manifestação no meio social, considerando contextos linguísticos e extralinguísticos que estão envolvidos na produção linguística.

Em se tratando de estudos voltados para a questão da linguagem, é imprescindível atentar para o fato de que, até o século XX, a dimensão social das formas linguísticas não era tida como um fator relevante nos estudos linguísticos. Isso se deve ao fato de correntes anteriores, como o estruturalismo (SAUSSURE, 2006 [1916]) e o gerativismo (CHOMSKY, 1957), por exemplo, abstrair a variação linguística de seu foco de estudo.

Pode-se dizer que foi a partir da década de 1960 que a ideia de heterogeneidade passou a ser considerada e trabalhada em estudos de caráter linguístico, os quais buscavam incorporar o aspecto social, que até então era desconsiderado. Essa nova abordagem teórica ficou conhecida como Sociolinguística Variacionista.

Foi especificamente a partir de 1964 que a Sociolinguística teve um desenvolvimento significativo, pois caracterizou-se como uma revolução dentro do panorama geral da Linguística, criando um paradigma completamente novo para os estudos que se seguiram. A partir do desenvolvimento da Sociolinguística pode-se trabalhar, de fato, com a relação língua/sociedade, uma vez que as abordagens teóricas anteriores – estruturalismo e gerativismo, consideravam a língua como um sistema de signos bem definido, sistematizado e que não levava em conta nenhum aspecto variável da língua, desconsiderando totalmente a influência do social sobre a mesma.

Yule (2006, p. 205) afirma que “o termo sociolinguística é geralmente usado para o estudo entre língua e sociedade”. O referido autor ainda acrescenta que tais estudos são realizados “quando tentamos analisar a língua a partir de uma perspectiva social”.

A Sociolinguística, em sua abordagem variacionista, passa também a ser conhecida como Teoria da Variação Linguística, Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Quantitativa, ou ainda como Sociolinguística Laboviana, tendo como principal estudioso, o americano William Labov (LABOV, 1975; LABOV *et al.*, 2006 [1968] e 2008 [1972]), o qual desenvolveu essa teoria como uma espécie de reação à ausência do componente social no modelo gerativo. De fato, uma reação ao falante ouvinte ideal proposto pela escola gerativista e que foi de grande impacto para a Linguística contemporânea. Labov (*op. cit.*) insistia na relação entre língua e sociedade e revelava, através de seus estudos, outras dimensões da realidade heterogênea da língua, que até então não tinham sido levadas em consideração nos estudos linguísticos (TARALLO, 1990, p. 7).

Essa condição heterogênea do sistema linguístico é mediada por fatores atuantes na variação linguística, podendo ser classificados como *variantes internas* ou *linguísticas* em que estão envolvidos os elementos fono-morfo-sintáticos, os semânticos e os discursivos e em *variáveis externas* ou *extralinguísticas*, que se referem aos fatores inerentes ao indivíduo (sexo, idade, etnia), ao espaço sócio-geográfico (região, profissão, classe social) e ao contexto (grau de formalidade e tensão discursiva).

Essas diferentes realizações variáveis são perceptíveis no ato da interação verbal, de tal forma que, quando um falante utiliza determinada variante, identificamos de imediato sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo, se é nativo ou não de um determinado país, o grau de fluência em uma determinada língua e diferenciamos se a interação se trata de uma situação formal ou informal, quase que de forma inconsciente.

Tarallo (1990, p. 14) reforça essa tese afirmando que “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”.

Labov, Weinreich e Herzog (2006 [1968]) assumem como coordenada básica dessa reflexão sociolinguística a heterogeneidade normal da língua e, ao mesmo tempo, argumentam contra a ideia, tradicional entre os linguistas, de que sistematicidade e variabilidade se excluem. De acordo com esses linguistas, havia uma correlação sistemática entre as variantes linguísticas realizadas por determinado falante e as características sociais deste falante, tais como, nível social, grau de escolaridade, idade, sexo, entre outros.

Este modelo teórico-metodológico variacionista tem como objetivo principal comprovar a sistematização da heterogeneidade e considera a variação como um fenômeno regular e ordenado, além de explicá-lo, descrevê-lo e relacioná-lo ao contexto social/

linguístico. Por esse motivo, o referido modelo relaciona todo e qualquer fenômeno de variação ou mudança linguística a fatores linguísticos e a fatores sociais.

Conforme Guy (2007, p. 6) afirma, “a observação fundamental da pesquisa em variação linguística é a que manifesta, nas palavras de Labov, Weinreich e Herzog (*op. cit.*), a ordenação da heterogeneidade”, a qual busca demonstrar que as variações ocorridas são guiadas por padrões que seguem uma certa sistematicidade, não se dando ao mero acaso.

Por ser a Sociolinguística uma área de estudo que relaciona constantemente a variação linguística com o social, deve-se realizar a pesquisa sociolinguística através do levantamento e análise dos registros de língua falada, a qual possibilita a descrição de determinado fenômeno variável que esteja sendo estudado.

Vale salientar que esse momento se mostra o mais delicado da pesquisa, pois como nos reforça Tagliamonte (2006, p. 17), “o desafio fundamental para a pesquisa sociolinguística é como obter dados linguísticos apropriados para analisar”. Esse levantamento, realizado pelo pesquisador, permite que o mesmo analise os fatores linguísticos e sociais que influenciam a realização do fenômeno em questão e apresente uma explicação sociolinguisticamente orientada para o mesmo.

A sociolinguística variacionista também se utiliza de um modelo matemático capaz de associar pesos relativos ou probabilidades aos diversos fatores de cada variável independente. Por operar com números e tratamentos estatísticos dos dados, denomina-se tal modelo teórico-metodológico de Sociolinguística Quantitativa, o qual será usado, predominantemente, nesta pesquisa.

Labov (2008 [1972]) foi o responsável por atribuir às regras opcionais, já existentes no modelo gerativo, o status de regra variável, incorporando a variação sistemática à descrição linguística. Para ele, essa regra variável deve ter frequência de uso expressiva e estar sujeita à interferência tanto de fatores linguísticos quanto de fatores extralinguísticos. É através desse modelo teórico criado por Labov, que o pesquisador poderá coletar dados empíricos e proceder à análise dos fatores condicionantes no processo de variação de determinado fenômeno linguístico.

Desde a década de 1960, quando ocorreu o primeiro estudo de Labov¹⁰, o modelo da Sociolinguística vem sendo utilizado pela maior parte dos linguistas que trabalham na área da

¹⁰ O primeiro estudo de Labov (2008 [1972]) foi realizado no Estado de Massachusetts (EUA), na comunidade da Ilha de Martha's Vineyard que, por muito tempo, viveu isolada da costa de Nova Inglaterra, sendo, posteriormente, invadida por veranistas vindos do continente. Tal fato ocasionou mudanças linguísticas no inglês falado por esta comunidade, mudanças estas que foram investigadas por Labov (*op. cit.*) através da Teoria da

variação, e tem comprovado até hoje sua eficiência, enquanto método, no que diz respeito à questão de levantamento de dados que busquem detectar e explicar a variação e/ou a mudança em curso, ganhando, assim, muitos adeptos na linguística pós 1960.

No Brasil, observa-se que a Sociolinguística Variacionista tem se expandido significativamente, empenhando-se no estudo dos fenômenos linguísticos do português brasileiro e, recentemente, na variação que ocorre na interlíngua do indivíduo durante o processo de aquisição.

Uma vertente, entre tantas outras, muito propícia a dialogar com a Sociolinguística, nesse contexto de variação, é a área de Aquisição da Linguagem, a qual tem buscado compreender os processos aquisicionistas dos indivíduos, sobretudo aqueles relacionados à L2. A esse respeito, Tarone (2007, p. 838) esclarece que a abordagem sociolinguística nos permite estudar o impacto de fatores sociais em processos de aquisição de um novo sistema linguístico. Dessa forma, a abordagem sociolinguística aplicada à aquisição de L2 (SLA, cuja discussão empreenderemos no tópico seguinte 3.2) busca explicar a relação entre as variáveis sociais e as características de produção da língua ou interlíngua do aprendiz.

Neste sentido, a Sociolinguística tem contribuído cada vez mais na orientação de estudos sobre questões de uso, aquisição/aprendizado de língua estrangeira em determinados contextos específicos, enfatizando, sobretudo, processos de aquisição fonológica, apesar de haver, relativamente, poucos trabalhos nessa área (COLLISCHONN, 2003; PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009; LUCENA & ALVES, 2010; 2012).

Bayley & Lucas (2007, p. 1) afirmam que abordagens variacionistas têm estabelecido parcerias teóricas bem-sucedidas com estudos de aquisição de L2, onde fatores sociais e linguísticos são detalhadamente analisados, o que mostra que o entrosamento de ambas as áreas tem se mostrado bem produtivo para os estudos que as têm como teorias norteadoras.

Esse entrosamento teórico entre Sociolinguística, Variação e Aquisição de L2 demonstra ter em comum o fator social interligando-as, de forma a buscar compreender, com maior rigor, que teor social há em processos de aquisição da linguagem.

Ré (2006, p. 88) corrobora essa perspectiva, ao afirmar que a língua do aprendiz não é em si observável. Ela é observada através de sua palavra viva, suas produções, cujas características são essencialmente a variabilidade e a instabilidade, estando esta última característica ligada em parte ao movimento de adaptação-aquisição, ratificando, portanto, o

Variação, no intuito de comprovar o papel dos fatores sociais na explicação da variação linguística. Para maiores detalhes da realização desta pesquisa, consultar Labov (*op. cit.*, p. 19-62).

fato de que o fator social exerce uma importante função em estudos de caráter fonológico-aquisicionista.

Assim, tais subsídios teóricos em parceria podem, provavelmente, encontrar explicações sobre algumas construções realizadas pelos aprendizes ao produzirem determinados segmentos de outra língua, motivadas, sobretudo, por fatores sociais.

Ré (*op. cit.*, p. 119) advoga que não há como desconsiderar a abordagem sociolinguística aplicada à análise do processo de aquisição de língua estrangeira, uma vez que esta abordagem reflete mais uma perspectiva no desenvolvimento de estudos que buscam entender os processos que envolvem a aquisição de uma L2.

Vejamos no tópico a seguir os empreendimentos da área da Aquisição da Linguagem e seu desenvolvimento a partir da percepção do social em situações de aquisição, sobretudo de L2.

3.2 Aquisição de segunda língua (L2)

Pode-se afirmar que os estudos envolvendo aquisição de linguagem, sobretudo aquisição de uma L2, é algo relativamente novo no âmbito dos estudos linguísticos.

Dessa forma, quando tratamos do processo de aquisição do componente fonológico da L2, utilizamos pressupostos de diferentes modelos teóricos para dar conta de descrever e explicar o comportamento da fonologia dos sistemas linguísticos, neste processo.

De acordo com Ellis (1997, p. 3), o “estudo sistemático de como as pessoas adquirem uma segunda língua (geralmente referido como L2) é um fenômeno recente, pertencendo à segunda metade do século XX”, e que pode ser definido como a forma como as pessoas aprendem uma língua, que não sua língua materna, dentro ou fora da sala de aula.

Vale salientar que o interesse acerca da aquisição de L2 se deu, inicialmente, através da contribuição de psicolinguistas, sendo mais tarde expandido para áreas como a Sociolinguística, entre tantas outras. Porém, inicialmente, os estudos¹¹ desenvolvidos neste sentido eram voltados para a área das Linguísticas Aplicadas dos anos 1950 e das Psicologias, influenciados, a priori, pelas teorias Behavioristas e Vygotskianas, respectivamente (RÉ, 2006, p. 101).

¹¹ Destacamos, neste sentido, os estudos de Skinner (1957) e Vygotsky (1988).

Nesse sentido, a Sociolinguística passou a se mostrar uma forte aliada a esses estudos, motivada, a princípio, pela convergência de psicólogos e linguistas, com o intuito de empreender um modelo psicológico de aprendizagem de L2.

Todavia, não se pode deixar de atentar para o fato de que a aquisição de uma L2 sempre foi considerada um processo complexo, o qual envolve vários fatores. De acordo com Cook (1993, p.2), durante este processo, a pessoa está lidando com duas línguas, onde o conhecimento de duas gramáticas, i. e., de dois sistemas linguísticos, está presente na mesma mente tornando-se mais difícil de ser manipulado pelo aprendiz e facilitando, portanto, a influência de um sistema no outro.

Essa influência é caracterizada, na área da Aquisição da Linguagem, como interferência, processo este concebido também por alguns estudiosos como a transferência¹² de traços de um sistema linguístico para o outro. No caso da aquisição de L2, ocorre a transferência de traços fonológicos da L1 para a L2 que o indivíduo está adquirindo.

Selinker (1992, p. 207) aponta que essa transferência de elementos da língua materna na aquisição de uma L2 é um dos fenômenos mais estudados no campo de aquisição. De acordo com o referido autor, o papel da L1 do falante, neste contexto, é de extrema importância para a estrutura da interlíngua que o falante constrói. Na verdade, ele funciona como um processo cognitivo de seleção onde algumas estruturas são mais passíveis de ser transferidas que outras.

Para Ré (2006, p. 87), longe de poderem ser evitadas, essas transferências constituem um fenômeno normal e natural na aprendizagem das línguas, logo, qualquer falante que esteja em contato com outro sistema linguístico que não o materno, está sujeito a sofrer, em algum momento da fase de aquisição, influência de elementos constituintes da língua materna.

Essas alterações ocorrem devido à necessidade de o falante adequar para sua língua materna os elementos que nela não ocorrem. Nas palavras de Selinker (1992), o que ocorre é que, nesse processo, o aprendiz reverte o código da língua alvo para um código mais simples e básico, de forma a reelaborá-lo de acordo com a língua materna.

É importante ressaltar que essa influência é quase que inevitável, pois a L1 caracteriza-se como um sistema constitutivo de um indivíduo falante, o qual se configura

¹² Para Ré (2006, p. 86), a relação entre ambas as modalidades decorre do fato de a *transferência* ser uma espécie de fundamento do fenômeno chamado de *interferência*, ou seja, o primeiro processo gera o segundo e, por isso, são considerados sinônimos. Por outro lado, Littlewood (1984, p. 17) distingue bem essa relação mostrando que a *transferência* ocorre quando, de fato, há a transferência direta dos elementos linguísticos, sendo esta positiva. Já a *interferência*, por sua vez, ocorre quando não há a transferência direta dos elementos linguísticos, devido à significativa diferença entre as duas línguas em questão, sendo considerada, portanto, negativa. Neste trabalho, ambos os termos serão interpretados como sinônimos.

como base da estruturação psíquica deste indivíduo. Este sistema, por sua vez, é evocado pelo aprendiz durante o processo de aprendizagem de uma L2, já que, ao longo do desenvolvimento de uma segunda língua, são essas bases que solicitamos, e nelas que se encontram os indícios de nossa língua materna.

Tais bases cognitivas são solicitadas consciente ou inconscientemente, quando o aprendiz percebe que alguma coisa na língua materna é semelhante ou idêntica à língua alvo, ocorrendo, então, a transferência de um sistema fonológico para o outro. Em palavras mais simples, consiste na ampla projeção do sistema da L1 na L2 (COOK, 1993, p. 11).

De forma geral, a transferência da L1 na aquisição fonológica da L2 é um fenômeno que ocorre sistematicamente e, no qual a L1 do indivíduo emerge inevitavelmente, seja de forma clara ou atenuada, na interação do falante, o que evidencia que é quase impossível ignorar a presença de vestígios da L1 na produção em L2 desse aprendiz.

Assim, pode-se afirmar que esta é uma tendência inerente ao falante e exibe graus de dificuldade para o mesmo – mais fácil ou mais difícil, dependendo da semelhança ou não que a estrutura de ambos os sistemas linguísticos possam apresentar.

Ecoando Selinker (*op. cit.*, p. 18-19) a este respeito, pode-se afirmar que:

O aprendiz [...] tende a transferir hábitos da estrutura de sua língua nativa para a língua alvo, a qual é a fonte principal de facilidade ou dificuldade no aprendizado de uma língua estrangeira. [...] As estruturas que são ‘similares’ serão fáceis de aprender porque são transferidas e *podem* funcionar satisfatoriamente na língua estrangeira. [...] As estruturas que são ‘diferentes’ serão difíceis porque quando transferidas não funcionarão satisfatoriamente na língua estrangeira e, portanto, terão que ser mudadas. (grifos do autor)

Corroborando essa perspectiva apresentada por Selinker (*op. cit.*), Yule (2006, p. 167) argumenta, também, que o fenômeno da transferência se dá através do uso de sons, expressões ou estruturas da L1, as quais podem ser *positiva*, quando a L1 e a L2 têm características semelhantes, ou *negativa*, quando ambas têm características diferentes, dificultando, portanto, o entendimento do que está sendo dito.

É justamente esta transferência o fator responsável pela produção da interlíngua, sendo responsável, portanto, por alguns “erros”¹³ que os aprendizes cometem ao tentar se comunicar na L2. Além disso, a transferência representa, também, uma espécie de estratégia

¹³ Estamos utilizando a terminologia “erro”, porque nos trabalhos pesquisados este foi o termo mais aplicado. Não queremos dar nenhuma conotação negativa ao mesmo, já que neste trabalho “erro” será tratado como sinônimo de desvio.

desenvolvida pelo próprio aprendiz para sanar dificuldades ligadas a deficiências linguísticas encontradas na L2, relacionadas, sobretudo, a estruturas não reconhecidas na L1.

Ré (2006, p. 87) enfatiza, a esse respeito, que a importância da L1 e sua influência sob forma de transferência foi considerada, por muito tempo, como a última explicação das dificuldades encontradas pelo aprendiz. Nessa perspectiva, a língua de origem do falante era apenas um dos fatores explicativos de certos tipos de erros produzidos pelo aprendiz.

A referida autora argumenta, ainda, a respeito da característica sistemática desses erros, os quais têm uma espécie de estrutura própria, não tendo, portanto, relação nem com a L1 nem com a L2 do indivíduo.

Assim, da mesma forma que a transferência constitui um fenômeno normal e natural no âmbito da aprendizagem de línguas, o mesmo ocorre com o fenômeno do “erro”, que por vezes acaba sofrendo estigma, sendo, portanto, considerado como negativo. No entanto, tem-se chegado a um consenso, no qual o “erro” é significativamente positivo, não devendo o falante-aprendiz sofrer penalizações ou punições. A falha ou erro caracteriza-se como uma espécie de vestígio de um processo cognitivo que nos orienta em direção às hipóteses do aprendizado, e, portanto, para seu trabalho ativo de apropriação.

É importante ressaltar que, nem sempre, é estabelecida a diferença entre erro e falha. No entanto, para aqueles como Ellis (1997, p. 17), *erro* reflete lacunas no conhecimento de um aprendiz, ocorrendo porque o aprendiz não sabe o que é correto. Por outro lado, a *falha* reflete lapsos ocasionais no desempenho deste aprendiz, ocorrendo porque, em uma instância particular, o mesmo não se encontra apto a realizar o que sabe. Já Corder (*apud* COOK, 1993, p. 21) vai mais além, associando *erro* e *falha* à dicotomia gerativista *competência* e *desempenho*. De acordo com referido autor, as falhas referem-se a desvios de desempenho, enquanto que os erros em si referem-se a desvios sistemáticos na produção do aprendiz, que são, portanto, erros de competência¹⁴.

Ellis (1997, p. 19) também atesta que os erros não são apenas sistemáticos, sendo, muitos deles, porém não todos, universais em alguns aspectos.

É inegável que as produções dos aprendizes, as quais apresentam indícios de transferência da L1 na L2, seguem uma sistematicidade, não podendo, portanto, ser considerada totalmente “erro”. Em outras palavras, as produções do aprendiz não devem ser consideradas como uma sequência de formas enganadas e incoerentes, mas como uma

¹⁴ No decorrer do presente trabalho, não adotaremos tal distinção, usando ambos os termos como sinônimos.

produção que apresenta uma sistemática subjacente, mesmo quando não apresenta erros (RÉ, 2006, p. 87, 88).

Alguns “erros” podem representar, de modo geral, o “fracasso” do aprendiz na aprendizagem de uma segunda língua, pela forma diferente com que se apresentam em relação à produção nativa.

Corder (*apud* SELINKER, 1992, p. 166) coloca essa questão quando afirma que estes itens e características que são emprestados de outro sistema linguístico, por não serem, geralmente, semelhantes à língua alvo, acabam por ser incorporados erroneamente ao sistema de interlíngua, emergindo o erro, o qual pode, às vezes, ser bastante persistente¹⁵.

Todavia, deve-se considerar que esse teor negativo escamoteado nesses deslizes cometidos pelos aprendizes, apresenta fatores positivos, entre eles a capacidade do indivíduo de ativar conhecimentos prévios que os fazem associar os elementos de ambos os sistemas linguísticos em jogo, tanto o da L1 quanto da L2 (RÉ, 2006, p. 131). Corroborando essa perspectiva, Littlewood (1984, p. 22) advoga que “os erros dos aprendizes não precisam ser vistos como sinais de falha. Pelo contrário, eles são a evidência mais clara para o desenvolvimento dos sistemas do aprendiz e podem nos oferecer percepções de como eles processam dados da língua”.

Ellis (1986, p. 9) segue neste raciocínio, afirmando que:

[...] erros são uma fonte importante de informação sobre SLA, porque demonstram, decisivamente, que os aprendizes não memorizam simplesmente as regras da língua alvo e então as reproduz em suas próprias sentenças. Eles indicam que os aprendizes constroem suas próprias regras nas bases de dados de produção, e que em algumas instâncias, pelo menos, estas regras diferem daquelas da língua alvo.

Estes “erros” acabam por dar origem a um “fenômeno” conhecido no campo da aquisição, como *interlíngua*, a qual se caracteriza como uma espécie de língua intermediária usada pelo indivíduo para estabelecer a comunicação em uma língua diferente da sua língua materna.

Este termo foi introduzido por Selinker (1972) para “referir-se ao conhecimento sistemático da língua, o qual é independente de ambos os sistemas de L1 e L2 que o falante está tentando aprender” (ELLIS, 1986, p. 42). Portanto, interlíngua representa uma produção que não se assemelhará com nenhum dos sistemas supracitados, desenvolvendo-se como uma espécie de fala criativa.

¹⁵ Geralmente, os “erros” que persistem nas produções de L2 do aprendiz são tratados como uma construção internalizada pelo próprio falante devido à semelhança com sua L1. Nesses casos, costuma-se denominar tais construções como *fossilização*. Para mais explicações a respeito, cf. Ellis, 1986.

Esta produção criativa compõe um processo que pode ser descrito como uma espécie de terceiro sistema linguístico, criado estrategicamente pelo próprio aprendiz, a fim de fazer com que os dados da L2 façam sentido para ele.

Devemos ressaltar que, neste contexto, o fenômeno da epêntese vocálica medial tem sido considerado uma das estratégias de reparo mais empregada para adaptar as formas da L2 a um padrão silábico mais próximo daquele da L1, em um primeiro momento. Todavia, em um segundo momento, a depender do nível de proficiência desse falante, a internalização da estrutura da L2 irá influenciar na produção da estrutura estabilizada da L1.

Como mostra Tarone (2007), esse fenômeno funciona, na realidade, como um sistema linguístico evidenciado quando um aprendiz de L2, sobretudo adulto, procura expressar sentido nessa língua que está sendo aprendida.

Na grande maioria das vezes, os aprendizes não têm consciência de que todo esse processo ocorre durante o aprendizado de um novo sistema linguístico.

3.2.1 Efeitos da aquisição de L2 na produção de L1

É necessário enfatizar que esse processo não ocorre em uma única direção, isto é, não é unidirecional, como tradicionalmente as discussões teóricas vinham registrando. Estudos recentes (SOUZA & OLIVEIRA, 2011; MELLO & RASO, 2011; WANG, 2014; PEREYRON, 2017) dão conta de apontar que este processo ocorre em direção bidirecional, de forma que, em um primeiro momento, a L1 influencia no processo de maturação da L2 e, em um segundo momento, a L2 já estruturada na mente do falante influencia na produção da L1.

Há, na literatura de aquisição da linguagem, excessivos estudos que compreendem os efeitos da L1 na aquisição de L2. Porém, apesar dos crescentes trabalhos na área, ainda existe uma enorme lacuna no sentido de pesquisas que versam sobre os efeitos da L2 no processamento da L1.

Diante desta abordagem de pesquisa, Martins (2016, p. 66) advoga que “ao longo do processo de aprendizagem da segunda língua, o indivíduo vai reestruturando os conceitos da língua materna e estabelecendo relações diretas entre os sons e os significados da segunda língua” de forma a estabelecer um grau de automatismo na língua estrangeira.

Nesse sentido, de acordo com autora, a forte associação entre a língua materna e a segunda língua, estabelecida a priori, vai sendo desfeita e algumas transferências provenientes

deste processo podem ser mantidas, justificadas pelo próprio caráter interativo do sistema cognitivo do indivíduo.

A esse fenômeno, típico da competência bilíngue, estudiosos atribuem alguns termos tais como, erosão linguística, multicompetência, transferência contrária, influência/interferência entre línguas e inversão dominante¹⁶.

Inicialmente, faz-se oportuno esclarecer que, segundo Cook (2003, p. 2), essa concepção de multicompetência “se refere ao conhecimento de duas ou mais línguas em uma mente”. Esse conhecimento, portanto, busca verificar como ambas as línguas, que nem são completamente independentes e nem integradas, se comportam e interagem na mente de um único falante, em um contínuo de integração. Para a referida autora, esse processo de integração passa por estágios de desenvolvimento, abarcando desde o período aditivo ao período sinérgico.

Frente a esta constatação, Kecskes (2008, p. 32) reitera que, durante o *período aditivo*, há uma maior interação entre L1 → L2, caracterizado como o primeiro estágio da aquisição e dificilmente viabilizando demonstração dos efeitos da L2 → L1. Já o segundo estágio, denominado *período sinérgico*, é caracterizado pelo conhecimento da L2 que é combinado ao conhecimento já existente e estruturado da L1.

Vale salientar que essa noção advinda do impacto da L2 na produção da L1 é um termo abrangente que também compreende os processos de transferência, interferência, empréstimo linguístico, interlíngua e qualquer outro aspecto que envolva a reestruturação da L1, a partir da interferência da L2.

Em meio a esta perspectiva, Wang (2014, p. 725) endossa que “a transferência linguística atua como uma parte indispensável no estudo da aquisição de segunda língua”, sendo um mecanismo bidirecional, em que “a primeira língua pode ter efeito na segunda língua e a segunda língua pode também exercer influência na primeira língua”.

Esse fenômeno é representado, sobretudo, pela flexibilidade da L1 que, apesar de ser dominante, pode ser reestruturada fonologicamente, em termos de ser enquadrada nos padrões da L2. Esse processo de reestruturação da língua materna se dá a partir da consciência fonológica que o indivíduo bilíngue desenvolve acerca dos padrões estruturais desta L2 que, gradativamente, passam a emergir na produção de L1.

¹⁶ Neste estudo, adotaremos todos esses termos como sinônimos do termo “efeitos da L2 na produção de L1” que será o nosso termo abrangente para nos referir aos demais supracitados utilizados na vasta literatura aquisicionista.

A partir desta conjuntura, não consideramos a língua materna tão rígida que não possa ser reconfigurada em determinados moldes oriundos da L2, mesmo em se tratando de uma situação de aquisição tardia. A dinâmica da L1, nesse contexto, demonstra ser mais flexível, além de compor um sistema complexo que se correlaciona de modo independente com a L2 e justifica o processo de interferência de um sistema no outro.

De acordo com Cook (2002, p. 212), falantes bilíngues desenvolvem uma consciência metalinguística maior que os falantes monolíngues, e essa consciência confere ao indivíduo uma capacidade mais rebuscada de operar ambos os sistemas linguísticos – L1 e L2, de forma que um sistema poderá sofrer influência do outro. Para a referida autora, os efeitos dessa consciência são considerados implícitos no processo de aquisição, sendo observados sutilmente através da interferência e, por conseguinte, dos efeitos não só da L1 em direção à L2, mas da L2 na produção de L1.

A este respeito, Flege (1995, p. 241) assevera que o termo “interferência” era, a princípio, atribuído à influência da L1 na produção de L2, isto é, em um sentido unidirecional. Todavia, pesquisas nesta direção (COOK, 2003; PAVLENKO, 2000) têm ido de encontro à noção tradicional e unidirecional que preserva o processo de interferência unicamente em um único sentido durante a aquisição ($L1 \rightarrow L2$) e atestado que o processo de interferência dos aspectos fonéticos é bidirecional ($L1 \leftrightarrow L2$).

Cabe-nos salientar que o processo de interferência é também conhecido como influência involuntária de uma língua em outra, em um contexto de competência e desempenho bilíngue (PAVLENKO, 2000), sendo, neste contexto, um dos aspectos mais comuns debatidos em estudos de bilinguismo e aquisição de segunda língua, em específico, em termos de produção e percepção.

De acordo com Matzenauer & Azevedo (2016, p. 33), em um processo de aquisição de L2, “a percepção precede a produção linguística, condicionando-a”, de modo que as propriedades fonéticas e fonológicas do sistema linguístico vão revelar certa interação dinâmica no uso.

Em meio a este processo, a partir desta interferência, se faz necessário investigar quais as formas da interlíngua que se caracterizam como mais próximas do sistema da L1, bem como dos padrões que mais se aproximam da produção da L2, além de verificar em quais instâncias um código poderá sofrer interferência do outro.

Nesse sentido, permeado pelo conceito de interferência, observamos que a L1 do falante bilíngue incorpora características da L2 que, apesar do atrito, não substituem completamente a estrutura/conhecimento da L1, mas agrega elementos fonético-fonológicos à

esta competência já existente. Por este motivo, afirmamos que a aprendizagem de outro sistema linguístico é capaz de mudar a forma que o indivíduo bilíngue pensa ao lidar com este processo, pois o processamento que ocorre na mente bilíngue é configurado através da representação da língua em fase de maturação que é ativada e inter-relacionada com a língua até então dominante.

Diante desta abordagem, destacamos que a construção do sistema linguístico é considerada um processo dinâmico que representa uma combinação de mudanças conceituais, influência bidirecional entre línguas e movimentos não só de aproximação, mas também de afastamento entre sistemas vizinhos (KECSKES, 2008, p. 31).

Cada vez mais, esta perspectiva de análise tem concatenado os preceitos da área da aquisição de L2 aos fundamentos da Sociolinguística somados aos da Fonética Acústica. Em uma perspectiva sociolinguística, podemos dizer que, como resultado dessa coarticulação teórica, foi possível analisar a variação fonético-fonológica de determinados fenômenos na interlíngua do aprendiz, a partir de motivações de ordem social, linguística e extralinguística. Interlíngua essa que se caracteriza como um “conhecimento imperfeito” de um sistema linguístico em desenvolvimento.

Neste panorama teórico, Pavlenko (2000, p. 196 – 197) reitera a influência da L2 na produção da L1 em um contexto de bilinguismo tardio, porém, salienta que a influência da L2 opera mediante restrições específicas, entre as quais operam fatores pessoais, fatores sociolinguísticos e fatores linguísticos e psicolinguísticos.

De acordo com a autora, os fatores pessoais são relacionados ao próprio indivíduo aprendiz e aponta fatores, tais como idade do aprendiz, início da aquisição de L2, atitude linguística (identificação cultural com a L2), proficiência na língua e diferenças individuais (habilidade de reproduzir/imitar a estrutura da língua alvo ou maior sensibilidade ao *input*), como os fatores que motivam essa influência. Os fatores de ordem sociolinguística, por sua vez, também são determinados pelo contexto de aprendizagem da L2 (intensa interação com a L2), o tempo de exposição à essa língua, bem como o prestígio dessa L2 (status da L2). Por fim, os fatores linguísticos e psicolinguísticos são caracterizados pelo nível da língua (área de maior notoriedade da influência, como a fonologia, por exemplo), semelhanças tipológicas (proximidade estrutural entre ambos os sistemas – L1 e L2) e fatores de desenvolvimento (interlíngua, atrito, reestruturação fonético-acústica).

Pesquisas mais recentes apontam enfaticamente, dentre outros aspectos, o tempo de exposição à L2 e o nível de proficiência dos falantes como os fatores que exercem uma influência mais forte nesta transferência bidirecional, mostrando que o efeito da

reestruturação da L1 é ocasionado pela internalização de L2 em um contexto natural de aquisição.

Pereyron (2017, p. 47), por exemplo, em sua pesquisa, mostrou que a proficiência linguística “exerce grandes efeitos na probabilidade de transferência linguística”. A autora reforça ainda que há um forte consenso geral de que a transferência linguística ocorre mais repetidamente com níveis baixos de proficiência, além de ser influenciada por fatores como estratégias de aprendizagem e consciência metalinguística de que dispõem os multilíngues.

Deste modo, entende-se que os indivíduos bilíngues que operam com outros (s) sistema (s) linguístico (s), além de sua língua materna, lidam conjuntamente com a língua ativa ou dominante e a língua latente, a qual pode ser evocada dependendo do contexto de interação e o nível de proficiência do falante. Assim, a ativação de um sistema linguístico sobre o outro, pressupõe o tempo de contato do falante com a língua, por conseguinte, o nível de proficiência desse falante e a internalização de componentes fonético-fonológicos da L2 que irão gerar certo atrito com a L1.

Essa constatação tem sido observada ao longo da realização de algumas pesquisas (SOUZA & OLIVEIRA, 2011; WANG, 2014; KUPSKE, 2016; PEREYRON, 2017), as quais têm evidenciado que determinadas estruturas linguísticas apenas serão adquiridas a depender do nível de proficiência do falante. Logo, o processo de transferência entre diferentes sistemas linguísticos, sobretudo da L2 no processamento da L1, também estará associado ao nível de proficiência. De acordo com estes estudos, mesmo a L2 do falante bilíngue não sendo tão dominante, ainda ocorrerá um processamento de reconstrução das representações da L1, completamente diferente do que poderia ocorrer na mente de um falante monolíngue que lida apenas com uma estrutura linguística.

Essa interação mesclada e bidirecional pode ser verificada a partir do quanto o falante preserva as características fonético-fonológicas, ou não, da sua língua materna, apesar de ter internalizado estruturas e estratégias de manipulação da L2 adquirida tardiamente. A título de análise deste estudo, reiteramos a necessidade de verificar se os sujeitos bilíngues que participaram da nossa pesquisa irão perpetuar a tendência natural do PB de destituir os *clusters* complexos, através da inserção da vogal epentética, ou se essa tendência será minimizada, por influência do inglês como L2 que preserva as sílabas travadas em coda.

Esse processo reflete toda a dinâmica complexa que conduz a aquisição da linguagem e é permeada pelo fenômeno da transferência/interferência linguística que motiva a variação na interlíngua do falante bilíngue (PEREYRON, 2017). Essa dinâmica tende a seguir um

curso não linear e que permite, a partir da flexibilidade dos sistemas, a adaptação e reorganização dos padrões estruturais de ambos os sistemas.

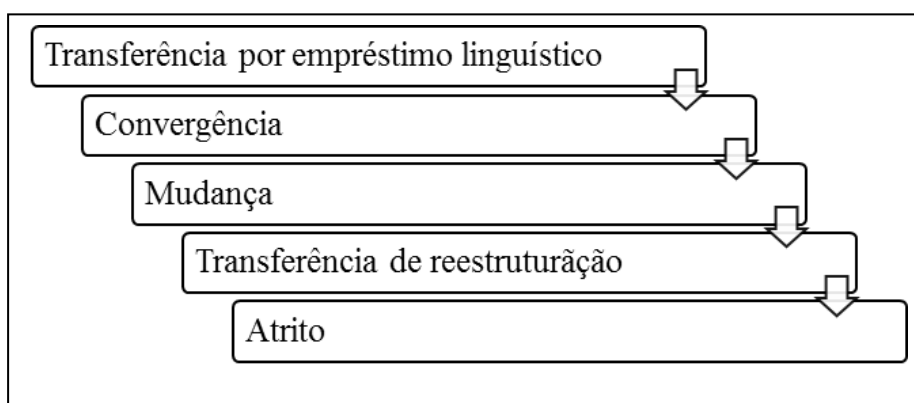
Essa reestruturação parece ser mais delicada quando parte da L2 em direção à L1, pelo fato de reconfigurar componentes já estabilizados da estrutura dominante, isto é, da língua materna, de acordo com os moldes de outra estrutura, que não é a primeira, mas já apresenta padrões bem delineados na mente do falante bilíngue.

Neste sentido, de acordo com Souza & Oliveira (2011, p. 124), o que parece ocorrer é que a competência bilíngue apresenta representações específicas da L2 que reconfiguram a matriz cognitiva da L1 em um processamento subconsciente.

De um modo geral, a dinamicidade da língua presume, portanto, o comportamento moldável e contínuo apresentado pelos sistemas linguísticos, que implica na integração dos mais variados elementos, em função da variabilidade inerente ao próprio sistema. Essa variabilidade, em um contexto de bilinguismo, é representada pelo contato entre dois sistemas linguísticos que não se dominam completamente, ao passo que compartilham elementos mutuamente entre si.

Frente a estas constatações, Pavlenko (2000, p. 179) categoriza as instâncias de transferência que reúnem os seguintes fenômenos:

Quadro 2 – Categorização das instâncias do processo de transferência



Adaptado com base nas leituras de Pavlenko (2000)

Conforme reporta a referida autora, na *transferência por empréstimo linguístico*, ocorre a adição de elementos da L2 à L1. Na *convergência*, por sua vez, ocorre a criação de um sistema unitário, distinto tanto da L1 quanto da L2 – interlíngua. Já na *mudança*, ocorrem mudanças de uma estrutura em direção à outra – $L1 \rightarrow L2$. Na *transferência de reestruturação*, ocorre a incorporação dos elementos da L2 na L1, resultando em algumas

mudanças de substituição, de ordem fonológica, lexical, entre outros. E, por fim, no *atrito*, ocorre a inabilidade/variabilidade na produção de determinados elementos da L1 em função da influência da L2.

É consenso que a pesquisa sobre os efeitos da L2 no processamento das estruturas de L1 é um tanto mais produtiva na área da fonologia bilíngue, buscando investigar a reestruturação dos aspectos fonético-acústicos da L1 e L2, a partir da percepção e da produção das estruturas.

Somado a isso, entendemos que compreender os processos fonológicos que emergem desse processamento na produção dos falantes é de suma importância, uma vez que esses processos de influências interlinguísticas apontam motivações por influências fonético-fonológicas. O que parece ocorrer, diante desse panorama aquisicionista, é que a busca dos falantes bilíngues por padrões da língua materna na ativação da segunda língua, se estende a uma reestruturação dos parâmetros da língua dominante.

Para auxiliar no entendimento desse processo, a área da consciência fonológica exerce um papel primordial, no sentido de dar suporte aos estudos de aquisição, a partir da implementação dos conceitos envolvidos no desenvolvimento desta competência, como veremos a seguir.

3.3 Consciência fonológica

O processo de aquisição de um sistema linguístico pressupõe o desenvolvimento de outras competências que se fazem necessárias para a internalização do novo código, relacionadas à capacidade de os indivíduos tomarem a linguagem como objeto de conhecimento, ou seja, às habilidades metalinguísticas.

Um dos aspectos que compõem essa capacidade é a consciência fonológica, que é a consciência dos sons que integram a fala e dos diferentes níveis de segmentação da linguagem oral, como competência necessária, dentre outros, ao processo de aquisição de L2.

Cada vez mais, evidências empíricas têm atestado a importância da consciência fonológica no processo de aquisição, sobretudo de L2. Isso porque tem-se comprovado que adquirir um novo sistema linguístico se torna mais simples quando se demonstra uma certa consciência do processo fonético-fonológico que ocorre, da estrutura do código que se está adquirindo e dos fenômenos que podem estar envolvidos neste processo.

A este respeito, Mello & Raso (2011, p. 464) advoga que os melhores resultados de aquisição de segunda língua são obtidos mediante um ambiente que ofereça não somente

insumos para a inserção sociolinguística do aprendiz, mas além disso, a instrução formal, que estimula o desenvolvimento da consciência linguística do aprendiz.

A instrução formal se faz necessária nesse processo, pelo fato de a consciência dos sons da fala não ser adquirida espontaneamente como parte natural do desenvolvimento cognitivo, mas depender de treinamento específico, através do processo de aprendizagem formal do sistema linguístico. Portanto, entendemos que, quanto mais explícitas, mais disponíveis as representações linguísticas se encontrarão para o processo de consciência e mais suscetíveis à manipulação.

Nesse âmbito, podemos verificar que a relação entre a consciência fonológica e o processo de aquisição de línguas desempenha um papel primordial para a aprendizagem em um contexto bilíngue, por auxiliar os falantes bilíngues a refletirem sobre os sistemas linguísticos com os quais lidam constantemente.

No que diz respeito a este processo reflexivo, Cook (2003, p. 117) enfatiza que o aumento da consciência pode auxiliar no entendimento crítico do quanto a “contaminação” de um sistema no outro está avançando. Embora, em um primeiro momento, haja a interferência em um nível subconsciente, porque o falante encontra-se inconsciente do processo, a manipulação do código passa a avançar e operar próximo à superfície da consciência, podendo atuar diretamente na produção do falante e adentrando em um estágio de reflexão metalinguística. Cumpre-nos salientar que, nessa perspectiva, tanto a reflexão quanto a manipulação se configuram como instâncias coarticuladas que refletem a definição multidimensional de consciência fonológica.

O caráter multidimensional da consciência fonológica, portanto, ampara os estudos aquisicionistas com viés sociolinguístico e fonético, em virtude da natureza heterogênea das competências envolvidas na conceitualização da consciência fonológica em direção à aquisição. Nesse sentido, entendemos que há um leque de competências que emergem dessa relação ao longo do processo de aquisição de línguas, cooperando com o desenvolvimento de habilidades por parte do sujeito aprendiz, em diferentes níveis.

O desenvolvimento de diferentes habilidades de consciência fonológica pode variar, segundo os aspectos fonológicos que mudam de língua para língua, os quais compreendem desde a reflexão sobre sílabas, rimas até fonemas. Por esse motivo, de acordo com Salles (2011, p. 145), para serem desenvolvidas as habilidades referentes à consciência fonológica, são necessárias tarefas de rima, comparação de consoantes iniciais, contagem do número de fonemas em palavras faladas, adição, subtração e inversão de sílabas ou fonemas, com o intuito de reforçar o reconhecimento e a manipulação dos elementos da língua.

Todavia, apesar de ser uma habilidade complexa, a consciência fonológica requer compreensão das habilidades de manipulação do código linguístico, de forma a contemplar a multiplicidade de fatores relacionados à sua organização, bem como de sua aplicação ao processo de ensino-aprendizagem de línguas. Entre tais fatores, apontamos o processamento fonológico representado por operações mentais que se utilizam da estrutura fonológica ou sonora da linguagem e engloba as habilidades da consciência fonológica para dar suporte à manipulação da língua.

Alves (2012, p. 32) compartilha deste ponto de vista e afirma que a concepção de ‘consciência fonológica’ é muito ampla e não corresponde a uma única habilidade ou capacidade de manipulação, enfatizando não somente diferentes habilidades, mas diferentes níveis linguísticos. Ainda de acordo com o autor, estes níveis são definidos a partir da unidade linguística a ser manipulada, de forma que essa manipulação exige o desenvolvimento de certa habilidade para operar tais habilidades.

Essas habilidades são altamente correlacionadas umas às outras e podem ser desenvolvidas a partir de uma variedade de tarefas, conforme apontamos acima, as quais diferem, sobretudo, em termos de complexidade linguística e nível do informante.

Contudo, pode-se afirmar que ainda é escasso o interesse por trabalhos que se debrucem sobre a consciência fonológica relacionados ao processo de aquisição, sobretudo de L2.

Nessa perspectiva, os estudos existentes neste sentido revelam que a consciência fonético-fonológica e o processo de aquisição de L2 devem ser considerados como dois processos indissociáveis e que, unidos, atuam em favor do aprendiz que esteja adquirindo uma nova língua (ALVES, 2012).

Porém, para que esse processo ocorra satisfatoriamente, é necessário levar o falante-aprendiz a uma reflexão sobre o sistema alvo, sobretudo do sistema sonoro que o compõe, reflexão esta que é denominada *consciência fonológica*.

De acordo com Alves (2012, p. 31), “o termo consciência fonológica remete a uma capacidade de reflexão, caracterizando uma habilidade de análise e julgamento consciente do estímulo auditivo”.

O desenvolvimento desta capacidade em L2 confere ao aprendiz a habilidade em lidar com elementos do novo sistema que está aprendendo, diminuindo consideravelmente a ocorrência de erros/desvios que, por ventura, prejudiquem o desempenho do aprendiz em L2. Além disso, esta capacidade permite que o aprendiz realize produções o mais próximo possível do nativo.

Em um contexto pedagógico e bilíngue da consciência, Wang (2014, p. 729) adverte que os professores devem levar os alunos a se familiarizarem tanto com as semelhanças quanto com as diferenças entre a língua materna e a língua alvo, no intento de ajudá-los a desenvolverem a multicompetência linguística, sendo capazes de alternar entre os dois sistemas linguísticos flexivelmente. Na consciência fonológica, em específico, essa multicompetência diz respeito à maturação dos aspectos sonoros de ambos os sistemas linguísticos.

A consciência do componente sonoro da língua é uma habilidade disponível tanto para falantes monolíngues quanto para falantes bilíngues. Contudo, falantes bilíngues que são expostos à mais de uma língua, podem ter uma sensibilidade mais elevada às nuances fonológicas da L1 e da L2, resultando, dentre outros aspectos, em um grau maior de consciência fonológica, atribuída, portanto, ao sistema linguístico multirepresentacional acessível em suas mentes.

Nesse sentido, de acordo com as pesquisas realizadas por Cook (2003, p. 154), isso ocorre porque, lidar com uma segunda língua, torna o falante bilíngue capaz de processar e analisar elementos de ambos os sistemas linguísticos, de forma mais acurada, sobretudo, no que diz respeito ao componente sonoro. Assim, a capacidade de manipular e refletir sobre os segmentos fonológicos das línguas pressupõe a emergência/desenvolvimento de letramento¹⁷, não só nas L1 e L2 em questão, mas em diferentes outras línguas, também.

Nesse caso, essa capacidade bilíngue pode ser considerada como um efeito geral da aquisição de L2, tornando o falante mais consciente das categorias fonológicas existentes na L1, as quais podem sofrer interferência da língua-alvo. Em outras palavras, essa capacidade é inerente à exposição do falante a outro sistema linguístico e afeta, inevitavelmente, o conhecimento de sua língua materna e sua habilidade de realizar julgamentos sobre os sons dos dois códigos linguísticos, como um todo. Por esse motivo, Cook (2002, p. 154) destaca que as representações mais explícitas na mente do falante estarão mais disponíveis ao processo de consciência e, portanto, mais suscetíveis à reflexão e manipulação.

¹⁷ Vale salientar que, nessa concepção de letramento no âmbito da aquisição, defendemos as práticas de linguagem enquanto atividade sociocognitiva e sociocultural nos domínios discursivos (MARCUSCHI, 2001). Portanto, a partir do conceito multirepresentacional de Cook (*op. cit.*), adotamos um modelo de ensino de língua pautado em uma perspectiva social, ideológica e sociointeracional. Partilhando dessa perspectiva, de acordo com Cloud, Genesee & Hamayan (2009, p. 16 – 17), o desenvolvimento do letramento em L1 e L2 inclui diversas habilidades inter-relacionadas e o uso de diversos tipos de conhecimento ao mesmo tempo, como consciência fonológica, código, escrita, sentido, conhecimento prévio, entre outros. Por esse motivo, os aprendizes de L2 se apoiam nas habilidades e experiências da L1, particularmente nos estágios iniciais do desenvolvimento do letramento da L2 e, posteriormente, passam a refletir sobre sua L1.

Todavia, não se pode perder de vista que os erros são importantes nesta caminhada, visto que são eles os responsáveis por levar o aprendiz a criar estratégias e empregá-las durante o processo de aquisição da L2, buscando maturar e internalizar sistematicamente o novo código.

Além disso, em uma abordagem proposta na Teoria da Análise de Erros, conforme reitera Martins (2016, p. 67), os erros podem ser atribuídos a diferentes causas, não só a transferência da língua materna para a segunda língua. Contudo, podem ser provenientes de generalizações intralinguísticas ou de generalizações de regras já dominadas, ou podem se caracterizarem como inadequações provenientes do desconhecimento de uma determinada regra ou estrutura. Por isso, de acordo com autora, em investigações de natureza sociolinguística, é vital que se leve em consideração, além de fatores linguísticos, fatores extralinguísticos como escolaridade, idade do falante, tempo de exposição à língua, nível de proficiência, entre outros.

Nessa perspectiva, aconselha-se instigar o aprendiz a perceber o que há de semelhante e, principalmente, o que há de diferente nos sistemas sonoros da L1 e da L2, para que assim possa dar conta de estratégias criativas para lidar com as formas que lhes representem problemas. Estes problemas decorrem, sobretudo, da transferência da L1 para a L2 fazendo com que o aprendiz processe oralmente elementos da L2 como pertencentes à L1.

Esta percepção dos elementos sonoros da L1 e da L2, bem como de suas semelhanças e diferenças, constitui um pré-requisito para a produção do falante-aprendiz. Alves (2012, p. 204) advoga que “é preciso um estranhamento por parte do aprendiz frente a tais diferenças. Em outras palavras, as diferenças entre ambos os sistemas sonoros precisam ser notadas pelo aprendiz, para que elas então possam ser manipuladas”.

Nesse sentido, entendemos que a maior ou menor grau de dificuldade por parte do aprendiz no sentido de discriminar os sons da língua alvo também depende da semelhança ou da diferença desse sistema sonoro em relação aos da língua materna.

Assim, os sons mais semelhantes poderão representar um empecilho, visto que o falante poderá manifestar uma tendência de produzir os padrões sonoros de uma língua de acordo com o inventário fonológico da outra. Já no caso dos sons mais distintos, o falante naturalmente tende a aguçar a sua percepção linguística para buscar alternativas de caráter articulatorio que deem suporte para que o falante consiga produzi-lo. Nesse contexto, portanto, podemos verificar a estreita relação entre a percepção e a produção.

Para a manipulação do sistema da língua alvo, partimos do pressuposto de que o aprendiz dispõe de um modelo de construção criativa já existente a partir da sua L1, através

do qual processa mecanismos internos em direção ao aprendizado da L2. Geralmente, esse modelo pré-existente ocasiona alguns problemas, sobretudo de pronúncia, decorrentes do processamento dos sons da L2 como se fossem os mesmos da L1.

Estes mecanismos, por sua vez, permeiam o processo de construção criativo desenvolvido pelo aprendiz que, como bem mostra Littlewood (1984, p. 21), recai sobre a transferência das regras da língua mãe (L1), funcionando como estratégia ativa para construir sentido na comunicação na língua alvo (L2).

Contudo, o processo inverso tem sido cada vez mais atestado em estudos que investigam a língua. Nesta perspectiva, pesquisas atuais sobre a organização de duas línguas em uma mesma mente de bilíngues mostram que ambas as línguas permanecem ativas durante o processamento de qualquer um dos códigos, durante a interação. Isso significa dizer que as habilidades da consciência dos aspectos da língua estão continuamente ativas durante a produção, seja da L1 ou seja da L2, alterando o processamento cognitivo envolvido no processo e podendo ocorrer no sentido de ressignificar o sentido dessa língua mãe, a partir da língua alvo em questão (COOK, 2002, p. 154). A mesma autora ainda acrescenta que a língua e o desenvolvimento cognitivo atuam através dos mesmos mecanismos com considerável influência mútua de uma instância na outra.

Vale salientar que tais mecanismos e estratégias remontam dois termos-chave no campo da consciência / aquisição fonológica de L2: *reflexão* e *manipulação*. Segundo Alves (*op. cit.*, p. 205), “reflexão implica notar o inventário de sons da língua-alvo, e, por conseguinte, as diferenças entre os sistemas de sons da L1 e da L2 [...]. Já o termo manipulação das unidades sonoras da L2 significa *operar* sobre os sons da língua a ser adquirida [...]” (grifo do autor).

Para o referido autor, é nesse momento que o aprendiz cria e estabelece diferenças fonético-fonológicas existentes entre a L1 e a L2, podendo interpretá-las como um fator de dificuldade em apreender o novo código e tomando consciência de que, como consequência disso, sua produção pode afastar-se, em algum momento, da nativa.

Todavia, chegando a esse grau de consciência dos sons da língua, o aprendiz constrói uma ponte, na qual ele parte de um primeiro estágio – produção com resquícios da L1, até um segundo estágio – produção semelhante à nativa, isto é, onde há o acréscimo de novas categorias perceptuais às categorias prototipicamente estabelecidas.

A explicação de Alves (2012, p. 239) para essa tendência do aprendiz é que “[...] à medida que os sons da L1 começam a ser adquiridos tem-se a formação de novas categorias prototípicas. Na aquisição da L2, deve-se considerar que os padrões de sons da língua materna

já se mostram bastante arraigados”. Daí decorre a dificuldade do aprendiz em criar novas categorias prototípicas para os sons da L2 e em separar funcionalmente as categorias de sons das duas línguas, haja vista que a tendência mais forte e fácil, nesse caso, é transferir os padrões da L1 na aquisição de L2.

Em suma, esse é o processo que ocorre ao se obter a consciência dos aspectos fonético-fonológicos de um novo sistema linguístico que se está adquirindo. A importância, portanto, de ter a consciência da existência desses aspectos para o indivíduo que está adquirindo um novo código, caracteriza-se como um artifício primordial no aprendizado de L2, já que esse seria um dos requisitos mínimos para que, de fato, ocorra a aquisição.

Não obstante, para chegar a este estágio, é imprescindível a participação do professor na sistematização desse processo, evidenciando para os aprendizes o papel da consciência fonético-fonológica do sistema da língua alvo como um aspecto inerente à aquisição de um novo código.

A este respeito, como mostra Alves (2012), além da importância da consciência fonológica, a participação do professor em despertar o aprendiz, de modo que ele perceba determinadas particularidades da língua e reconheça os obstáculos existentes neste processo, é fundamental para a aprendizagem de uma L2.

Ellis (*apud* ALVES, 2012, p. 258) corrobora esta perspectiva afirmando que:

[...] a intervenção pedagógica constitui um meio de levar o aluno a notar os detalhes da forma a serem adquiridos, o que possibilita a formação de um conhecimento explícito acerca de tal detalhe. A formação desse conhecimento de caráter explícito pode exercer efeitos benéficos na aquisição [...].

Para tanto, é necessário que o professor tenha recursos diferenciados para a implementação de determinados *inputs* acústicos, para que o aprendiz amadureça o processamento dos sons da L2.¹⁸

Entretanto, é inegável que no contexto atual do ensino de línguas, são muitos os desafios que os professores enfrentam, no sentido de lidar com determinados aspectos, tais como lacuna na atualização da formação dos professores, ausência de suporte pedagógico para que se utilize os recursos disponíveis, entre outros, a favor de uma pedagogia linguística

¹⁸ Geralmente, os *inputs* de que os professores se utilizam são figuras, como uma espécie de recurso visual, com diferentes fonemas para ilustrar a pronúncia. Assim, facilita-se o processo de identificação por parte do educando. No entanto, apenas mencionamos este processo a título de informação e não entraremos em detalhes a esse respeito. Para mais informações, cf. Alves (2012).

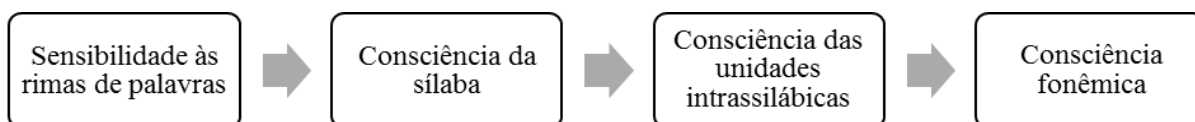
mais acessível e facilitadora para o processo de aquisição de uma L2. No que concerne, especificamente, esse processo de aquisição, o uso de diferentes estratégias de ensino é fundamental para que o aluno aperfeiçoe as habilidades necessárias para o desenvolvimento da consciência fonológica. Nesse sentido, de acordo com Alves (2012, p. 233), “é fundamental que seja garantida a exposição extensiva do aprendiz ao *input* significativo”. E esse processo é melhor mediado pelo professor devidamente habilitado.

De forma geral, a consciência do aspecto fonológico configura-se como um dos fatores primordiais para a aquisição, e que poderá acontecer, em diferentes níveis.

3.3.1 Níveis da consciência fonológica no processo de aquisição de L2

O desenvolvimento da consciência fonológica presume a manipulação do sistema sonoro do código linguístico e dispõe de vários aspectos e habilidades diversas, as quais abarcam diferentes níveis que se desenvolvem em um complexo contínuo e compreende a sensibilidade às rimas, manipulação de sílabas, bem como do fonema.

Alves (2012, p. 33) resume a abrangência dos referidos níveis na representação que segue:



Em um *continuum* de complexidade desses níveis, temos a *consciência no nível da rima*, como o nível menos complexo que envolve o reconhecimento da rima das palavras.

A rima de palavras diz respeito ao reconhecimento de palavras que apresentam sons iguais, desde a vogal tônica ou ditongoônico até o último fonema (LAMPRECHT, 2004 *apud* ALVES, 2012).

Consideramos este nível de consciência mais elementar e menos complexo, pela facilidade com que o indivíduo pode identificá-la na palavra, isto é, pela maior sensibilidade que o indivíduo desenvolve neste tipo de construção.

De acordo com Alves (2012, p. 37 – 38), pode-se considerar a sensibilidade à rima das palavras, como um nível específico da consciência fonológica que antecederia a consciência no nível da sílaba, pelo fato de envolver unidades que podem ser maiores que uma única sílaba, podendo corresponder a mais de uma sílaba.

Apesar de ser considerado o nível mais elementar, o desenvolvimento da consciência fonológica nesse nível da rima é de suma importância para que o falante aprendiz reflita sobre a estrutura da língua como um todo. Desse modo, esse indivíduo se tornará mais sensível às nuances da organização sonora do sistema linguístico, tanto da língua materna quanto da língua alvo, que antes não eram notados.

A *consciência no nível da sílaba*, por sua vez, encontra-se em um nível intermediário de complexidade e diz respeito ao conhecimento e capacidade que o falante desenvolve para segmentar as palavras em sílabas.

Faz-se premente enfatizar que, embora a rima esteja no patamar do nível mais básico de consciência desenvolvida pelo indivíduo, a consciência da estrutura da sílaba constitui uma das primeiras habilidades desenvolvidas pelo falante mesmo antes do processo de alfabetização, exigindo, conseqüentemente, menos esforço. Sendo assim, consideramos que a sílaba esteja em um nível intermediário de complexidade, pelo fato de, nesse nível, o falante lidar com o processo de segmentação da fala no sentido de conseguir manipular as estruturas silábicas da língua.

O desenvolvimento da *consciência fonológica no nível intrassilábico* é segmentado, por sua vez, nos seguintes subníveis, consciência das aliterações (ataque) e consciência da rima (núcleo e coda). E, de um modo geral, podemos até considerar que este nível se encontra também em um nível intermediário de complexidade e se configura, portanto, como uma espécie de complemento do nível anterior.

Na consciência das aliterações, o falante é motivado a refletir sobre as palavras que possuem o mesmo ataque, ou seja, que iniciam com o mesmo som, sendo um recurso indispensável para desenvolver, dentre outros aspectos, a reflexão do aprendiz sobre a correspondência grafo-fonêmica do sistema linguístico da L1 e da L2.

Na consciência da rima, por conseguinte, o falante é levado a refletir sobre as palavras que possuem os mesmos elementos na rima das sílabas (do elemento vocálico que ocupa a posição de núcleo da sílaba e do (s) segmento (s) que trava (m) a sílaba, ocupando a posição de coda).

Faz-se necessário reforçar, em vista disso, que a rima da sílaba se difere da rima da palavra, conforme pontuamos anteriormente. A título de esclarecimento, na rima da sílaba, o falante lida com segmentos em uma mesma sílaba. Já na rima da palavra, o falante lida com segmentos que podem compor mais de uma sílaba, indo do elemento vocálico tônico até o último fonema.

É notória a observação de que, toda essa noção apresentada no desenvolvimento da consciência intrassilábica, é advinda dos constituintes da sílaba – ataque e rima, que são unidades menores que uma sílaba e maiores que um único segmento, podendo ser manipuladas pelo falante (cf. Quadro 1, p. 29). Percebemos, portanto, que o desenvolvimento dessa consciência, se encaixa nos parâmetros da Teoria não-linear da sílaba, proposta por Selkirk (1982)¹⁹, sendo essencial para o conhecimento da estrutura linguística, bem como para o desenvolvimento da consciência fonológica no nível a seguir.

Por fim, *a consciência no nível dos fonemas*, ou consciência fonêmica, como o próprio termo sugere, diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de reconhecer e manipular as unidades de som que possuem caráter distintivo na língua (ALVES, 2012).

Essa percepção é desenvolvida quando o falante passa a refletir sobre os conceitos de distintividade na língua, isto é, os sons que são distintivos e implica diferença de significado nos vocábulos, e os sons que são alofones, sendo representações fonéticas que não acarretam diferença de significado e representam uma variação fonológica – conjunto de realizações do mesmo fonema.

Neste contexto, apontamos o nível fonêmico como o que apresenta maior grau de complexidade para ser internalizado pelo falante. Isto porque, o falante que chega a esse nível de consciência, consegue segmentar as palavras pelos sons dos fonemas que a constitui, discriminando-os auditivamente. Cognitivamente falando, esse tipo de habilidade requer maior esforço por parte do falante.

À luz dos pressupostos teóricos apresentados ao longo deste capítulo, propomos, na seção seguinte, a apresentação do percurso metodológico utilizado em nossa pesquisa. Deste modo, nos valem de procedimentos metodológicos de cunho variacionista, para investigar os possíveis efeitos do inglês como segunda língua (L2) nas produções do português (L1) por falantes monolíngues e bilíngues, a partir do fenômeno da epêntese vocálica medial, como veremos a seguir.

¹⁹ Cumpre-nos lembrar que as teorias da Sílaba, tanto de cunho linear, quanto não linear, como a proposta por Selkirk (1982), encontram-se dispostas no Capítulo 2 deste trabalho.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA

Este capítulo destina-se a explicitar os procedimentos metodológicos adotados para a execução da presente pesquisa, dentre os quais destacamos os instrumentos utilizados para a coleta dos dados que compõem o *corpus* a ser analisado, critérios para seleção dos informantes, caracterização das variáveis dependentes e independentes, bem como os instrumentos de análise dos dados.

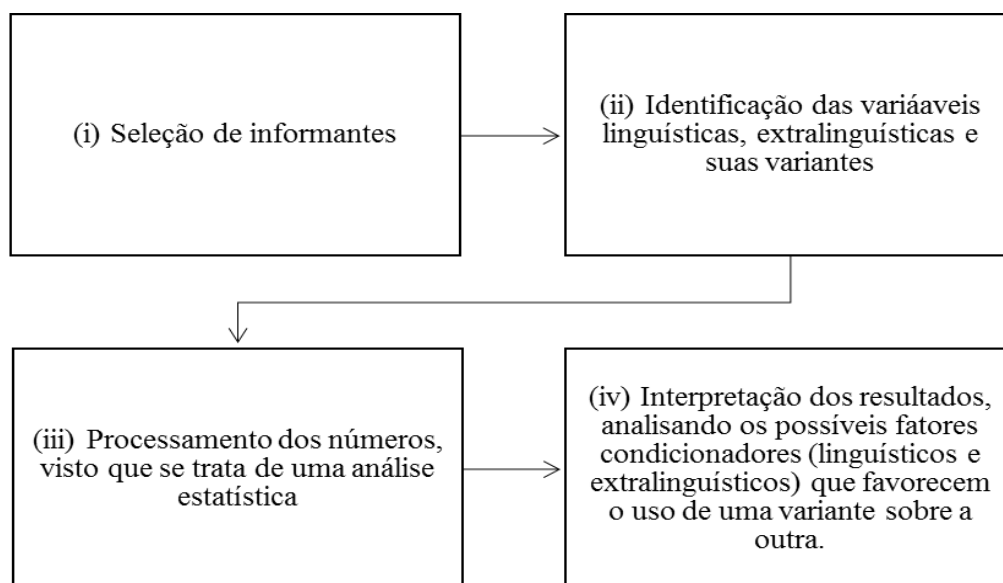
O método empregado para a coleta de dados deste estudo que analisa a frequência da variação do fenômeno da epêntese vocálica medial em posição de coda, nas produções de falantes bilíngues em comparação aos monolíngues, segue os preceitos pautados na Teoria da Variação Sociolinguística (LABOV, 1975; LABOV *et al.*, 2006 [1968] e 2008 [1972]). De acordo com esta teoria, através dos eventos de fala, é possível verificar quantitativamente a relação dos aspectos sociais e linguísticos com as produções dos falantes, de forma a analisar o comportamento de um dado fenômeno fonológico.

É imprescindível ressaltar que, para coletarmos um volume de dados suficiente para efeito de análise do fenômeno em questão, foi necessário empreender contextos de fala monitorados, uma vez que produções livres poderiam não fornecer dados satisfatórios para controlarmos e obtermos as variantes necessárias para confirmarmos ou refutarmos nossas hipóteses. A este respeito, Bortoni-Ricardo (2014, p. 68) reitera que na análise sociolinguística variacionista, a ocorrência de cada uma das variantes deve ser levantada adequadamente e correlacionada com os fatores que favorecem ou inibem essa ocorrência, já que a análise adequada das variáveis é considerada o passo mais importante da investigação sociolinguística.

A partir desta proposta variacionista, tencionamos analisar quais as variáveis e os fatores linguísticos e extralinguísticos que se manifestam como condicionantes para a ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica medial, sobretudo que se mostram mais influentes não somente no processo de aquisição fonológica da L2, mas também na produção da L1, a partir da influência da L2.

Neste sentido, é importante salientar que a metodologia desempenha um papel basilar em pesquisas de natureza sociolinguística, as quais são compostas, dentre outros, dos seguintes estágios:

Quadro 3 – Estágios das pesquisas sociolinguísticas



Assim sendo, detalharemos as atividades realizadas em cada um desses estágios, nos tópicos que traremos à discussão a seguir.

4.1 Constituição da amostra

Com base nos princípios da Sociolinguística Variacionista e da Fonética Acústica, procedemos a coleta de dados que constituiu nosso *corpus* para analisar o comportamento da epêntese vocálica medial por falantes bilíngues e monolíngues, no Brejo Paraibano.

Para tanto, o presente estudo contou com a participação de um grupo de 18 informantes brasileiros bilíngues e um grupo controle subdividido em dois grupos de 18 informantes brasileiros monolíngues e 3 informantes americanos monolíngues (cf. Quadro 4).

O primeiro grupo de informantes bilíngues foi constituído por sujeitos brasileiros/paraibanos que eram alunos de instituições públicas de ensino superior – UEPB/UFPB, que já concluíram ou estão cursando Licenciatura Plena em Letras – Habilitação língua inglesa e portuguesa / Habilitação língua inglesa²⁰. Todavia, todos os informantes desse primeiro grupo foram categorizados como falantes brasileiros de inglês

²⁰ É válido ressaltar que toda a nossa amostra foi composta por informantes com o nível superior completo ou em curso, já que não era nossa intenção controlar a variável influência do grau de instrução em nossos dados. Todavia, durante a análise e discussão dos dados, nos valeremos desse status dos nossos informantes para explicar determinados resultados obtidos.

Nessa amostra, podemos perceber que basicamente segue-se a técnica da seleção aleatória estratificada²¹. No caso do grupo experimental, a seleção dos informantes se deu com base no sexo dos falantes (feminino e masculino) e no nível de proficiência na L2 dos mesmos (básico, intermediário e avançado), o que deu origem às células sociais. Já no caso do grupo controle, como trabalhamos com monolíngues, estratificamos a partir do sexo, somente. Todavia, como os dados das informantes americanas, que também compõem o grupo controle, foram coletados com o intuito de comprovar inaplicabilidade do fenômeno em codas mediais, já que a língua inglesa admite naturalmente as obstruintes em posição de coda, não sentimos a necessidade de estratificar a variável sexo. Por isso, coletamos apenas dados de 03 informantes do sexo feminino.

A partir de então, discutiremos como procedemos à constituição do *corpus* para viabilizar a análise do fenômeno.

4.2 Delimitação do *corpus*

Após fazermos um mapeamento do perfil dos informantes que seria necessário recrutar para participar da nossa pesquisa, traçamos um panorama do caminho a ser percorrido para proceder à coleta dos dados, com os dois grupos de informantes participantes.

Como passo inicial, mantivemos um primeiro contato informal com os informantes de cada grupo através de um breve diálogo, com o intuito de esclarecermos algumas questões bem preliminares acerca de nossa pesquisa e lançarmos o convite para participação da mesma. À medida que os informantes confirmavam suas participações, apresentávamos um formulário de consentimento, através do qual os informantes tomavam conhecimento de outras informações básicas referentes à pesquisa.

Dessa forma, percebemos que foi possível situá-los em um contexto mais amplo das atividades às quais os mesmos estavam se propondo a participar em caráter voluntário – instituição de vínculo da pesquisadora, linha de pesquisa, as etapas a serem desenvolvidas, entre outros, porém, sempre deixando claro que, mesmo se comprometendo previamente com

²¹ De acordo com Tagliamonte (2006, p. 23), a seleção aleatória estratificada diz respeito à busca pela “representatividade” na coleta de dados, no sentido de ter a possibilidade de fazer inferências sobre a população investigada. Dessa forma, é realizada a estratificação da amostra de acordo com variáveis correlacionadas a aspectos de variação linguística, tais como idade, gênero, local onde nasceu, com o intuito de garantir criteriosamente várias possibilidades da variação linguística na comunidade alvo.

essa participação, a qualquer momento, eles teriam abertura para se desvincular da pesquisa, sem nenhuma espécie de ônus.

Em seguida, cientes do caráter geral da nossa pesquisa, todos os grupos de informantes (grupo experimental e grupo controle) foram convidados a preencher um questionário dividido em duas partes – informações pessoais, para que tivéssemos condições de relacionar algum fator social específico do informante com alguma produção realizada por ele, bem como informações relativas ao seu nível de proficiência na L2 – tempo de exposição à L2, frequência do contato mantido com a língua e seu domínio em relação à manipulação da mesma, apenas no caso do grupo experimental. O grupo controle, na condição de monolíngue, foi orientado apenas a preencher as informações referentes aos dados pessoais, já que os questionamentos relacionados ao nível de proficiência não eram pertinentes ao seu perfil.

A partir de então, todos os grupos de informantes que aceitaram participar da pesquisa são informados de seu teor sigiloso, além das etapas que deverão ser seguidas durante a participação da pesquisa – realização do teste de nivelamento e gravação de leituras, ocorrendo, portanto, os agendamentos prévios das datas para cada atividade, de acordo com a conveniência de cada sujeito participante, de forma que ocorra em horários compatíveis com as atividades acadêmicas de ambos – participantes e pesquisadora.

Após esse primeiro momento, procedemos, inicialmente, à realização do teste de nivelamento *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004), validado em mais de 30 países e que buscamos utilizar como base para que pudéssemos certificar o nível de proficiência de cada um dos participantes bilíngues.

Este teste é composto basicamente de 100 questões que envolvem a percepção auditiva do informante (*Listening Test*) associadas a mais 100 questões relativas ao conhecimento da estrutura gramatical que o mesmo possui sobre a L2 (*Grammar Test*), compondo um exame avaliativo de 200 questões que, através dos resultados obtidos, nos permitiram selecionar cada informante de acordo com o seu nível de proficiência específico – básico, intermediário ou avançado.

A partir da categorização fornecida pelo referido teste, basicamente, os informantes selecionados com nível básico pontuaram até 104 pontos, os informantes classificados com o nível intermediário pontuaram entre 105 a 149 pontos e os informantes identificados como proficientes pontuaram entre 150 a 200.

De forma geral, o referido teste avalia se os informantes são capazes de compreender a alternativa correta que preenche o espaço em branco, a partir do *input* auditivo e gramatical.

Cada voluntário precisou, em média, de 45 a 60 minutos para completar as duas etapas do exame.

Finalizada esta etapa de realização do teste, procedemos a um segundo agendamento para a etapa seguinte que compreende as gravações das leituras com os participantes, desta vez, com ambos os grupos – experimental (falantes bilíngues) e controle (falantes monolíngues).

Na pesquisa sociolinguística, atividades de leitura são caracterizadas como uma entrevista formal que se configuram, dentre outras técnicas, como uma espécie de estratégia metodológica utilizada pelo pesquisador para aumentar a concentração de ocorrências do fenômeno.

Neste sentido, de acordo com Labov (2008 [1972], p. 102), esta técnica possibilita coletar dados mais estruturados além de ser utilizada para completar a amostra aleatória e tornar comparáveis os dados de muitos falantes. O referido autor ainda acrescenta que “a entrevista formal, em si mesma, define um contexto discursivo em que somente um estilo de fala normalmente ocorre, aquele que podemos chamar de *fala monitorada*”.

Neste estágio da pesquisa, cada informante foi submetido à leitura de um material que contemplava as construções nas quais era possível ocorrer ou não o fenômeno da epêntese vocálica medial. No entanto, foi solicitado ao grupo experimental que realizassem a leitura em L1 e L2, considerando sua condição de falantes bilíngues, e ao grupo controle que realizassem a leitura em suas respectivas línguas maternas, dada sua condição monolíngue.

Para a realização das leituras, foram elaboradas frases com palavras que apresentavam contextos favoráveis para a ocorrência do vogal epentética em posição medial, tanto na L1 (português) quanto na L2 (inglês). Cada palavra foi inserida em frases-veículo, também, em L1 (*A palavra é ...*) e em L2 (*The word is ...*) e apresentadas aos informantes através de *slides* exibidos no aplicativo *PowerPoint*.

Além dessa atividade de leitura das frases-veículo, foram elaborados três pequenos textos em forma de parágrafos tanto na L1 quanto na L2, com o intuito de investigarmos qual contexto se mostra mais produtivo para a recorrência da epêntese medial – eventos de leitura menores, como as frases, ou contextos de leitura mais elaborados, como os parágrafos. Na elaboração desses três textos, buscamos proceder à distribuição de oito palavras em cada um deles, de forma que a quantidade de palavras ficasse equilibrada em todos os três. Nesse

momento, porém, foram desconsideradas as palavras distratoras²², uma vez que não vimos necessidade de incorporá-las aos textos, já que não trariam informações sobre o fenômeno nas produções coletadas.

Os grupos de palavras selecionadas para compor o *corpus* de nossa pesquisa eram constituídas por codas mediais com três grupos de obstruintes representadas pelas labiais /p/ e /b/, as coronais /t/ e /d/ e, por fim, as dorsais /k/ e /g/, em contextos pretônicos e postônicos (Cf. Apêndice 3 – *corpus* de língua portuguesa e *corpus* de língua inglesa).

Para cada segmento obstruinte apresentado acima, foram escolhidas quatro palavras, sendo duas para representar o contexto pretônico e mais duas para representar o contexto postônico em língua portuguesa e, de igual modo, procedemos em língua inglesa.

Seguindo este formato da pesquisa, nosso *corpus* foi composto por um total de 24 palavras contendo ambiente propício para a ocorrência do fenômeno supracitado, somadas a 6 palavras distratoras, incluídas com o propósito de despistar ligeiramente a percepção dos informantes quanto ao objeto de investigação da nossa pesquisa. Assim sendo, em nossos dados, manipulamos 30 vocábulos em língua portuguesa, além de mais 30 vocábulos em língua inglesa, respeitando o mesmo padrão de elaboração para ambas as línguas.

Considerando essa amostragem que constituiu nossa investigação, constatamos a produção de um largo volume de dados que contabilizou a leitura de 180 frases e 6 textos por cada participante do grupo experimental, bem como 90 frases e 3 textos por cada integrante do grupo controle.

A seguir, apresentaremos como procedeu a coleta de dados, bem como os instrumentos utilizados para a análise.

4.3 Procedimentos de coleta, codificação e instrumentos de análise do *corpus*

Em virtude da grande quantidade de material produzido através da leitura realizada pelos informantes, achamos sensato dividir a coleta dos dados em etapas, entre as quais os informantes realizavam pausas de cerca de cinco minutos para descanso, para então retomar as etapas seguintes das gravações.

No que tange ao uso desse tipo de atividade para coleta dados em pesquisas variacionistas, Mendes (2017, p. 104) afirma que a “entrevista sociolinguística²³” firmou-se

²² Vocábulos utilizados na pesquisa com o intuito de despistar a percepção dos informantes quanto ao objeto de estudo (cf. Apêndice 3).

como uma ferramenta poderosa para acessar diferentes estilos na fala dos indivíduos, a partir de tarefas que influenciam sua automonitoração. Assim sendo, o uso de leitura, nesse sentido, configura-se uma atividade na qual há a possibilidade de controlarmos as variáveis pretendidas para fins de análise, à medida que verificamos até que ponto o falante mantém a automonitoração em suas produções, bem como a correlação entre o grau de monitoração e a variante produzida.

Para os informantes bilíngues do grupo controle, dividimos o processo em quatro etapas. Primeiramente, os falantes realizaram a leitura das frases em língua inglesa, seguida de uma pausa de cinco minutos e, em seguida, realizavam a leitura das frases em língua portuguesa, através de arquivos de *PowerPoint*. Este intervalo foi considerado relevante para que os participantes pudessem se recompor para a próxima etapa e para que tivéssemos condições de checar se a gravação tinha sido salva corretamente e preparar o arquivo de áudio para gravar a leitura seguinte. Cada arquivo de *PowerPoint* lido continha 30 *slides* e foi repetido três vezes em ordens alternadas, nas duas línguas, para nos assegurar dados mais concretos de produção dos informantes.

Após as leituras das frases, os informantes fizeram a leitura dos parágrafos, da mesma forma, em português e em inglês. Os parágrafos foram subdivididos em três partes, nas quais distribuimos igualmente as palavras do *corpus*, exceto as distratoras, como mencionamos no tópico anterior. Nesta última etapa da gravação, os falantes eram solicitados a ler os parágrafos em inglês e, após alguns minutos, finalizavam com a leitura dos parágrafos em português. No total, os falantes bilíngues levaram aproximadamente 30 minutos para proceder à gravação das leituras, tanto das frases quanto dos parágrafos.

Para os falantes monolíngues do grupo experimental, procedemos praticamente da mesma forma descrita anteriormente. Todavia, dividimos esse processo em apenas duas etapas, já que não seria realizada a gravação na L2. Então, os falantes foram convidados a ler as três exibições dos *slides* com as frases e passados alguns minutos, os três parágrafos em suas línguas maternas. Nesta etapa, como tínhamos um processo mais curto que o anterior, os falantes monolíngues demoraram cerca de 15 minutos para realizar todo o processo.

²³ Nesta perspectiva, Mendes (2017) ressalta ainda que não se pode deixar de enfatizar que, apesar de toda a estabilidade apresentada pela “entrevista sociolinguística” enquanto subsídio metodológico, há contestações e controvérsias, sobretudo por parte de pesquisadores de tradição etnográfica, no que diz respeito a construção de amostras estratificadas de acordo com categorias sociais. Todavia, optamos por utilizar tal modelo metodológico em nossos estudos.

Todas essas leituras foram coletadas/gravadas com o auxílio do software *Audacity 1.3 Beta* (MAZZONI, 2011) instalado em um *notebook*, e um microfone de mesa (da marca Leadership – modelo 3927), para que pudéssemos manipular o mínimo de equipamentos possível e conduzi-los com facilidade para os locais de gravação.

Como trabalhamos com uma grande demanda de voluntários universitários, a maioria dos encontros para as coletas se deu no âmbito das universidades – UEPB e UFPB, em ambientes que se encontravam disponíveis no momento. Contudo, em algumas raras situações, foi necessário deslocar-se até a casa do informante para executar a coleta.

Nesse sentido, não foi possível realizar as gravações em ambientes acusticamente isolados de ruídos e interferências externas, em virtude da necessidade de realizarmos a gravação nos períodos de intervalo das aulas dos participantes ou, em outras ocasiões, nas casas dos mesmos. A este respeito, autores como Oushiro (2015, p. 275) admitem que apesar de os informantes serem gravados com microfones, a existência de ruídos é inevitável. Porém, durante sua pesquisa, a mesma revela que até preferiu não gravá-los em ambientes acusticamente isolados, com o intuito de que, mesmo estando sendo gravados, a coleta parecesse mais natural para eles.

O passo seguinte, após proceder à coleta, foi a fase da análise empreendida a partir do tratamento dos dados. Para efeito de análise, fez-se necessário, a princípio, ouvir as gravações, para proceder à transcrição de cada ocorrência, de acordo com a codificação atribuída.

Como estamos fazendo um levantamento da produtividade de ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica medial em contextos heterossilábicos, em cada ocorrência, era esperada a inserção vocálica por parte dos falantes que apresentavam contato restrito com o inglês como L2, ou a não inserção vocálica por parte daqueles falantes que exibiam considerável tempo de exposição à mesma.

Para podermos operar com os instrumentos de análise, os quais detalharemos melhor adiante, bem como verificar a frequência do referido fenômeno através destes instrumentos, foi necessário utilizar códigos alfanuméricos, a partir dos quais passamos a ter uma codificação atribuída a cada produção de cada informante.

A codificação²⁴ considerada, portanto, para fins de investigação da epêntese medial em nossa pesquisa, é a descrita no quadro 5:

²⁴ Faz-se imprescindível enfatizar que esta codificação aplica-se em sua totalidade somente às produções de falantes bilíngues, sem qualquer tipo de eliminação. Entretanto, no caso das produções das informantes americanas monolíngues, as variáveis proficiência na língua e sexo foram naturalmente descartadas, ao passo

Quadro 5 – Distribuição da codificação²⁵

Variável Dependente	<i>Vogal Epentética</i>	Não inserção (1)	Inserção (2)
Variáveis Independentes	Variáveis extralinguísticas		Variáveis linguísticas
	<i>Sexo</i>	Masculino (m) Feminino (f)	<i>Contexto fonológico precedente</i> Labial (l) Coronal (c) Dorsal (d)
	<i>Nível de proficiência na língua</i>	Básico (e) Intermediário (i) Avançado (p)	<i>Contexto fonológico seguinte</i> Labial (L) Coronal (C) Dorsal (D)
	<i>Tipo de Instrumento</i>	Frases (F) Textos (P)	<i>Posição silábica</i> Pretônica (a) Postônica (o)

Como se pode constatar no quadro anterior, cada uma das variáveis, tanto dependente quanto independentes, recebeu um código em forma de número e letra, de modo que cada ocorrência produzida pelo falante, depois de transcrita, passou a receber uma sequência dessa codificação alfanumérica.

Esta sequência, por sua vez, obedece a uma sistematização que representa uma opção dentro de um conjunto de possibilidades, a qual inicia-se pela *variável dependente*, que compreende a inserção ou não inserção da vogal, e segue a ordem: *sexo*, *nível de proficiência na língua*, *tipo de instrumento*, *contexto fonológico seguinte*, *contexto fonológico precedente* e *acento*. Discutiremos mais detalhadamente sobre a caracterização de cada uma destas variáveis, na seção seguinte.

Após realizarmos as gravações e procedermos ao levantamento e à decodificação das ocorrências do fenômeno, seguindo sempre este padrão montado para a codificação, iniciamos as análises do *corpus*, na intenção de tratar os dados acústica e estatisticamente.

A priori, nossa investigação se deu por meio de análise de oitiva, apenas ouvindo as gravações sem o auxílio de nenhum equipamento computacional, e aplicando a codificação de acordo com a informação ouvida, para poder tratar os dados estatisticamente.

que, nas produções dos falantes paraibanos monolíngues, a única variável desconsiderada foi proficiência na língua.

²⁵ A descrição e apresentação detalhada acerca de cada elemento das variáveis dependente e independentes será abordada no tópico 3.4 – caracterização das variáveis.

A este respeito, Labov (2008 [1972], p. 236) enfatiza que o ouvido é um instrumento muito pobre para julgar a qualidade absoluta dos sons. Contudo, na medida em que o ouvinte desenvolve o conhecimento da sintaxe e dos morfemas, o ouvido se torna um excelente instrumento para julgar quais, dentre diversas possibilidades, as que estão sendo realizadas.

À vista disso, resolvemos empreender a análise acústica que conta com o auxílio de uma ferramenta computacional denominada *Praat* (BOERSMA & WEENINK, 2014)²⁶ que é um suporte a mais e nos assegura dados mais concretos e assertivos, no que diz respeito às produções dos falantes, sobretudo aquelas mais sutis sendo capazes de confundir o próprio pesquisador.

Isto posto, concordamos com Silva (2009, p. 244), a qual reverbera que a compreensão plena da linguagem é multidisciplinar e depende da tecnologia. Por isso, o uso de ferramentas como o *Praat* (*op. cit.*) possibilita a manipulação dos dados através de sinal acústico, permitindo a investigação de aspectos relacionados à produção e percepção, uma vez que a interação entre a percepção da fala e efeitos visuais e auditivos enriquece a interpretação dos dados, contribuindo para uma compreensão mais ampla não só da linguagem, como também do fenômeno em questão.

Além disso, o amparo desse tipo de instrumento auxilia o pesquisador na segmentação de determinados segmentos sonoros, sendo através destes, que os sinais acústicos se manifestam visualmente. Deste modo, se tentarmos nos guiar pelos ouvidos para identificar onde começa e termina um segmento na emissão de um dado sintagma, não seremos capazes de estabelecer tais limites de forma tão precisa como obtemos por meio do *Praat*. De acordo com Barbosa & Madureira (2015, p. 167), isso ocorre com todos os sons de tal forma que “é impossível segmentar o contínuo da fala, tentando estabelecer de oitiva os limites entre os sons”.

Logo, os referidos autores admitem que se recorrermos ao conhecimento sobre a maneira de produção do segmento, sobre as consequências acústicas dessa produção e suas manifestações em onda sonora e no espectrograma, provenientes do programa computacional já citado, poderemos perfeitamente estabelecer parâmetros para segmentá-lo. Entretanto, este processo seria inviável através da análise perceptual que também é importante na investigação da fala, porém é limitada em algumas instâncias.

²⁶ O *Praat* é um programa de uso gratuito disponibilizado na internet (www.praat.org), o qual permite diversas possibilidades de análise de áudio, sobretudo a edição de áudio que pode ser feita com grande acuidade.

A partir deste momento da análise, de modo isolado, todos os dados – perceptual e acústico, receberam um tratamento estatístico pelo software *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Primeiramente, foram submetidos os dados codificados com base na análise perceptual, para então, submetermos os dados codificados com base na análise acústica. Posteriormente, procedemos à interpretação desses dados, verificando quais os fatores envolvidos na manifestação do fenômeno analisado.

O *GoldVarb X* é uma versão recente do conhecido programa VARBRUL 2S, que tem todos os seus programas executados em um único arquivo. De início, utilizamos todos os dados devidamente codificados para a criação de um arquivo de ocorrências, no qual é gerado um fator de especificação. Em seguida, o programa procede a uma checagem geral das ocorrências, a fim de identificar possíveis erros de codificação. No próximo passo, é criado um arquivo chamado “arquivo de condição” o qual exibe todos os grupos de fatores com os quais trabalhamos em nossa pesquisa. A partir de então, é criado o arquivo de células, o qual fornece o valor dos pesos relativos a partir das porcentagens de aplicação para cada grupo de fatores.

Para finalizar este processo da rodada, o programa cria o arquivo de resultado que fornece os percentuais de aplicação e não aplicação da regra variável em análise para cada fator condicionador do fenômeno. Ainda no arquivo de resultado, realiza-se a rodada binomial *stepup* e *stepdown*²⁷ que, através de comparações, mostra quais são as variáveis mais e menos relevantes à aplicação do fenômeno em estudo.

Nesta perspectiva, reconhecemos a eficiência da aplicabilidade desse programa e comprovamos que o uso de softwares se faz indispensável em análises mais robustas e com maior volume de dados. Conforme nos assevera Ferreira & Lopes (2017, p. 198), “o tratamento computacional de materiais linguísticos permite explorar grandes conjuntos de dados de fala ou escrita e realizar descrições quantitativas desse material, atividade que seria impossível ou de custo muito alto se fosse realizada por agentes humanos”.

O programa computacional supracitado nos forneceu dados para quantificar a ocorrência do fenômeno. Este tratamento estatístico é considerado, dentro dos estudos

²⁷ No *stepup*, o programa insere cada uma das variáveis independentes, uma por vez, cruzando variável com variável, buscando comparar o valor das probabilidades de qualidade da análise (*log-likelihood*), de forma a identificar e selecionar a rodada que reúne os grupos de fatores (variáveis) estatisticamente mais significativos para a ocorrência do fenômeno investigado. No *stepdown*, ocorre o inverso do *stepup* – o programa insere todas os grupos de fatores simultaneamente, de forma a descartar o(s) grupo(s) menos significantes, um por vez, até apresentar os grupos estatisticamente menos significantes para a ocorrência do fenômeno (TAGLIAMONTE, 2006, p. 140 – 143).

quantitativos, um dos passos mais importantes para fornecer dados acerca do comportamento de cada variável, bem como realizar análises multivariacionais dos dados.

Esses dados foram dispostos em tabelas organizadas com os resultados de cada grupo de fator (variáveis) selecionado por ordem de relevância na rodada. Em cada tabela, foram apresentados os fatores (variantes) considerados pelo grupo de fator, seguidos de seus respectivos números de ocorrência/total, porcentagem e peso relativo²⁸. Além disso, abaixo de cada tabela, especificamos o valor do *input*²⁹ e o nível de significância³⁰ referentes à rodada questão.

Essa análise quantitativa realizada com base nos dados estatísticos foi correlacionada às variáveis linguísticas e extralinguísticas, de modo a verificar em que proporção o referido fenômeno se propagou.

Os resultados obtidos através destes dados foram confrontados com as hipóteses levantadas, analisando se realmente as hipóteses foram pertinentes, para a partir de então, podermos buscar as possíveis explicações para a influência de determinados fatores em detrimento de outros.

4.4 Caracterização das variáveis

Para o desenvolvimento desta pesquisa quantitativa sociolinguisticamente orientada, um dos passos mais importantes é a caracterização das variáveis que darão conta de explicar o comportamento variável de um dado fenômeno linguístico.

Neste tópico, inicialmente, será determinada a variável dependente responsável pelo contexto de variação do fenômeno em questão, nas produções dos informantes. A seguir, determinaremos as variáveis independentes – linguísticas e extralinguísticas, que atuam diretamente sobre o fenômeno, favorecendo ou inibindo a sua ocorrência.

²⁸ O peso relativo (*factor weight*) mede a influência de cada fator na propagação do valor de aplicação da regra, isto é, na ocorrência do fenômeno em questão (TAGLIAMONTE, 2006, p. 156).

²⁹ O *input* refere-se a uma medida global da taxa de aplicação da regra ou uma indicação da força da regra, isto é, média total das chances de aplicação da regra em uma determinada rodada (TAGLIAMONTE, 2006, p. 141).

³⁰ O nível de significância (*significance*) diz respeito ao nível de significância que é o nível de confiabilidade dos resultados, em que o programa testa estatisticamente os grupos de fatores controlados e seleciona os mais significantes, com nível máximo aceitável até .050, para resultados considerados aceitáveis em determinada rodada (TAGLIAMONTE, 2006, p. 142 – 143).

Em síntese, será avaliada a variabilidade do conjunto de contextos controlados, os quais denominamos variáveis independentes, sobre a variável dependente que, no nosso caso, é a epêntese vocálica medial.

De acordo com Weinreich, Labov & Herzog (2009, p. 107), nesse processo, “não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente [...]” e essa investigação mais acurada só poderá ser melhor viabilizada através da pesquisa empírica sociolinguística. Por este motivo, é tão imprescindível que o pesquisador faça um “incansável” levantamento de dados, no intento de descrever todas as variáveis determinantes e suas variantes, assim como analisar os possíveis fatores que favorecem, ou não, o uso de uma ou outra variante.

Para cada variável exposta, foram formuladas hipóteses empiricamente testáveis para verificar tal variabilidade, com base em pesquisas da mesma vertente, as quais serão descritas a partir da subseção seguinte.

4.4.1 Variável dependente

A variável dependente³¹ caracteriza-se pelo embate de duas formas linguísticas que se sobrepõem uma a outra pela influência de determinados fatores em um mesmo contexto linguístico (TARALLO, 1990). Vale salientar que, em pesquisas de caráter sociolinguístico que se utilizam de programas estatísticos como o *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), por exemplo, a manipulação da variável dependente é indispensavelmente usada para fins de funcionamento do próprio programa.

Com vistas a esta perspectiva, na presente pesquisa reportaremos o fenômeno da epêntese vocálica em posição medial, como variável dependente. Por tratar-se de uma pesquisa com variável binária, serão apreciadas as seguintes categorias – aplicação da regra variável, caracterizada pela inserção vocálica entre elementos consonantais heterossilábicos, ou a não aplicação da regra, ou seja, a não inserção vocálica, caracterizada pela preservação da sílaba travada em coda, sem recorrer a nenhum elemento intrusivo, como sumariamos no quadro 6:

³¹ É oportuno destacar que a variável dependente é obrigatoriamente usada em função da utilização do próprio programa estatístico utilizado nesta pesquisa – *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) para fins de funcionamento do próprio programa.

Quadro 6 – Variável dependente analisada

Variável dependente	Descrição dos contextos de aplicação do fenômeno	Exemplos
<i>EPÊNTESE VOCÁLICA MEDIAL</i>	Não inserção vocálica	cog /ɐ/ nitive seg /ɐ/ mento
	Inserção vocálica	ad /i/ mire impac /i/ to

Em vários trabalhos que versam sobre a variação na interlíngua (COLLISCHONN, 2003; PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009; LUCENA & ALVES, 2010, LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013, NASCIMENTO, 2015), os resultados revelam indícios evidentes de que a variabilidade desse fenômeno se propaga, sobretudo, em produções de falantes que encontram-se em estágios iniciais de aquisição da L2.

De modo geral, durante o processo de aquisição de uma dada L2, as bases solicitadas cognitivamente para fundamentar tal processo são representadas pela estrutura da língua materna do indivíduo, que se configura como sua referência inicial para sistematizar aquela nova base que está sendo desenvolvida. Dessa forma, à medida que o sujeito vai aumentando o tempo de exposição à língua, menos equivalência será estabelecida com a língua materna, de modo a associar cada vez menos os sistemas linguísticos de ambas.

Considerando a congruência das análises dos trabalhos mencionados, a hipótese geral de nossa investigação para o comportamento desta variável é de que a aplicação do fenômeno, isto é, da epêntese vocálica medial, se propague de forma mais recorrente, em relação à não aplicação. Presumimos esta tendência pelo fato de o referido fenômeno ser característico do inventário fonológico da língua materna dos informantes que participaram de nossa pesquisa, levando o falante a reestruturar o sistema fonológico da L2, a partir da estrutura já formada advinda de sua L1.

Para compreender a dinâmica variável do referido fenômeno, determinamos um conjunto de três variáveis linguísticas, somadas a três variáveis extralinguísticas, as quais detalharemos em seguida.

4.4.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são caracterizadas como um grupo de fatores linguísticos ou estruturais (*contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e posição silábica*) e extralinguísticos ou sociais (*sexo, proficiência na língua, tipo de instrumento e idioma*).

Em seguida, pontuaremos algumas considerações acerca das variáveis linguísticas e extralinguísticas estabelecidas para nossa investigação.

4.4.2.1 Variáveis independentes linguísticas

Conforme havíamos mencionado, as variáveis linguísticas definidas para nossa pesquisa foram especificadas a partir da constatação de produtividade das mesmas no que concerne à manutenção ou inibição do fenômeno, contemplada nos trabalhos apontados na seção anterior.

Vejamos, a seguir, a descrição das variáveis linguísticas e as hipóteses levantadas para fundamentar cada uma delas.

4.4.2.1.1 Contexto fonológico precedente

Esta variável refere-se à consoante perdida, que se encontra em posição de coda travando a sílaba, imediatamente anterior à vogal epentética, quando esta ocorrer. Para efeito de análise, foram propostos três contextos de coda, dos quais analisamos os contextos *labiais* /p/ e /b/, *coronais* /t/ e /d/ e *dorsais* /k/ e /g/, tanto no português (L1), quando no inglês (L2):

Quadro 7 – Contextos fonológicos precedentes analisados

Contextos Analisados	Descrição dos contextos fonológicos precedentes		Exemplos em português e inglês
LABIAIS	Oclusiva bilabial	/p/	ap.to
	Desvozeada		emp.ty
	Oclusiva bilabial	/b/	ób.vio
	Vozeada		ob.ject

CORONAI	Oclusiva coronal Desvozeada	/t/	ét.ni.co com.part.ment
	Oclusiva coronal Vozeada	/d/	vod.ca kid.nap
DORSAIS	Oclusiva dorsal Desvozeada	/k/	as.pec.to vic.tim
	Oclusiva dorsal Vozeada	/g/	sig.no cog.ni.tive

Vale salientar que em algumas situações, ao invés desses contextos descritos, os aprendizes produziram outros fonemas em posição de coda, envolvendo processos de apagamentos e/ou mudanças na estrutura dos vocábulos, ora preservando, ora desfazendo os *clusters*. A princípio, preferimos excluir essas produções da análise, como reportaremos melhor na análise e discussão dos dados.

Estudos anteriores como os de Cardoso (2005), Lima (2012) e Lima & Lucena (2013), a título de exemplo, apontam em direção ao contexto coronal, como a coda que mais tende a se sobressair em termos de produtividade do fenômeno da epêntese vocálica medial, apresentando altos valores percentuais de inserção vocálica diante do referido contexto.

Desse modo, considerando os resultados das pesquisas elencadas acima, a hipótese formulada é de que, de forma análoga, os dados de nossa pesquisa apresentem um maior índice de obstruintes coronais perdidas em coda, mostrando-se ser o contexto mais propício para anteceder a possível vogal epentética.

4.4.2.1.2 Contexto fonológico seguinte

O contexto fonológico seguinte é representado pelo segmento consonantal que se posiciona logo em seguida à consoante perdida em coda, quando não ocorre o fenômeno da epêntese, ou após a vogal epentética, quando ocorre o fenômeno.

Dessa forma, os segmentos seguintes³² analisados que atuam como favorecedores ou inibidores à aplicação da regra foram, semelhantemente ao contexto fonológico precedente, os

³² Diferentemente do contexto precedente em que foi possível controlar os segmentos em posição de coda, o contexto fonológico seguinte de nosso *corpus* é resultado da própria estrutura da palavra escolhida para dar conta das características do contexto fonológico precedente, estabelecidas a priori.

contextos *labiais* /v/ e /m/, *coronais* /t/, /d/, /s/, /ʒ/, /ʃ/ e /n/ e *dorsais* /k/, tanto no português (L1), quando no inglês (L2), como sintetizamos no quadro 8:

Quadro 8 – Contextos fonológicos seguintes analisados

Contextos Analisados	Descrição dos contextos fonológicos seguinte		Exemplos em português e inglês
LABIAL	Fricativa labiodental Vozeada	/v/	ad.vér.bio ad.vise
	Nasal bilabial Vozeada	/m/	rít.mi.co bom.bard.ment
	Oclusiva coronal Desvozeada	/t/	ob.ter re.luc.tant
CORONAL	Oclusiva coronal Vozeada	/d/	lamb.da _33
	Fricativa coronal Desvozeada	/s/	con.fec.ção ab.sent
	Fricativa palato-coronal Vozeada	/ʒ/	ob.je.to ob.ject
	Fricativa palato-coronal Desvozeada	/ʃ/	- out.shine
	Nasal coronal Vozeada	/n/	et.nó.gra.fo mag.net
	Oclusiva dorsal Desvozeada	/k/	vod.ca -

Alguns dados de aquisição fonológica de L2 em pesquisas realizadas nesta vertente – Schneider (2009), Lima (2012) e Lima & Lucena (2013), chegaram a resultados que indicam a variante *labial*, assim como na variável apresentada anteriormente, como o fator que se manifesta com maior incidência de inserção da vogal epentética em encontros consonantais

³³ O traço (-) indica a ausência de uma palavra em língua inglesa que exiba os contextos /d/ e /k/, e de uma palavra em língua portuguesa que exiba o /ʃ/ como contexto fonológico seguinte, respectivamente.

heterossilábicos. Os estudos supracitados ainda revelam indícios de que a ocorrência do fator labial parece estar fortemente ligada à presença de contextos coronais em posição precedente.

Diante dessa premissa, a hipótese é de que quando o contexto seguinte for representado por uma consoante labial, tenderá a ser seguido por uma consoante coronal em posição precedente, se mostrando como contexto motivador para a ocorrência do fenômeno.

4.4.2.1.3 Posição silábica

Em nossa análise, o fator posição silábica³⁴ foi considerado com a finalidade de investigar qual o contexto prosódico que mais exerce um papel de relevância na frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial – *pretônico* ou *postônico*.

No contexto fonológico pretônico, temos uma consoante perdida que se localiza antes da sílaba tônica ou da vogal intrusiva, em caso de ocorrência de epêntese. Por outro lado, no contexto fonológico postônico, temos o processo inverso – a presença da sílaba tônica que precede a consoante perdida ou a vogal epentética, desencadeando a epêntese medial:

Quadro 9 – Contextos prosódicos analisados

Contextos prosódicos	Descrição dos contextos do fenômeno	Exemplos
CONTEXTO PRETÔNICO	Consoante em análise antes da sílaba tônica	Adaptation Obter
CONTEXTO (POS)TÔNICO	Consoante em análise em sílaba tônica ou posterior a ela	Empty Óbvio

³⁴ Embora a maior parte dos estudos empregue a terminologia “tonicidade”, optou-se por adotar o termo “posição silábica”, pelo fato de estarmos também valendo-nos de termos advindos da acústica, dentre os quais tem-se a tonicidade que está fortemente associada à diferenças duracionais e de energia (BARBOSA & MADUREIRA, 2015, p. 365), o que não é o foco dessa variável em nossos estudos. De forma geral, em Fonética Acústica (FA), o termo tonicidade refere-se à frequência fundamental (F0). Por este motivo, no intento de evitar equívocos e gerar dúvidas advindas da terminologia, priorizamos a nomenclatura posição silábica, sinônimo de tonicidade que é adotada em estudos da área.

Embora a variável posição silábica não tenha sido selecionada como relevante em alguns estudos (PEREYRON, 2008; SCHNEIDER, 2009), em diversas pesquisas empíricas de caráter variacionista, tem se mostrado como uma variável proeminente, a partir das quais há constatações da relevância dessa variável (COLLISCHONN, 2004; LIMA, 2012; NASCIMENTO, 2016), que demonstraram uma maior propensão à aplicação do fenômeno em contextos pretônicos.

Considerando os resultados encontrados nesses estudos, a hipótese levantada é de que o contexto fonológico pretônico se mostre como um ambiente mais propício para a inserção da vogal epentética entre encontros consonantais heterossilábicos.

4.4.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas

As variáveis independentes extralinguísticas, também são conhecidas como sociais, pelo fato de possibilitar a correlação dos fatores sociais a produções linguísticas, a fim de se verificar o contexto de variação de um dado fenômeno. Corroborando esta perspectiva, Labov (2008 [1972], p. 43) argumenta que “somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas [...] começam a desempenhar um papel na língua”.

A seguir, teceremos uma breve descrição acerca de cada variável extralinguística, apontando as hipóteses formuladas para respaldar sua manipulação ou inibição nas ocorrências do fenômeno da epêntese medial dos nossos dados.

4.4.2.2.1 Sexo

A variável social sexo é uma variável extralinguística bastante produtiva e investigada em estudos de caráter variacionista, sociolinguisticamente orientados. Na qualidade de variável binária, subdivide-se em *feminino* e *masculino*, sendo controlada com o intuito de nos fornecer subsídios empíricos acerca dos falantes que irão produzir índices mais altos e mais baixos do fenômeno variável em questão – epêntese vocálica medial:

Quadro 10 – Descrição da variável sexo

Sexo	Descrição da variável
<i>FEMININO</i>	Mulheres adultas com idade entre 20 e 40 anos ³⁵
<i>MASCULINO</i>	Homens adultos com idade entre 20 e 40 anos

De forma geral, a literatura da área, através de pesquisas consistentes, tem associado a variável sexo a questões linguísticas, sobretudo, apontado em direção às mulheres como as detentoras da propagação de variedades padrão e prestigiadas (CAMARA JR., 2007; LABOV, 2008 [1972]). Todavia, vários estudos mais recentes (LUCENA & ALVES, 2010; LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013) têm sinalizado certa mudança no perfil desse cenário, mostrando que os papéis sociais assumidos por homens e mulheres têm se mostrado tão congruentes, que as divergências entre ambos os grupos têm sido mínimas, não trazendo tanto impacto nas escolhas linguísticas.

Isto posto, a hipótese formulada para esta variável, no que diz respeito à aplicação da inserção vocálica, prevê que a diferença nos índices de variação entre homens e mulheres seja sutil, demonstrando possível inclinação para uma menor aplicação prevista nas produções de informantes do sexo feminino. Isso porque, de acordo com resultados abundantemente encontrados, as mulheres apresentam preferência pela norma culta, sendo favorecedoras em potencial da regra – preservação da coda, em detrimento da quebra do encontro consonantal para aplicação da epêntese, já que os homens tendem a liderar a mudança.

4.4.2.2.2 Proficiência na língua

No que concerne à variável proficiência na língua, temos três fatores controlados: básico, intermediário e avançado, através dos quais buscamos analisar a relação existente entre o nível de proficiência na L2 dos informantes e a frequência de aplicação do fenômeno da epêntese vocálica medial.

³⁵ Como não foi nossa intenção controlar a variável idade em nossa análise, buscamos apenas padronizar a idade dos informantes participantes da pesquisa, optando por indivíduos na faixa etária descrita, por acreditarmos que as produções de falantes adultos apresentam uma gramática mais estável, possibilitando-nos, portanto, dados mais consistentes.

Conforme explicitamos anteriormente, tais níveis foram categorizados de acordo com o teste de proficiência *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004), que selecionou os informantes em diferentes níveis, de acordo com a pontuação obtida na realização do teste:

Quadro 11 – Descrição da variável proficiência na língua

Níveis de proficiência	Descrição da pontuação por nível de proficiência
BÁSICO	Até 104 pontos
INTERMEDIÁRIO	105 a 149 pontos
AVANÇADO	150 a 200 pontos

Considerando a alta produtividade desta variável, vários trabalhos desenvolvidos nesta perspectiva (PEREYRON, 2008; LUCENA & ALVES, 2012; LIMA & LUCENA, 2013), têm apresentado fortes evidências de que o nível de proficiência se mostra como um fator bastante relevante no condicionamento de diferentes fenômenos linguísticos variáveis no sistema da interlíngua, sobretudo, na propagação da vogal epentética, que é o nosso objeto de estudo.

Frente a estas constatações, a hipótese que lançamos para esta variável é de que quanto mais avançado o nível de proficiência na L2 que o falante apresenta, menor a probabilidade desse falante produzir dados com inserção vocálica. Isso deve-se ao fato de, nesse estágio, o falante apresentar maior consciência do inventário fonológico da L2, pressupondo um maior tempo de exposição à língua, fazendo com que o mesmo apresente um conhecimento mais sistemático dos sons da língua alvo e, portanto, consigam produzir formas (quase) semelhantes às produções do falar nativo, o qual rejeita, dentre outras produções, dados com epêntese.

4.4.2.2.3 Tipo de instrumento

No que tange à variável tipo de instrumento, foram consideradas as variantes *leitura de frases* e *leitura de textos*.

Retomando o que foi mencionado no tópico anterior da metodologia, no contexto de leitura das frases, os falantes são motivados a realizar leituras mais breves, procedendo a

leituras de frases-veículo que apenas mudam os vocábulos finais. Em contrapartida, no contexto de leitura dos textos, os informantes são solicitados a ler parágrafos longos, dentro de um determinado contexto elaborado, e que apresentam as palavras lidas nas frases:

Quadro 12 – Contextos dos tipos de instrumento de coleta

Contextos de leitura	Descrição dos contextos	
LEITURA DE FRASES	Atividades breves de leitura	A palavra é “etnógrafo”
LEITURA DE TEXTOS	Atividades mais elaboradas de leitura	Parágrafos mais longos com as palavras do <i>corpus</i>

As análises empreendidas por Pereyron (2008) e Lima (2012) consideraram esta variável, embora a mesma não tenha sido selecionada como relevante em nenhuma rodada de sua análise perceptual dessas pesquisas. Contudo, sua hipótese para a mesma era de que a aplicação da epêntese fosse menor em dados provenientes da lista de palavras, já que esta, de acordo com Labov (2008 [1972], p. 105), acarreta uma produção mais elaborada pois, segundo o autor, diversos exemplos mostram que leituras longas remetem a um fator de fadiga, o que não ocorre em listas de palavras.

Deste modo, baseados nestes estudos citados acima, também assumimos a hipótese de que os maiores valores percentuais de ocorrência da epêntese vocálica ocorram em leituras de textos, visto que os mesmos são mais extensos e, por isso, demandam menos monitoramento dos falantes.

4.4.2.2.4 Idioma

Na variável *idioma*, buscaremos investigar qual o sistema linguístico que mais favorece a ocorrência da inserção vocálica – L1 (português) ou L2 (inglês), de forma a analisar o comportamento de ambas as línguas na propagação ou inibição do fenômeno analisado:

Quadro 13 – Descrição da variável idioma

Idioma	Descrição das atividades em cada idioma
<i>PORTUGUÊS</i>	Leituras de frases e textos em língua portuguesa
<i>INGLÊS</i>	Leituras de frases e textos em língua inglesa

De forma geral, a escolha desta variável foi controlada com o escopo de verificarmos mais acuradamente a estrutura linguística de cada idioma supracitado, viabilizando uma discussão sobre as peculiaridades dessas línguas. Dessa forma, foi possível oportunizar um maior entendimento sobre suas estruturas e, conseqüentemente, uma possível explicação sobre a predisposição de cada idioma, ou não, para a ocorrência do fenômeno.

Para tanto, diferentemente das outras variáveis³⁶, com o propósito de controlar os dados de cada sistema linguístico, procedemos às rodadas distintas somente com os dados de língua portuguesa e, em seguida, apenas com os dados de língua inglesa, como veremos mais adiante.

No que tange aos resultados encontrados para esta variável em pesquisas sociolinguísticas (LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013, NASCIMENTO, 2015; GUTIERRES, 2016), a tendência mais frequente e esperada é a de que a língua portuguesa seja mais propensa a receber a vogal epentética em encontros consonantais heterossilábicos, uma vez que a própria língua rejeita sílabas travadas em coda, mostrando grande inclinação para estruturas silábicas do tipo CV.

Dadas essas questões, a hipótese levantada para esta variável é de que os dados de língua inglesa apresentem um percentual menor de aplicação do fenômeno, tendo em vista a propensão natural da língua em lidar com obstruintes em posição de coda.

A seguir, no capítulo V, empreenderemos a análise e discussão dos dados, a fim de verificarmos se nossas hipóteses serão confirmadas ou refutadas. Para tanto, apresentaremos a

³⁶ Procedemos de forma diferente, pelo fato de controlarmos as demais variáveis a partir da codificação que é lida/rodada pelo programa *GoldVarb X* e nos fornece dados estatísticos de todas as variáveis controladas na mesma rodada. No caso da variável *idioma*, conforme já mencionado, as rodadas dos dados foram isoladas especificamente a partir das produções em cada idioma. Por este motivo, a variável supracitada não consta no tópico 4.3 (quadro 4) que contempla os procedimentos de codificação dos dados, como também não é mencionada como variável formal, dentre as variáveis controladas, em algumas rodadas.

frequência geral do fenômeno da epêntese vocálica medial por rodada e analisaremos as variáveis selecionadas em cada rodada e em seus diferentes contextos de análise – perceptual e acústica.

CAPÍTULO V – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos em cada rodada, a partir dos instrumentos utilizados para a interpretação dos dados coletados. Para tanto, procedemos a cinco rodadas distintas, com o objetivo de apresentar o comportamento do fenômeno em questão, a partir das análises perceptual e acústica, em dados momentos.

Inicialmente, as análises empreendidas tencionaram verificar a frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em um contexto geral (L1 + L2³⁷), discriminando, posteriormente, sua ocorrência isolada tanto em português quanto em inglês, produzida por falantes brasileiros bilíngues, que têm o inglês como L2. Em seguida, explicitamos a frequência do fenômeno, através da produção de brasileiros monolíngues e, por fim, de americanos monolíngues.

Posteriormente, evidenciamos a dinâmica de cada rodada, de forma a mostrar a frequência percentual de aplicação da epêntese vocálica, as variáveis controladas e selecionadas pelo programa como as mais relevantes para a ocorrência do fenômeno, em cada contexto de análise. Além disso, apresentamos o valor percentual de cada variável selecionada, buscando interpretar os dados e explicar sua ocorrência.

Para finalizar, detalhamos cada variável selecionada pelo programa, demonstrando através de tabelas e gráficos sua frequência e peso relativo, a fim de verificar se os resultados obtidos corroboram ou não as hipóteses estabelecidas e os resultados encontrados em outros trabalhos da mesma natureza.

5.1 Frequência geral da epêntese vocálica medial em L1 e L2

A primeira rodada dos dados realizada neste estudo, através do programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), considerou a frequência geral do fenômeno da epêntese vocálica medial em português e inglês, concomitantemente, a partir da análise perceptual e acústica. Dessa forma, foi possível controlar as variáveis que influenciam a aplicação ou não aplicação do referido fenômeno nesta rodada, de forma a comparar os resultados obtidos em ambos os contextos de análise.

De modo geral, foram controladas as seguintes variáveis:

³⁷ Cabe reforçar, conforme consta na lista de abreviaturas, que a análise L1 + L2 diz respeito à análise concomitante dos dados de língua materna e segunda língua.

- vogal epentética;
- sexo;
- proficiência na língua;
- tipo de instrumento;
- contexto fonológico seguinte;
- contexto fonológico precedente;
- posição silábica.

Esta primeira rodada com a análise perceptual apresenta um total de 3384 ocorrências da epêntese por falantes brasileiros bilíngues, dentre os quais, 413 representam a aplicação do fenômeno, exibindo um percentual de 12,2 % de inserção vocálica medial, e 2971 representam a não aplicação do fenômeno, com um percentual de 87,8 % de não inserção vocálica medial. Os resultados com a análise acústica, por sua vez, não mostram resultados tão distantes destes, uma vez que exibem um total de 3390 ocorrências do fenômeno, sendo 20,1 % de ocorrência da epêntese, contra 79,9 que representam a preservação da coda.

Nos gráficos 1 e 2, podemos visualizar a distribuição do percentual de aplicação do fenômeno, a partir da análise perceptual e acústica:

Gráfico 1 – Frequência geral do fenômeno da epêntese por falantes brasileiros bilíngues – análise perceptual

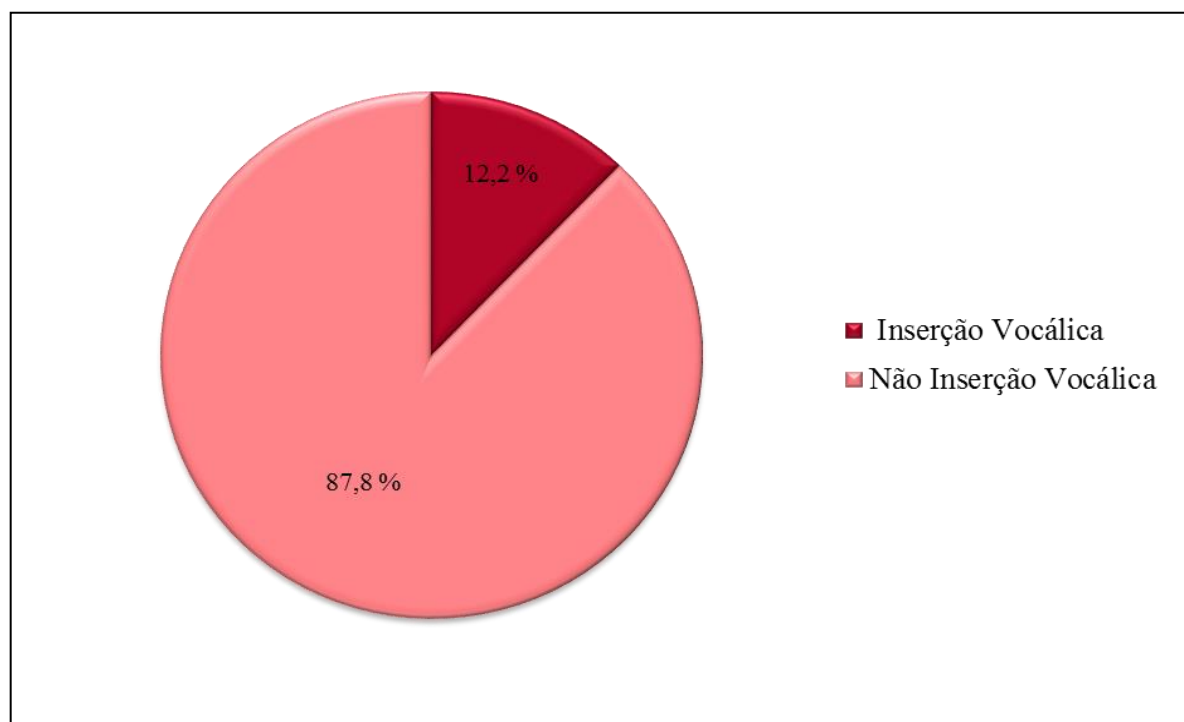
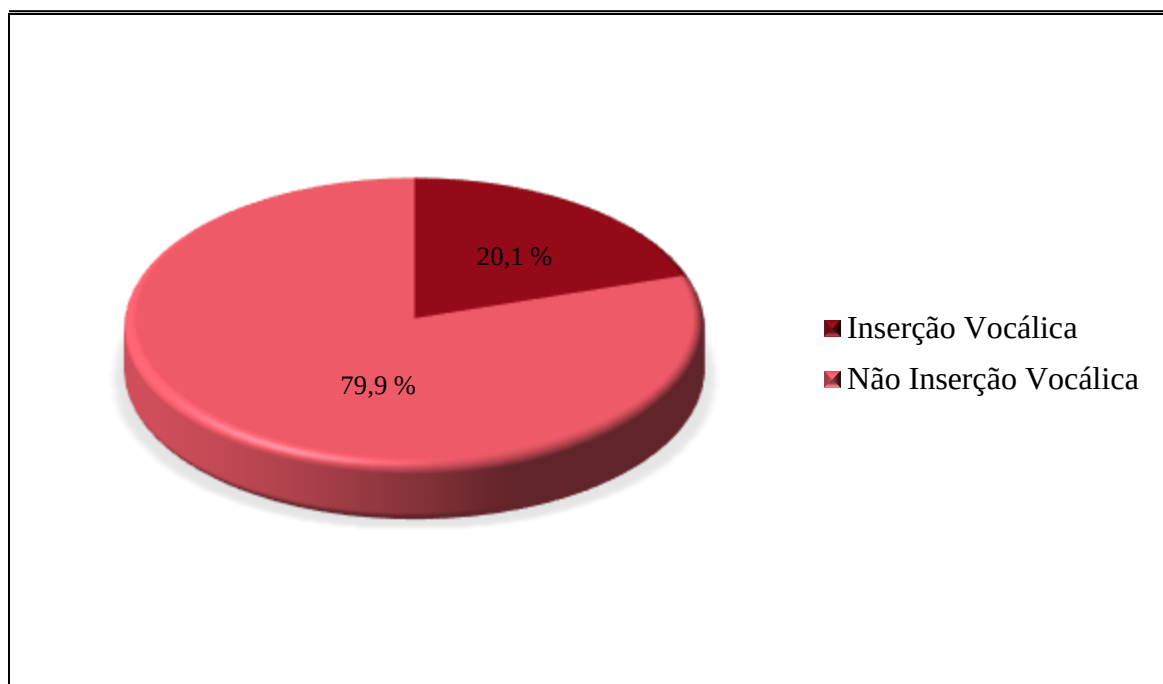


Gráfico 2 – Frequência geral do fenômeno da epêntese por falantes brasileiros bilíngues – análise acústica



Nesta rodada, tanto com os dados de oitiva quanto com os dados acústicos, não houve ocorrências de *knockout*³⁸ em nenhuma variável controlada, não se fazendo necessária a realização de amalgamação ou anulação de nenhuma das variáveis ou de suas variantes.

De acordo com os dados obtidos, podemos perceber um baixo índice de aplicação do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes bilíngues que têm o inglês como L2 (12,2 % e 20, 1 %). Este dado, de certa forma, revela a maturidade das estruturas apreendidas na segunda língua e corrobora nossas expectativas iniciais a respeito do nosso objeto de estudo, uma vez que acreditamos que, pelo fato de os informantes serem bilíngues, o conhecimento da segunda língua favoreça a não aplicação do fenômeno. Assim, acreditamos que a consciência da estrutura dos padrões silábicos da L2, desenvolvida durante o processo de

³⁸ O *Knockout*, de acordo com Tagliamonte (2006, p. 152), representa a ocorrência de 0 % ou 100 % de aplicação de um dado fenômeno para um determinado fator. Dessa forma, em casos de *knockouts*, o referido autor orienta que deve-se corrigir através da eliminação ou amalgamação dos dados, para prosseguir com a rodada.

aquisição, interfira na produção dos falantes, de uma forma geral, e evitando, portanto, a ocorrência de epêntese.

Nesse sentido, Alves (2012, p. 175) argumenta que ter consciência dos padrões silábicos da L2 é, sobretudo, reconhecer e manipular os padrões fonotáticos da língua. Assim sendo, dentre outros aspectos, os falantes abstraem, no nível silábico, um conhecimento específico da L2 que lhe confere um reconhecimento não só das estruturas da língua-alvo, mas também de sua língua materna, já que envolve uma reflexão sobre os processos de transferência da L1 para L2, que distanciam sua produção do falar nativo.

Além disso, de acordo com o referido autor, essa capacidade de reflexão sobre a diferença de ambos os sistemas linguísticos pode acarretar no reconhecimento /julgamento dos fenômenos de interlíngua característicos do processo de aquisição da L2. Portanto, acreditamos que esse nível de reflexão influencie na capacidade de o falante evitar tais processos em sua produção na L2, por não se assemelhar à produção nativa, e também na L1, mesmo sendo uma produção aceita, podendo ser produzida como estratégia de reparo, justificando, dessa forma, o percentual de ocorrência da epêntese.

Nossos dados corroboram os dados de Lima (2012, p. 66) que, em seu estudo, obteve 21,6% de aplicação do fenômeno para 78,4% de não aplicação. Seus resultados, igualmente aos nossos, contam com alunos de Graduação (em andamento ou concluído) como participantes, sendo a maioria do curso de Licenciatura Plena em Letras. De acordo com a referida autora, o grau de instrução/formação dos participantes faz com que tais informantes possuam determinado conhecimento da estrutura da L2, diferenciando apenas o nível no qual se encontram. Por isso, acredita-se que estes alunos exibam um estágio avançado de aquisição, o qual dispensa inserção vocálica nas produções de codas silábicas e evite, de certa forma, a transferência dos elementos da L1 em direção a L2, o que explica o baixo índice de ocorrência de epêntese nas produções dos aprendizes de nossa pesquisa.

No quadro 14, apresentamos a relação das variáveis independentes analisadas e selecionadas nessa primeira rodada, perceptual e acusticamente, considerando como variável dependente a inserção vocálica.

Quadro 14 – Grupos selecionados na primeira rodada da análise perceptual e acústica

1ª RODADA – L1 + L2		
Grupos Analisados	Grupos Selecionados na Análise Perceptual	Grupos Selecionados na Análise Acústica
Sexo	proficiência na língua	Sexo
proficiência na língua	tipo de instrumento	proficiência na língua
tipo de instrumento	contexto fonológico seguinte	contexto fonológico seguinte
contexto fonológico seguinte	contexto fonológico precedente	posição silábica
contexto fonológico precedente	posição silábica	—
posição silábica	—	—

Nesta rodada, foi possível verificar que, dentre os grupos de fatores analisados, os grupos selecionados pelo *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), como os mais relevantes para a aplicação do fenômeno nos diferentes contextos de análise divergiram pouco, como se pode visualizar no quadro anterior.

Na análise perceptual, as variáveis selecionadas foram: *proficiência na língua*, *tipo de instrumento*, *contexto fonológico seguinte*, *contexto fonológico precedente* e *posição silábica*, respectivamente. Já na análise acústica, estas variáveis foram: *sexo*, *proficiência na língua*, *contexto fonológico seguinte* e *posição silábica*.

A seguir, procederemos à discussão acerca do comportamento de cada variável³⁹ selecionada pelo programa como relevante para a aplicação da epêntese, nos dois contextos de análise.

5.1.1 Sexo

Nesta primeira rodada, constatamos que o primeiro grupo selecionado apenas na análise acústica foi a variável *sexo*, como a mais relevante para o fenômeno da epêntese vocálica medial. Frente a esta variável, buscou-se investigar qual o comportamento linguístico de informantes do sexo feminino e do sexo masculino na manutenção ou apagamento da vogal intrusiva.

A hipótese delineada para esta variável vai de encontro à tendência padrão, atestada em muitos trabalhos (PAIVA, 2003), de enxergar o sexo feminino como o detentor somente das formas consideradas privilegiadas, pelo papel social firmado socialmente. Nesse sentido, de acordo com a literatura um pouco mais recente da área (LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013), essa tendência vem mudando e, por este motivo, acreditamos que homens e mulheres irão exibir diferenças tênues na aplicação do fenômeno variacionista da epêntese vocálica medial, sendo possível observar uma sutil propensão das mulheres por preservar a coda.

Na tabela 1 que segue, é possível visualizarmos os resultados obtidos para esta variável acusticamente:

Tabela 1 – Sexo (L1 + L2) – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Feminino	399/1688	23,6	0,55
Masculino	282/1702	16,6	0,44
Total	681/3390	20,1	—

Input: .184

Significância: .000

³⁹ As variáveis descartadas não serão consideradas em nossa análise, uma vez que foram excluídas por não se mostrarem propensas à manutenção do fenômeno.

Como podemos examinar na tabela acima, os valores exibidos corroboram as nossas expectativas previstas para a variável sexo, uma vez que as mulheres produziram o maior percentual do fenômeno.

De acordo com os dados dispostos na tabela 1, os indivíduos pertencentes ao sexo feminino lideraram a tendência de aplicar a regra variável da inserção da vogal intrusiva, apresentando uma taxa de 23,6 % de incidência do fenômeno. Em contrapartida, esse percentual demonstrou uma leve queda nas produções de indivíduos do sexo masculino, que apresentaram um percentual de 16,6 % de aplicação do fenômeno, exibindo pesos relativos de 0,55 e 0,44, respectivamente.

Conforme reparamos em nossos dados, o percentual de vogal epentética é levemente maior nas produções das mulheres em comparação à produção dos homens. Esse resultado, a princípio, nos revela que o gênero tem se mostrado, cada vez mais, não tão relevante para a variação de determinados fenômenos, em trabalhos de caráter variacionista, uma vez que os resultados obtidos para a propagação do fenômeno nas produções de ambos os gêneros se mostraram equilibrados.

É relevante, ainda, refletir sobre os papéis sociais que indivíduos, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, têm desempenhado na sociedade e que já não representam mais uma relação tão assimétrica, porém, consideramos uma relação simétrica, no sentido de ambos os gêneros já partilharem praticamente das mesmas atividades e da mesma posição na esfera social.

Neste contexto, justificamos essa simetria social demonstrada em nossos resultados, enfatizando que “o contexto social influencia as escolhas dentro de um conjunto de opções estruturais”, como bem postula Petter (2017, p. 94). Assim, ressaltamos que a crescente e contínua ascensão das mulheres nessa escala da pirâmide social tem ilustrado a importância que os papéis sociais desempenham nesse processo sociolinguístico, sobretudo em uma sociedade bastante estratificada, desde o período colonial.

Entretanto, é incontestável que além da interpretação social, incorporar a elucidação acústica aos resultados encontrados, também pode dar conta de explicar esta leve predisposição para as mulheres propagarem o fenômeno da epêntese vocálica.

De acordo com Kent & Read (2015, p. 310 - 311), as vozes das mulheres se diferem das vozes dos homens em muitos aspectos, dentre estes, apontamos alguns que podem influenciar acusticamente na detecção enérgica do segmento vocálico intrusivo, tais como, mais vozeamento glotal (ar escapando através da glote, gerando vibração, mesmo durante sua

fase “fechada”), frequência fundamental (primeiro harmônico) mais dominante, frequências de formantes mais altas.

Os autores explicam que as formas de ondas glotais para as vozes femininas tendem a ter quocientes de fechamento mais curtos, resultando, inevitavelmente, em uma diferença na inclinação espectral, em que as mulheres tendem a ter mais energia espectral em altas frequências. Somado a este aspecto, temos a própria questão orgânica – o fato de os tratos vocais das mulheres serem geralmente menores do que os dos homens, faz com que as mulheres também tendam a apresentar valores mais altos para as frequências dos formantes.

Nesse contexto, consideramos que, pelo fato de os parâmetros acústicos das mulheres ocorrerem em frequências mais altas, diminuindo a duração, os ouvidos não conseguem captar estas nuances prosódicas, sendo maior a ocorrência da percepção a partir da captação acústica, através da análise espectral.

Em vista disso, como as características da vogal alta anterior /i/, que representa a vogal epentética em nossa pesquisa, compartilha uma frequência de produções de maior intensidade no sinal acústico, entendemos que, no domínio acústico, é mais propenso encontrar produções da vogal intrusiva nas produções dos informantes, sobretudo do sexo feminino, diferentemente do domínio perceptual, em que ouvimos mais a realização do fenômeno epentético nos homens.

Não obstante o parâmetro de duração no homem apresentar traço [+ longo] e na mulher [+ breve], devido ao padrão inverso de duração de F0 ($F=1/T$), essa sensação é mais custosa para ser percebida somente na oitiva. Por este motivo, quando analisada acusticamente, captamos em maior escala a vogal epentética produzida pelo trato vocal de indivíduos do sexo feminino.

5.1.2 Proficiência na língua

Ao realizarmos as rodadas estatísticas com os dados de L1 + L2, produzidos por falantes bilíngues, observamos que a variável *proficiência na língua* foi selecionada como a mais favorável, no que diz respeito à manutenção do fenômeno, na análise perceptual. Já no que diz respeito à análise acústica, esta variável foi a segunda mais relevante na produção do referido fenômeno.

Como exposto anteriormente, a referida variável foi controlada com o objetivo de analisarmos em que proporção o nível de proficiência em L2 dos informantes bilíngues

influencia na ocorrência do fenômeno. Frente à análise desta variável, lançamos a hipótese de que quanto maior o nível de proficiência do aprendiz, menor a probabilidade de aplicação da vogal epentética em contextos mediais.

A seguir, podemos observar nas tabelas 2 e 3, os valores percentuais e peso relativo das variantes categorizadas nesta variável, na análise perceptual e acústica, respectivamente:

Tabela 2 – Proficiência na língua (L1 + L2) – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	263/1104	23,8	0,73
Intermediário	78/1132	6,9	0,38
Avançado	72/1148	6,3	0,36
Total	413/3384	12,2	—

Input: .093

Significância: .002

Tabela 3 – Proficiência na língua (L1 + L2) – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	286/1109	25,8	0,58
Intermediário	180/1133	15,9	0,43
Avançado	215/1148	18,7	0,48
Total	681/3390	20,1	—

Input: .184

Significância: .000

Os valores percentuais dos fatores exibidos nestas tabelas, tanto na perspectiva perceptual quanto na perspectiva acústica, confirmam nossa hipótese estabelecida inicialmente, de que quanto mais básico o nível de proficiência na L2, maior a dificuldade de o falante produzir codas silábicas de forma satisfatória, aumentando, portanto, a incidência da vogal epentética.

De acordo com os resultados apresentados pela análise de oitiva, constatamos que a realização de epêntese medial será mais recorrente nas produções de falantes bilíngues do nível básico, exibindo um peso relativo de 0,73. Corroborando esta perspectiva, não encontraremos valores tão destoantes no que diz respeito à análise acústica, em que esses mesmos falantes demonstrarão a tendência de rejeitar codas complexas, apresentando um peso relativo de 0,58.

No entanto, os falantes dos níveis intermediário e avançado não se mostraram tão favoráveis para a manutenção do fenômeno, já que os mesmos apresentaram pesos relativos de 0,38 e 0,36, na análise perceptual, e 0,43 e 0,48, na análise acústica, respectivamente. Dessa forma, a partir dos dados obtidos, consideramos que nossas suposições acerca da variável *proficiência na língua*, de certa forma, foram atestadas.

Apesar de, em ambas as perspectivas, o nível básico ter se sobressaído em termos de aplicação do fenômeno, também não podemos desconsiderar que os valores encontrados na análise acústica para os falantes de nível básico (0,58), nível intermediário (0,43) e nível avançado (0,48) são relativamente próximos, o que denota, conforme o esperado, que a oitiva é um recurso muito limitado para analisar e perceber determinadas nuances dos sons (LABOV, 2008 [1972]). Dessa forma, a explicação para essa diferença tão sutil, a nosso ver, encontra-se no fato de, em determinado momento do processo de aquisição, haver um processo de integração dos dois sistemas linguísticos – L1 e L2, na mente do falante bilíngue, de modo a interferir na configuração mental desse usuário no momento de manipulação desses sistemas (COOK, 2003). Assim, um sistema, inevitavelmente, irá interferir na produção do outro e vice-versa.

De modo geral, a constatação mais imediata que fazemos diante da análise das tabelas 2 e 3 é a de que apenas os falantes do nível básico apresentam mais resistência no que diz respeito à produção de estruturas complexas da língua alvo. Todavia, os falantes que se enquadraram nos níveis intermediário e avançado demonstraram ter uma maior habilidade com obstruintes em posição de coda.

Nesse sentido, acreditamos que estes informantes estão em processo de maturação de determinadas estruturas do sistema alvo, de forma a incorporar elementos de sua língua

materna, para dar conta de manipular tais estruturas. Neste estágio elementar de aprendizagem da L2, o falante demonstra mais facilidade de operar construções que se mostram mais próximas à sua L1, buscando, em contrapartida “reajustar” as estruturas que se afastam do inventário de sua língua materna.

Nesta conjuntura, Selinker (1992, p. 18) explica que estruturas “diferentes” tendem a ser consideradas mais difíceis para o falante, pelo fato de não serem manipuladas de forma satisfatória na L2 e sendo, então, modificadas pelo mesmo. Assim, inferimos que as sílabas travadas em coda tendem a ser dirimidas por nossos informantes, através da inserção de uma vogal epentética, na tentativa de viabilizar a construção que se apresenta com um maior grau de dificuldade para ser produzida pelo aprendiz.

Corroborando a perspectiva da referida autora, Ré (2006, p. 127) justifica que este “mecanismo de reparo” realizado pelo falante remonta o processo de interferência, discutido anteriormente, que ocorre quando o aprendiz, em estágio inicial de aquisição, se depara com diferenças entre ambos os sistemas linguísticos – L1 e L2, e busca realizar a adaptação de uma palavra ou expressão da língua materna para a língua alvo. Dessa forma, como constatamos em nossos resultados, a epêntese realizada pelos informantes de nível elementar ocorre através desse apoio buscado na L1, de forma a transferir um elemento vocálico para a interlíngua, para facilitar a produção e “manter” a boa formação da sílaba.

Nossos resultados, por conseguinte, se assemelham aos resultados encontrados em outros trabalhos (LUCENA, 2012), nos quais os falantes mais proficientes apresentaram um baixo índice de inserção vocálica. No trabalho desenvolvido por Lucena (*op. cit.*), o nível de proficiência também foi uma das variáveis selecionadas como mais relevante para a aplicação do fenômeno, na análise de oitiva. Em seus dados, a frequência de aplicação de epêntese medial exibiu um peso relativo menor para falantes mais avançados (0,28), em oposição a um peso relativo maior para falantes do nível básico (0,71). Nesse contexto, o referido autor reitera que a epêntese se mostra como uma estratégia característica dos primeiros estágios de aquisição de L2.

A partir de seus resultados, Lucena (*op. cit.*) compreende que os aprendizes, por apresentarem dificuldades diferentes, se valem de estratégias diferentes para “adaptar” o padrão da língua alvo a um mais próximo da primeira língua. Assim como os nossos, seus dados parecem indicar que quanto maior a exposição do sujeito à L2, maior a capacidade de o falante lidar com estruturas mais complexas da segunda língua, aumentando a produção de coda e evitando, dessa forma, a produção de epêntese.

5.1.3 Tipo de instrumento

A variável *tipo de instrumento* foi a segunda selecionada como estatisticamente pertinente para a manutenção do fenômeno, nos dados de L1 + L2, a partir da análise perceptual. Cabe salientar que a referida variável não foi selecionada nesta primeira rodada, pelo programa *GoldVarb X*, na análise acústica. Com base nesta variável, buscou-se analisar qual o contexto de produção mais propício para a aplicação da regra, se a *leitura de frases* ou *leituras de textos*.

Frente ao propósito desta análise, nossa hipótese inicial foi a de que os maiores índices de epêntese fossem encontrados nas leituras de parágrafos, que por se caracterizarem como produções, de certa forma, mais extensas que a leituras de frases, demandam menos monitoramento por parte dos aprendizes.

Na tabela 4, apresentamos os resultados estatísticos desta variável, com base nos dados obtidos:

Tabela 4 – Tipo de instrumento (L1 + L2) - análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Leitura de frases	342/2539	13,5	0,53
Leitura de Parágrafos	71/845	8,4	0,39
Total	413/3384	12,2	—

Input: .093

Significância: .002

Os dados apontam para uma aplicação da regra mais recorrente nos dados da *leitura de parágrafos*, contrariando nossas expectativas acerca dos resultados.

Partindo dos resultados aos quais chegamos, faz-se premente evocar as palavras de Kato (2007) que dão conta de explicar estratégias procedimentais utilizadas pelo aprendiz de L2, durante o processo de aquisição. De acordo com a mesma, nesta fase, dentre outras estratégias, o falante faz uso de inferência ao se deparar com uma palavra nova ou desconhecida, muitas vezes inconscientemente.

Porém, segundo a autora, “a inferência nessa fase reduz-se frequentemente apenas a adivinhar o resto de uma palavra parcialmente lida, isto é, mais uma operação de reconhecimento [...]” (KATO, *op. cit.* p, 29). A mesma acrescenta, ainda, que embora este leitor possa ser um adivinhador, experimentos mostram que essa estratégia não pode ser correlacionada com leitura proficiente.

Assim, tal alegação faz-nos supor que, talvez, por imaturidade linguística, os falantes tenham sentido mais dificuldade na leitura das frases, uma vez que este foi o primeiro instrumento utilizado para a coleta de dados. Dessa forma, ao empreender as leituras das frases, acreditamos que, ao não reconhecerem o *input* visual, estes leitores buscavam informações de seu universo cognitivo, utilizando-se de estratégias, como a inferência, resultando nos altos índices do fenômeno.

No entanto, à medida que se sentiam mais familiarizados com as palavras lidas nas frases, acreditamos que os mesmos se sentiam mais confortáveis no que diz respeito à leitura dos parágrafos, que continham, de forma dispersas, as palavras lidas inicialmente. Assim, o falante pode se sentir mais envolvido com o texto, lendo-o com mais fluência e, portanto, produzindo menos epêntese.

Seguindo essa linha de análise, conjecturamos “a possibilidade de que a produção venha a preceder a formação de novas categorias de som” (ALVES, 2012, p. 200), de forma que o falante possa abstrair novas formas de sua própria fala. E levando em consideração que o segundo instrumento de coleta – *leitura de parágrafos*, também configura-se como uma atividade de leitura monitorada (apesar de ser mais fluida), essa abstração pode resultar na produção do som da L2, mesmo que com certa dificuldade.

É imprescindível destacar que os seguintes resultados não remontam os encontrados por Pereyron (2008) e Lima (2012), pois nesta pesquisa, a variável supracitada não foi selecionada como produtiva para o fenômeno.

5.1.4 Contexto fonológico seguinte

O contexto fonológico seguinte foi a terceira variável mais relevante nesta rodada, tanto na análise de oitiva quanto na análise acústica, mostrando-se, por conseguinte, uma das mais favoráveis para a inserção da vogal epentética. A partir desta variável, objetivou-se investigar qual o contexto fonológico mais recorrente após a consoante perdida em coda, que influencia na manutenção ou não aplicação da epêntese, nos dados obtidos.

Inicialmente, nossa hipótese para esta variável foi a de que o contexto labial revelaria um alto índice de aplicação do fenômeno da epêntese vocálica medial, pautando-se nos resultados de Lima (2012).

A seguir, demonstramos os resultados estatísticos desta variável, com base na análise de oitiva e acústica, de modo respectivo:

Tabela 5 – Contexto fonológico seguinte (L1 + L2) – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	178/932	19,1	0,61
Coronal	227/2380	9,5	0,45
Dorsal	8/72	11,1	0,47
Total	413/3384	12,2	–

Input: .093

Significância: .002

Tabela 6 – Contexto fonológico seguinte (L1 + L2) – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	247/932	26,5	0,60
Coronal	416/2386	17,4	0,45
Dorsal	18/72	25	0,68
Total	681/3390	20,1	–

Input: .184

Significância: .000

Com base nos valores percentuais e no peso relativo exibidos na tabela 5, constatamos que o fator que apresenta maior condicionamento para a aplicação do fenômeno

perceptualmente é o contexto labial, que revelou o maior peso relativo de 0,61, seguido do fator coronal e dorsal, com peso relativo de 0,45 e 0,47, respectivamente.

Desse modo, podemos afirmar que, na análise perceptual, nossos dados corroboram diretamente nossas hipóteses. Asseguramos, dessa forma, que a explicação para o presente resultado encontra-se no *corpus* utilizado para a realização da pesquisa (Cf. Apêndice), no qual, dentre os vocábulos que apresentam um elemento labial em posição seguinte ao flutuante, a maioria deles apresenta um elemento coronal situado nesse contexto flutuante, isto é, a consoante perdida em coda é [+ coronal].

Com base nesses resultados, entendemos que o traço [+ coronal] se manifesta como uma espécie de elemento-gatilho nas consoantes em posição de coda, desencadeando um processo de espraçamento que resulta na formação de um elemento intrusivo – uma vogal com traço de coronalidade, i. e., a vogal epentética.

Ancorados na Geometria dos Traços, proposta por Clements & Hume (1995), buscamos dar conta dos dados encontrados, pautando-nos na organização hierárquica dos sons da fala, os quais são representados por nós consonantais e vocálicos. Estes nós, no caso do Ponto de Consoante, especificamente, representam o ponto de articulação na produção dos sons que são [labial], [coronal] e [dorsal], compartilhando traços entre si. Assim sendo, esse compartilhamento dos traços que compõem a estrutura interna dos segmentos em questão, inevitavelmente, suscita a regra de assimilação de nós, dando origem a formação de um elemento de apoio e motivando, portanto, o fenômeno da epêntese medial.

Estudos voltados para os processos variacionistas de aquisição fonológica de L2 (PEREYRON, 2008; LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013) registram essa mesma tendência e comungam do mesmo resultado. De acordo com as constatações dessas pesquisas desenvolvidas no âmbito sociolinguístico, elementos que possuem o traço [+ coronal] oferecem um ambiente favorável para a ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica.

Desse modo, a título de exemplificação, em uma palavra como *compartment*, o segmento [m] demonstra uma preponderância de assimilação do traço [coronal] presente no elemento flutuante [t]. Esse fenômeno assimilatório natural das línguas acarreta a formação de um vocóide intrusivo [i], culminando na produção de construções *default* do tipo ad[i]vérbio, determinada exatamente pelo processo de espraçamento de traços.

Em suma, diante das discussões expostas sobre esta variável, percebemos que esse processo respalda os resultados que encontramos, correlacionando a formação da vogal epentética à extensão da coronalidade, nesse caso, para o elemento precedente. Esse recurso utilizado pelo falante atua com o intuito de preservar o padrão canônico da língua - CV,

desfazendo produções complexas e preenchendo o núcleo silábico vazio com uma vogal licenciada como coronal por regra *default*, para ocupar a coda silábica.

Por outro lado, os resultados obtidos a partir da análise acústica nos revelaram índices um tanto surpreendentes, já que nenhum dos dados por nós analisados demonstrou um segmento dorsal em posição seguinte, como favorecedor da epêntese vocálica.

Como podemos constatar na tabela 6, a variante dorsal apresentou um peso relativo de 0,68, seguida da variante labial que também se mostrou propensa ao fenômeno, exibindo um peso relativo tanto quanto significativo de 0,60.

Frente a estes resultados, o que mais nos chamou atenção é que temos um único vocábulo que apresenta o contexto dorsal em posição seguinte – **vod.ca** (cf. Apêndice 3), liderando a relevância de aplicação do referido fenômeno, ao passo que este mesmo vocábulo apresenta um segmento coronal travando a sílaba.

A princípio, atentamos para essa estrutura da palavra, que apresenta essa coronal em posição de coda, o que, de certa forma, observamos que vem sendo repetido ao longo de nossa análise anterior.

A partir dessa observação, buscamos na literatura da área trazer contribuições como as de Collischonn (2002, p. 222), a qual assevera que segmentos oclusivos alveolares do tipo /d/ formam as piores codas, provocando epêntese, inevitavelmente, seja qual for o contexto seguinte. Isso ocorre porque o segmento coronal /d/, por ser vozeado e ter uma posição alta, preparou o F1, que se encaixou nos parâmetros acústicos da vogal epentética /i/ que dispõe das mesmas características, criando um ambiente propício para o fenômeno da epêntese vocálica.

Assim sendo, quando nos apoiamos em contribuições da Fonética Acústica, a percepção mais imediata que temos é a de que os sons da língua são representados na articulação. Dessa forma, observamos que os traços de coronalidade, frequentemente, se espalham e compartilham traços com os contextos fonológicos adjacentes (KENT & READ, 2015).

5.1.5 Contexto fonológico precedente

A variável *contexto fonológico precedente* foi o quarto grupo selecionado pelo *step-up* do programa, como estatisticamente favorável para o processo de inserção vocálica em encontros consonantais complexos, somente na análise de oitiva.

Nesta variável, buscamos elucidar qual o ambiente fonológico perdido em coda, que se mostra mais propício para a manutenção do fenômeno em questão – *labial*, *coronal* ou *dorsal*. Faz-se pertinente, nesse sentido, destacar que os segmentos supracitados foram intencionalmente pré-determinados para fins de análise, de acordo com as quais, o *corpus* foi totalmente baseado.

De acordo com as hipóteses estabelecidas para este contexto, a partir da aplicação de outras pesquisas, acreditamos que o fator mais propenso à aplicação do fenômeno é o coronal, por se mostrar como um elemento complexo de ser produzido pelos falantes, principalmente em posição de coda.

Conforme os valores apresentados na tabela 7, podemos constatar que nossas hipóteses foram confirmadas:

Tabela 7 – Contexto fonológico precedente (L1 + L2) – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	103/1139	9	0,44
Coronal	109/1102	17,6	0,57
Dorsal	8/72	9,9	0,47
Total	413/3384	12,2	—

Input: .093

Significância: .002

Diante dos resultados encontrados, os dados revelaram que o contexto coronal em posição precedente se mostra predominante na ocorrência da epêntese vocálica medial, exibindo peso relativo de 0,57, como já era previsto. Assim sendo, os contextos dorsais e labiais se apresentaram mais favoráveis à realização da coda, inibindo, dessa forma, a realização da epêntese.

Faz-se premente, nesse sentido, destacar que os resultados desse grupo apresentam uma interação, de certa forma, com os resultados do grupo analisado anteriormente, no que concerne ao comportamento do fator coronal. Embora, nos resultados anteriores, a discussão

tenha sido tecida em torno do elemento seguinte, buscamos abstrair elementos de sua atuação a fim de obter uma melhor interpretação de seu desempenho em posição de coda.

De acordo com os valores encontrados, podemos presumir que as coronais em posição de coda se manifestam como um elemento de maior dificuldade para ser apreendido e produzido pelos falantes, fazendo com que os mesmos busquem estratégias para a realização desse elemento, ocasionando um maior índice de aplicação do fenômeno.

Lima (2012, p. 73) reitera tal interpretação de nossos dados através dos resultados de sua pesquisa que aponta as coronais, de fato, como as consoantes que formam as codas mais complexas e difíceis de serem adquiridas pelos aprendizes, constituindo, nesse contexto, um ambiente favorável para a epêntese medial.

O que ocorre, efetivamente, no inventário linguístico do português brasileiro é uma rejeição por segmentos obstruintes em posição de coda, com exceção de /S/, levando a uma necessidade de reconfiguração da sílaba, diante, sobretudo, de codas complexas. Essa reconfiguração, no caso de encontros consonantais heterossilábicos, ocorre por intermédio do acréscimo de uma vogal epentética, a fim de evitar construções silábicas consideradas pouco produtivas na língua e reestruturá-las de acordo com o padrão de boa-formação da sílaba, que recorre à estrutura CV. Assim, com a inserção da vogal epentética, o elemento obstruinte não licenciado na coda, assume posição de ataque, e a coda passa a ser preenchida pela vogal.

Logo, a partir dos pesos relativos encontrados para esse grupo, sustentamos a percepção de que consoantes obstruintes que travam a coda da sílaba não obedecem a esse princípio de Condição de Coda, uma vez que esse princípio somente licencia os elementos /N/, /R/, /S/ e /L/ para ocuparem a posição de coda. Dessa forma, outros elementos que ocupam essa posição, como segmentos coronais, por exemplo, ferem esse princípio, não obedecendo às restrições particulares da língua e ativando o *Afrouxamento da Condição de Coda* que segundo Bisol (1999, p. 731), é uma forte tendência do PB, reflexo do “resquício da gramática antiga”, o qual prefere salvar o elemento perdido em coda a ter que apagar esse elemento extraviado na sílaba. Dessa forma, a referida autora afirma que o fenômeno da epêntese vem se tornando, cada vez mais, uma característica do português brasileiro.

Nesse caso, a epêntese configura-se como estratégia de reparo, pelo fato de a Condição de Coda atuar a favor da adição dessa vogal epentética quando uma consoante inadequada ocupa a posição de coda, a fim de desfazer o encontro consonantal, de forma que a obstruinte assume a posição de ataque tendo a vogal epentética como núcleo, garantindo o padrão fonotático silábico da língua.

5.1.6 Posição Silábica

Nesta primeira rodada, a variável *posição silábica* foi a última selecionada pelo programa estatístico como a mais relevante para a análise perceptual e acústica. Nesta variável, buscamos controlar qual o contexto prosódico que mais favorece a manutenção do fenômeno em questão nesta pesquisa – *pretônico* ou *postônico*.

Em relação a essa variável, lançamos a hipótese de que a ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica se mostraria de forma mais produtiva em contextos prosódicos pretônicos, uma vez que pesquisas desta mesma natureza apontaram na mesma direção (COLLISCHONN, 2002; LIMA, 2012; NASCIMENTO, 2016).

Os resultados relacionados ao contexto posição silábica, podem ser conferidos nas tabelas 8 e 9:

Tabela 8 – Posição silábica (L1 + L2) – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Pretônica	236/1678	14,1	0,55
Postônica	177/1706	10,4	0,44
Total	413/3384	12,2	—

Input: .093

Significância: .002

Tabela 9 – Posição silábica (L1 + L2) – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Pretônica	441/1680	26,2	0,60
Postônica	240/1710	14	0,39
Total	681/3390	20,1	—

Input: .184

Significância: .000

A partir dos valores encontrados para os grupos de fatores controlados nesta variável, em ambos os contextos de análise, é possível constatar que nossas hipóteses foram confirmadas, uma vez que o contexto pretônico se mostrou, efetivamente, como um ambiente favorável para uma maior incidência de epêntese medial, apresentando bem próximos de peso relativo – 0,55 na análise perceptual e 0,60 na análise acústica.

Tais resultados corroboram os dados que vêm sendo encontrados e debatidos na vasta literatura da área. Dentre outros, destacamos os estudos de Lima (2012, p. 75) que, somados ao nosso, apresentam esta mesma tendência de se evitar a realização do fenômeno da epêntese vocálica medial em contextos postônicos, pelo fato de a estrutura do PB buscar preservar o acento principal do vocábulo, impedindo o deslocamento do acento na direção esquerda → direita.

Mattoso Câmara (1973, p. 27) já sinalizava esta tendência em seus estudos, ao propor que, em posição postônica, a redução da vogal se mostra fortemente sustentada pela queda de posição silábica, diferentemente do que ocorre em contexto pretônico, onde a tentativa de redução da vogal epentética, segundo o autor, vai contra a emissão usual de vogais pretônicas, que ocorre naturalmente no PB.

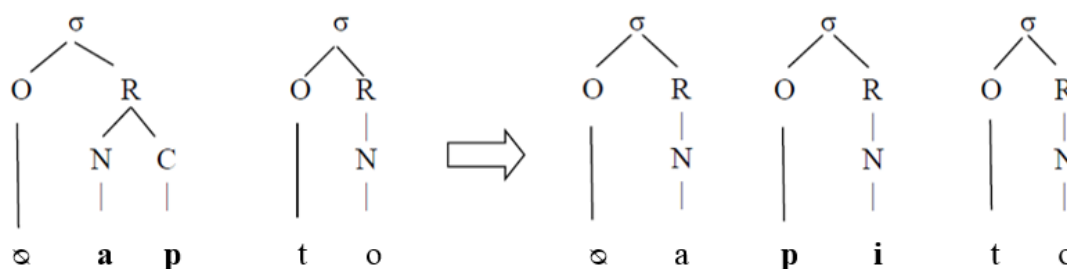
Com o intuito de investigarmos detalhadamente os dados apresentados nas tabelas 8 e 9, recorreremos, mais uma vez, aos princípios de boa formação da sílaba, todavia, os que dão conta de explicar questões relacionadas ao acento. Dessa forma, valemo-nos, especificamente, do Alinhamento Generalizado (do inglês *Generalized Alignment*, doravante GA), proposto por McCarthy & Prince (1993), o qual contempla uma família de restrições que elucidam as propriedades do acento. O GA opera, dentre outros aspectos, no sentido de que a sílaba mais proeminente esteja localizada na margem esquerda do pé, implicando, nesse caso em uma configuração trocaica (MAGALHÃES, 2010, p. 107).⁴⁰

De forma geral, esse processo de boa formação do constituinte prosódico⁴¹ admite que a formação das estruturas silábicas seja estabelecida através de restrições que determinam em quais condições os contextos prosódicos podem atuar, no sentido de não violar este alinhamento proposto para a formação da estrutura silábica.

⁴⁰ Termo relativo ao pé métrico que consiste de uma sílaba acentuada seguida de uma sílaba não acentuada. Nestes casos, este padrão métrico é dito trocaico (SILVA, 2011, p. 214).

⁴¹ Vale a pena salientar que, neste cenário de restrições, o que diferencia uma língua da outra é justamente o modo como estas restrições se organizam hierarquicamente para dar conta das propriedades que governam a língua, sobretudo o acento, que é o alvo específico da discussão deste tópico. Além disso, é através dessa conjuntura, que é possível esclarecer o porquê de determinados fatores relacionados a um dado fenômeno se propagarem de forma diferente em diferentes línguas e contextos.

Portanto, apoiados em tais restrições, podemos justificar a aplicação do contexto postônico como não condicionador do fenômeno da epêntese, com base na teoria de que a inserção vocálica pode indicar afastamento do acento principal em relação ao final da palavra, conforme pode-se visualizar na segmentação da palavra **Apto**:



A iteração proposta no exemplo anterior permite-nos esboçar que a inserção da vogal epentética, ao formar uma nova sílaba, configura o afastamento da sílaba que concentra o acento e provoca, dessa forma, mudança no acento do vocábulo.

Neste âmbito, a partir das pesquisas de Collischonn (1996), explica-se notoriamente a tendência de o PB obedecer à silabação na direção da direita para a esquerda e o fenômeno da epêntese ocorrer nesse sentido, com o intuito de sempre salvar a consoante perdida, com o acréscimo de uma vogal.

A referida autora justifica, então, essa manifestação do fenômeno explicando que a epêntese é passível no componente lexical do PB, como resultado do processo de silabação. Diante desse processo, a consoante não apta a ocupar a posição de ataque ou coda não poderia ser ligada a nenhum nó silábico, desencadeando a criação de uma sílaba estrutural, desprovida, a princípio, de núcleo vocálico, fazendo com que esta consoante ocupasse o ataque de uma nova sílaba. No pós-léxico, a posição de núcleo vocálico seria preenchida.

A partir de então, vejamos o comportamento do fenômeno somente nos dados de língua portuguesa.

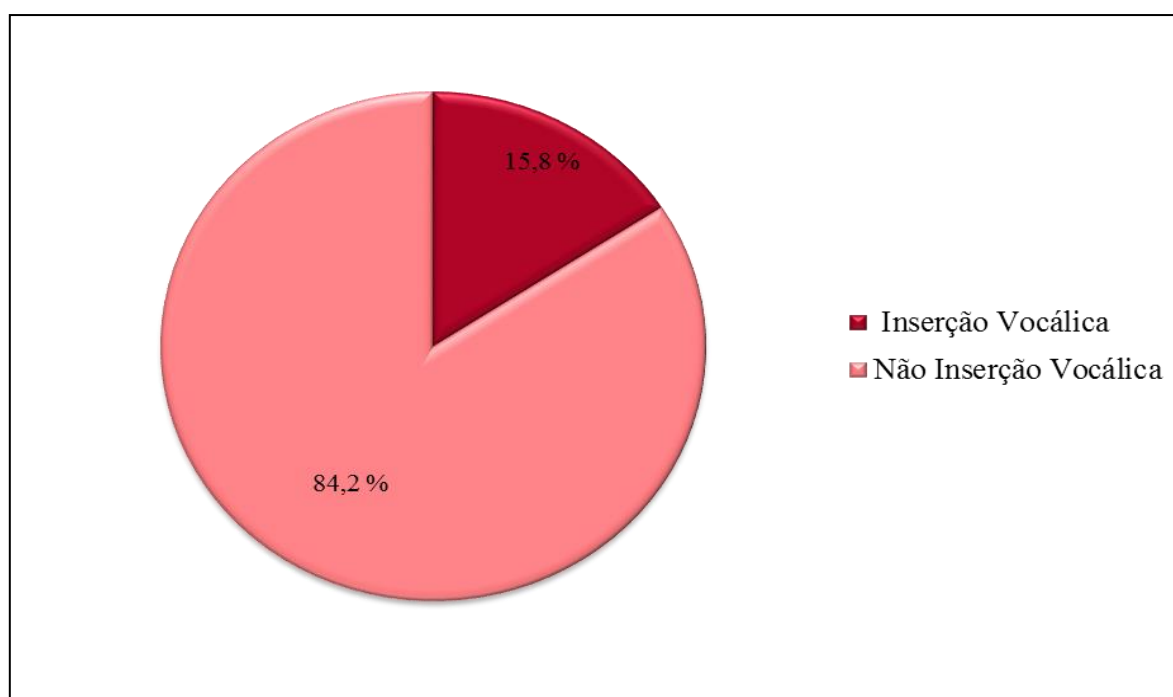
5.2 Frequência geral da epêntese vocálica medial em L1

Após a realização da primeira rodada com os dados de L1 e L2 concomitantemente, houve a necessidade de se empreender rodadas isoladas com os dados de L1, inicialmente, buscando-se investigar de forma mais detalhada como o fenômeno se propaga em cada sistema linguístico.

Dessa forma, a partir da análise de oitiva e acústica dos dados, o programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) considerou, nessa rodada, a frequência do fenômeno da epêntese vocálica apenas em língua portuguesa produzido por falantes bilíngues, de forma a selecionar as variáveis mais relevantes nesse processo.

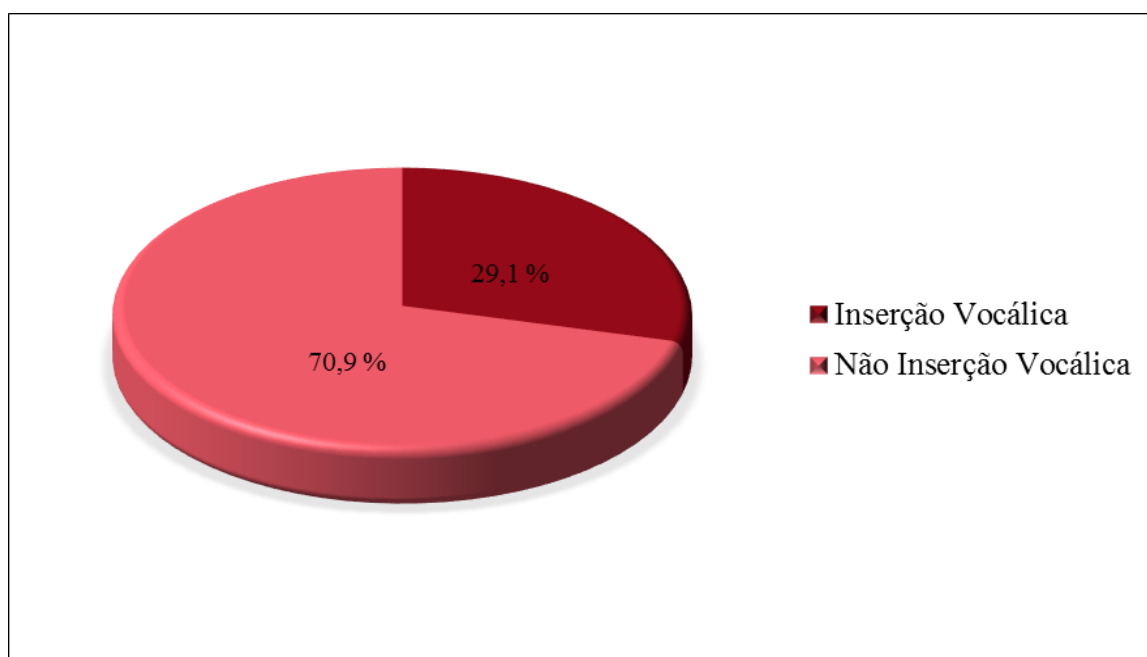
Assim, tendo em vista os dados de L1 analisados perceptualmente, encontramos um total de 1725 ocorrências do fenômeno da epêntese medial, dos quais 273 são de aplicação, apresentando um valor percentual de 15,8 %, e 1452 são ocorrências de não aplicação, com um percentual de 84,2 %, como é exibido no gráfico 3 que apresentamos a seguir:

Gráfico 3 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L1 – análise perceptual



Igualmente, apresentamos os dados de L1, analisados sob uma ótica acústica, a partir dos quais encontramos valores bem aproximados, sendo um total de 1726 ocorrências da inserção vocálica em posição medial, em que 502 são de aplicação do fenômeno, exibindo um índice percentual de 29,1 %, enquanto 1224 são de apagamento do segmento vocálico e valor percentual de 79,9 %, como apresentamos no gráfico 4:

Gráfico 4 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L1 – análise acústica



Diante dos valores expostos nos gráficos 3 e 4, percebe-se que os falantes bilíngues produzem as codas complexas em sua língua materna sem tanta necessidade de recorrer à vogal epentética para desfazer os *clusters*. Constatamos tal comprovação através da alta frequência de não aplicação do fenômeno da epêntese vocálica (84, 2 % e 70, 9 %) em comparação à frequência de aplicação (15, 8% e 29, 1 %).

Portanto, evidenciamos que os referidos resultados corroboram nossas hipóteses e parece nos indicar, nesse contexto, que a influência da L2 dos falantes atua no sentido de inibir a produção da epêntese, tanto na análise acústica quanto na análise perceptual. Uma vez que a própria estrutura da língua portuguesa rejeita codas complexas, esta tende naturalmente a recorrer a vogal intrusiva com a finalidade de formar uma nova sílaba com o elemento flutuante.

No entanto, este não foi o processo observado nas produções dos falantes, já que os resultados mostraram, através dos valores percentuais, que tais falantes contrariaram a tendência da língua de remontar o padrão canônico CV e mantiveram a sílaba travada em coda.

Além disso, os presentes resultados corroboram os resultados de estudos realizados anteriormente nesta mesma perspectiva, tais como Lima (2012) que nos apresenta valores próximos aos nossos. De acordo com a pesquisa da referida autora, nos dados de língua

materna, os aprendizes também produziram menos epêntese, exibindo um valor percentual de 28, 2 % de aplicação para 71, 8 % de não aplicação de epêntese vocálica medial por falantes bilíngues. Lima (2012, p. 79) fortalece, a partir de seus estudos, a premissa de que, apesar de a língua portuguesa, diferentemente da estrutura de outros dialetos, se sentir mais à vontade com sílabas abertas, há fatores que atuam influenciando na preservação da coda complexa.

Este processo parece confirmar, em parte, a hipótese que levantamos em torno de nossa pesquisa, a respeito da qual acreditamos que haja um reflexo da língua alvo, proporcional ao nível de proficiência do aprendiz, na produção da língua materna. Dessa forma, acreditamos que esse processo esteja relacionado ao grau de consciência dos padrões fonotáticos de ambos os sistemas linguísticos desenvolvidos pelos falantes e justifique, portanto, os valores encontrados.

Diante desta perspectiva, supomos que os falantes tendem a apoiar-se no conhecimento adquirido pelo sistema da língua alvo, de forma a requisitá-lo em suas produções em língua materna. Ghawi (2017) reitera em suas discussões que o nível de proficiência em L2 se mostra, de fato, como um fator de grande influência nesse processo, sobretudo no que diz respeito à influência da L2 na L1. Porém, segundo o autor, em habilidades como a leitura, por exemplo, que é a base da coleta de nossos dados, este fator não se aplica com tanta eficácia. Além disso, o referido autor acredita que essa transferência também seja motivada pelo *status* da língua alvo, a qual, por ser considerada uma língua de prestígio, pode conferir ao falante a ideia de apresentar uma estrutura mais “adequada”, o que pode vir a motivar o aprendiz a incorporar elementos fonético-fonológicos⁴² da L2 nas estruturas cabíveis da L1.

Todavia, para que todo esse processo possa ocorrer, é necessário que o falante desenvolva, dentre outros aspectos, certa consciência a respeito dos inventários fonológicos das línguas as quais está manipulando – L1 e L2. A este respeito, Alves (2012, p. 170) assegura que, ainda que os sistemas fonológicos das línguas difiram, as habilidades de consciência fonológica referentes à manipulação dos sons são transferíveis de uma língua para a outra. Para tanto, essa consciência fonológica, que é definida pelo autor como parte da reflexão consciente acerca dos sistemas de sons das línguas, precisa ser estimulada no falante, fazendo com o que o mesmo seja capaz de refletir, reconhecer e manipular os fenômenos de interlíngua característicos do processo de aquisição de L2.

⁴² Ghawi (2017) atesta, ainda, que todas as áreas de uma língua estão vulneráveis à esta influência cruzada. Contudo, as áreas mais passíveis de sofrer esta interferência reversa é a fonologia e o léxico.

De modo geral, frente a todas essas questões pontuadas, conjecturamos que nossos falantes, apesar de estarem subdivididos em três categorias de proficiência – básico, intermediário e avançado, apresentam determinado grau de maturação do sistema da L2, bem como certo grau de desenvolvimento da consciência fonológica de ambos os sistemas linguísticos. Portanto, essa condição lhes permite uma espécie de reconfiguração das categorias fonético-fonológicas da L1, a partir de elementos pertencentes a L2.

A seguir, apresentamos as variáveis independentes analisadas nesta segunda rodada e os grupos selecionados como os mais relevantes pelo programa, levando em consideração a inserção vocálica:

Quadro 15 – Grupos selecionados na segunda rodada da análise perceptual e acústica

2ª RODADA – L1		
Grupos Analisados	Grupos Selecionados na Análise Perceptual	Grupos Selecionados na Análise Acústica
Sexo	proficiência na língua	Sexo
proficiência na língua	tipo de instrumento	proficiência na língua
tipo de instrumento	contexto fonológico seguinte	contexto fonológico seguinte
contexto fonológico seguinte	contexto fonológico precedente	posição silábica
contexto fonológico precedente	posição silábica	–
posição silábica	–	–

Como se pode observar no quadro 15, a partir dos grupos controlados nesta rodada da análise perceptual, os fatores selecionados como mais relevantes pelo programa foram: *proficiência na língua, tipo de instrumento, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico*

precedente e posição silábica. Em contrapartida, as variáveis selecionadas com maior relevância para a análise acústica foram: *sexo, proficiência na língua, contexto fonológico seguinte e posição silábica.*

Se atentarmos com cautela à primeira rodada, veremos que os mesmos fatores foram selecionados na mesma ordem de relevância em ambas as rodadas de ambos os contextos, ratificando para nós, mais uma vez, a influência mútua da L1 e L2.

A partir de então, procederemos às análises dos fatores selecionados nesta rodada, buscando debater sobre o papel de cada variável na desenvoltura do fenômeno da epêntese medial em língua portuguesa, a fim de verificar a aplicabilidade das hipóteses estabelecidas.

5.2.1 Sexo

A variável mais significativa selecionada na análise acústica, a partir dos dados de língua materna produzidos por brasileiros bilíngues, em função da produtividade de ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica medial, foi a variável *sexo*. A partir da referida variável, intencionou-se verificar qual o grupo de informantes que propagaria uma ocorrência mais expressiva do fenômeno supracitado – homens ou mulheres.

O comportamento desta variável parece assumir significantes mudanças no que diz respeito ao entendimento de fenômenos variacionistas, no sentido de trazer uma nova impressão da aplicabilidade do gênero à diversidade /mudança linguística. Para tanto, a hipótese aventada para esta variável é de que homens e mulheres apresentem índices de aplicação do fenômeno bem semelhantes (LIMA & LUCENA, 2013).

A seguir, na tabela 10, resumiremos os valores percentuais encontrados para cada grupo de variante:

Tabela 10 – Sexo nos dados de L1 – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Feminino	270/863	31,3	0,52
Masculino	232/863	26,9	0,47
Total	502/1726	29,1	—

Input: .270

Significância: .039

Face aos dados apresentados na tabela 10, podemos constatar que os índices percentuais vão ao encontro da hipótese lançada a priori, uma vez que os informantes do sexo feminino demonstraram um total de aplicação de 270 ocorrências do fenômeno, apresentando, portanto, percentual de 31, 3 % de inserção vocálica e peso relativo de 0,52. Esse resultado obtido nas produções de indivíduos do sexo feminino, foi relativamente próximo aos resultados produzidos por falantes do sexo masculino, que exibiram um total de 232 ocorrências do fenômeno, representado por um percentual de 26, 9 % e peso relativo de 0,47.

Essa tendência tem sido atestada ao longo de diversos trabalhos atuais, como os de Keller (1999), por exemplo, os quais já sinalizavam que as mulheres estavam no processo para liderar as formas mais inovadoras e abandonando aos poucos as variedades conservadoras consideradas padrão.

De acordo com a referida autora, que desenvolveu uma pesquisa também sobre o fenômeno da epêntese nas cidades de Panambi e Blumenau (RS-SC), as mulheres dessas cidades realizaram mais epêntese que os homens, apontando a tendência de os informantes do sexo feminino realizarem mais a forma inovadora do que os do sexo masculino. Entre outros trabalhos que não versam sobre a epêntese (VIANNA & LOPES, 2015), inclusive, as mulheres têm demonstrado uma tendência levemente superior às dos homens para a variação.

Mais uma vez, os resultados reiteram a mudança nos papéis exercidos pela mulher na sociedade atual, que tem a colocado em uma posição de maior mobilidade/heterogeneidade social. Dessa forma, as mulheres têm apresentado, no geral, uma maior gama de contatos híbridos, que envolvem todos os ciclos em que a mesma está inserida. Ao invés de ser apenas aquela figura do lar, que precisa manter os padrões, em todos os sentidos, para preservar a ordem dos filhos e da família.

Todo esse contexto de ascensão e mobilidade social que a mulher tem encarado atualmente, não raro, tem refletido em suas escolhas linguísticas, como se pode comprovar nos valores acima.

5.2.2 Proficiência na língua

A partir da análise estatística dos dados de L1, a variável *proficiência na língua* foi a primeira selecionada na análise perceptual e a segunda selecionada na análise acústica, como a mais significativa para a aplicação da vogal epentética em posição medial. A influência dessa variável relacionada à L2 em produções da L1 de falantes bilíngues, configura-se, a nosso ver,

como um forte indício da existência desta relação bidirecional entre ambos os sistemas linguísticos, a qual temos defendido ao longo de nossas discussões.

Esta variável foi subdividida em três fatores, sendo eles os níveis *básico*, *intermediário* e *avanzado*, a partir dos quais buscamos investigar o nível que mais influencia na propagação do fenômeno em questão. Portanto, frente a esta variável, lançamos a hipótese de que quanto menos elevado o nível de proficiência do aprendiz, maior a probabilidade de aplicação da epêntese vocálica.

A seguir, apresentamos as tabelas 11 e 12, com os valores percentuais e acústicos para cada variante, respectivamente:

Tabela 11 – Proficiência na língua (L2) nos dados de L1 – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	157/574	27,4	0,70
Intermediário	56/575	9,7	0,38
Avançado	60/576	10,4	0,40
Total	273/1725	15,8	—

Input: .125

Significância: .010

Tabela 12 - Proficiência na língua (L2) nos dados de L1 – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	183/575	31,8	0,53
Intermediário	144/575	25	0,44
Avançado	175/576	30,4	0,51
Total	502/1726	29,1	—

Input: .270

Significância: .039

De acordo com os dados exibidos em ambas as tabelas, constatamos que nossa hipótese foi, em parte, confirmada, visto que os aprendizes que se encontram em um nível mais avançado de proficiência na L2 aplicaram o fenômeno em menor proporção, em comparação com a produção dos falantes do nível básico.

Os percentuais encontrados demonstram que 27,4 % e 31,8 % dos falantes bilíngues do nível básico realizaram a inserção do elemento vocálico em suas produções de língua materna, apresentando um peso relativo de 0,70.

Em contrapartida, na análise perceptual, apenas 10,4 % dos falantes que se encontram em um nível avançado e 9,7 % pertencentes ao nível intermediário, com peso relativo de 0,40 e 0,38, respectivamente, lideraram os índices de inibição do fenômeno.

Nesta perspectiva, entendemos que os nossos resultados vão ao encontro dos resultados encontrados nos estudos de Lima (2012, p. 80 - 81), que apresentam a proficiência na L2 como um fator preponderante na aplicação do fenômeno, como vem sendo demonstrado na maioria da literatura da área. A referida autora, da mesma forma, encontrou em sua pesquisa dados semelhantes aos nossos, no sentido de apontar que os níveis mais avançados de proficiência na L2 apresentarão maior tendência de inibir a aplicação do fenômeno na L1.

Diferentemente, a análise acústica esboçou uma realidade oposta ao observado na análise perceptual, em que os informantes que se encontram em um nível avançado de proficiência, produziram a aplicação do fenômeno em maior escala que os informantes pertencentes ao nível intermediário. De acordo com a tabela 12, os informantes do nível intermediário obtiveram um percentual de 25 % de aplicação do fenômeno em questão, enquanto que os informantes do nível avançado exibiram um valor percentual sutilmente maior de 30,4 %, com pesos relativos de 0,44 e 0,51, respectivamente.

Com base nestes resultados acima, acreditamos que por estarem manipulando dados em sua língua materna, os falantes, talvez, tivessem se sentido numa zona de conforto maior, não dando a devida atenção para a produção dos encontros consonantais que estavam produzindo.

Entretanto, os falantes de nível intermediário apresentaram certa cautela diante desses *clusters* complexos, exibindo valores levemente inferiores aos dos falantes de nível avançado e próximos aos encontrados na análise perceptual.

Todavia, de um modo geral, esses dados nos levam a crer que, quanto mais fortemente estabelecidas as categorias da L2 na mente dos usuários bilíngues, maior a possibilidade de o falante desenvolver certa sensibilidade no que diz respeito aos padrões fonotáticos de sua

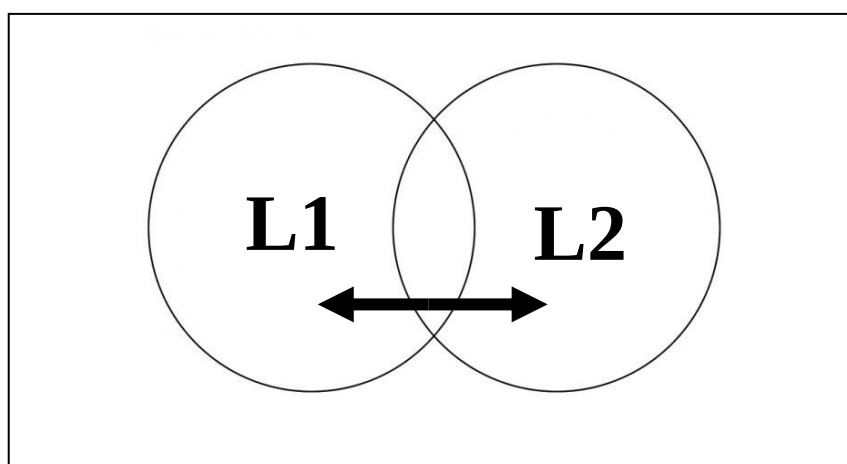
língua materna. Esta sensibilidade, conseqüentemente, possibilita que este usuário seja capaz de fazer uma espécie de reconfiguração das categorias fonético-fonológicos da L1, a partir do conhecimento e consciência fonológica advindos da L2.

A este respeito, Cook (2003, p. 1) assegura que a língua materna de falantes bilíngües difere, consideravelmente, da língua materna de falantes monolíngües. A mesma defende, nesse sentido, que a presença de dois sistemas linguísticos na mesma mente resultará, inevitavelmente, em um processo de integração desses sistemas. Dessa forma, a total separação de ambos os sistemas linguísticos será impossível, uma vez que ambos estão na mente do usuário, pressupondo alterações nas representações mentais construídas por este usuário para as duas línguas. No entanto, a integração total também é improvável, já que os usuários da L2 desenvolvem, em meio a esse processo, a capacidade de manipular as línguas separadamente, evocando-as quando necessário.

Assim, considerando este panorama linguístico, atestamos que este processo caracteriza-se como um fenômeno bidirecional, pelo fato dessa interferência ocorrer, em um primeiro momento, da L1 em direção à L2 e, em um segundo momento, ocorrer a partir da L2 em direção à L1, levando em consideração o nível de proficiência do falante e, por conseguinte, o desenvolvimento da consciência fonológica desse usuário durante o processamento dos padrões acústicos da L1 e L2.

A fim de melhor visualizarmos esse processo, destacamos a figura 6:

Figura 6 – Processo bidirecional da transferência linguística⁴³



⁴³ É imprescindível ressaltar que a figura 6 foi elaborada pela autora do presente trabalho, com base nas leituras de Cook (2003) e Pavlenko (2000).

Nesta perspectiva, a fim de reiterar o processo acima demonstrado, ecoamos Pavlenko (2000, p. 176), a qual afirma que a competência de uma língua materna (L1) pode, efetivamente, estar sujeita à mudança na fase adulta. Logo, a estabilidade desse caráter “nativo” dessa L1 não é tão imutável como presumia-se comumente, podendo, então, ser afetado por aspectos da estrutura da L2.

Em nosso caso, ainda conforme aponta Pavlenko (*op. cit.*, p. 179), essa influência resulta, entre outras instâncias, em uma *transferência de reestruturação* que se configura como uma incorporação dos elementos fonético-acústicos da L2 na L1, resultando em algumas mudanças ou substituições, ou até mesmo uma mudança parcial. Esta reestruturação, segundo assevera a autora, pode acontecer também com aprendizes iniciantes, porém, se mostrará de forma mais acentuada e produtiva entre falantes de níveis mais avançados, conforme registramos em nossa análise.

5.2.3 Tipo de instrumento

Nesta segunda rodada estatística apenas com os dados de L1, o programa selecionou a variável *tipo de instrumento* como a segunda variável mais relevante para a manutenção do fenômeno da epêntese vocálica medial, na análise de oitiva. À vista desta variável, consideramos os contextos *leitura de frases* e *leitura de textos*, a fim de verificar qual desses apresenta um ambiente de maior produtividade para a aplicação da regra.

Inicialmente, com base em estudos realizados (LABOV, 2008 [1972]), a hipótese prevista é de que a leitura de parágrafos mais extensos, por representar um estilo em que o falante, após certo tempo, presta menos atenção a fala, favoreça a maior incidência de ocorrências da inserção vocálica medial, ao contrário da leitura de frases que, de certa forma, é um contexto mais breve, demandando mais monitoramento.

A tabela 13 exhibe os valores percentuais encontrados para as variantes consideradas nesta variável:

Tabela 13 – Tipo de instrumento (L1)

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Leitura de frases	221/1296	17,1	0,52
Leitura de Parágrafos	52/429	12,1	0,41
Total	273/1725	15,8	—

Input: .125

Significância: .010

De acordo com os resultados apresentados anteriormente nesta tabela, é possível constatar que a leitura de parágrafos não constitui um ambiente de propagação favorável para o fenômeno da epêntese vocálica medial, apresentando um percentual de 17,1 % e peso relativo de 0,52. Ao contrário do que esperávamos, a leitura de parágrafos não se apresentou como um ambiente tão favorável em termos de produtividade de ocorrência, refutando nossa hipótese estabelecida a priori.

De acordo com McEwan (2004, p. 11), isso possivelmente ocorre pelo fato de, em meio à leitura, o aprendiz se deparar com palavras / tópicos desconhecidos, levando-o, na maioria das vezes, a fazer inferências. Nesse contexto, mesmo sendo em sua língua materna, o falante fica mais vulnerável à realização do processo de silabação das palavras, facilitando a criação de um ambiente propício para a produção de fenômenos como a epêntese, por exemplo, ainda mais pela própria tendência natural da língua portuguesa.

Diante deste cenário, consideramos a prática da leitura como uma atividade complexa, a qual exige do leitor, sobretudo, a utilização de processos como *reconhecimento* e *produção*. Assim, essa atividade transcende o mero (re)conhecimento do código linguístico e requer do leitor a utilização de determinadas estratégias de segmentação e/ou reconstrução que deem conta da manipulação das informações contidas no material de leitura.

Concebemos tais estratégias como procedimentos inconscientes que perpassam, sobretudo, a internalização dessas informações desconhecidas e não compreendidas, a princípio. Logo, dependendo do nível de maturidade linguística do falante, acreditamos que esses procedimentos pressupõem a utilização de recursos linguísticos, como a utilização de regras fonológicas típicas da língua materna durante o processo de leitura.

Nesse sentido, de acordo com os nossos resultados, cremos que os falantes, em um primeiro momento, durante a leitura das frases, tenham sentido maior dificuldade por terem se deparado com vocábulos desconhecidos, o que contribuiu para a segmentação desses vocábulos e, conseqüentemente, a reestruturação fonológica dos mesmos, propiciando um ambiente favorável para a ocorrência da epêntese. Por sua vez, nas leituras dos parágrafos, entendemos que os falantes já tinham internalizado os elementos desconhecidos e, pela própria competência do falante no código empregado, isto é, em sua L1, sua produção não precisou recorrer à aplicação do fenômeno.

Assim sendo, Kato (2007, p. 108) enfatiza que o leitor parece recorrer a mais de uma estratégia quando a complexidade do estímulo assim o exige. A autora explica que essa complexidade pode ser devida à dificuldade de percepção, bem como do nível de maturidade do próprio leitor. Por isso, trechos que veiculam informação nova ou imprevisível tendem a ser parcelados e configuram-se como ambientes oportunos para a ocorrência de fenômenos como a epêntese vocálica medial.

5.2.4 Contexto fonológico seguinte

A variável contexto fonológico seguinte foi a terceira selecionada nesta rodada como a mais propensa à aplicação da regra da epêntese, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica. A partir desta variável, portanto, buscou-se averiguar o ambiente posterior à vogal perdida – *labial*, *coronal* ou *dorsal*, que mais poderia influenciar na intercalação da vogal epentética.

Baseando-nos, dentre outras, na pesquisa de Lima (2012), nossa hipótese geral para esta variável é de que a maior probabilidade de ocorrência do fenômeno epentético se propague em contextos labiais.

Nas tabelas 14 e 15, podemos observar mais detalhadamente os resultados dispostos para cada fator considerado nesta variável, em ambos os contextos de análise:

Tabela 14 – Contexto fonológico seguinte (L1) – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	122/503	24,3	0,61
Coronal	143/1150	12,4	0,45
Dorsal	8/72	11,1	0,37
Total	273/1725	15,8	–

Input: .125

Significância: .010

O grupo em avaliação na tabela 14, a partir da análise perceptual, mostrou que nossas hipóteses foram confirmadas e, de fato, há maior probabilidade de ocorrência do fenômeno, quando temos um segmento labial em posição seguinte ao elemento flutuante. Nesse contexto, verificamos que o elemento labial exibe um percentual de aplicação de 24,3 %, apresentando um peso relativo de 0, 61, ao passo que o contexto coronal apresenta um percentual de 12, 4 % e o dorsal apresenta 11, 1 %, com pesos relativos de 0,45 e 0,37, respectivamente.

A partir desses resultados, comprovamos que a inserção da vogal epentética se mostrou favorecida diante de um segmento labial. Porém, de acordo com o que observamos, de forma bem mais favorecida quando o elemento que a antecede é coronal.

Mais uma vez, fazemos alusão aos resultados encontrados na rodada anterior (Cf. tópico *Contexto fonológico seguinte L1 + L2*), na qual recorremos ao *corpus* utilizado para dar conta de explicar os valores encontrados. Da mesma forma, nesta rodada, ao lançarmos mão das vinte e quatro palavras que compõem o nosso *corpus*⁴⁴, observamos que sete delas apresentavam uma labial em posição seguinte, das quais 4 exibiam uma coronal em posição anterior.

Faz-se premente enfatizar que o número de ocorrências é relativamente reduzido para atestar a recorrência ou não do fenômeno em estudo nesta pesquisa. Contudo, tendo em vista a

⁴⁴ Valemo-nos dessa circunstância, pelo fato de, em todo o *corpus*, a manifestação mais acentuada de coronal em posição anterior à possível inserção vocálica ocorrer diante de labiais, em oposição aos demais fatores. Dessa forma, notamos que dos dezesseis vocábulos que apresentam fator coronal em posição seguinte, apenas três apresentam coronal em posição anterior. E a única que apresenta contexto dorsal em posição seguinte, também apresenta uma coronal em posição precedente, justificando, portanto, os resultados obtidos.

ligação dos dados encontrados na rodada anterior com os que encontramos na rodada atual, inferimos que há indícios de que algumas características de determinados contextos podem ser primordiais para a ocorrência do fenômeno.

Diante desse panorama, mesmo que de forma tímida, entendemos que o processo de formação da vogal intrusiva configura-se como o resultado da expansão da coronalidade da consoante com traço [+ coronal] em posição precedente. A partir desse processo, compreendemos que há maior tendência de uma nova sílaba se estabelecer por regra *default*, através da vogal que vem à tona.

Dessa forma, o traço [+ coronal] do elemento anterior se espraia sobre a vogal provocando uma espécie de dissociação do traço lateral do elemento posterior e substituindo-o pelo traço coronal, caracterizando-se, a nosso ver, como uma regra de modificação de traço e que, conseqüentemente, combina assimilação com alteração, por meio do processo de transferência.

Nesse sentido, ecoamos novamente a Teoria de Traços proposta por Clements & Hume (1995), com o intuito de explicar o referido processo. De acordo com esta teoria, os sons da fala são hierarquicamente representados por nós, os quais vinculam-se a aspectos articulatórios, auditivos e/ou perceptivos que influenciam a produção dos segmentos. Dentre tais aspectos, temos os articulatórios como responsáveis pela interação entre consoantes e vogais que compartilham traços entre si e originam elementos intrusivos, veiculando fenômenos como a epêntese vocálica, por exemplo.

Ao comparar estes resultados com os da tabela 15, que considera a análise acústica dos dados, temos uma situação relativamente diferente, em que o fator labial continua demonstrando certa produtividade para a propagação do fenômeno. Porém, nesse contexto, presumimos que o fator labial concorre com o fator dorsal, no que diz respeito à manutenção do referido fenômeno, como se pode visualizar na tabela 15:

Tabela 15 – Contexto fonológico seguinte (L1) – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	185/503	36,8	0,62
Coronal	299/1151	26	0,43

Dorsal	18/72	25	0,63
Total	502/1726	29,1	—

Input: .270

Significância: .039

Frente a estes resultados, reiteramos a discussão endossada anteriormente no tópico 4.1.4 e reforçada na análise dos dados de oitiva, em que sustentamos o espraçamento da coronalidade como gatilho motivador para este resultado, já que a única palavra que contém um segmento dorsal em posição seguinte, apresenta um segmento coronal em posição precedente.

Neste caso, especificamente, o segmento flutuante /d/, da palavra **vod.ca**, irá espraçar o traço [+ coronal] para os segmentos adjacentes, nesse caso o segmento dorsal /k/.

A partir de uma elucidação fonética, para este caso, entendemos que os elementos flutuantes sejam oriundos do estreitamento, i. e., abertura do filtro, que é o trato vocal, e compartilham traços com o elemento seguinte, por meio de processos de assimilação (KENT & READ, 2015; BARBOSA & MADUREIRA, 2015).

Assim sendo, concluímos que a constrição do tubo, associada ao deslocamento da lâmina da língua ao palato, gera frequências que formam um F1 baixo e um F2 alto, o que é determinante para este processo de espraçamento dos traços. Estas frequências, por sua vez, são bem próximas de elementos como as vogais anteriores /i/, o que institui um ambiente propício para inserção do segmento vocálico intrusivo.

5.2.5 Contexto fonológico precedente

A quarta variável selecionada em termos de produtividade de ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica medial, a partir da análise perceptual, foi o contexto fonológico precedente. Para efeito de análise desta variável, consideramos os fatores *labial*, *dorsal* e *coronal*, a fim de analisarmos qual desses segmentos em posição de coda se manifestará com maior incidência para a inserção da vogal de apoio. Faz-se oportuno enfatizar, ainda, que a referida variável não foi selecionada como relevante na análise acústica.

Com base em estudos realizados nesta mesma perspectiva (CARDOSO, 2005; LIMA, 2012), a hipótese prevista faz referência ao contexto coronal como ambiente mais receptivo no que concerne a maior incidência do fenômeno da epêntese vocálica.

Passemos à apresentação dos resultados encontrados para esta variável na tabela 16, a seguir:

Tabela 16 – Contexto fonológico precedente (L1) – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	60/578	10,4	0,42
Coronal	144/572	25,2	0,64
Dorsal	69/575	12	0,43
Total	273/1725	15,8	—

Input: .125

Significância: .010

Ao analisarmos os valores demonstrados na presente tabela, a constatação mais imediata é a de que nossas hipóteses foram confirmadas, já que o contexto coronal em posição precedente apresentou uma maior recorrência de aplicação do fenômeno, em relação aos demais, apresentando um percentual de 25, 2 %, com peso relativo de 0,64. Os fatores labial e dorsal, no entanto, se mostraram menos significativos nesse processo, apresentando percentuais de aplicação de 10, 4 % e 12%, bem como pesos relativos de 0,42 e 0,43, respectivamente.

Como mencionado anteriormente, estes resultados confirmam o que foi proposto nas pesquisas de Cardoso (2005) e Lima (2012), as quais asseguram que os contextos coronais, de fato, caracterizam-se como elementos responsáveis pela formação das codas mais complexas, sobretudo, na língua portuguesa.

De forma análoga à rodada anterior com os dados de L1 + L2, o referido contexto em posição precedente também apresentou uma desenvoltura favorável no que diz respeito à

aplicação do fenômeno em posição medial e, coincidentemente, seguido de labiais e coronais na posição seguinte.

Amparando-nos em parte da literatura da área, concebemos que os contextos coronal e labial são semelhantes em termos de ponto de articulação, favorecendo o compartilhamento de características e criando um ambiente produtivo para a ocorrência de fenômenos fonológicos. Nesse sentido, ecoamos Bayley (2005, p. 19) que reitera, através de suas pesquisas, a tendência de segmentos semelhantes, mesmo que parcialmente, serem fonologicamente desfavorecidos.

As observações do referido autor refletem um princípio básico de harmonia que tem o status de máxima fonológica, de acordo com o qual a fonologia prefere contornos – sequências de diferentes articulações, ao invés de sequências sem contorno, envolvendo repetição do mesmo segmento de articulação. Assim sendo, construções dessa natureza se mostram com uma maior aplicabilidade de fenômenos como a epêntese para desfazer tais sequências, o que pode dar conta de justificar os valores que encontramos para esta variável.

Por isso, conforme afirma Bayley (*op. cit.*), é empiricamente comprovado que o elemento coronal é fonologicamente variável – da camada segmental para a posição licenciada na camada CV, explicando os altos índices de ressilabificação quando a coronal se encontra em posição de coda, colocando-a em posição de ataque juntamente com uma vogal.

5.2.6 Posição silábica

A posição silábica foi a quinta e última variável selecionada pelo programa, na análise perceptual, como relevante para a propagação do fenômeno em questão. Já na análise acústica, a referida variável foi a quarta e última selecionada, em termos de produtividade da inserção epentética.

Diante desta variável, pretendemos analisar os contextos prosódicos que se mostram mais propícios para a realização do fenômeno – pretônico ou postônico.

Com base em estudos anteriores (COLLISCHONN, 2004; LIMA, 2012), a hipótese para esta variável é de que a pauta acentual pretônica se manifeste de forma mais favorável para a inserção vocálica em posição medial.

Vejam nas tabelas 17 e 18, os resultados encontrados para os fatores da variável supracitada, nos contextos da análise perceptual e acústica, conforme se apresenta:

Tabela 17 - Posição silábica nos dados de L1 – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Pretônica	171/864	19,8	0,58
Postônica	102/861	11,8	0,41
Total	273/1725	15,8	—

Input: .125

Significância: .010

Tabela 18 - Posição silábica nos dados de L1 – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Pretônica	350/864	40,3	0,66
Postônica	152/862	17,6	0,33
Total	502/1726	29,1	—

Input: .270

Significância: .039

Ao analisarmos os valores encontrados, nos dois contextos de análise, constatamos que os resultados corroboram nossas expectativas, visto que já era esperado encontrar o fator pretônico como o contexto prosódico mais relevante para o processo.

De acordo com os dados de L1, o contexto pretônico exibe um percentual de aplicação de 19,8 % e 40,3 %, com peso relativo de 0,58 e 0,66, na análise perceptual e acústica, respectivamente, mostrando-se mais propício à emergência do fenômeno. Em contrapartida, o contexto fonológico postônico revela um índice percentual inferior de 11,8 % e 17,6 %, com peso relativo de 0,41 e 0,33, se mostrando como um fator que inibe, relativamente, o fenômeno.

Conforme proposto em discussões anteriores, será possível verificarmos que os resultados aos quais chegamos convergem para os resultados de trabalhos realizados nesse

mesmo panorama, como o de Collischonn (2004) que também vislumbraram esta mesma estimativa.

De acordo com Collischonn (*op. cit.*), que se baseia na Teoria Prosódica da Sílabas proposta por Itô (1986), essa forte tendência de manter o acento posterior à epêntese está associada ao processo da silabação que é considerado pré-requisito para o acento. Então, considerando que a epêntese ocorre nesse processo de silabação, entende-se que as sílabas epentéticas estejam configuradas nos moldes CV, a fim de satisfazer a estrutura silábica padrão da língua e atuar no sentido de bloquear a estrutura do acento no contexto postônico através do acréscimo do vocóide intrusivo, i. e., epêntese, já que este contexto pressupõe deslocamento de acento.

Ainda, segundo a referida autora, essa ocorrência produtiva do fenômeno em contexto pretônico reforça, mais uma vez, a análise linguística da epêntese que interpreta este fato da seguinte forma: na posição pretônica, a epêntese apresentará a tendência de ocorrer livremente, porém, na postônica, o fenômeno será fortemente influenciado por restrições de acento.

Collischonn (2004) admite que esta tendência advém da existência de uma sequência entre silabação e acento, de acordo com a qual o acento se mostrará mais aplicável após a silabação, isto é, em uma pauta pretônica, pelo fato de haver a possibilidade de “ver” o que foi produzido pela silabação.

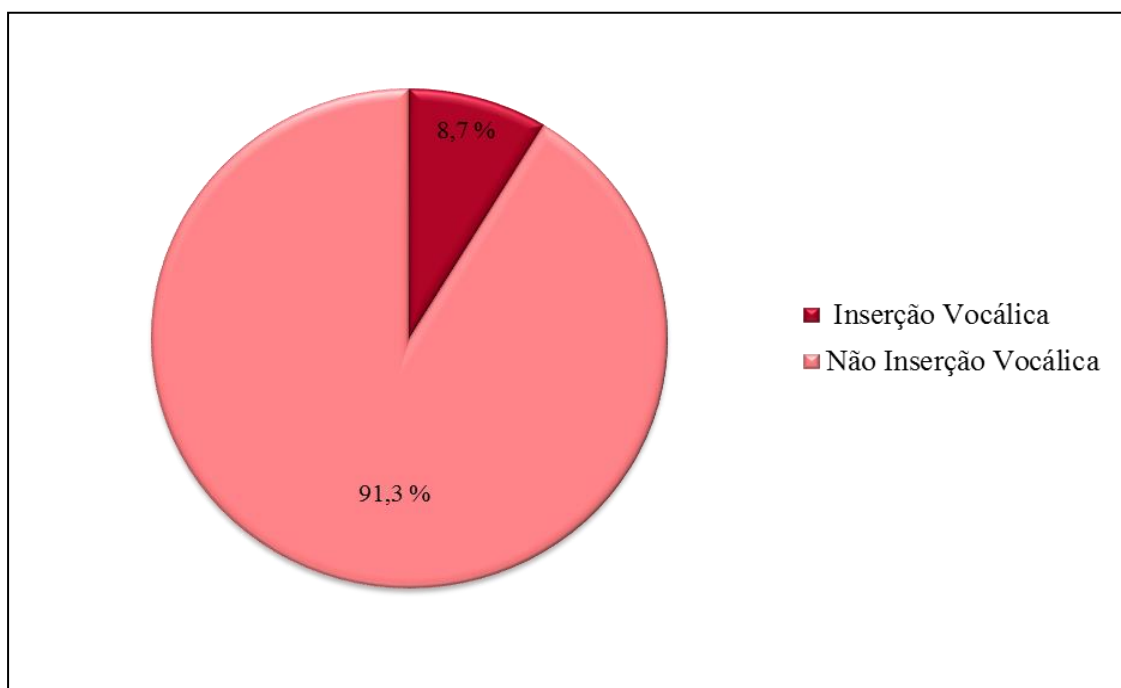
Como resultado desse processo, a autora infere que a estrutura silábica determinará o acento, buscando preservá-lo e não relocá-lo, como é passível de ocorrer em contextos postônicos. Compreendemos, dessa forma, que este fato pode explicar os índices encontrados nesta variável.

5.3 Frequência geral da epêntese vocálica em L2

Após procedermos às rodadas com os dados gerais (L1 + L2) e isolarmos os dados de L1, buscamos, nesta terceira rodada, aferir como o fenômeno da epêntese vocálica medial se comporta somente nos dados de L2, a partir das análises perceptual e acústica, a partir das produções de língua inglesa por aprendizes paraibanos bilíngues.

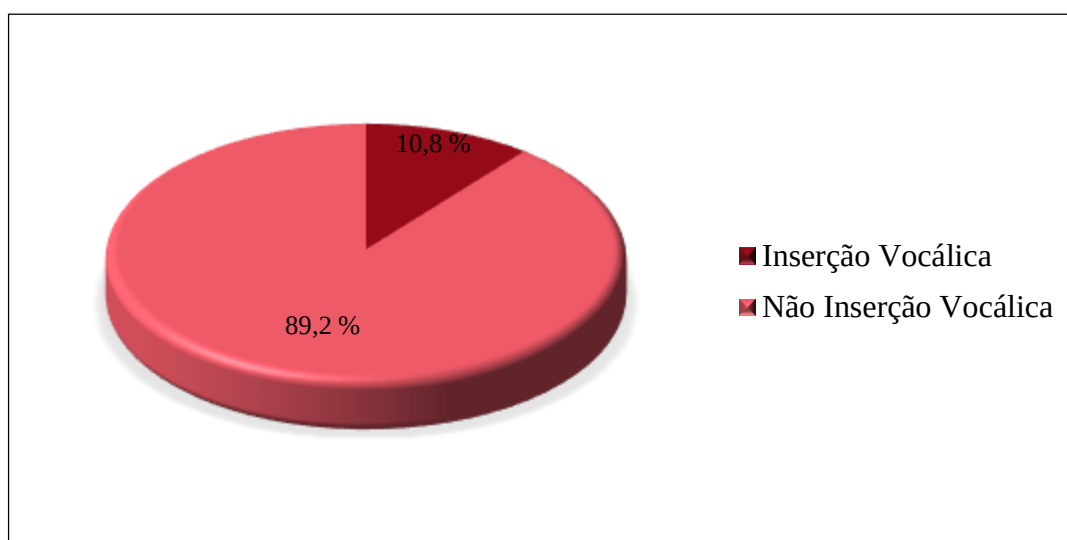
No geral, na análise de oitiva, a epêntese vocálica em inglês como L2 se propagou com um total de 1574 ocorrências, das quais 137 foram de aplicação do fenômeno e 1437 de não aplicação, exibindo um percentual de 8, 7 % e 91, 3 %, respectivamente, como podemos visualizar no gráfico 5:

Gráfico 5 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L2 – análise perceptual



Na análise acústica, por conseguinte, o fenômeno da epêntese medial apresentou um total geral de 1664 ocorrências, sendo 179 de aplicação do fenômeno, com índice percentual de 10,8 %, e 1485 de não aplicação, apresentando um valor percentual de 89,2 %, conforme demonstrando no gráfico 6, que segue:

Gráfico 6 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial em L2 – análise acústica



Com base nos valores exibidos nos gráficos 5 e 6, podemos constatar, de forma geral, que o sistema da L2 desses falantes encontra-se bem desenvolvido, uma vez que o índice de aplicação da epêntese vocálica se manifestou de forma restrita, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica – apenas 8, 7 % e 10, 8 %, de forma respectiva.

Tomando como base outros trabalhos realizados nesta mesma perspectiva, tais como o de Lima (2012) na Paraíba, e Alves (2008) no Sul do país, encontramos valores bem próximos aos nossos, revelando, em ambos os casos, que o *input* fornecido para os falantes apresenta como efeito certa melhora de processamento das formas de L2.

De certa forma, apesar de ser um grupo de falantes bilíngues subdivididos em diferentes níveis de proficiência, atribuímos este resultado ao fato de os informantes já serem professores de língua inglesa ou estarem em formação – Licenciatura Plena em Letras / Habilitação Língua Inglesa e, por este motivo, apresentarem maior contato com a língua.

Tal fato, a nosso ver, confere aos nossos informantes um maior grau de reconhecimento em relação ao sistema da L2, devido à profissão/formação dos mesmos. Nesse sentido, há considerável exposição à língua estrangeira e, conseqüentemente, certo desenvolvimento da consciência dos aspectos fonético-fonológicos da L2, além de maior monitoramento de suas próprias produções.

Para efeito de explicação desses dados, acreditamos que este alto índice da forma-alvo que constatamos possa ser explicado pela gama de instrução formal recebida/manipulada pelos participantes da nossa pesquisa. A este respeito, Alves (2012, p. 229) assevera que a instrução explícita exerce um papel facilitador, permitindo que o aprendiz passe a atentar para os aspectos formais que tendem a não ser tão notados. Ademais, essa instrução formal dos aspectos fonético-fonológicos tende a se mostrar pertinente tanto para a produção como para a percepção dos itens linguísticos focalizados.

Segundo o autor, essa é a possível explicação da emergência das formas-alvo em produções de falantes bilíngues. Contudo, de acordo com o mesmo, caso não haja a explicitação, há a possibilidade de o padrão da L1 se manter hegemônico, havendo maiores índices de transferência da L1 para a L2.

Dessa forma, pressupomos que o *input* linguístico manipulado durante a instrução explícita se apresenta de forma positiva e, sobretudo, bastante significativa, fazendo com que o padrão da língua alvo possa ser processado de forma consciente, minimizando, portanto, os efeitos da interlíngua no processamento da L2. Assim, esse processo pode ser caracterizado pelo desenvolvimento de um conhecimento que resulta, inevitavelmente, em uma produção mais acurada da forma-alvo, como podemos perceber através de nossos resultados.

Em seguida, apresentamos o quadro 16 com as variáveis independentes submetidas às análises perceptual e acústica, e selecionadas nesta terceira rodada, em ambos os contextos de análise:

Quadro 16 – Grupos selecionados na terceira rodada da análise perceptual e acústica

3ª RODADA – L2		
Grupos Analisados	Grupos Selecionados na Análise Perceptual	Grupos Selecionados na Análise Acústica
sexo	proficiência na língua	Sexo
proficiência na língua	tipo de instrumento	proficiência na língua
tipo de instrumento	contexto fonológico seguinte	contexto fonológico seguinte
contexto fonológico seguinte	—	contexto fonológico precedente
contexto fonológico precedente	—	—
posição silábica	—	—

Ao examinar, portanto, o quadro 16, percebemos que os fatores selecionados como mais relevantes para a aplicação do fenômeno nos dados de inglês como L2, a partir da análise perceptual, foram: *proficiência na língua*, *tipo de instrumento* e *contexto fonológico seguinte*. Entretanto, no que concerne à análise perceptual, as variáveis mais relevantes para a propagação do fenômeno na L2 foram: *sexo*, *proficiência na língua*, *contexto fonológico seguinte* e *contexto fonológico precedente*.

Partiremos, a seguir, para as análises isoladas dessas variáveis, buscando contemplar a aplicabilidade das hipóteses estabelecidas para cada uma delas, em ambos os contextos de análise.

5.3.1 Sexo

Ao empreender a terceira rodada, isolando apenas os dados de inglês como L2, verificamos que a variável *sexo* foi a primeira selecionada em termos de relevância, na análise acústica. Para efeito de análise desta variável, pretendemos averiguar qual o grupo de informantes demonstraria em suas produções, construções mais favorecedoras para a aplicação do segmento vocálico intrusivo em encontros complexos – homens ou mulheres.

A partir do levantamento dos resultados encontrados atualmente na literatura da área (LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013), levantamos a hipótese de que não encontraríamos índices tão divergentes de aplicação do referido fenômeno nas produções de ambos os grupos indivíduos. Assim, mesmo contrariando a tendência empírica de trabalhos tradicionais que mostraram, ao longo do tempo, que as mulheres tendem a propagar variantes de prestígio, por questões fortemente histórico-sociais, acreditamos que os nossos dados podem revelar uma mudança nessa perspectiva linguística.

A seguir, na tabela 19, examinaremos cautelosamente os resultados obtidos para esta variável:

Tabela19 – Sexo nos dados de L2 – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Feminino	129/825	15,6	0,63
Masculino	50/839	6	0,36
Total	179/1664	10,8	—

Input: .080

Significância: .000

Ao apreciar os dados acima dispostos na tabela 19, constatamos, mais uma vez, que as nossas hipóteses foram certificadas, uma vez que as informantes do sexo feminino demonstraram uma maior tendência de aplicação da regra da epêntese vocálica medial, com um percentual de 15, 6 % de aplicação e peso relativo de 0,63. Em contrapartida, observamos que os informantes do sexo masculino optaram por escolhas linguísticas que preservam as

codas, demonstrando um índice percentual de 6 % de aplicação da regra e peso relativo de 0,36.

Vale salientar que, conforme podemos verificar no decorrer das rodadas anteriores, essa tendência tem sido confirmada, pelo fato de a mulher estar sempre apresentando índices mais altos de propagação do fenômeno em suas produções.

Com o intuito de tentar compreender a recorrência desse resultado em nossos dados, sobretudo nos dados de L2, recorreremos ao perfil dos informantes bilíngues que participaram de nossa pesquisa.

Ao revisitar nosso material e fazer um levantamento diagnóstico do perfil social desses informantes, constatamos que, dentre os nove indivíduos do sexo masculino que participaram da nossa pesquisa, quatro ainda estavam cursando a Licenciatura Plena em Letras/UEPB e cinco já tinham concluído o curso, inclusive com alguns anos de atuação na área como professor de língua inglesa e experiência de aperfeiçoamento no exterior, através de cursos de curta duração fornecido pela Capes⁴⁵.

Todavia, o perfil das informantes do sexo feminino nos revelou que, dentre as nove participantes, apenas uma tinha concluído o curso, ao passo que as demais estavam cursando a Licenciatura, parte no início e outras no final do curso. Porém, todas demonstraram ter frequente contato com a língua inglesa fora da sala de aula, através de música, filmes e redes sociais.

Como o conhecimento linguístico é processado pelo cérebro sequencialmente, presumimos que os informantes produzam *output* de acordo com o *input* que recebem, em um processo de retroalimentação dos insumos linguísticos. Dessa forma, o contato cada vez mais frequente com a língua alvo, levam os informantes a produzirem padrões de *output* que se aproximam, cada vez mais, com os padrões dessa L2.

Por este motivo, talvez, os informantes do sexo masculino tenham demonstrado um menor índice da propagação do fenômeno em suas produções, ao passo que as mulheres lideraram os índices mais altos de aplicação do vocóide intrusivo.

⁴⁵ Cabe ressaltar esta informação pelo fato de, em nosso questionário (cf. Apêndice 2), parte dos questionamentos ser referente ao nível de inglês do informante, bem como sua experiência no exterior, sobretudo da oportunidade de ter feito algum curso e a duração do referido curso. Nesse sentido, dois participantes sinalizaram já terem participado do PDPI (Programa de Desenvolvimento Profissional para Professores de Língua Inglesa nos EUA) da Capes em parceria com a comissão Fulbright. E outro professor sinalizou já ter participado do programa Gira Mundo.

5.3.2 Proficiência na língua

Nesta terceira rodada com os dados de L2, a variável *proficiência na língua* se sobressaiu às demais, na análise perceptual, no que diz respeito à aplicação do fenômeno da epêntese vocálica medial nos dados de língua inglesa. Entretanto, a referida variável foi selecionada, através da análise acústica, como a segunda variável mais significativa para o fenômeno.

Considerando trabalhos empreendidos na literatura da área, lançamos a hipótese de que quanto mais avançado o nível de proficiência apresentado pelo falante, menor a incidência de aplicação do fenômeno em suas produções.

A seguir, podemos visualizar nas tabelas 20 e 21 os valores percentuais e os pesos relativos encontrados para cada variante, a depender do contexto de análise:

Tabela 20 – Proficiência na língua (L2) nos dados de L2 – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	106/530	20	0,80
Intermediário	19/472	4	0,41
Avançado	12/572	2,1	0,26
Total	137/1574	8,7	—

Input: .051

Significância: .000

Tabela 21 – Proficiência na língua (L2) nos dados de L2 – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Básico	103/534	19,3	0,70
Intermediário	36/558	6,5	0,39
Avançado	40/572	7	0,41
Total	179/1664	10,8	—

Input: .080

Significância: .000

Diante dos dados exibidos nas tabelas 20 e 21, constatamos que nossas hipóteses foram confirmadas. Os resultados que obtivemos através dos dados de L2, tanto a partir da análise de oitiva quanto na análise acústica, nos mostram que os falantes que se encontram no nível básico apresentaram índices bem próximos de 20 % e 19,3 % de incidência do fenômeno da epêntese vocálica medial, com peso relativo de 0,80 e 0,70. Em contrapartida, os falantes que foram identificados como pertencentes aos grupos intermediário e avançado demonstraram maior tendência de preservar o travamento da sílaba, apresentando, portanto, uma baixa percentagem de aplicação do fenômeno.

Dessa forma, a partir dos valores encontrados para cada nível de proficiência, em ambos os contextos de análise, evidenciamos que o tempo de exposição e contato com a L2 são fatores consideráveis no processo de aquisição da língua em questão, determinando a dimensão da interferência de um sistema no outro, durante o processo.

Corroborando esta premissa, Lamprecht (2011, p. 58) assegura que a associação mais imediata realizada por cada aprendiz durante estágios iniciais de aquisição de qualquer sistema linguístico alvo se dá quando este falante traz à tona as estruturas da língua materna, com a qual dispõe de considerável experiência linguística. Logo, é natural que, nesta fase, o falante traga para a aprendizagem da língua estrangeira um sistema entrenchado nos padrões fonético-fonológicos da L1, resultando, fatalmente, em uma produção altamente influenciada por estas estruturas de sua língua materna.

A autora explica que, em meio a este processo, verifica-se uma forte ligação com os aspectos da L1, pelo fato de esta representar um sistema de alta frequência na mente do indivíduo, sobretudo, por ser a língua primeira deste falante e ser requisitada continuamente.

Dessa forma, entende-se que o desenvolvimento da L2 que se dará nesse mesmo sistema cognitivo, sofrerá, em alguma instância, a influência desses padrões da L1 que já estão arraigados e automatizados na mente do aprendiz.

Faz-se premente, nesse sentido, destacar que esse processo de interferência entre ambos os sistemas linguísticos opera em diferentes níveis linguísticos, justificando o fato de determinados aspectos da L2 estarem mais propensos ao processo do que outros, como é o caso dos aspectos fonético-fonológicos, sobretudo, dos padrões grafofônico-fonológicos.

A este respeito, Lamprecht (*op. cit.* p. 77 – 78) justifica que “essa tendência se mostra de grande pertinência, uma vez que a L1 possui uma relação grafofônico-fonológica transparente, enquanto a língua-alvo apresenta uma relação opaca, de modo que haja uma tendência de transferência dos padrões do português na produção oral em inglês”. Por esse motivo, conforme encontramos em nossos resultados, os falantes com menos tempo de

contato com a língua apresentam esta tendência de produzir os elementos da L2 recorrendo demasiadamente aos padrões fonológicos da L1.

Em contrapartida, segundo a autora, à medida que este falante aumenta o acesso a língua-alvo, o mesmo consegue, gradativamente, estabelecer conexões mais estruturadas entre ambos os sistemas linguísticos, passando a manipular os elementos da L2 sem recorrer tanto à L1.

O que ocorre, portanto, é um processo de reestruturação do inventário fonológico dos dois sistemas linguísticos na mente do aprendiz, responsável por desfazer a forte associação inicial existente entre a língua materna e a língua estrangeira. Entretanto, faz-se necessário entender que é possível que algum grau de transferência entre as duas línguas esteja sempre presente, dada a natureza interativa do processo linguístico-cognitivo.

Assim, como podemos comprovar em nossos resultados, à medida que o aprendiz de L2 passa a ter maior exposição à língua-alvo, este falante galga um patamar de proficiência mais elevado e, conseqüentemente, um grau maior de consciência dos aspectos fonológicos, o que implica em um menor nível de interferência de um sistema no outro. De acordo com Martinez (2009, p. 26), esse grau de maturidade linguística pressupõe uma espécie de efeito ampliador não somente de questões fonético-fonológicas, mas lexicais, semânticas e sociais que antes não eram percebidos pelo aprendiz e que, nesse grau de aquisição, passam a ser refletidos pelo mesmo e resultam em uma apropriação mais maturada do novo sistema.

5.3.3 Tipo de instrumento

O segundo grupo selecionado, somente na análise de oitiva, como mais relevante na investigação do fenômeno da epêntese vocálica medial na produção de dados de L2 foi a variável *tipo de instrumento*, através da qual buscamos analisar qual o contexto de produção se mostrou mais propício para a inserção vocálica – leitura de frases ou leitura de parágrafos.

Ancorados na literatura da área (PEREYRON, 2008; LIMA, 2012), a hipótese aventada para esta variável é de que a frequência mais produtiva do fenômeno fosse registrada em produções oriundas das leituras de parágrafos, uma vez que este contexto de produção pressupõe uma produção um tanto prolongada e, conseqüentemente, menos elaborada, em que o falante tende a estar menos atento ao que está lendo.

Através da tabela 22, podemos visualizar detalhadamente os resultados encontrados para a referida variável:

Tabela 22 – Tipo de instrumento nos dados de L2

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Leitura de frases	118/1180	10	0,55
Leitura de Parágrafos	19/394	4,8	0,34
Total	137/1574	8,7	—

Input: .051

Significância: .000

Como é possível avaliar na tabela 22, nossa hipótese foi refutada, apresentando a variante *leitura de frases* como mais significativa para o processo de inserção da vogal epentética diante de obstruintes em posição de coda, apresentando um percentual de 10 % e peso relativo de 0,55. Contrariamente ao que era esperado, a variante *leitura de parágrafos* se mostrou menos atuante no que diz respeito à propagação do fenômeno, com um valor percentual de 4,8 % e peso relativo de 0,34.

Inicialmente, conjecturamos que o referido resultado possa ser explicado pelo fato da leitura das palavras, que foi solicitada primeiro, conferir ao falante certa segurança na leitura posterior dos parágrafos. Seguindo esta premissa, trazemos as contribuições de Gomes, Brescancini & Monaretto (2015, p. 214) os quais afirmam que o uso tem impacto na representação mental de determinados itens. Assim, acreditamos, de forma geral, que nossos dados comprovaram que a frequência da primeira etapa da leitura (cf. cap. metodologia) provocou na mente dos falantes uma espécie de automação da produção, diante da qual, o uso “repetido” resultou em uma produção mais consciente e, portanto, com um menor índice de aplicação do fenômeno, na segunda etapa.

Essa automação pressupõe uma espécie de representação mental que é elaborada pelo indivíduo durante a atividade de leitura. Nesse percurso, são vários os processos que ocorrem na mente do leitor, envolvendo diversos tipos de conhecimento acionados pelo mesmo, dentre os quais pode-se destacar decodificação, inferência, monitoramento (da compreensão), entre outros. Para lidar com tais processos, entra em jogo o que Kato (2007, p. 133) define como estratégias cognitivas que regem o desempenho desse indivíduo e estratégias metacognitivas que o auxiliam a monitorar sua atividade de leitura.

Diante desse panorama, acreditamos também que os resultados obtidos refletem o grau de “experiência⁴⁶” dos nossos informantes em relação às palavras lidas. Desse modo, apesar da automonitoração, o comportamento dos informantes parece refletir a baixa frequência de contato dos mesmos com o repertório do *corpus*, ou seja, é mínima a probabilidade de que estas palavras façam parte do repertório comunicativo em L2 dos leitores.

Fazemos esta inferência por acreditarmos, como propõe Zimmer (2011, p. 62), que “o conhecimento grafofônico-fonológico está intimamente relacionado ao processamento que o leitor faz”. Dessa forma, a autora reitera que as palavras de alta frequência são reconhecidas e reproduzidas mais acuradamente pelo leitor do que aquelas com que os leitores se depararam com menos frequência, o que, a nosso ver, pode justificar o maior percentual de aplicação do fenômeno durante a leitura das frases.

Contudo, como bem acrescenta Mendes (2017, p. 104), não se pode deixar de considerar que a automonitoração, de um modo geral, é naturalmente mais favorecida nesses tipos de atividades previamente preparadas pelo entrevistador, e que propiciam muito mais atenção à fala e às formas linguísticas que estão sendo reproduzidas.

Porém, apesar de a leitura da lista de palavras configurar-se, inevitavelmente, como um estilo que conduz a uma maior monitoração, tal estilo, independentemente do nível de proficiência do falante, pode levar o indivíduo a produções mais acentuadas de hipercorreção⁴⁷. Este fato faz-nos crer que, provavelmente, por serem professores de inglês ou estarem cursando Licenciatura Plena em Letras – Inglês tenham buscado um maior esforço de ajustar suas produções em L2, ao máximo, à norma-padrão, com o intuito de se mostrarem pertencentes a uma classe mais alta que domina as formas linguísticas da L2, o que confere certa noção de prestígio.

Nesse contexto, presumimos que ocorreu uma espécie de “monitoramento sociolinguístico”, que operou exageradamente como um módulo inconsciente na busca de identificar a variante que deveria ser empregada, avaliá-la e aproximá-la das tendências de realização na língua alvo. Todavia, conforme apontam os dados, o resultado foi o oposto, ocasionando a inserção da vogal epentética diante da consoante em coda silábica.

⁴⁶ Vale salientar que não usamos essa expressão em relação à proficiência na L2, mas à familiaridade com os vocábulos do *corpus*.

⁴⁷ A hipercorreção, também conhecida como ultracorreção, é um fenômeno em que o falante utiliza uma pronúncia que transcende a norma, decorrente de um esforço para ajustar-se à norma padrão, e acaba por cometer um desvio. Este fenômeno ocorre, basicamente, quando o falante está se ultramonitorando e o resultado é o que chamamos de uma hipercorreção decorrente de uma hipótese malsucedida (SILVA, 2011, p. 133).

5.3.4 Contexto fonológico seguinte

A terceira variável selecionada pelo programa como mais relevante nos dados de L2 produzidos por falantes bilíngues, em termos de produtividade de ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica medial, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica, foi *contexto fonológico seguinte*.

Diante dessa variável, tencionamos verificar qual o grupo de obstruintes se mostra mais produtivo quando se encontra após a coda medial do encontro consonantal – coronal, labial ou dorsal.

De acordo com os trabalhos realizados que levaram em consideração esta variável em suas análises (NASCIMENTO 2015; SCHNEIDER, 2009), a hipótese levantada é de que os contextos coronais liderem os índices de aplicação do fenômeno quando posicionados em sílabas seguintes.

Nas tabelas 23 e 24 que seguem, são apresentados os valores percentuais, bem como os pesos relativos para cada variante considerada, em ambos os contextos de análise:

Tabela 23 – Contexto fonológico seguinte nos dados de L2 – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	55/406	13,5	0,64
Coronal	82/1168	7	0,45
Total	137/1574	8,7	—

Input: .051

Significância: .000

Tabela 24 – Contexto fonológico seguinte nos dados de L2 – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	62/429	14,5	0,70
Coronal	117/1235	9,5	0,42
Total	179/1664	10,8	—

Input: .080

Significância: .000

Inicialmente, conforme podemos notar nos dados demonstrados nas tabelas 23 e 24, o fator dorsal foi eliminado por *knockout* de aplicação, nas duas análises, uma vez que apresentou 0 % de ocorrência do fenômeno. Dessa forma, a fim de poder dar continuidade à rodada dos dados, foi necessário proceder à eliminação do referido fator e seguir apenas com a análise das variantes labial e coronal.

A partir da análise empreendida, os resultados evidenciaram que nossa hipótese foi parcialmente refutada, uma vez que, ao contrário do que esperávamos, o segmento consonantal labial mostrou índices mais significativos da epêntese vocálica medial, diante da consoante perdida, registrando um percentual de 13,5 % e 14,5 % de ocorrências do fenômeno e peso relativo de 0,64 e 0,70, respectivamente. Em oposição a estes números, o contexto coronal apresentou baixa produtividade de aplicação, com um percentual de 7% e peso relativo de 0,45.

De acordo com os resultados que temos registrado ao longo de nossas rodadas e na literatura da área (LIMA, 2012), podemos constatar que ambientes que apresentam o contexto labial em posição seguinte têm demonstrado, de forma unânime, uma predisposição predominante para a inserção vocálica.

Todavia, apesar da “baixa” produtividade, também temos observado que o contexto coronal, mesmo em posição precedente, tem se configurado um ambiente bem produtivo para esta regra variável, preferencialmente, quando tem um elemento labial no ataque da sílaba subsequente. Consideramos tal asserção, a partir das constatações evidenciadas em nosso *corpus* de língua inglesa, no qual, dentre as cinco palavras que apresentam uma labial em contexto seguinte, quatro apresentam uma coronal em posição precedente⁴⁸.

Acreditamos, conforme apontado em explanações anteriores, que este resultado seja motivado, provavelmente, pelo fato de as labiais apresentarem uma forte tendência de assimilar o traço [+ coronal] do elemento precedente e, assim, criar um ambiente favorável para aplicação do fenômeno, na tentativa de dar conta da estrutura interna dos vocábulos que apresentam estas construções que ferem determinados princípios de boa formação da sílaba.

Atribuímos essa motivação ao que Clements & Hume (1995) define como *Princípio de Sonoridade* que basicamente exige um crescimento de sonoridade do ataque em direção ao núcleo e um decréscimo do núcleo em direção a coda. Nessa linha de entendimento, temos os

⁴⁸ Sabemos, pois, que este é um número de aplicação muito reduzido para qualquer constatação de natureza categórica. Porém, a recorrência desse fato em todas as rodadas tem se mostrado bem significativa para as análises empreendidas em nossa pesquisa, revelando-nos indícios da produtividade do fenômeno quando se tem encontros consonantais do tipo coronais e labiais - /'ætmosfiər/, /kam'partmənt/, /əd'mair/, /əd'vaiz/, /bæmbərd'mənt/.

efeitos desse princípio que se aplicam à constituição dos grupos consonantais, sobretudo, às sequências heterossilábicas através da *Lei do Contato Silábico*, de acordo com a qual o melhor contato entre as sílabas adjacentes ocorre quando o segmento final da primeira sílaba (coda) tem sonoridade maior do que o primeiro segmento da segunda sílaba (ataque). Dessa forma, a lei sugere que quanto maior a distância da sonoridade entre o primeiro e o segundo elementos, mais harmônica é a sílaba (ALVES, 2017).

Considerando a gradiência da clássica Escala de sonoridade, teremos o seguinte *ranking* das classes de segmentos, da menos sonora à mais sonora (CLEMENTS, 1990):

Obstruintes	<	Nasais	<	Líquidas	<	Glides	<	Vogais
0		1		2		3		4

Ao compararmos essa proposta de gradiência com as palavras do nosso *corpus*, deparamo-nos com os cinco vocábulos que apresentam labiais nasais como primeiro elemento da sílaba seguinte, os quais apresentavam quatro obstruintes coronais como elemento final da primeira sílaba. Por essa razão, inferimos que, em virtude dessa distância mínima de sonoridade entre ambos os contextos, a referida sequência consonantal heterossilábica configura-se como não harmônica e, portanto, não permitida.

Esse tipo de construção, de acordo com Alves (2017, p. 133) viola os princípios de boa-formação da sílaba, uma vez que se mostra desobediente à *Lei do Contato Silábico* que mencionamos anteriormente, e requer, por consequência, alguma estratégia de reparo. Nesse caso, a estratégia mais coerente é a inserção vocálica entre as duas consoantes que culmina numa espécie de ressilabação que remonta os padrões da tendência universal da sequência CV com o intuito de formar uma nova sílaba para satisfazer esta tendência.

É válido destacar que, a nosso ver, esse processo de ressilabação, proveniente da estratégia de reparo através do fenômeno da epêntese, é resultado do processo de assimilação em que “um segmento adquire uma característica igual ou próxima à de outro, normalmente adjacente ou próximo a ele” (SOUZA, 2017, p. 22). Nesse panorama, presumimos que essa assimilação/espraiamento pode ser interpretada como uma necessidade de estabelecer a harmonia silábica que, por meio da intercalação da vogal epentética, consegue estabilizar o grau de sonoridade da sequência heterossilábica, atendendo, desse modo, aos padrões de boa formação da sílaba.

Outra questão que se faz premente ressaltar é o fato de o falante utilizar esse filtro da boa formação da sílaba, específico da sua língua materna, para aplicá-lo em suas produções da

L2. Para o entendimento de nossos resultados, esse fato, mais uma vez, reforça a necessidade que o falante manifesta de apoiar-se nos padrões do português, para produzir determinados segmentos do inglês, como as obstruintes, por exemplo, que são perfeitamente admitidas em posição de coda, diferentemente do que temos no inventário fonológico da nossa L1. Por isso, parece-nos sensato afirmar que os falantes se utilizaram desse recurso para facilitar a manipulação dos elementos que, para eles, representam maior dificuldade.

5.3.5 Contexto fonológico precedente

A quarta variável selecionada pelo programa em termos de relevância para a aplicação do fenômeno da epêntese vocálica medial, somente na análise acústica, foi o *contexto fonológico precedente*. A partir da apreciação desta variável, intencionamos analisar, em nossos dados, qual a ambiente fonológico mais favorável em posição de coda para a realização da epêntese – *labial*, *coronal* ou *dorsal*.

Pesquisas da mesma natureza (CARDOSO, 2005; LIMA, 2012) têm seguido na direção da coronalidade como ambiência precedente mais produtiva para a inserção da vogal. Assim, a hipótese formulada para esta variável é de que os contextos coronais em posição precedente apresentem os índices mais altos da epêntese medial.

A tabela 25, a seguir, apresenta os valores encontrados para as variantes desse grupo, na análise acústica:

Tabela 25 – Contexto fonológico precedente nos dados de L2 – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	52/564	9,2	0,49
Coronal	58/571	10,2	0,36
Dorsal	69/529	13	0,65
Total	179/1664	10,8	—

Input: .080

Significância: .000

De acordo com os resultados reproduzidos nesta tabela 25, verificamos que a variante *dorsal* demonstrou exercer um papel de maior relevância na propagação do fenômeno, exibindo um percentual de 13 % de frequência do referido fenômeno, com peso relativo de 0,65. Este resultado reforça, portanto, que um *cluster* complexo formado por uma dorsal perdida em coda parece ter maior propensão de ser dirimido através da inserção de um vocóide intrusivo.

De acordo com a estrutura fonética da palavra /**vod**.ca/, os valores dos F1 e F2 do /ɔ/ são articulados normalmente. No entanto, durante a transição formântica para o /d/, o valor de F1 baixa e o valor de F2 aumenta, devido à elevação linguo-mandibular. Postulamos, portanto, que essa subida de F2 funcionou como um gatilho para a ocorrência da vogal epentética /i/ (BARBOSA & MADUREIRA, 2015).

Acreditamos, pois, que este processo pode dar conta de explicar os resultados encontrados em nossos dados.

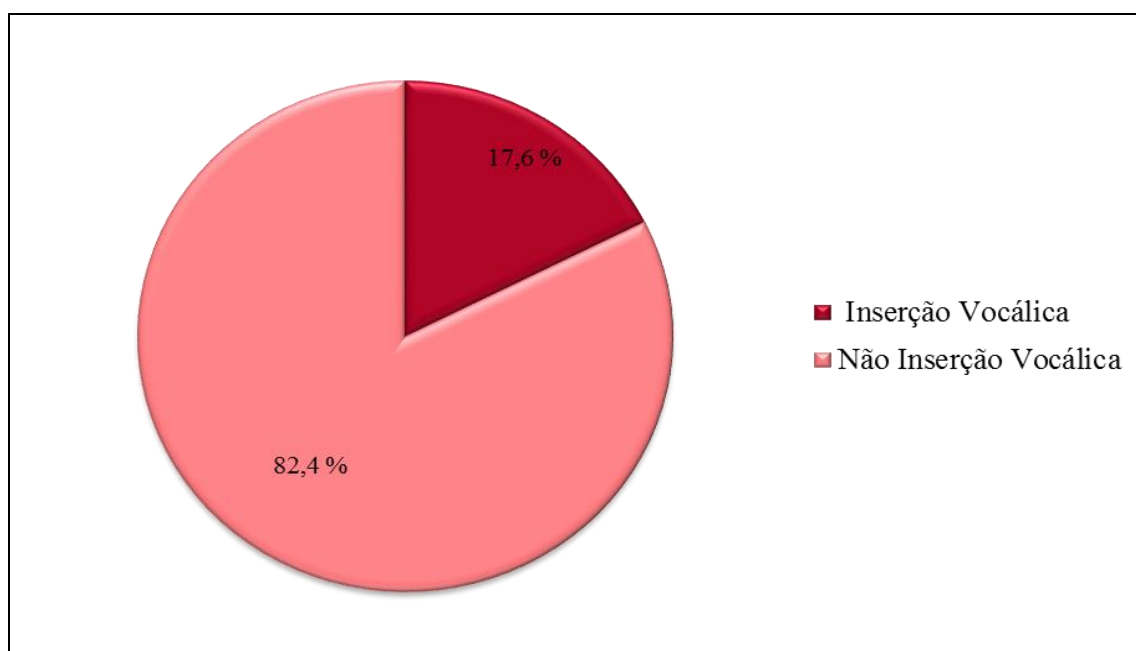
5.4 Frequência geral da epêntese vocálica por brasileiros monolíngues

Nesse momento da análise, após ter averiguado o comportamento do fenômeno da epêntese vocálica medial nas produções de bilíngues e ter procedido às rodadas dos dados (L1 + L2, L1 e L2), houve a necessidade de aferir como o referido fenômeno se propagaria nas produções de falantes monolíngues. Tencionamos, nesse sentido, conforme discutimos anteriormente, verificar se o nível de proficiência desenvolvido no processo de aquisição de uma dada L2 pode interferir nas produções da L1 dos falantes.

Para tanto, mais uma vez, nos utilizamos do programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) a fim de poder realizar as análises de oitiva e acústica, a partir das quais incluímos todas as variáveis com as quais trabalhamos nas rodadas anteriores.

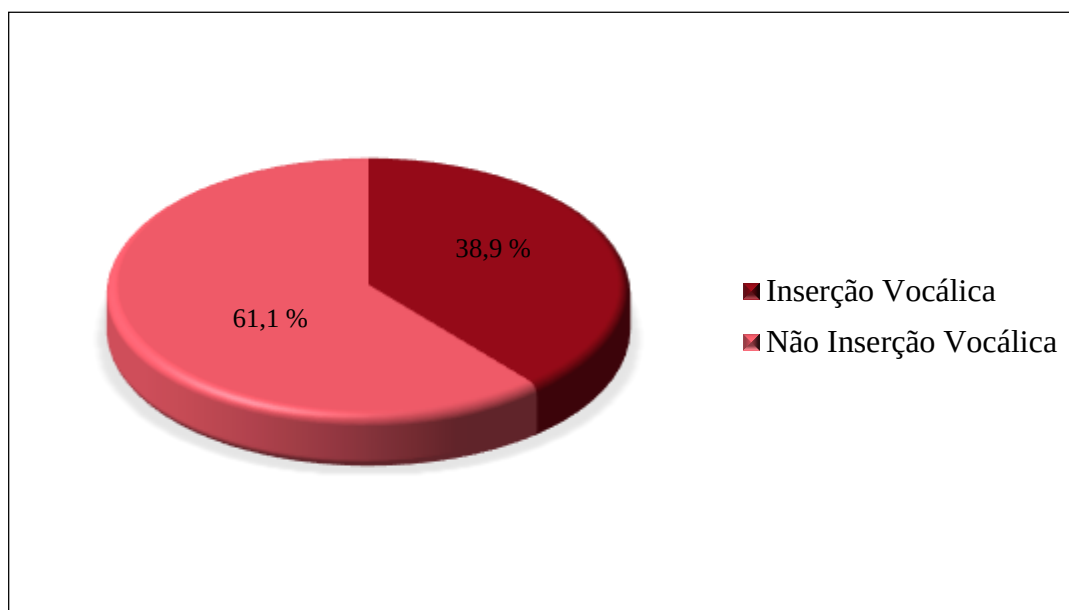
Considerando-se os dados produzidos por falantes monolíngues, obtivemos um total de 1718 ocorrências gerais da epêntese, na análise perceptual, sendo 302 relacionadas à manutenção do fenômeno, com percentual de 17,6 %, e 1416 ocorrências de não aplicação, representando um total de 82,4 %, como podemos observar no gráfico 7:

Gráfico 7 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes brasileiros monolíngues – análise perceptual



No tocante à análise acústica, alcançamos um total de 1720 de ocorrência geral do fenômeno da epêntese vocálica medial, sendo 669 de aplicação do fenômeno e 1051 de não aplicação, com valores percentuais de 38,9 % e 61,1 %, de modo respectivo, conforme podemos analisar no gráfico 8:

Gráfico 8 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes brasileiros monolíngues – análise acústica



Os resultados expostos nos referidos gráficos 7 e 8 mostram que, mesmo de forma tímida, os dados caminham para um modesto aumento dos índices de aplicação do fenômeno, sobretudo na análise acústica, que revela valores mais altos.

Embora os valores percentuais possam, a princípio, parecer negativos, este evento nos permite inferir que o fato de os falantes não terem contato formal com a estrutura do inglês como L2, pode implicar em uma maior inserção da vogal epentética para desfazer os *clusters* complexos, como uma forma inconsciente de remontar o padrão CV do português, que evita/desfaz estruturas que contêm obstruintes em posição de coda e torna a produção mais cômoda para o falante.

Entretanto, ecoando o posicionamento de autores como Cook (2003, p. 13), há uma importante ressalva que deve ser feita no que diz respeito ao perfil dos indivíduos que são considerados monolíngues. Para o referido autor, nesse estágio, por mais que os falantes que não dominem uma L2 sejam considerados como tal, não se pode perder de vista que os mesmos não pertencem a um grupo de “monolíngues puros”, uma vez que para assumir esta condição, eles não poderiam ter tido o mínimo contato com a língua.

Assim sendo, os informantes que constituem o grupo de monolíngues de nossa pesquisa configuram o perfil de falantes que têm um conhecimento limitado da língua, adquirido nos anos de escolaridade básica. De forma geral, esse conhecimento não se mostra como um fator preponderante para que o falante possa atingir níveis mais elevados de proficiência na língua, a ponto de haver interferência na produção das estruturas da língua materna.

Contudo, não se pode perder de vista que outros fatores, dentre os quais destacamos o grau de escolarização, a formação desses indivíduos e o contexto social no qual os mesmos estão inseridos, pressupõem não somente certo contato indireto com a língua inglesa, mas paralelo a isso, os coloca em uma situação de automonitoramento de suas produções em L1, em que se espera o maior emprego das formas cultas e, conseqüentemente, menos emprego da regra variável da epêntese.

A este respeito, Petter (2017, p. 94) explicita que “o contexto social influencia as escolhas dentro de um conjunto de opções [...]”, corroborando as questões pontuadas em nossa discussão acima, as quais reforçam a tese do quanto o fator social se mostra relevante nas escolhas linguísticas do falante e enfatizando, portanto, o caráter indissociável entre os fatores social e linguístico. Esta perspectiva destaca o porquê de mesmo os falantes considerados monolíngues demonstrarem uma sutil resistência à aplicação do fenômeno, contrariando a tendência esperada e justificando os resultados aos quais chegamos.

De modo geral, a constatação que fazemos a partir das taxas representadas no presente gráfico é a de que, de certa forma, os resultados corroboram a existência de uma possível influência da aquisição de L2 na produção de L1, uma vez que indivíduos que dominam outro sistema linguístico desenvolvem maior consciência de determinados aspectos da segunda língua que passam a ser incorporados, também, na produção de L1.

Cook (2003, p.6), nesse sentido, revela que a mente do usuário de L2, em um determinado estágio, caracteriza-se como um todo que passa a equilibrar elementos da primeira e da segunda língua. Esse processo, de acordo com o referido autor, configura-se como *multicompetência*, que significa o “conhecimento de duas ou mais línguas na mesma mente”. Esse conhecimento constitui, por conseguinte, o que o autor chama de super-sistema linguístico formado por ambas as línguas, as quais os falantes bilíngues, nessa fase de aquisição, conseguem acionar cognitivamente e manipular seus componentes que interagem um com o outro.

Diferentemente desse processo, indivíduos monolíngues operam somente com as informações da L1, não sofrendo interferências advindas de um outro sistema linguístico, a não ser de outros fatores sociais, como pontuado anteriormente.

Isto posto, vejamos no quadro 17 os grupos considerados e os que foram selecionados pelo programa como os mais relevantes para esta rodada, tanto na análise perceptual quando na análise acústica:

Quadro 17 – Grupos selecionados na quarta rodada da análise perceptual e acústica

4ª R O D A D A – L1 (falantes brasileiros monolíngues)		
Grupos Analisados	Grupos Selecionados na Análise Perceptual	Grupos Selecionados na Análise Acústica
Sexo	Sexo	Sexo
proficiência na língua	contexto fonológico seguinte	contexto fonológico seguinte
tipo de instrumento	contexto fonológico precedente	contexto fonológico precedente
contexto fonológico	posição silábica	posição silábica

seguinte		
contexto fonológico precedente	—	—
posição silábica	—	—

Conforme exposto no quadro 17, consideramos todas as variáveis já mencionadas nas rodadas anteriores, das quais, nessa 4ª rodada com as produções de falantes brasileiros monolíngues, foram selecionadas como as mais relevantes: *sexo*, *contexto fonológico seguinte* e *contexto fonológico precedente*, na análise perceptual e acústica.

A seguir, apresentaremos e discutiremos os resultados percentuais e os pesos relativos encontrados para cada variável, em cada contexto de análise.

5.4.1 Sexo

Nesta quarta rodada, o primeiro grupo de fator selecionado como mais relevante na análise do fenômeno da epêntese vocálica medial nas produções de falantes brasileiros monolíngues, foi a variável *sexo*⁴⁹. Através desta variável, procurou-se observar qual o gênero que exibiria uma maior frequência de ocorrência do fenômeno supracitado – mulheres ou homens adultos e sem conhecimento formal em língua inglesa (L2).

Vale salientar que o papel do gênero tem sido amplamente abordado na literatura sociolinguística, mostrando-se como uma variável bastante produtiva na implementação da variação de fenômenos fonológicos, como o fenômeno analisado neste trabalho, por exemplo. Nessa perspectiva, seu comportamento parece ser bem eficaz no sentido de proporcionar um conhecimento mais vasto da comunidade analisada, podendo trazer interpretações mais elucidativas não somente do seu efeito na propagação do fenômeno, mas do próprio fenômeno em si.

Entretanto, contrariando uma tendência diacrônica, em que as mulheres se mostravam como detentoras das variedades padrão na esfera linguística, resultados de trabalhos anteriores que também consideram esta variável em suas análises (LIMA, 2012; LIMA & LUCENA,

⁴⁹ Estamos cientes da necessidade de trabalhar com o aspecto social do gênero. Todavia, para o propósito da nossa pesquisa, essa categoria social não foi levada em consideração. Para maiores esclarecimentos sobre essa questão, sugerimos a leitura de Freitag (2015).

2013) têm descaracterizado essa construção e mostrado que as divergências linguísticas existentes entre homens e mulheres não têm trazido tanto impacto na variabilidade de suas escolhas linguísticas.

Com base nestes estudos, lançamos a hipótese de que tanto os homens quanto as mulheres apresentem comportamentos semelhantes no que concerne à aplicação da regra variável do fenômeno, podendo ser revelada uma sutil preferência de preservação da coda medial por parte das mulheres.

Na tabela 26, pode-se observar, mais detalhadamente, a atuação desta variável na propagação da epêntese, na análise perceptual:

Tabela 26 – Sexo nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Feminino	122/861	14,2	0,43
Masculino	180/857	21	0,56
Total	302/1718	17,6	—

Input: .146

Significância: .016

Ao que nos parece, diante dos dados dispostos na tabela, os resultados apresentados para a referida variável refutam nossa hipótese, visto que o grupo de informantes do sexo feminino apresentou um menor índice de aplicação do fenômeno da epêntese vocálica medial, exibindo um valor percentual de 14,2 %, ao passo que os informantes do sexo masculino exibiram uma taxa maior de aplicação do fenômeno 21 %, com pesos relativos de 0,43 e 0,56, respectivamente.

De forma geral, esperávamos resultados contrários a estes, nos quais os dados de homens e mulheres apresentassem índices aproximados de produção do fenômeno, de forma que a ocorrência da inserção vocálica em posição medial não fosse favorecida / desfavorecida por nenhum dos dois grupos. Em outra hipótese mais próxima, era esperado que os dados de falantes do sexo feminino indicassem, apenas sutilmente, a preferência pela escolha da forma padrão, isto é, preservação do *cluster* heterossilábico.

Entretanto, os dados revelam que as mulheres apresentaram uma propensão superior à dos homens no sentido de manter a coda silábica, rejeitando, portanto, a aplicação da regra variável da epêntese vocálica.

Acreditamos que tal resultado seja explicado, sobretudo, pelo fato de, ao longo do tempo, particularidades e distinções, sobretudo no que diz respeito ao repertório sociolinguístico entre os gêneros masculinos e femininos, terem sido bem consolidadas e, em muitos casos, perdurar até hoje, principalmente em áreas interioranas⁵⁰, apesar de todo o avanço que é possível observar na sociedade, nessa direção.

Somado a isso, especulamos que existam outros fatores convencionais sociais, envolvidos nessa diferenciação da fala de homens e mulheres, ou seja, fatores tais como o grau de escolaridade, a ascensão profissional e, conseqüentemente, o papel social exercido por estas mulheres, também podem contribuir para que as mesmas se mantenham mais conservadoras no sentido de preservar a norma linguística.

A este respeito, Weinreich, Labov & Herzog (2009 [1968], p. 143) asseveram que as mulheres, de fato, são mais sensíveis do que os homens quanto ao padrão de prestígio e seu valor linguístico. Essa questão, porém, leva-nos a crer que tal comportamento das mulheres desempenha um importante papel no quadro de variação e demonstra a sua sensibilidade a todo esse processo, como podemos inferir em nossos resultados.

Ainda de acordo com a proposta do referido autor, vislumbramos, portanto, que uma das razões para isso, é que as mulheres até então têm uma influência mais direta sobre a família e, principalmente, na educação dos filhos que estão com as regras linguísticas em formação, e isto lhes coloca em uma condição de maior sensibilidade e preferência às formas mais prestigiosas, influenciadas pela forma-padrão. Por isso, “elas põem mais esforço na fala” e lideram “uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada” para elas. Diferentemente desse contexto, os homens parecem permanecer “na dianteira no uso de formas vernáculas” (LABOV, 2008 [1972], p. 348).

Em geral, consideramos que esse prestígio social remete a uma língua que funciona numa sociedade como uma espécie de marca social de um dado grupo e como um elemento identificador. Diante desse contexto, concebe-se que o forte papel social exercido pela mulher em nossa sociedade, tem indicado que a multiplicidade de significados sociais potenciais

⁵⁰ Enfatizamos as áreas interioranas, pelo fato de termos realizado nossa pesquisa com falantes residentes, em sua grande maioria, em cidades do interior do Brejo Paraibano. Nessas localidades, ao que nos parece, ainda é bem enérgica a divisão dos papéis entre homens e mulheres, apesar de observarmos que esse cenário tem experimentado um certo percurso de mudança.

assumidos pelo falante pode ser indiciada por uma multiplicidade de elementos linguísticos escolhidos pelo mesmo.

Dessa forma, o falante busca se valer de determinados recursos linguísticos, de acordo com suas significações sociais, buscando uma conjuntura que lhe possibilite performances (sócio) linguísticas correspondentes ao seu papel social desempenhando, além da construção de uma *persona* mapeada a partir dessa escolha inconsciente (MENDES, 2017, p. 117 – 118).

Todavia, ao empreendermos a análise acústica, os dados pareceram nos revelar valores que iam ao encontro do que tínhamos estabelecidos a priori nas hipóteses. Neste contexto, as mulheres produziram mais construções com a vogal epentética para desfazer *clusters* complexos, apresentando um percentual de 46,1 % de aplicação do fenômeno e peso relativo de 0,58. Todavia, os homens optaram por preservar as sílabas travadas em coda, apresentando um índice percentual reduzido do fenômeno de 31,7 % de aplicação e peso relativo de 0,41.

Na tabela 27, apresentamos os valores discriminados para as variantes deste grupo:

Tabela 27 – Sexo nos dados de falantes monolíngues – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Feminino	397/862	46,1	0,58
Masculino	272/858	31,7	0,41
Total	669/1720	38,9	—

Input: .379

Significância: .009

A despeito desse resultado, seguimos a mesma linha de pensamento de Vianna & Lopes (2015, p. 120) as quais reiteram que “a entrada efetiva de um grande grupo de mulheres no mercado de trabalho, participando das diversas atividades em todos os segmentos da sociedade, assim como a atuação masculina em atividades anteriormente consideradas “espaços femininos” parece ter contribuído para a diminuição das barreiras linguísticas entre os gêneros”. Consequentemente, esse fato poderia favorecer produções equiparadas entre ambos os grupos de informantes.

Contudo, é inegável o contraste observado entre os dados de oitiva e de acústica, nesta variável. Para este resultado, atribuímos às características específicas do trato vocal de

homens e mulheres, que revelam diferenças acústicas que são, por vezes, imperceptíveis aos ouvidos.

Desta forma, como as mulheres dispõem de um trato vocal menor que os dos homens, com fechamentos mais curtos, as mesmas apresentam frequências mais altas que, na maioria das vezes, não são identificados perceptualmente, sendo somente perceptível através da manipulação do sinal acústico (KENT & READ, 2015). Nesse caso, somente através da análise acústica, que fornece características de parâmetros acústicos dos segmentos, tais como duração (segmento epentético muito breve nas mulheres), transição formântica (mudança dos formantes por coarticulação) e queda de intensidade, que é possível a identificação de características específicas dos mesmos.

5.4.2 Contexto fonológico seguinte

Nesta rodada com os dados de L1 produzidos por falantes brasileiros monolíngues, a segunda variável selecionada, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica, como relevante para o favorecimento da inserção vocálica em posição medial foi *contexto fonológico seguinte*. A partir da análise detalhada desta variável, buscaremos investigar qual o ambiente fonológico posterior à coda, ou à vogal epentética, que mais influencia na manutenção do fenômeno – *coronal*, *labial* ou *dorsal*.

A hipótese elencada para esta variável, diante dos trabalhos que tomamos como base (SCHNEIDER, 2009; LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013), é de que o subfator *labial* se manifeste com maior incidência na propagação do fenômeno da epêntese vocálica medial, sobretudo quando se encontra diante de um elemento coronal em posição de coda.

As tabelas 28 e 29 apresentam a média percentual de aplicação do fenômeno em cada contexto de análise, conforme segue:

Tabela 28 – Contexto fonológico seguinte nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	152/502	30,3	0,63
Coronal	146/1144	12,8	0,46

Dorsal	4/72	5,6	0,14
Total	302/1718	17,6	—

Input: .146

Significância: .016

Ao apreciar os valores percentuais e pesos relativos demonstrados na tabela 28, percebemos que os resultados obtidos a partir da análise acústica corroboram a hipótese geral constituída para esta variável, a qual previa os elementos labiais como os fatores que liderariam a regra variável da epêntese em um ambiente fonológico seguinte.

Ao empreendermos a análise acústica, por sua vez, foi possível perceber valores semelhantes aos de oitiva, para as variantes que constituem esta variável, como se pode constatar na tabela 29:

Tabela 29 – Contexto fonológico seguinte nos dados de falantes monolíngues – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	249/502	49,6	0,60
Coronal	391/1146	34,1	0,44
Dorsal	29/72	40,3	0,56
Total	669/1720	38,9	—

Input: .379

Significância: .009

Diante dos dados observados em ambas as tabelas, a variante *labial* se sobressaiu em detrimento das outras. Na análise perceptual, podemos aferir que o segmento labial foi aplicado 152 vezes em um total de 502 ocorrências, apresentando um índice percentual de 30,3 % e peso relativo de 0,63. Na análise acústica, os resultados encontrados foram bem semelhantes, uma vez que o fator *labial* foi produzido 249 vezes em um total geral de 502 ocorrências deste fator, com um percentual de frequência de 49, 6 % e peso relativo de 0,60.

Igualmente catalogado nas rodadas anteriores, pode-se perceber que os dados desta rodada também repetiram a mesma tendência entre os fatores labiais, de apresentar uma ambiência favorável para a manifestação mais acentuada da epêntese vocálica.

Nesse sentido, não se pode perder de vista que, neste contexto específico, entende-se que o fator labial não será capaz de exercer essa influência sozinho, contudo, parece ser motivado pela coronalidade espraída do elemento adjacente para a propagação do fenômeno. Fazemos esta asserção, conforme temos enfatizado desde as primeiras rodadas, pelo fato de a maioria das palavras em língua portuguesa que contém uma labial no contexto seguinte, apresentar uma coronal no contexto precedente.

Ecoando Bisol (1999, p. 733), esta tendência observada ao longo das rodadas empreendidas parece reforçar o que a autora defende acerca do fenômeno da epêntese vocálica. De acordo com a mesma, a epêntese caracteriza-se, em determinados contextos, pela expansão da coronalidade, na qual verifica-se, tipicamente, o espraimento do traço do elemento da coda silábica, que preenche o núcleo vazio. Assim sendo, ocorre a incorporação do referido elemento através da expansão da coronalidade, mecanismo esse que é o responsável pela criação da nova sílaba.

É oportuno frisar, nesse ponto, que o espraimento é uma espécie de recurso preferido pelos usuários da língua portuguesa para desfazer encontros consonantais complexos. À vista disso, a partir dos resultados obtidos em nossa análise, podemos presumir que os falantes monolíngues que participaram de nossa pesquisa se utilizaram deste recurso a fim de modificar os *clusters* da língua e facilitar a manipulação desses elementos.

Neste contexto, portanto, a vogal epentética entre encontros consonantais heterossilábicos assume o papel de elemento intrusivo que forma uma nova sílaba. De modo geral, esta recorrência só vem a fortalecer a proposta que projetamos inicialmente para esta variável a respeito da coronalidade.

5.4.3 Contexto fonológico precedente

O terceiro grupo selecionado nesta quarta rodada, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica, como o que desempenha papel mais significativo para a realização da epêntese vocálica medial nos dados de brasileiros monolíngues é o *contexto fonológico precedente*. Nesta variável, iremos examinar que ambiente fonológico em posição de coda ou anterior à vogal epentética se propagará como favorecedor da aplicação da regra variável ou se apresentará antagônico à variação – *labial*, *coronal* ou *dorsal*.

Em conformidade com pesquisas empreendidas nesta perspectiva (CARDOSO, 2005; LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013), a hipótese formulada para esta variável é de que elementos coronais se sobressaíam aos demais, favorecendo em maior grau a ocorrência do fenômeno em questão.

A seguir, as tabelas 30 e 31 reproduzem os percentuais de ocorrência da epêntese para cada variante considerada nesta variável, na análise de oitiva e acústica:

Tabela 30 – Contexto fonológico precedente nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	57/574	9,9	0,39
Coronal	179/570	31,4	0,69
Dorsal	66/574	11,5	0,40
Total	302/1718	17,6	—

Input: .146

Significância: .016

Tabela 31 – Contexto fonológico precedente nos dados de falantes monolíngues – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Labial	188/574	32,8	0,46
Coronal	278/571	48,7	0,56
Dorsal	203/575	35,3	0,47
Total	669/1720	38,9	—

Input: .379

Significância: .009

De acordo com os valores especificados nas tabelas 30 e 31, podemos visualizar que as nossas hipóteses foram confirmadas acerca da variante coronal, nas análises perceptual e acústica, a qual demonstrou maior incidência de aplicação do fenômeno, apresentando 31,4 % e 48,7 % de ocorrência e um peso relativo de 0,69 e 0,56, respectivamente. Ao avaliarmos as demais variantes, percebemos que as mesmas apresentaram índices menores de aplicabilidade da epêntese – a variante labial apresentou peso relativo de 0,39 e 0,46, e a dorsal apresentou peso relativo de 0,40 e 0,47.

Em termos perceptuais, estes resultados indiciam uma forte estimativa apresentada na literatura referenciada anteriormente, que corrobora a ideia de que as coronais caracterizam-se como elementos que formam as codas mais complexas e, por este motivo, levam o falante a recorrer ao fenômeno da epêntese vocálica como estratégia de reparo para tais codas. Seguindo essa direção, conforme temos comprovado ao longo de nossas análises, o traço [+coronal] tem se comportado como um verdadeiro gatilho motivador do seu espraio para o elemento seguinte que o assimila, favorecendo, de fato, a inserção do vocóide intrusivo.

A nosso ver, essas robustas evidências parecem-nos um tanto categóricas no sentido de sustentar o papel de relevância do referido contexto na ocorrência do fenômeno, visto que sua recorrência demonstra que não se trata de um mero acaso, mas de um comportamento que vem se reproduzindo e endossando, mais ainda, a questão do compartilhamento de traços e sua relação com os processos fonológicos.

Para melhor compreendermos a dinâmica desse subfator no processo variável do fenômeno da epêntese em nossos dados, recorreremos à discussão proposta pela Geometria de Traços (CLEMENTS & HUME, 1995, p. 295), que trabalha com a estrutura dos sons da fala e preconiza a representação desses sons por segmentos, os quais dispõem de uma organização interna hierárquica, sendo, portanto, ordenados por *nós terminais* que são traços fonológicos e *nós intermediários* que são classes de traços. Dentre esses nós, temos o *nó de ponto de consoante (PC)*, o qual representa o ponto de articulação na produção dos sons, que são [labial], [coronal] e [dorsal], e que compartilham traços entre si.

Esse compartilhamento de traços decorre da regra de espraio de nós, dando origem à formação de um elemento intrusivo. Isso decorre, pois, do fato de essa Geometria de Traços assumir o funcionamento solidário de regras fonológicas e de grupos de traços, buscando explicar a existência de determinados processos fonológicos que ocorrem na língua, tais quais citamos exaustivamente a epêntese vocálica, que é o fenômeno estudado em nosso trabalho.

Ancorados nestas premissas, enfatizamos, ainda, o que Clements & Hume (*op. cit.*) reverbera a partir da proposta da Geometria de Traços. Segundo os autores supracitados, a aplicação de determinados processos fonológicos como a epêntese, exemplarmente, se mostra mais comum por meio do processo de assimilação, o que nos permite inferir que esses processos sejam mais produtivos em segmentos de contorno, que contêm sequências (ou “contornos”) de diferentes traços.

De acordo com esta proposta, Matzenauer (2014, p. 63) reporta que a motivação clássica para o reconhecimento dos segmentos de contorno é a existência de “efeitos fonológicos de borda”, em que um segmento pode comportar-se, em relação aos segmentos vizinhos de uma borda, conforme o valor (+) ou (-) de um traço.

Nesse processo, por conseguinte, um segmento é derivado no ambiente de outro segmento que assimila o traço do elemento vizinho através da regra fonológica da assimilação de elementos adjacentes. Essa regra funciona como uma espécie de cópia de traços, em que um segmento reproduz as especificações dos traços de um segmento vizinho e é caracterizada como uma associação por espraçamento de um traço ou de um nó.

Em resumo, esse processo assimilatório imprime a dinâmica da epêntese vocálica medial que se propaga na língua com o intuito de cooperar com o *princípio de boa formação da sílaba*. Esse princípio controla a ocorrência dos diferentes padrões silábicos das línguas, de forma que estes obedeçam às regras fonológicas que regem o inventário fonológico das mesmas, além de estabelecer algumas restrições, que ao serem violadas, requisitam uma estratégia de reparo por parte do usuário dessa língua.

Dessa forma, acreditamos que a recorrência dos nossos resultados decorra da forte necessidade que o falante tem de realizar esse ajuste fonético para facilitar sua produção da sequência dos segmentos sonoros e adequar-se às restrições de sua língua, obedecendo os princípios universais de silabação que regem a mesma.

5.4.4 Posição silábica

A quarta e última variável selecionada em função de exercer um papel de relevância na propagação do fenômeno da epêntese vocálica medial, na análise de oitiva e na análise acústica, foi *posição silábica*, de forma a analisar a ambiência mais favorável para a realização do vocóide intrusivo – pretônica (antes da sílaba tônica) ou postônica (após a sílaba tônica).

Baseados em pesquisas de ampla relevância na área (COLLISCHONN, 2004), lançamos a hipótese de que o contexto pretônico desempenhe um papel mais relevante para a ocorrência da epêntese.

Com vistas à análise da variável, apreciamos os resultados encontrados em ambos os contextos de análise, nas tabelas 32 e 33 que seguem:

Tabela 32 – Posição silábica nos dados de falantes monolíngues – análise perceptual

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Pretônica	175/861	20,3	0,54
Postônica	127/857	14,8	0,45
Total	302/1718	17,6	—

Input: .146

Significância: .016

Tabela 33 – Posição silábica nos dados de falantes monolíngues – análise acústica

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Pretônica	405/862	47	0,60
Postônica	264/858	30,8	0,39
Total	669/1720	38,9	—

Input: .379

Significância: .009

De um modo geral, como podemos verificar nas tabelas 32 e 33, os resultados corroboraram as nossas hipóteses lançadas inicialmente, dado que a pauta pretônica foi a que mais se sobressaiu no sentido de favorecer a ocorrência do fenômeno da epêntese vocálica, nas análises perceptual e acústica, exibindo índices percentuais de 20,3 % e 47 % e peso relativo de 0,60 e 0,30, de modo respectivo.

Trabalhos consistentes que trabalham nesta mesma perspectiva (COLLISHONN, 2002) têm reverberado neste mesmo sentido. A partir de uma discussão prosódica, tem sido

amplamente defendido que inserção vocálica medial diante da sílaba que antecede a sílaba tônica, i. e., contexto pretônico, não sofre restrição de acento nem prevê deslocamento de acento, diferentemente do que ocorre no contexto postônico.

Em uma perspectiva acústica, reconhecemos que a posição silábica (tonicidade) está relacionada ao padrão duracional da sílaba, de forma que o pico de duração de seus elementos possa afetar elementos adjacentes.

Ademais, sílabas tônicas pressupõem maior proeminência, manifestado por saliências acústicas, que são picos de duração maiores e, conseqüentemente, um esforço vocal maior para o (s) segmento (s) a ser produzido (s).

Nesta conjuntura, de acordo com Kent & Read (2015, p. 376), “as mudanças mais consistentes que ocorrem com o aumento do esforço vocal são F0 aumentada e frequências de formantes aumentadas, especialmente para F1”. Este aspecto não confere um ambiente favorável para a ocorrência da epêntese medial, justificando, portanto, a baixa ocorrência do fenômeno em contextos postônicos, em que o vocóide intrusivo é inserido exatamente diante da sílaba tônica.

Somado a isso, em termos de articulação, os referidos autores defendem que os segmentos das sílabas acentuadas tendem a ter movimentos articulatórios mais amplos, do que nas sílabas átonas. Dessa forma, estes segmentos apresentarão valores mais baixos e com menor intensidade, no sinal acústico, para as frequências dos formantes, configurando-se um tanto distante do contexto de produção da vogal alta /i/ e da produção do fenômeno em contextos pretônicos.

5.5 Frequência geral da epêntese vocálica por americanos monolíngues

Finalmente, após ter procedido às quatro rodadas anteriores com os dados de brasileiros bilíngues e monolíngues, a fim de fazermos um levantamento geral do comportamento da epêntese vocálica medial, julgamos oportuno realizar mais uma última rodada.

Esta última rodada, por sua vez, foi estruturada com os dados de informantes americanos monolíngues, com a propositura de obtermos uma espécie de contraprova da rejeição do fenômeno na estrutura da língua inglesa e podermos confirmar que o seu desenvolvimento como L2 na cognição do informante brasileiro bilíngue traz impactos de ordem fonológica no processamento de sua L1.

Da mesma forma que ocorreram nas outras rodadas, nesta também foram controladas as mesmas variáveis, a partir do tratamento estatístico do programa *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), em um contexto de análise perceptual e acústico.

A partir da rodada empreendida, através da análise perceptual e acústica, foi levantado um total de 270 /182 ocorrências, sendo 10 / 5 de aplicação do fenômeno, exibindo valores percentuais mínimos de 3,7 % e 2,7, respectivamente, como já era esperado.

Nos gráficos 9 e 10 a seguir, visualizaremos melhor a disparidade percentual de aplicação do fenômeno nos dados de nativos americanos:

Gráfico 9 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes americanos monolíngues – análise perceptual

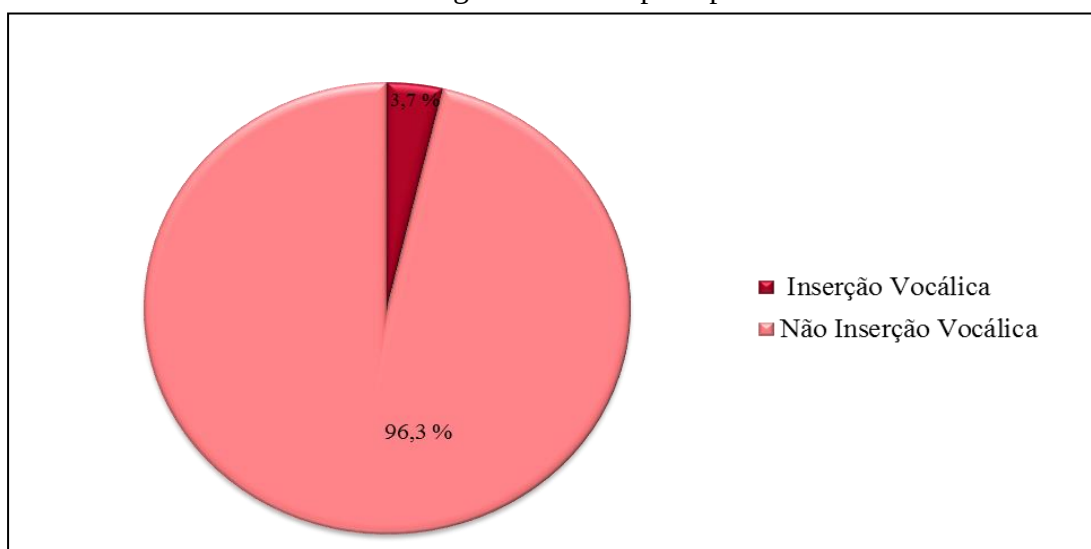
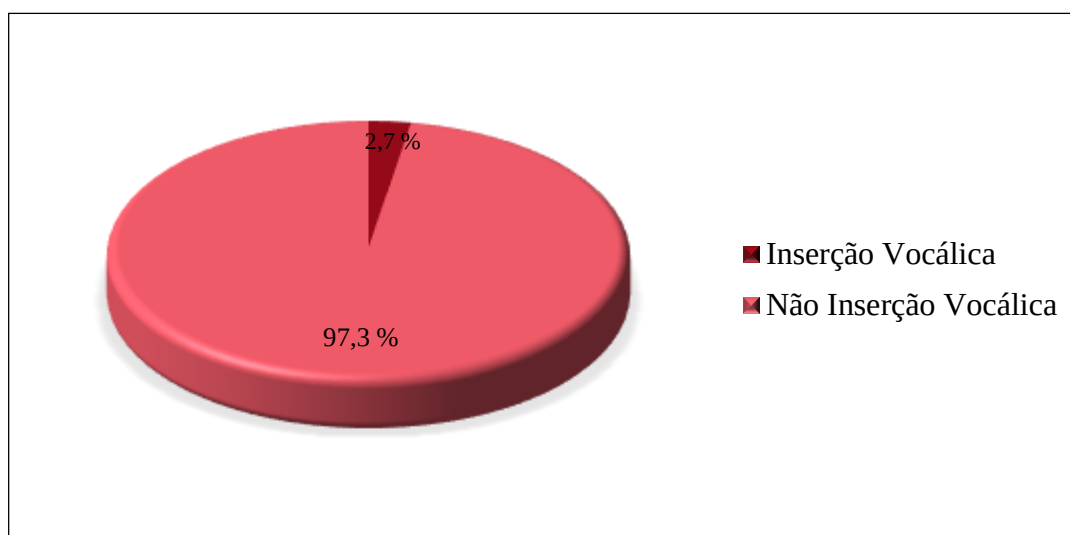


Gráfico 10 – Frequência do fenômeno da epêntese vocálica medial por falantes americanos monolíngues – análise acústica



Estes resultados, portanto, reafirmam a propensão natural da língua inglesa em admitir sequências obstruintes travando a coda silábica e, conseqüentemente, em lidar com essas codas complexas, diferentemente do que ocorre na língua portuguesa.

Selkirk (1982, p. 349) reitera essa tendência ao afirmar que a sílaba da língua inglesa aceita coda composta de uma consoante [*sit*] e coda bi-consonantal [*object*] em caso de o segundo ser um elemento obstruinte. Dessa forma, essa sequência silábica não representa dificuldade para nenhum falante nativo da língua. Entretanto, falantes de inglês como L2, sobretudo, que têm como base primeira um inventário linguístico como o do português, por exemplo, sentirão dificuldade para manipular tais elementos.

É notável, todavia, que os valores de ocorrência foram extremamente reduzidos em ambos os contextos de análise e, por esta razão, o *GoldVarb X* (*op. cit.*) não selecionou nenhum grupo de fatores como relevante para a aplicação do fenômeno da epêntese vocálica medial. Por isso, não serão apresentados os grupos selecionados para esta rodada, bem como seus respectivos valores percentuais e pesos relativos. No entanto, como nossa intenção para esta rodada era apenas de comprovar a tendência seguida pelos padrões silábicos da língua inglesa, tal fato não representa nenhum problema para as nossas investigações.

Discutiremos, na sequência, sobre a comparação das rodadas realizadas, viabilizando a compreensão sobre o comportamento do fenômeno.

5.6 Comparações das rodadas realizadas

A seguir, demonstraremos os resultados percentuais obtidos nas cinco rodadas empreendidas, a partir das análises de oitiva e acústica, de forma a comparar a frequência geral do fenômeno da epêntese vocálica medial por rodada, os grupos selecionados como relevante em cada rodada e, por fim, a comparação da manifestação do fenômeno em cada variável analisada por rodada.

De antemão, convém adiantar que os valores encontrados foram bem próximos, fazendo-nos inferir, preliminarmente, que a regra variável do fenômeno da epêntese vocálica medial se manifestou de forma preponderante em direção à não aplicação do referido fenômeno.

Para compreender a dinâmica do referido fenômeno de forma geral, observemos os gráficos 11 e 12:

Gráfico 11 – Comparação da ocorrência da epêntese vocálica em todas as rodadas – análise perceptual ⁵¹

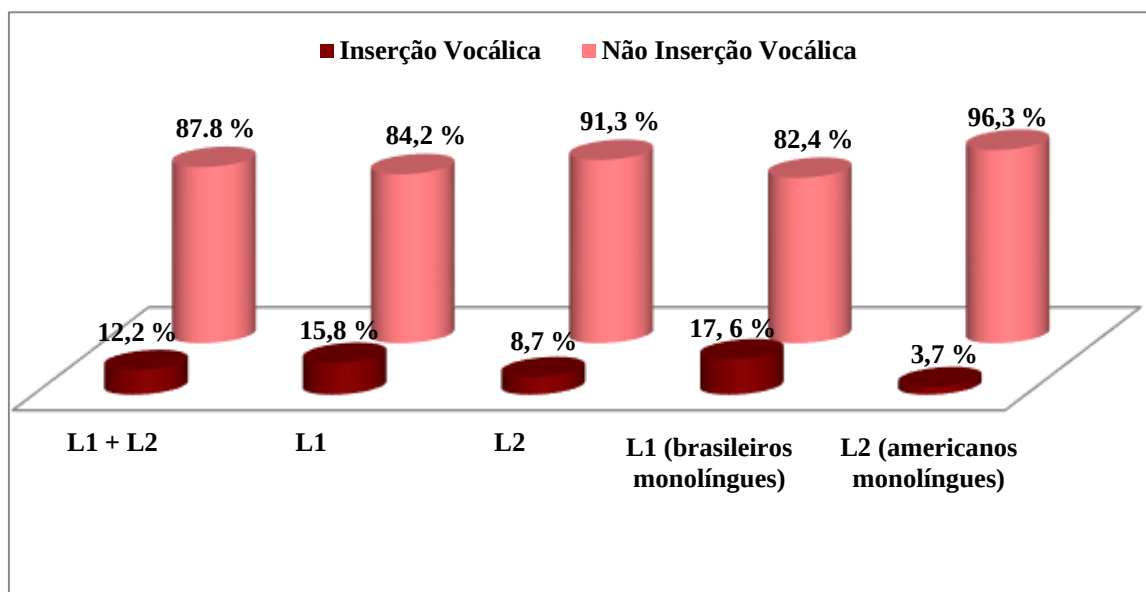
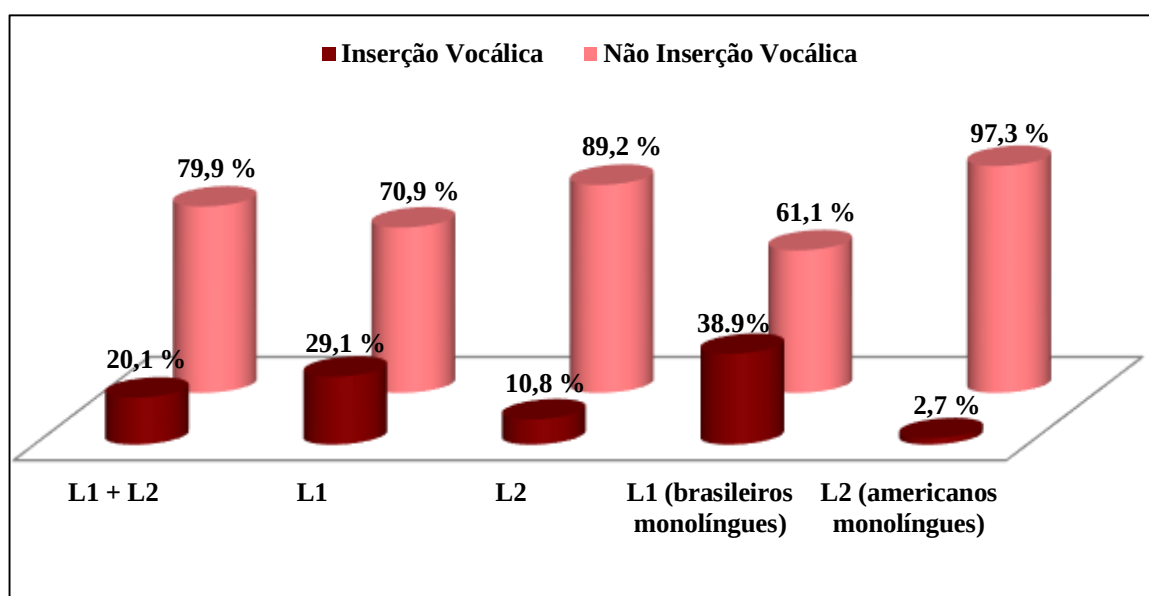


Gráfico 12 – Comparação da ocorrência da epêntese vocálica em todas as rodadas – análise acústica



⁵¹ É oportuno esclarecer que o gráfico 6 é o único que apresenta os valores em porcentagem, pelo fato de os valores gerais de aplicação e não aplicação do fenômeno, em cada rodada, serem fornecido pelo programa através de cálculos percentuais. Diferentemente, nos demais gráficos, comparamos a ocorrência das variáveis selecionadas como mais significantes em cada rodada, apresentando o peso relativo de suas respectivas variantes, que é o valor gerado para tais.

A princípio, a constatação imediata que fazemos diante dos gráficos 10 e 11 é de que, unanimemente, os índices que lideram todas as rodadas são relativos à não aplicação do fenômeno, em ambos os contextos de análise. E se atentarmos de forma mais detalhada, poderemos verificar, ainda, que os maiores índices são evidenciados nos dados de língua portuguesa de falantes monolíngues, seguidos dos dados de língua portuguesa (L1) de falantes bilíngues.

Esse resultado, a nosso ver, reforça a discussão que temos implementado ao longo de nossas análises acerca da influência que a presença de uma L2 exerce na mente do falante e que opera sob a produção de sua L1. Essa influência ocorrerá, sobretudo, de acordo com o nível de proficiência atingido pelo falante e será refletida, portanto, nas habilidades que este falante desenvolverá, ao longo do seu processo de aquisição, para manipular os elementos de ambos os sistemas linguísticos que serão transferíveis de uma língua para outra (COOK, 2003; ALVES, 2012).

Esse processo atuará no sentido de fazer com que o falante se torne, cada vez mais, sensível aos detalhes de ambos os sistemas linguísticos. Com vistas a ratificar esse processo, podemos apontar em nossos resultados o fato de os falantes bilíngues terem apresentado um índice menor de aplicação do fenômeno, ao contrário do que ocorreu com os falantes monolíngues que, mesmo de forma tímida, apresentaram o maior índice de aplicação do fenômeno em suas produções.

No que diz respeito aos grupos de fatores selecionados como relevantes para a propagação da epêntese vocálica medial em cada rodada⁵², foi possível notar que as variáveis selecionadas mantiveram praticamente a mesma hierarquia de relevância em todas as rodadas realizadas, como é possível verificar no quadro 18:

⁵² Cabe lembrar aqui que, conforme já explicitado anteriormente, a 5ª rodada não consta neste quadro comparativo pelo fato de ter apresentado baixos valores de ocorrência do fenômeno, não sendo possível gerar variáveis relevantes para a aplicação do fenômeno.

Quadro 18 – Grupos selecionados em todas as rodadas da análise perceptual

GRUPOS SELECIONADOS			
1ª rodada (L1+L2)	2ª rodada (L1 falantes bilíngues)	3ª rodada (L2)	4ª rodada (L1 falantes monolíngues)
Proficiência na língua	Proficiência na língua	Proficiência na língua	Sexo
Tipo de instrumento	Tipo de instrumento	Tipo de instrumento	Contexto fonológico seguinte
Contexto fonológico seguinte	Contexto fonológico seguinte	Contexto fonológico seguinte	Contexto fonológico precedente
Contexto fonológico precedente	Contexto fonológico precedente	—	Posição silábica
Posição silábica	Posição silábica	—	—

Quadro 19 – Grupos selecionados em todas as rodadas na análise acústica

GRUPOS SELECIONADOS			
1ª rodada (L1+L2)	2ª rodada (L1 falantes bilíngues)	3ª rodada (L2)	4ª rodada (L1 falantes monolíngues)
Sexo	Sexo	Sexo	Sexo
Proficiência na língua	Proficiência na língua	Proficiência na língua	Contexto fonológico seguinte
Contexto fonológico seguinte	Contexto fonológico seguinte	Contexto fonológico seguinte	Contexto fonológico precedente
Posição silábica	Posição silábica	Contexto fonológico precedente	Posição silábica
—	—	—	—

Ao analisarmos os quadros 18 e 19 com a hierarquia das variáveis por rodada, percebemos de imediato, que as variáveis da 1ª e 2ª rodadas se apresentaram de forma semelhante em direção à propagação do fenômeno, diferentemente das rodadas de número 3 e 4 que apresentaram certa variação na relevância das variáveis, na análise perceptual e, de igual modo, na análise acústica.

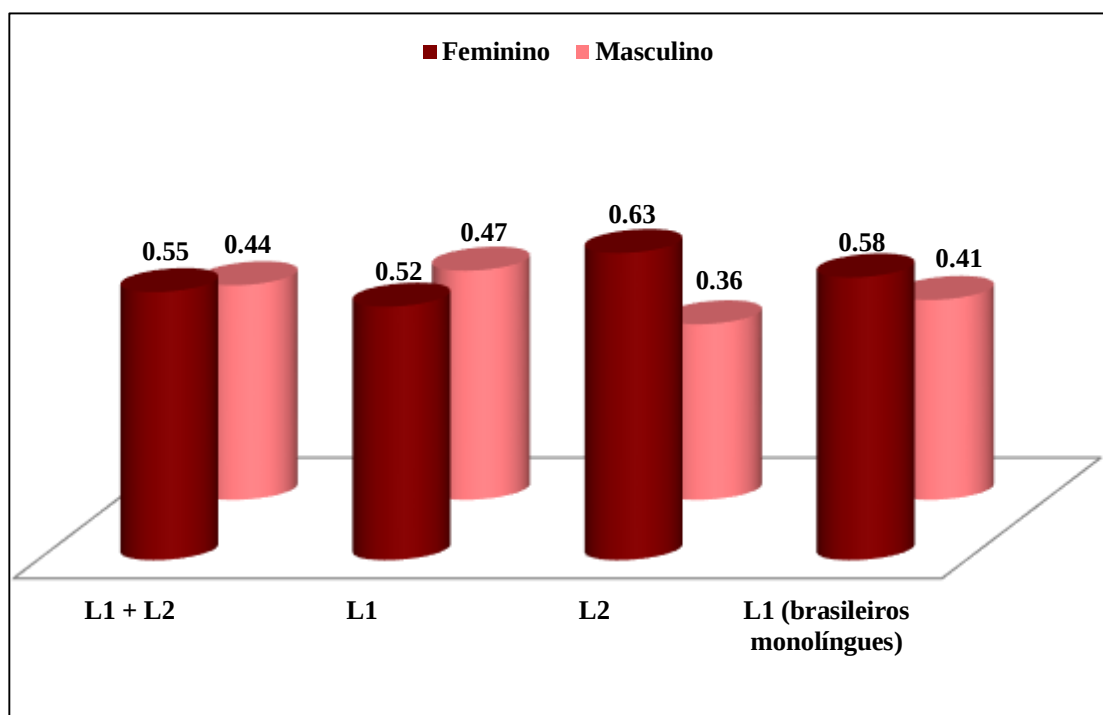
De forma geral, podemos pressupor que as informações dispostas nos referidos quadros revelam certo equilíbrio das variáveis selecionadas, no que concerne à aplicação do fenômeno da epêntese, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica.

Se aprofundarmos nossa reflexão diante desses dados, veremos que a única variável que se manifestou em todas as rodadas, em ambos os contextos de análise, foi o *contexto fonológico seguinte*, ratificando, dessa forma, que os ambientes fonológicos situados no ataque da sílaba seguinte operam fortemente no sentido de criar um elemento epentético sem significado fonético, para ocupar o núcleo de uma nova sílaba a partir do elemento que estava flutuante na posição de coda.

Todavia, especificamente na análise acústica, a única variável que se manteve, em termos de representatividade, em todas as rodadas foi a variável *sexo*, sendo a primeira selecionada pelo programa *GoldVarb X* como mais relevante para a manifestação do fenômeno da epêntese medial, neste contexto de análise.

Iremos promover, a partir de então, uma discussão sobre a comparação dessas variáveis analisadas por rodada e contexto de análise – perceptual e acústica, iniciando pelos pesos relativos elucidados na variável *sexo*. Vejamos, então, o gráfico 13⁵³:

⁵³ Faz-necessário frisar que só foi possível empreender a comparação da variável *sexo* apenas na análise acústica, pelo fato de, na análise perceptual, a referida variável ter sido selecionada como relevantes apenas em uma rodada, inviabilizando, portanto, o processo de comparação dos resultados das rodadas para a mesma. Todavia, cumpre lembrar que, à título de aferição dos dados, os resultados obtidos para esta variável, na quarta rodada, a partir da análise de oitava, encontram-se no tópico 4.4 deste trabalho, que aborda a frequência geral do fenômeno por brasileiros monolíngues.

Gráfico 13 – Comparação da ocorrência da variável *sexo* por rodada na análise acústica

Em termos de compreensão do comportamento da referida variável, notamos que, em todas as rodadas, o sexo feminino produziu maiores índices do fenômeno da epêntese vocálica medial. Nesse sentido, presumimos que o perfil social dos nossos informantes nos fornece pistas para esclarecer o resultado obtido.

Desse modo, observamos que, no geral, dos 18 informantes do sexo masculino (9 bilíngues e 9 monolíngues), 8 estão com seus cursos superiores em andamento e 10 já são formados, dos quais 4 possuem pós-graduação (2 bilíngues e 2 monolíngues), em nível de especialização (3) e mestrado (1), e 2 já tiveram experiência de formação no exterior. No que tange o perfil social das informantes do sexo feminino, das 18 informantes (9 bilíngues e 9 monolíngues) que participaram da nossa pesquisa, 13 estão com os cursos superiores em andamento e 5 já são formadas, das quais 3 possuem pós-graduação (1 bilíngue e 2 monolíngues).

Acreditamos, dessa forma, que o contexto/posição social na qual esses informantes se encontram tenha influenciado suas escolhas linguísticas, uma vez que os indivíduos tendem a empregar determinadas variantes linguísticas com objetivos ou intenções de natureza social, buscando parecer mais prestigioso.

A despeito desta questão, Mendes (2017, p. 112) reporta que a consciência do falante sobre determinado contexto linguístico o instiga a filtrar seu repertório, enfatizando certa preferência pela variante e, conseqüentemente, a produção de prestígio. De acordo com o referido autor, este mecanismo cognitivo é aprendido durante o processo de aquisição social de uma da língua. Estas ressalvas, a nosso ver, dão conta de justificar o fato de os informantes do sexo masculino terem propagado o fenômeno da epêntese vocálica medial, em menor escala.

Acrescido a isto, consideramos o aspecto orgânico, em termos anatômicos/fisiológicos, também como um fator preponderante para este resultado, já que na análise acústica as produções são capturadas a partir das frequências de formantes e, nesse caso, as mulheres naturalmente tendem a produzir frequências mais altas, devido ao formato do trato vocal que é menor, onde há mais vibrações das pregas vocais em razão do menor espaço para passagem do ar (LADEFOGED & DISNER, 2012). Podemos dizer, nesse sentido, que há uma redução na taxa elocutiva feminina.

A segunda variável utilizada para fins de análise na nossa pesquisa foi a variável *proficiência na língua*, que foi selecionada como relevante tanto na análise perceptual, quanto na análise acústica. A seguir, apresentamos os gráficos 14 e 15 como os pesos relativos obtidos em cada variante:

Gráfico 14 – Comparação da ocorrência da variável proficiência na língua por rodada na análise perceptual

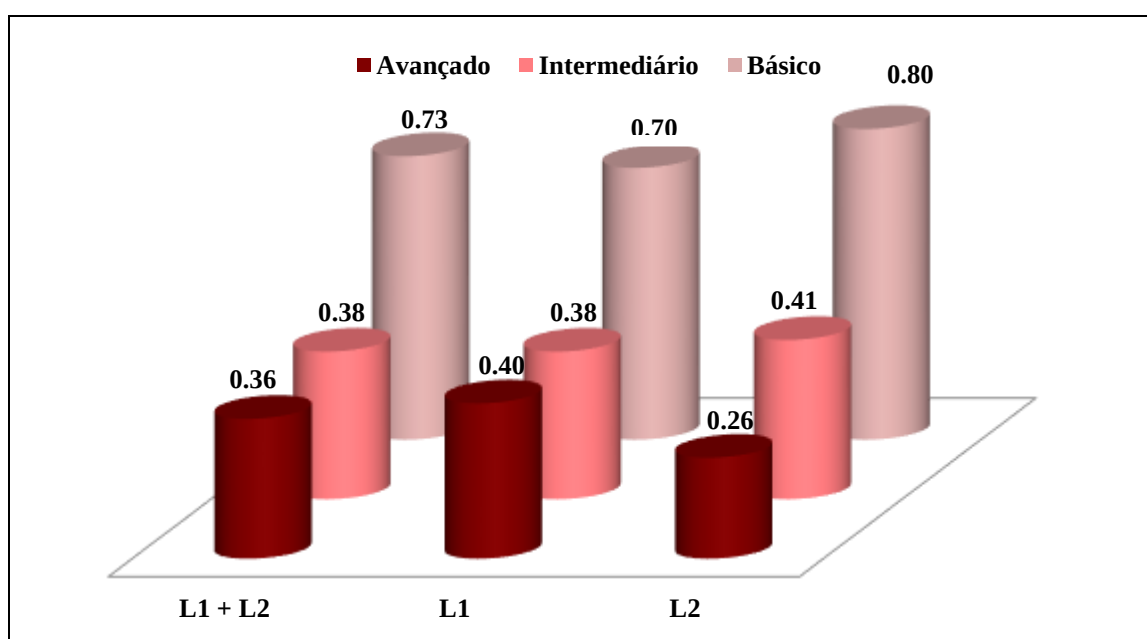
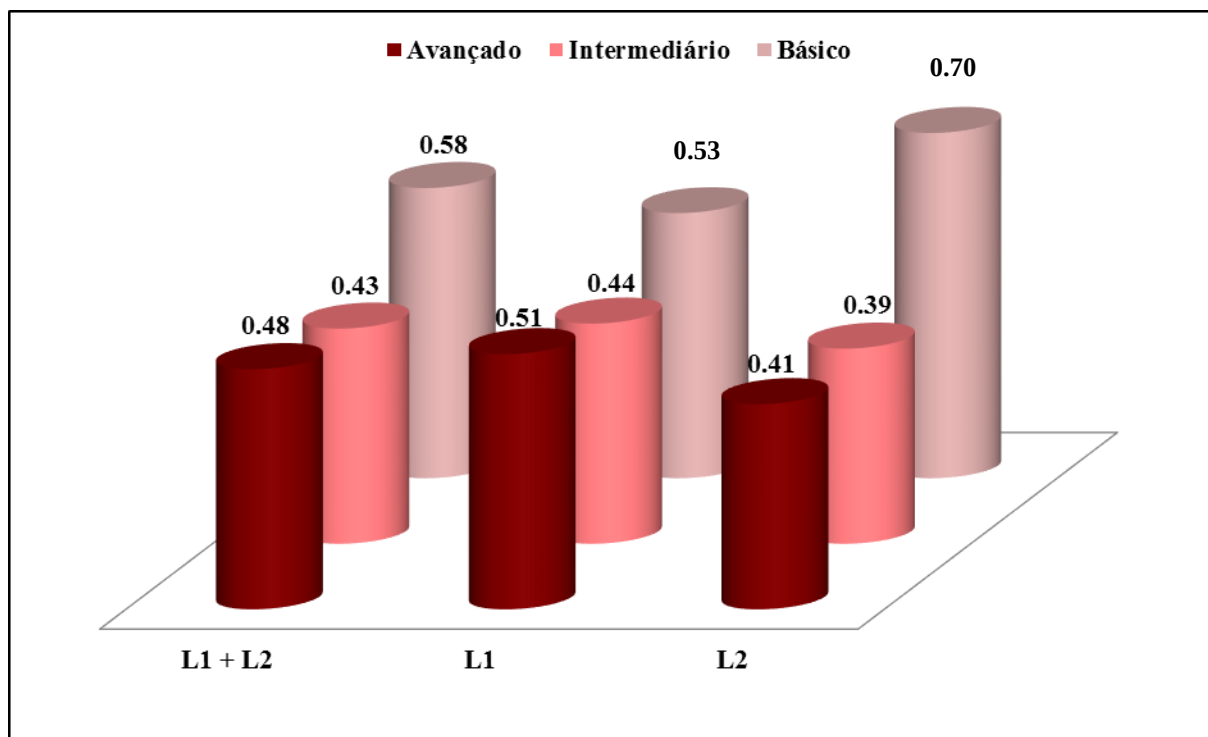


Gráfico 15 – Comparação da ocorrência da variável proficiência na língua por rodada na análise acústica



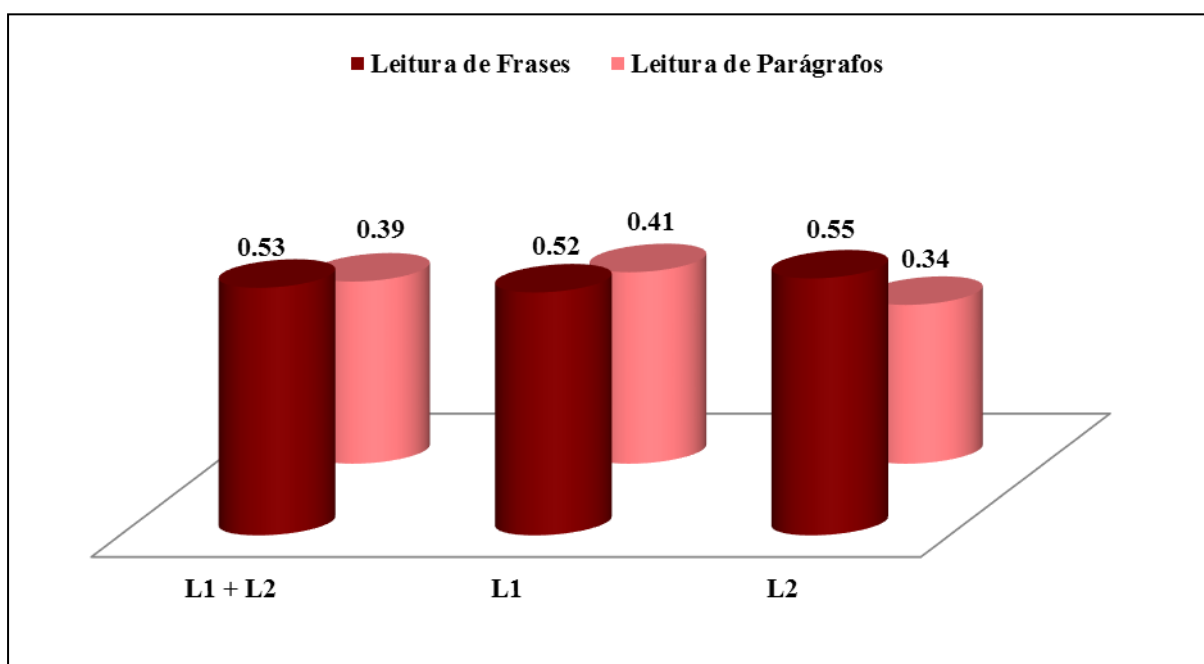
De acordo com os dados dos gráficos 14 e 15, percebemos que a variável *proficiência na língua* foi selecionada em todas as rodadas nas quais foi considerada, isto é, nos dados produzidos por falantes bilíngues, nos dois contextos de análise – perceptual e acústico. Semelhantemente, em todas as rodadas, pode-se perceber que a taxa da inserção vocálica incidiu mais sobre as produções dos falantes de nível básico, ao contrário do que verificamos nas taxas de ocorrência nas produções de falantes dos níveis intermediário e avançado.

Essa regularidade na recorrência do fenômeno, de acordo com cada nível de proficiência em cada rodada, retrata o fato de que o aumento da incidência do fenômeno da epêntese vocálica medial é fortemente influenciado pelo baixo nível de proficiência do indivíduo. Dessa forma, quando o aprendiz de L2 chega a um patamar de proficiência mais elevado, parece haver uma certa interação entre exposição à língua e frequência em declínio (LAMPRECHT, 2011; ALVES, 2012; LUCENA & LIMA, 2013).

Adiante, seguiremos com a comparação dos dados encontrados na variável *tipo de instrumento* nas rodadas empreendidas, porém, apenas na análise perceptual, que foi o único

contexto de análise em que a referida variável foi selecionada. Apresentamos o gráfico 16 a seguir:

Gráfico 16 – Comparação da ocorrência da variável *tipo de instrumento* por rodada na análise perceptual



De início, os valores exibidos neste gráfico demonstram certa regularidade na frequência do fenômeno em todas as rodadas, visto que todas as taxas de ocorrência de cada fator são bem próximas. Contudo, percebemos que o tipo de instrumento que se mostrou mais produtivo para ocorrência da epêntese vocálica foi a lista de frases.

Nossa especulação para este resultado encontrado é de que, como a lista de palavras foi o primeiro instrumento apresentado aos alunos, os mesmos apresentaram maior dificuldade para processá-las. Todavia, como essas mesmas palavras estavam dispersas nos parágrafos, que foi o segundo instrumento apresentado para a execução da leitura, os informantes, talvez, se sentiram mais familiarizados com as mesmas. Entretanto, a possível explicação para a certa proximidade entre os números em ambos os tipos de instrumentos é, provavelmente, a baixa frequência do uso desses vocábulos no cotidiano comunicativo desses falantes, sobretudo na L2.

A conclusão que podemos tirar desta análise comparativa é de que o conhecimento grafofônico-fonológico está intimamente relacionado ao processamento que o leitor faz, como defende Lamprecht (2011, p. 62), já que “as palavras de alta frequência são reconhecidas mais

rápida e acuradamente do que as palavras com que os leitores se deparam com menos frequência”. Assim sendo, o efeito da experiência do falante em relação a determinado vocabulário será traduzido no processamento do mesmo.

A variável *contexto fonológico seguinte* foi o quarto grupo de variável analisado em nossos dados, sendo selecionado nas análises perceptual e acústica. A seguir, apresentaremos os gráficos 17 e 18 com a comparação dos v

alores encontrados para esta variável:

Gráfico 17 – Comparação da variável *contexto fonológico seguinte* por rodada na análise perceptual

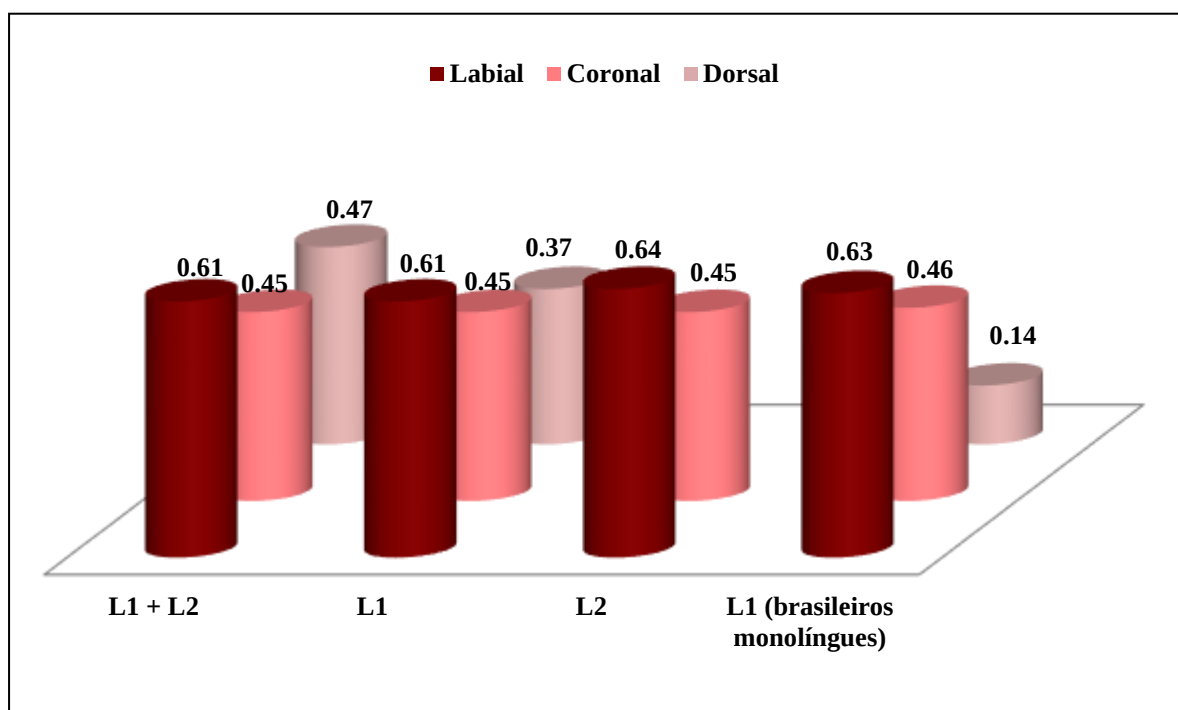
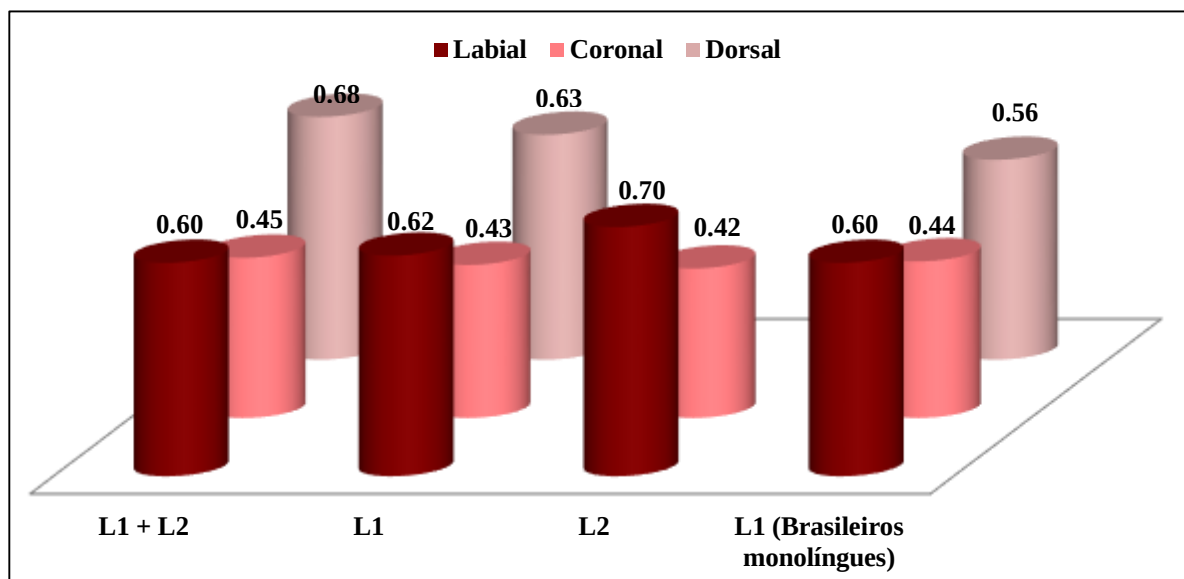


Gráfico 18 – Comparação da variável *contexto fonológico seguinte* por rodada na análise acústica



Ao refletirmos sobre os dados exibidos nos gráficos 17 e 18, verificamos que a referida variável se manifesta de forma sistemática em todas as rodadas realizadas, tanto na análise perceptual quanto na análise acústica, apresentando uma média semelhante de ocorrência por fator, exceto o fator dorsal que foi eliminado por ocorrência de *knockout* na 3ª rodada, nas produções de L2 de falantes bilíngues.

Todavia, cada contexto de análise demonstra suas nuances, as quais levantaremos em discussão, a partir deste momento.

Inicialmente, percebemos que o fator labial em posição seguinte é o que mais se sobressaiu, dentre os outros, em termos de produtividade do fenômeno, nas quatro rodadas empreendidas da análise perceptual.

Todavia, na análise acústica, a variante dorsal se manifestou de maneira pontual em direção à aplicação do fenômeno, na primeira e segunda rodada, de forma que o fator labial se mostrou como favorável para a manutenção da epêntese medial, apenas nas rodadas 3 (dados de L2 dos informantes bilíngues) e 4 (dados de L1 dos brasileiros monolíngues).

Entretanto, relembremos, conforme destacamos ao longo de nossas discussões, que a maioria dos vocábulos que apresenta uma labial / dorsal em posição seguinte, apresenta uma coronal em posição precedente, reforçando a teoria de que este ambiente se mostra amplamente favorável a epêntese vocálica em posição medial, sendo considerada a pior coda (COLLISCHONN, 2002; SCHNEIDER, 2009; LIMA, 2012).

Essa sistematicidade no comportamento das labiais/dorsais seguidas de coronais justifica, portanto, o espreadimento da coronalidade como gatilho motivador da manutenção da epêntese vocálica, através da inserção de um vocóide intrusivo, na tentativa do falante para salvar o elemento flutuante a partir da formação de uma nova sílaba.

Na sequência, discutiremos a comparação dos dados no *contexto fonológico precedente*, tanto nas análises perceptual quanto na análise acústica, a partir dos gráficos 19 e 20, conforme segue:

Gráfico 19 – Comparação da variável *contexto fonológico precedente* por rodada na análise perceptual

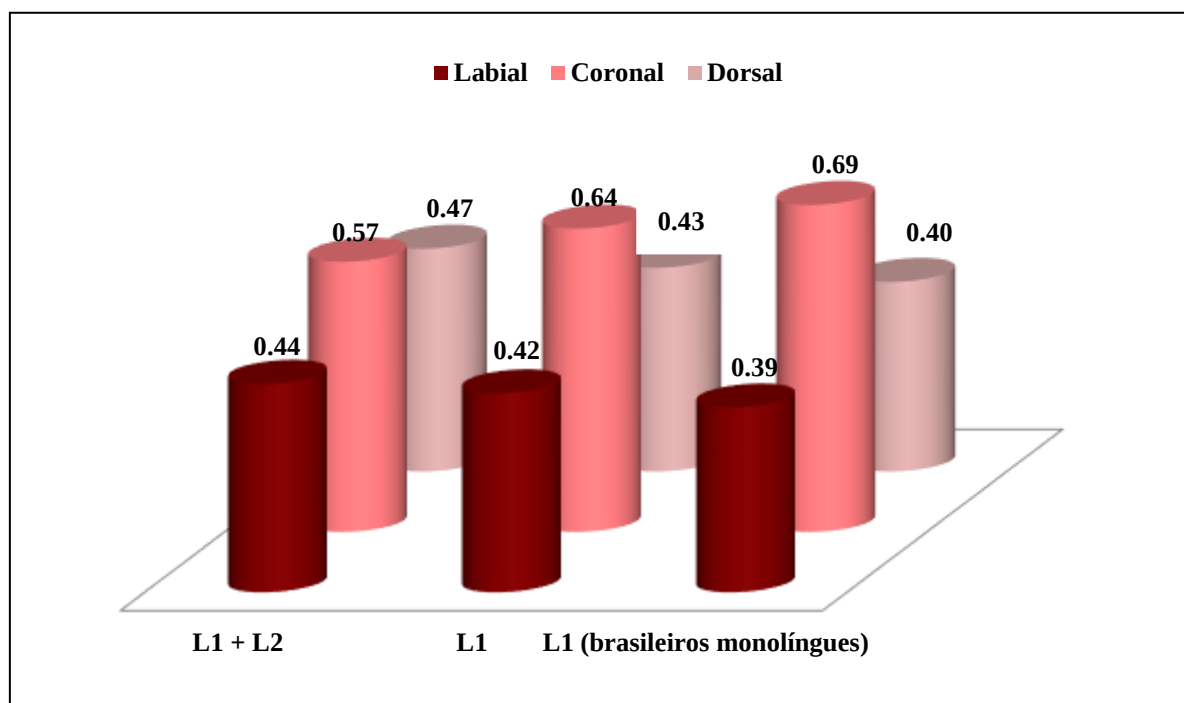
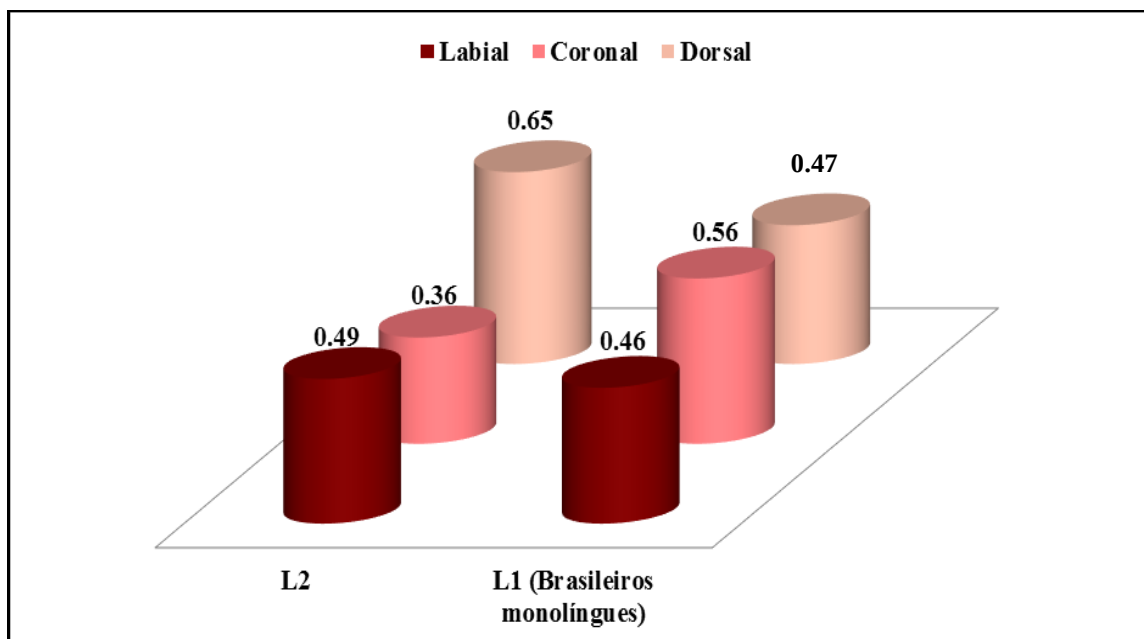


Gráfico 20 – Comparação da variável *contexto fonológico precedente* por rodada na análise acústica



Ao compararmos os valores obtidos por cada fator desta variável na análise perceptual, mais uma vez, percebemos a produtividade do fator coronal em posição imediatamente anterior à vogal epentética, em relação aos demais fatores, que não se mostram tão representativos no sentido de motivar o fenômeno.

Notamos, desta maneira, que a consoante coronal em fronteira de palavra não se configura um elemento bem aceito na língua para ocupar a posição de coda. Por este motivo, codas complexas formadas, sobretudo, por elementos coronais, violam o princípio de boa formação da sílaba, através da restrição da condição de coda, que proíbe constituintes complexos.

Essa tendência dos nossos resultados representa e ratifica a rejeição que a língua portuguesa apresenta por elementos diferentes daqueles que já são licenciados pela própria língua para ocupar a coda silábica, como é o caso das coronais, que temos exaustivamente discutido em nossas análises.

Fazemos esta inferência, pelo fato de este resultado ter se manifestado apenas nos dados que contêm produções de língua portuguesa, conforme explicitado no gráfico 20. Como prova disso, temos a quarta rodada, referente aos dados de língua inglesa, por exemplo, que não selecionou esta variável como relevante, uma vez que o inventário fonológico do inglês

não apresenta restrição alguma à coronal travando a sílaba em posição de coda (BISOL & SCHWINDT, 2010).

No que diz respeito à análise acústica, podemos perceber que os resultados não compartilharam da mesma regularidade, dado que a variável discutida só foi selecionada nas rodadas 3 (dados de L2 dos informantes bilíngues) e 4 (dados de L1 dos brasileiros monolíngues). Na rodada 2, os segmentos dorsais surpreendentemente demonstraram uma performance mais favorável na produção da epêntese, para os quais nos pautamos em um embasamento acústico para dar conta de explicar este resultado.

A nosso ver, o que motivou os valores postos no gráfico 20, foi a coronalidade dos segmentos posteriores que potencializou a epêntese não somente pela coronalidade, mas pelo vozeamento do segmento.

Todo esse processo cria uma ambiência propícia para a produção da vogal epentética, sendo perceptível a partir da análise acústica.

Para finalizar as discussões sobre as comparações dos resultados entre as rodadas, nos dois contextos de análise considerados em nosso estudo, empreendemos a análise dos dados obtidos pela variável *posição silábica* nas rodadas em que a mesma foi selecionada, conforme visualizamos nos gráficos 21 e 22:

Gráfico 21 – Comparação da variável *posição silábica* por rodada na análise perceptual

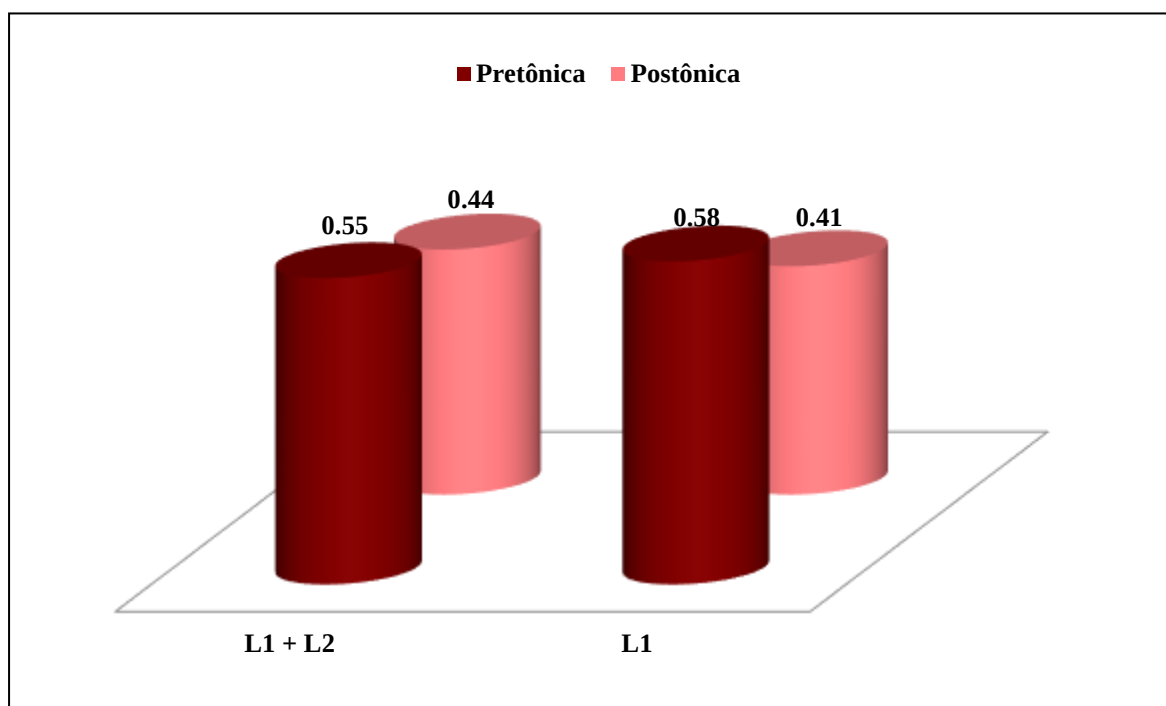
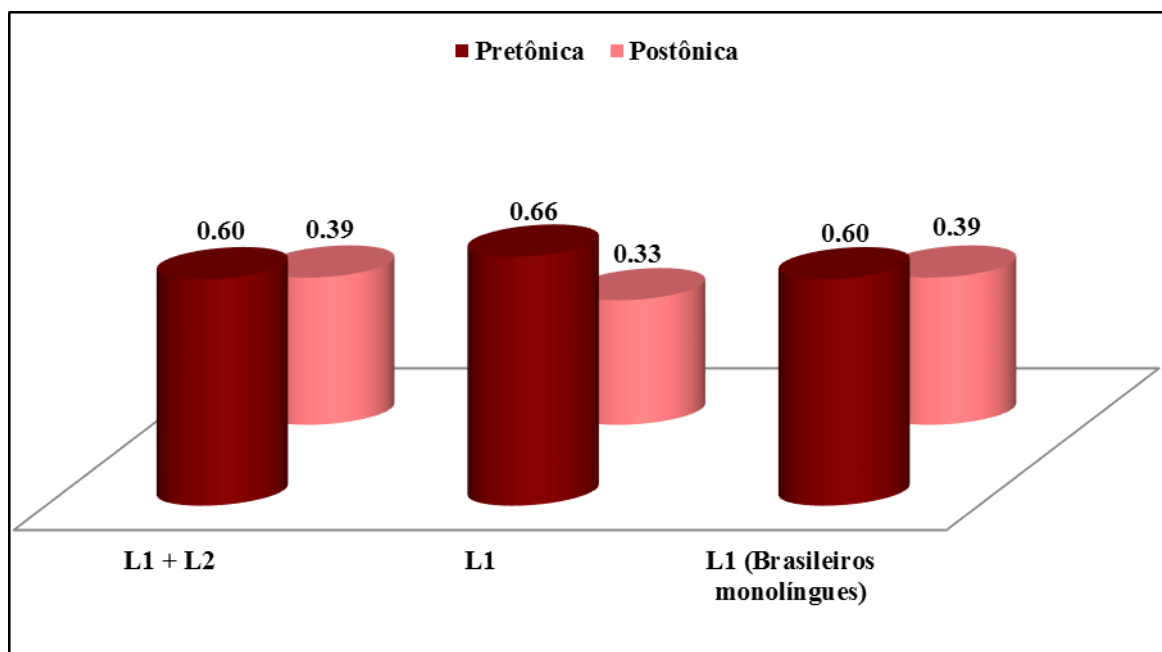


Gráfico 22 – Comparação da variável *posição silábica* por rodada na análise acústica

A partir dos valores dos gráficos 21 e 22 anteriormente expostos, podemos certificar que ambos os fatores considerados nesta rodada apresentam resultados equiparados, exibindo um comportamento análogo no que concerne à aplicação do fenômeno, nas duas análises empreendidas – perceptual e acústica.

De modo geral, estudos realizados nesta mesma direção (COLLISCHONN, 2004; MAGALHÃES, 2010; LIMA, 2012), somados aos nossos, apontam de que os aspectos prosódicos presentes nos ambientes pretônicos e postônicos têm exercido forte influência no processo de boa formação da sílaba. De acordo com este processo, a sílaba mais saliente deve manter-se localizada na margem esquerda do pé, onde a inserção de qualquer elemento implica deslocamento de acento. No caso do contexto pretônico, a inserção de um elemento à esquerda da sílaba proeminente não pressupõe deslocamento de acento.

Ademais, considerando um suporte acústico para alicerçar este resultado, encontramos que os segmentos em uma posição postônica (**apto**), diferentemente da pretônica (**interceptar**), pressupõem um esforço vocal maior para serem produzidos, o que interfere diretamente nas produções dos formantes (F1 aumentada, dentre outros), o que não se favorece a produção a vogal epentética, em seguida (KENT & READ, 2015).

Em decorrência destes motivos, acreditamos que os nossos resultados justificam o fato de a pauta acentual pretônica favorecer a ocorrência do fenômeno em encontros consonantais

heterossilábicos, uma vez que, em um contexto geral, parece haver uma preferência pela violação da estrutura silábica à violação dessa restrição do acento.

É interessante destacar ainda que, na análise perceptual, a posição silábica foi selecionada como relevante na propagação do fenômeno da epêntese vocálica, apenas nas duas primeiras rodadas com as produções do grupo bilíngue, que continham dados do PB como língua materna. Na análise acústica, a referida variável foi selecionada nas duas últimas rodadas, com os dados de L2 dos informantes bilíngues e nos dados de L1 dos brasileiros monolíngues. Porém, em ambos os contextos, as variantes deste grupo se comportaram de forma semelhante.

Pode-se presumir, talvez, que essa seja uma evidência da relação mútua entre L1 e L2, a nosso ver, mantendo o foco no PB que pode sofrer influência do inglês como L2, guiado pelo aspecto prosódico entre ambos os sistemas linguísticos. Vislumbramos tal relação, visto que esta variável foi selecionada nos dados em que isolamos a língua materna, tanto dos falantes bilíngues quanto dos monolíngues.

Assim sendo, acreditamos que o fato de, tanto o português quanto o inglês, comungarem de determinados parâmetros acentuais/prosódicos em comum pode ter motivado a recorrência do fenômeno nas produções de L1 condicionada, possivelmente, pela presença da L2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese buscou investigar os efeitos causados pela proficiência na língua inglesa (L2) no processamento da língua portuguesa (L1), através da análise do fenômeno da epêntese vocálica medial. Deste modo, a partir das produções de brasileiros bilíngues e monolíngues, bem como de americanos monolíngues, buscamos examinar que variáveis linguísticas e extralinguísticas se propagaram favorecendo e inibindo a ocorrência do referido fenômeno, a partir da comparação entre as análises perceptual e acústica (COOK, 2003; LIMA, 2012; OLIVEIRA, 2013; PEREYRON & ALVES, 2016).

Nossa análise partiu de uma pesquisa de cunho variacionista (LABOV, 2008 [1976]), através da qual, empreendemos a quantificação das ocorrências do fenômeno, codificamos e submetemos à análise estatística no programa *GOLDVARB X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), com as contribuições da Fonética Acústica (KENT & READ, 2015; BARBOSA & MADUREIRA, 2015; LADEFOGED & DISNER, 2012; ROGERS, 2000).

Através deste processo, realizamos cinco rodadas distintas com os dados – L1 + L2, L1, L2 (dados de brasileiros bilíngues); L1 (brasileiros monolíngues) e L1 (americanos monolíngues), a partir de uma análise perceptual, inicialmente, e uma análise acústica posteriormente, de modo que ambas foram submetidas ao tratamento estatístico pelo *GoldVarb X* (*op. cit.*). Todavia, esta última rodada, por ter sido realizada apenas como uma forma de contraprova dos dados, não apresentou nenhuma variável como relevante.

Para tanto, julgamos pertinente considerar as seguintes variáveis em todas as rodadas, em ambos os contextos de análise: *sexo, nível de proficiência na língua, tipo de instrumento, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e posição silábica*. A relevância destas variáveis não se mostrou tão discrepante em todas as rodadas, entretanto, variou, minimamente, de rodada para rodada, tanto na análise perceptual quanto na acústica.

De forma geral, os dados revelaram que a aplicação do fenômeno não foi recorrente em nenhuma das rodadas, se mostrando um pouco mais produtiva nos dados de L1, sobretudo, dos informantes monolíngues.

Em relação à primeira variável – *sexo*, constatamos que a mesma não foi relevante nos dados de oitiva, somente na análise acústica em que ocorrem em todas as rodas, mostrando sempre a inclinação das informantes do sexo feminino em propagar o fenômeno em suas produções. Essa tendência, contrariando parte da comprovação teórica tradicional de padronização linguística das mulheres, deu conta de comprovar que, assim como o grau de

escolaridade, a posição social do falante o coloca em uma condição de prestígio linguístico (MENDES, 2017).

No que concerne à variável *proficiência língua*, tanto na análise perceptual quanto na acústica, os valores encontrados mostraram que os falantes que não têm muito tempo de exposição à língua ou não são expostos ao inglês como L2 (monolíngues), têm uma maior probabilidade de inserir o elemento vocálico intrusivo para desfazer o encontro vocálico complexo. Esse fato corrobora, de certa forma, o que pensávamos acerca da influência da L2 na produção de L1, em que o conhecimento de duas ou mais línguas na mente de um falante bilíngue terá efeito bidirecional, numa ambiência de retroalimentação.

No que tange aos resultados obtidos, a partir da análise de oitiva, temos a variável *contexto fonológico seguinte* como a única que foi considerada como relevante em todas as rodadas empreendidas, em ambos os contextos de análise. Em todas estas rodadas da análise perceptual, o fator labial se sobressaiu em relação aos demais. Na análise acústica, se sobressaiu o fator dorsal nas primeiras rodadas e o fator labial nas últimas rodadas, porém, sempre seguido de um elemento coronal anterior, conforme hipótese lançada inicialmente (LIMA, 2012; LIMA & LUCENA, 2013). Além disso, o contexto acústico de produção da dorsal em posição seguinte, propicia um ambiente acusticamente adequado, em termos de produção de frequência e de formantes, para o fenômeno da epêntese.

Já em relação à variável *contexto fonológico precedente*, foi selecionada em todas as rodadas da análise perceptual, exceto a terceira rodada que considerava os dados de L2 dos brasileiros bilíngues. Todavia, na análise acústica, só foi selecionada em duas rodadas, com os dados de L2 (falantes bilíngues) e dados de L1 (brasileiros monolíngues). Na maioria das rodadas em que foi selecionada, esta variável mostrou que o fator coronal é o mais produtivo no sentido de favorecer a epêntese vocálica. Este resultado, de certa forma, corroborou o resultado encontrado na variável anterior, no sentido de confirmar a produtividade da coronalidade para a inserção vocálica (BISOL, 1999; COLLISCHONN, 2002).

As variáveis *proficiência na língua* e *tipo de instrumento*, por sua vez, se manifestaram, de igual modo, em todas as três rodadas com os dados de brasileiros bilíngues, na análise perceptual. Porém, na análise acústica, a variável *tipo de instrumento* não foi selecionada em nenhuma rodada.

Em relação ao nível de proficiência na L2, em ambos os contextos de análise, foi unânime o fato de os falantes de níveis mais elevados apresentarem uma maior consciência fonológica de ambos os sistemas linguísticos e produzirem menos dados com inserção vocálica, diferentemente dos falantes que se encontram em estágios iniciais de aquisição. Esse

processo, portanto, revela que o conhecimento desenvolvido na L2 afeta a consciência do falante em termos de percepção e produção dos elementos da língua, minimizando os efeitos de determinados fenômenos fonológicos (ALVES, 2012).

Já no que diz respeito ao tipo de instrumento utilizado para a coleta de dados, os resultados revelaram uma maior predisposição do falante no sentido de inserir a vogal epentética em encontros consonantais heterossilábicos, na leitura de frases. Explicamos este resultado através da dificuldade do informante, no sentido de processar diferentes códigos linguísticos. A partir das discussões empreendidas, presumimos que esta dificuldade tenderá a ser atenuada mediante a experiência do falante em relação a determinado vocabulário que é mais frequente em seu uso.

Por fim, temos a variável *posição silábica* que foi selecionada apenas nas duas primeiras rodadas da análise perceptual, com os dados de falantes bilíngues. Na rodada acústica, além de ter sido selecionada nas duas primeiras rodadas, foi selecionada na quarta rodada, com os dados dos brasileiros monolíngues. Nessa variável, o fator que ofereceu uma maior ambiência para a manutenção do fenômeno foi o contexto pretônico, de acordo com o qual, a inserção de um elemento à esquerda da sílaba proeminente não remeteria ao deslocamento de acento (MAGALHÃES, 2010).

Diante de tudo que foi discutido, toda a análise empreendida a partir desses resultados demonstrou o quanto à interface entre a Fonética Acústica e a Sociolinguística (Sociofonética) tem se mostrado produtiva e necessária, no sentido de fornecer elementos fundamentais e um suporte empírico-teórico para compreender como determinados fenômenos se comportam na língua, sobretudo, ao longo do processo de aquisição de uma L2, a partir de análise variaconistas.

Em linhas gerais, foi possível verificar, conforme vários estudos têm dado conta de comprovar, que esse processo de aquisição de L2 não ocorre somente em um sentido unidirecional, mas varia em correlação com dimensões linguísticas e extralinguísticas. Dessa forma, através dos nossos resultados, inferimos que essa relação bidirecional entre a L1 e L2, extrapola a dimensão linguística, alcançando esferas sociais, psico-cognitivas, orgânicas e epistêmico do próprio indivíduo.

Permeada por essas esferas, nossa pesquisa deu conta de analisar o fenômeno da epêntese vocálica medial, considerado a partir da apreciação minuciosa das variáveis descritas acima. Nesse contexto, verificou-se que os paradigmas linguísticos do processo variacionista de aquisição têm, cada vez mais, superado barreiras e avançado rumo à âmbitos diversos de cooperação com áreas das mais diferentes naturezas, com o intuito de ampliar a gama de

contribuição para os estudos linguísticos, através de um mapeamento mais detalhado e amparado pelo cruzamento de diferentes esferas do conhecimento.

No que tange ao processo de ensino / aprendizagem de L2, nossa pesquisa pode, ainda, trazer contribuições no sentido de fazer ambas as partes – professores, alunos e pesquisadores interessados na área, refletirem sobre os rumos atuais da pesquisa em aquisição e como encarar, não somente empiricamente, mas pedagogicamente, os fenômenos variacionistas envolvidos neste processo. Para tanto, a consciência fonológica tem se mostrado uma indispensável aliada no encadeamento dessas discussões para a aprendizagem / aquisição e, sobretudo para a reflexão, tanto da estrutura da L1 quanto da L2.

Somado a isso, considerando necessária esta vertente pedagógica, acreditamos que a importância da nossa pesquisa se destaca pelo modo que incita o leitor a (re)pensar a noção de “erro” em suas aulas de língua. Inevitavelmente, também, consideramos que as nossas discussões podem levar os profissionais da área a refletirem sobre métodos e abordagens de ensino da língua, levando-os a pensar numa era pós-métodos, em que o docente passa a ser autônomo das estratégias de ensino usadas em sala de aula, recriando métodos convencionais de acordo com as necessidades de seu grupo.

Embora tenhamos chegado até esse momento da análise, é certo que estes resultados são inacabados e necessitam de uma investigação sempre mais robusta, através de diferentes óticas, para fazermos constatações mais assertivas e amplas acerca do processo investigado em nosso estudo.

Esperamos, pois, dar continuidade a ampliação deste estudo, contribuindo para interpretações mais elucidativas acerca do fenômeno aqui abordado, bem como de outros mais. E como efeito desse conhecimento, buscaremos refletir sobre as interfaces das estratégias de ensino/aprendizagem e manipulação da segunda língua, colaborando, sobretudo, com a difusão dos estudos que abrangem o processo de aquisição fonológica de L2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLAN, Duff. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A aquisição das sequências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do Sul do Brasil: análise pela via teoria da otimidade*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.
- _____. A explicitação dos aspectos fonético-fonológicos da L2: teoria e pesquisa na sala de aula. In: LAMPRECHT, Regina Ritter [et al.]. *Consciência dos Sons da Língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- _____. Teoria da Sílabas. In: LUCENA, Rubens Marques de [et al.]; HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Org.). *Fonologia, fonologias*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BARBOSA, Plínio A.; MADUREIRA, Sandra. *Manual de Fonética Acústica Experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BAYLEY, Robert. *Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation*. San Antonio: University of Texas, 2005.
- _____; LUCAS, Ceil. *Sociolinguistic Variation: theories, methods, and applications*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: Neves, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- _____; SCWINDT, Luiz Carlos. *Teoria da Otimidade: fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat, Versão 5.4.08. www.praat.org. 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Problemas de Linguística Descritiva*. 6ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 40ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CARDOSO, Walcir. *The variable development of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project: 2005.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook 2*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985.

_____. The Role of Sonority Cycle in Core Syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (Org.). *Papers in Laboratory Phonology I*. Cambridge: CUP, 1990.

CLEMENTS, G. N; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

CLEMENTS, George. N.; KEYSER, Samuel Jay. *CV Phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1983.

CLOUD, Nancy; GENESEE, Fred; HAMAYAN, Else. *Literature Instruction for English Language Learners: a teacher's guide to research-based practices*. New Hampshire, MA: Heinemann, 2009.

COLLISCHONN, Gisela. *Um estudo da epêntese à luz da Teoria da Silába de Junko Itô (1986)*. Letras de Hoje, v, 31, n. 2. p. 149 -158, 1996.

_____. *A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil*. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Claudia Regina. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Epêntese vocálica no português do Sul do Brasil: variáveis extralinguísticas*. In: Revista Letras. N. 61, especial. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

_____. *Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil*. Signum: Estud. Ling., Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004.

COOK, Vivian. *Linguistics and Second Language Acquisition*. London: The Macmillan Press, 1993.

_____. (Org.). *Portraits of the L2 User*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

_____. (Org.). *Effects of the Second Language on the First*. Bristol: Multilingual Matters, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. New York: Blackwell, 2008.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Alvares, 1972.

ELLIS, Rod. *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

_____. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FERRERIA, Marcelo; LOPES, Marcos. Linguística Computacional. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Novos Caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FLEGE, J. E. Second Language Speech Learning: Theory, Findings, and Problems. In: STRANGE, W. (ed.) *Speech perception and linguistic experience: issues in cross language research*. Timonium, MD: York press, 1995.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski (Org.). *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

GHAWI, Mohammed. *L2 influence on L1 at the Elementary School Level*. College of Education: King Khalid University, 2017.

GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Cambridge, Massachussets: MIT Press. (Tese de Doutorado). 1976.

GOMES, Christina Abreu; BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria Oliveira. Variação Sonora. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro* (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2015.

GUTIERRES, Athany. *Variação na Aquisição Fonológica: Análise da Produção da Nasal Velar em Inglês (L2)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2016.

GUY, Gregory Riordan. Variation and phonological theory. In: BAYLEY, Robert; LUCAS, Celi. *Sociolinguistic Variation: theories, methods, and applications*. New York: Cambridge University Press, 2007

ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese de Doutorado. Universidade de Massachusetts, 1986.

KAHN, Daniel. *Syllable Based Generalizations in English Phonology*. Tese de Doutorado. Cambridge, Massachussets, 1976.

KATO, Mary Aizawa. *O Aprendizado da Leitura*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KECSKES, Istvan. *The effects of the Second Language on the First Language: the dual language approach*. New York: Babylonia: 2008.

KELLER, Tatiana. *O fenômeno da epêntese no português falado em Parambi e Blumenau*. Cadernos do IL, 1999.

KENT, Ray D.; READ, Charles. *Análise Acústica da Fala*. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KUPSKE, Felipe Flores. *Imigração, Atrito e Complexidade: a produção das oclusivas surdas iniciais do inglês e do português por Sul-Brasileiros residentes em Londres*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

KRASHEN, Sthepen. *Principles and practice in second language acquisition*. University of Southern California, 1982.

LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

_____; WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Mª Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LADEFOGED, Peter; DISNER, Sandra Ferrari. *Vowels and Consonants*. 3rd. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.). *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

LAVER, John. *Principles of Phonetics*. New York: Cambridge University Press, 1994.

LIMA, L. A. S. *Epêntese Vocálica Medial: uma análise variacionista da influência da língua materna (L1) na aquisição de inglês (L2)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB, 2012.

_____; LUCENA, Rubens. Marques. *Análise Variacionista da Epêntese Vocálica Medial na Aquisição de Inglês como L2*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Língua em Uso, nº 47, 2013.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

LUCENA, Rubens. Marques. Aquisição Fonológica da Coda Silábica por Falantes Brasileiros de Inglês: análise a partir de Padrões Variáveis do Português Brasileiro. In: *Anais da XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Natal: EDUFRN, 2012.

_____; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda*. Letra Viva, v. 9, p. 19-33, 2009.

_____. *Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês: uma análise variacionista*. Letras de Hoje, v. 45, p. 35-42, 2010.

_____; ALVES, F. C. *Análise Variacionista da Aquisição do /p/ em Coda Silábica por Aprendizes de Inglês Como LE*. Revista Intertexto, v. 5, n. 2, 2012.

MAGALHÃES, José Sueli de. Acento. In: BISOL, Leda & SCHWINDT, Luiz Carlos (orgs.). *Teoria da Otimidade: Fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MARTINEZ, Pierre. *Didática de Línguas Estrangeiras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARTINS, Rosemari Lorenz. Bilinguismo (Hunsrückisch – português brasileiro) e transferências fonético-fonológicas. In: ALVES, Ubiratã Kickhöfel (Org.). *Aquisição Fonético-Fonológica de Língua Estrangeira: investigações rio-grandenses e argentinas em discussão*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro* (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2015.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

_____; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Teoria dos Traços. In: LUCENA, Rubens Marques de [et al.]; HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Org.). *Fonologia, fonologias*. São Paulo: Contexto, 2017.

_____; AZEVEDO; Roberta Quintanilha. Teoria fonológica e aquisição de Língua Estrangeira. In: ALVES, Ubiratã Kickhöfel (Org.). *Aquisição Fonético-Fonológica de Língua Estrangeira: investigações rio-grandenses e argentinas em discussão*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

MAZZONI, Dominic. *Audacity*, v. 1.2.6 [programa de computador]. Acessado em 4/12/2011, em <<http://audacity.sourceforge.net/>>.

MCCARTHY, John.; PRINCE, Alan. *Prosodic morphology I – constraint interaction and satisfaction*. Technical Report # 3, Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.

McEWAN. Elaine K. *Seven Strategies of Highly Effective Readers: using cognitive research to boost K-8 achievement*. United Kingdom: Corwin Press, 2004.

MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. O contato intraindivíduo: aquisição de L2 e erosão de L1 no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os Contatos Linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MENDES, Ronald Beline. A Terceira Onda da Sociolinguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Novos Caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

NASCIMENTO, Geisibel Cristina Andrade. *Epêntese Vocálica em Encontros Consonantais por Falantes Brasileiros de Inglês como Língua Estrangeira*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa – Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 2015.

NASCIMENTO, Katiene R. S. *Emergência de Padrões Silábicos no Português Brasileiro e seus Reflexos no Inglês Língua Estrangeira*. Tese de doutorado. Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2016.

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de. *A Construção Resultativa e Sua Representação por Bilíngues do Par Linguístico Português do Brasil e Inglês*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2013.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAVLENKO, Aneta. *L2 Influence on L1 in Late Bilingualism*. Issues in Applied Linguistics. Regents of the University of California: Temple University, Vol. 11, nº 2, 2000.

PEREYRON, Letícia. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____.; ALVES, Ubiratã K. A transferência vocálica em falantes bilíngues e trilíngues: uma concepção de língua como sistema adaptativo complexo. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016.

_____. *A Produção Vocálica por falantes de Espanhol (L1), Inglês (L2) e Português (L3): uma perspectiva dinâmica na (multi)direcionalidade da transferência linguística*. Tese (Doutorado) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PETTER, Margaria. Um Novo Olhar nos Estudos do Português Falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Novos Caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

RÉ, Alessandra Del. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROACH, Peter. *Phonetics*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ROGERS, Henry. *The sounds of language: an introduction to Phonetics*. New York: Longman, 2000.

SALLES, Jerusa Fumagalli. Habilidades de processamento fonológico em crianças com dificuldades de leitura e escrita. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.). *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Bliskstein. – 27. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHNEIDER, André. *A epêntese medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SELINKER, Larry. *Rediscovering interlanguage*. London; New York: Longman, 1992.

SELKIRK, E. O. The Syllable. In: HULST, H. V. D.; SMITH. *The Structure of Phonological Representations (part II)*. Foris, Dordrecht, 1982.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Fonética: Desafios e Perspectivas. In: HORA, Dermeval da; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucienne C. *Abralin: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

SOUZA, Paulo Chagas de. Fonologia de Laboratório. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Novos Caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, Ricardo Augusto de; OLIVEIRA, Fernando Luiz Pereira. *Is Knowledge of a Non-Dominant L2 Activated by Bilinguals Using Their Dominant L1?* Insights from an on-line psycholinguistics study. *Organon*. Porto Alegre, nº 51, julho – dezembro, 2011.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

TARONE, Elaine. *Sociolinguistic approaches to second language acquisition research*. *Modern Language Journal* – 91, 2007.

TENANI, Luciani. Fonologia Prosódica. In: LUCENA, Rubens Marques de [et al.]; HORA, Dermeval; MATZENAUER, Carmen Lúcia (Org.). *Fonologia, fonologias*. São Paulo: Contexto, 2017.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro* (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2015.

WANG, Xin. *Effects of the Second Language on the First: a study of ESL students in China*. *Theory and Practice in Language*, Vol. 4, nº 4, 2014.

YULE, George. *The study of language*. Cambridge University Press, 2006.

ZIMMER, Márcia Cristina. O efeito da frequência e da consistência do *input* na aprendizagem da leitura em língua estrangeira. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.). *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

Prezado participante,

O presente formulário traz informações importantes acerca do estudo o qual você participará, e, portanto, deve ser lido cuidadosamente.

Esta pesquisa contribuirá para a elaboração da tese da pesquisadora Luana Anastácia Santos de Lima, sob orientação do Profº. Dr. Rubens Marques de Lucena, e tem como objetivo fortalecer o desenvolvimento de estudos linguísticos no estado da Paraíba, de modo a contribuir com a linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, vinculada ao programa de Pós Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa (UFPB – Campus I).

Os alunos que se comprometerem a participar da pesquisa podem, a qualquer momento, mudar de ideia e cancelar sua integração à mesma sem nenhum ônus ou prejuízo, visto que a sua participação é de caráter voluntário.

A tarefa a ser desempenhada pelo participante da pesquisa constitui o preenchimento de um questionário de informações pessoais e a realização de leituras de uma lista de palavras e uma lista de frases, as quais serão gravadas para fins de análise. As gravações serão examinadas somente pelo pesquisador e orientador, permanecendo confidencial a identidade do aluno participante em toda e qualquer forma de publicação ou divulgação do estudo.

As informações coletadas nessa pesquisa, somente para fins de análise linguística, passarão por tratamento estatístico gerando resultados que poderão ser publicados na forma de apresentação de comunicações orais ou pôster em congressos científicos, artigos científicos publicados em periódicos, capítulos de livros, monografias, dissertações ou teses.

Assim sendo, após a leitura deste documento, por favor, assine-o, indicando que você está de acordo em fazer parte desta pesquisa.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e compreendi as informações acima e que consinto em participar desta pesquisa.

Nome

Assinatura

Data: ____/____/____

APÊNDICE 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

QUESTIONÁRIO

O presente questionário registrará os dados pessoais dos informantes que se propuserem a participar da pesquisa e será parte da elaboração da Tese da doutoranda Luana Anastácia Santos de Lima, sob orientação do Profº. Dr. Rubens Marques de Lucena, no programa de Pós-Graduação em Linguística, na UFPB. Sua participação é muito importante para o nosso trabalho. Muito obrigada!

PARTE I – Informações pessoais

1. Nome: _____
2. E-mail: _____
3. Data de Nascimento: _____/_____/_____
4. Sexo: () Feminino () Masculino
5. Lugar de origem (Cidade e Estado): _____
Reside no mesmo lugar de origem? _____
Caso não resida, onde mora atualmente, e há quanto tempo mora neste local? _____
6. Escolaridade: _____

PARTE II – Nível de inglês

7. Nível de proficiência em Língua Inglesa:
() nível básico () nível intermediário () nível avançado
8. Por quantos anos você estudou inglês? _____

Ainda estuda? () Sim () Não
9. Você já teve oportunidade de morar em país/países de língua inglesa?
() Sim () Não

Se a resposta anterior foi positiva, por quanto tempo? _____

Em qual (quais) país(es)? _____

Estudou inglês nesse(s) país(es) estrangeiro(s)? Por quanto tempo? _____

- 10.** Você tem contatos com a língua inglesa fora da sala de aula? Caso tenha, especifique se pessoalmente, virtualmente, por meio de telefone, ou outros, e com que frequência. _____

Caso não tenha, com que frequência pratica a língua inglesa fora da sala de aula? Ou apenas pratica na sala de aula? _____

- 11.** Assiste a canais de TV em língua inglesa? Quais? _____

- 12.** Costuma a ouvir músicas em inglês? Com que frequência? _____

- 13.** Você fala alguma outra língua? Qual? _____

Data: ____/____/____

Informante nº.: _____

APÊNDICE 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

➤ **CORPUS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

LABIAIS	/p/		/b/	
	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>
	Intercept ar	Apt o	objeto	ób vi o
	Concep ção	Corrupt o	obter	lamb da
CORONAI S	/t/		/d/	
	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>
	Etnógr af o	Étnic o	advér bi o	cádm io
	Aritm ét ica	Rítmic o	adjun to	vodc a
DORSAIS	/k/		/g/	
	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>
	Confec ção	Asp ec to	segment o	sign o
	Conect ar	Imp ac to	cognat o	dog ma
DISTRATORAS	Pulverizad or	Escrupul os o	vitória	temperament al
		Aspirad or	surpreender	



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

➤ **CORPUS DE LÍNGUA INGLESA**

LABIAIS	/p/		/b/	
	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>
	Adaptation	Empty	object (v.)	absent
	September	Aptitude	submit	object (n.)
CORONAIIS	/t/		/d/	
	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>
	outshine (v.)	Atmosphere	admire	kidnap
	Outnumber	Compartment	advise	bombardment
DORSAIS	/k/		/g/	
	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>	<i>Pretônicas</i>	<i>Postônicas</i>
	accept (v.)	Reluctant	recognize	cognitive
	Pictorial	Victim	resignation	magnet
DISTRATORAS	Grumble	Formidable	unharmed	hotel
		Engagement	license	

APÊNDICE 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

LISTA DE TEXTOS EM PORTUGUÊS

➤ Por favor, leia os textos a seguir:

1. É **óbvio** que quem consome bebida alcoólica perde, em parte, seu sentido **rítmico**. A **vodka**, atualmente, tem sido uma das bebidas mais consumidas e, na **concepção** dos brasileiros, considerada a preferida. Sua **confecção** se dá a partir da mistura de cereais e aguardente, de modo a **obter** uma concentração forte da bebida, deixando o indivíduo não **apto** a realizar algumas atividades como dirigir ou andar por certos **segmentos** de intensa movimentação, o que pode ser bem perigoso.
2. Durante um bom tempo, houve um enorme preconceito no que diz respeito à questão **étnica** no Brasil. Os negros eram **objetos** de escravidão, além de sofrerem severas punições de seus senhores que chegavam até a vendê-los, além de **interceptar** outros escravos. Nesta época, a sociedade era ditada por **dogmas** bem violentos. Porém, havia pessoas como a temperamental Princesa Isabel e seu companheiro **adjunto** Rodrigo da Silva que decidiram instaurar a lei áurea para extinguir de vez a escravidão. Esta lei causou enorme **impacto** na sociedade brasileira, tanto quanto o desenvolvimento da **aritmética** na matemática ou a descoberta do **cádmio** como elemento químico.
3. O papel do **etnógrafo** tem se concentrado no **aspecto** descritivo de determinados povos, costumes, língua, entre outros, a fim de poder **conectar** todos esses elementos e poder chegar a um denominador comum dessas comunidades. Seu trabalho tem permitido estudar a estrutura da língua de determinados povos, como descobrir, por exemplo, que o **lambda** (λ) faz parte do alfabeto grego, ou que determinado **signo** linguístico pode ser substantivo, **advérbio** e, dependendo do contexto, pode ser **cognato** de outra. No entanto, alguns etnógrafos **corruptos**, no entanto, corrompem seus dados por falta de compromisso com o trabalho que desempenham.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

LISTA DE TEXTOS EM INGLÊS

➤ Por favor, leia os textos a seguir:

1. On **September** 11th, one of the biggest terrorist attacks of the world happened in the US: the **bombardment** of the World Trade Center, in New York. This attack was conducted by the Islamic terrorists from Al-Qaeda, who got planes in order to chock them against the towers. One of the main reasons for this attempt was because the United States did not **accept** the dogmas of the Koran and did not **recognize** it as a holy book. So, they did not agree to **submit** themselves to the Koran rules. But, according to the Islam, this was a grumble against the Koran and against the Islamic people. On this tragic day, all the **compartments** of the building were not **empty** and many people that were there did not have time to **absent** themselves from the building and because of this, a lot of people died and were hurt or unharmed.
2. Last month, security **adaptations** were needed in some hotels of our region because of the violence and frequent attempts of **kidnaps**. The police have been formidable in the rescues and have gotten some components of the gangs through a **magnet** identification card system installed in these hotels, in order to avoid the bandits action and calm the **atmosphere** that was rather tense and frightening the clients. According to the news, the numbers of kidnaps **outnumber** the consumption of drugs in Brazil and authorities **advise** the people not to react or **object** to do something the bandits ask for, because it can be too dangerous to the **victim**.
3. Nowadays, the **aptitude** of painting has been important for the mind, especially the most **pictorial** portraits that **outshine** the look of who **admire** them. According to some researches, creating art **objects** like paintings helps **cognitive** development, working as a therapy to the individuals. Although some people feel **reluctant** to deal with art, others see it like a **resignation** moment that can be externalized.